

UNLEASHED

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JANE HENRY

ÍnDIce

Página de título

Direitos autorais

Conteúdo

Agradecimentos

Sinopse

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Epílogo
Epílogo bônus
Visualização
Conheça Jane

LIBerTaDo

UM ROMANCE BRATVA DE INIMIGOS SOMBRIOS PARA AMANTES

REIS BRATVA

JANE HENRY



OceanofPDF.com

Unleashed: Um Romance da Bratva sobre Inimigos Sombrios e Amantes

Copyright © 2024 por Jane Henry

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra literária de ficção. Quaisquer nomes, lugares ou incidentes são produto da imaginação do autor. Semelhanças ou semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos, são mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

A reprodução, transmissão, distribuição ou uso não autorizado de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de Inteligências Artificiais (IA) é ilegal e uma violação da lei de direitos autorais dos EUA.

ISBN: 978-1-961866-24-9

OceanofPDF.com

Conteúdo

Agradecimentos
Sinopse

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Epílogo
Epílogo bônus
Visualização
Conheça Jane

OceanofPDF.com

AgraDecImenTos

Um agradecimento especial às seguintes pessoas pela assistência durante a produção deste livro:

- Wander Aguiar por fornecer fotografia de modelo de capa
- Sylvia Frost da *The Book Brander* por criar o design da capa de *Unleashed*
- Haya em Designs por criar o design da capa para a *edição impressa de capa alternativa* de *Unleashed*
- Dharma Kelleher por fornecer serviços essenciais de leitura de sensibilidade
- Steph White do *Kat's Litery Service* pela edição do livro em vários rascunhos
- E, finalmente, para Jessica e Michael da *J Henry Publishing Inc.* por sempre fazerem as coisas que eu não consigo para que eu possa me concentrar em escrever o melhor livro possível.

OceanofPDF.com

SInopse

Acordo acorrentado à cama de um estranho.

Ele diz que sou sua esposa.

Não tenho nada, nem dinheiro. Nem amigos.

Não há escapatória.

Ele é tudo o que eu nunca imaginei: implacável, calculista, temido. Um belo monstro com um rosto divino, frio e intocável. Um chefão da máfia cuja riqueza poderia comprar impérios e cujo poder faz o mundo tremer.

Meu captor.

Meu marido.

Ele jura me proteger a todo custo e em troca exige... tudo.

Meu corpo. Minha obediência. Minha submissão.

Cada toque, cada beijo brutal desperta um desejo perigoso que nenhum de nós consegue controlar. Suas palavras podem ser carregadas de veneno, mas seu toque é fogo, e toda vez que ele está perto, eu queimo.

À medida que os dias se transformam em semanas, a névoa do meu passado se recusa a se dissipar. Quanto mais luto contra ela, mais forte sou puxada para a órbita dele.

Mas à medida que minhas memórias começam a se desfazer, eu me pergunto: e se o passado do qual não consigo me lembrar for a chave para nossa destruição?

E quando a verdade finalmente vier à tona... algum de nós sobreviverá?



OceanofPDF.com

Capítulo 1

RAFAIL

Olho fixamente para o altar frio e vazio à minha frente. Exigi simplicidade, adequada para núpcias em uma igreja sem Deus e uma união sem amor.

Um vaso de rosas brancas desbotadas, com pétalas curvadas nas bordas, repousa sobre o altar de mármore, com o aroma enjoativo quase nauseante. Sombras se apegam aos tetos altos e abobadados, projetadas por velas que tremulam em arandelas de ferro. Acima, vitrais escurecidos retratam santos e mártires em cores opacas, com seus olhos fundos fitando através da luz fragmentada.

Um leve traço de incenso permanece da missa de domingo, misturando-se ao cheiro úmido de pedra e terra velhas. Aqui, as paredes parecem absorver o som, abafando cada respiração, cada batida do coração.

Cada segredo.

O padre que meu tio convocou está diante de mim, o rosto pálido na penumbra, quase esquelético nas sombras. Seus dedos tremem ao redor do antigo livro encadernado em couro que ele segura junto ao corpo. peito; suas bordas douradas manchadas pela idade. Seus olhos se movem entre mim e o altar como se esperasse que alguma ira divina o atingisse a qualquer momento.

Ele parece prestes a desmaiar. Covarde. Deveriam ter nomeado alguém mais poderoso para cuidar de um lugar chamado Catedral dos Mártires Eternos, aninhada no coração da cidade natal da minha família, Zalivka, a poucos passos de Moscou. Quase consigo sentir os olhares de reprovação em suas imagens nos vitrais verde-floresta e vermelho-sangue.

"Relaxa, padre", digo, minha voz ressoando na igreja cavernosa. Desvio o olhar. "Não é sua culpa que ela tenha feito isso. Não vou te culpar." Ele solta um suspiro como se eu tivesse lhe concedido uma bênção. Que diabos, talvez eu tenha concedido.

Não posso evitar que minha reputação me preceda. Às vezes, gostaria que não. Facilitaria as coisas.

É, talvez não.

Consigo ver o branco dos seus olhos e não percebo que ele pigarreou dezessete vezes nos últimos cinco minutos enquanto eu esperava pela minha noiva. Ela não vem. Nem agora, nem nunca.

O pequeno grupo de amigos e familiares leais que compareceu à cerimônia permanece imóvel. Ninguém ousa se mexer. Parece que mal respiram. Faz sentido. Eles não sabem se vou incendiar esta igreja ou chamar uma multidão para persegui-la.

Nem eu sei como reagir ao ser abandonado pela minha futura noiva.

Zombado. Humilhado.

Desobedeceu.

Minhas mãos se fecham em punhos. Quando eu a encontrar... quando eu encontrar minha noiva e a arrastar de volta para mim, não vou liberar minha raiva nela. Não. Vou exigir *penitência* dela. Rendição absoluta, de corpo e alma, até que ela esteja quebrada e ligada a mim.

Do nada, o som estridente de alguém pressionando um órgão rompe o silêncio. Viro-me abruptamente, com o olhar fixo no coro, onde uma organista, de rosto vermelho e afobada, balança a cabeça.

"Sinto muito, Sr. Kopolov. Eu tropecei. Sinto muito, senhor. Isso não vai acontecer de novo."

Afasto-me dela, dispensando-a com um movimento rápido do pulso. Meus dedos percorrem a borda das minhas abotoaduras, uma antiga herança de família que pertenceu ao meu pai, e ao pai dele antes dele, e ao pai dele antes dele. Mal noto Semyon até que ele já esteja lá, uma sombra silenciosa se movendo na minha visão periférica.

Semyon está parado a poucos metros de distância, seu corpo esguio se misturando à iluminação fraca perto do altar. Vejo o brilho tênue de seus óculos enquanto ele observa a sala, seu olhar afiado e calculista, sem perder nada. Ele espera, um pequeno movimento de olhar é o único sinal de que está pedindo permissão para se aproximar. Sempre o estrategista, sua mente fervilha com o próximo passo, fria e vigilante. Aponto o queixo em sua direção, um sinal. Ele sobe os três degraus silenciosamente, sua calma em forte contraste com a tempestade silenciosa que se forma dentro de mim.

Seus passos ecoam no piso de mármore enquanto ele sobe os três degraus até onde estou, perto do altar. Alguns anos mais novo do que eu, ele se parece comigo, mas com uma constituição mais esguia.

"Ela não vem", confirmo em um sussurro baixo. Seus olhos, sempre indecifráveis, se voltam para mim e depois voltam para a entrada. Dei instruções explícitas para que o pai dela a mandasse sozinha. Não queria uma cerimônia, uma grande festa. Era um acordo transacional, nada mais, nada menos.

Anissa me abandonou.

"Previsível", murmura ele, com um leve tom de desinteresse. Ele sempre teve um dom para a neutralidade que eu invejava, uma calma capaz de perturbar até

os mais experientes. Seu olhar gélido, uma promessa de retribuição. A família Kopolov sempre será uma só.

Desvio o olhar e contenho um palavrão. O ar na igreja é frio, mofado, lembrando as catacumbas que visitei quando criança. Era meu lugar favorito para ir, longe da agitação da vida familiar. Longe da opressão cruel e implacável do meu pai e da dignidade silenciosa da minha mãe.

A igreja parecia maior. Que diabos, tudo parecia maior, até meu pai.

Imagino como seria estar diante dele agora se ele ainda estivesse aqui.

Olho para Semyon e mantenho seu olhar gélido. Meu maxilar trava, cada músculo do meu corpo condicionado ao controle, mas por baixo da calma, a raiva me agarra como uma fera pronta para se libertar. *Ninguém* se mete com a família Kopolov, e o fato de Anissa ter zombado de nós não ficará impune.

Meu maxilar se contrai, meu olhar é calculista, mas, por baixo de tudo, a turbulência me invade. Observo os bancos vazios no fundo da igreja e observo meus irmãos trocando olhares rápidos e ansiosos, sem saber o que fazer a seguir.

Vou fazê-la desejar não ter vindo. Vou fazê-la desejar ter vindo como a menininha obediente que ela aprenderá a ser.

Eu farei com que ela se arrependa do dia em que me desobedeceu.

Por que ela correu?

Como ela escapou?

Apenas o som de sussurros distantes e o leve farfalhar de roupas quebram o silêncio.

"Se eu puder ajudar de alguma forma...", começa o padre. Um olhar meu, e as palavras morrem em seus lábios.

Uma risada baixa, sombria e irreverente vem dos bancos. Olho para o meu irmão mais novo. Enquanto Semyon personifica a precisão fria, Rodion é o fogo selvagem imprevisível que nenhum de nós consegue controlar completamente — para ser sincero, nem eu quero. Ajuda ter alguém como ele ao meu lado. Recostado com os braços estendidos no encosto do banco, aquele sorriso irônico e constante nos lábios e o brilho nos olhos me prometem que uma palavra é tudo o que preciso e ele alegremente incendiaria esta igreja — e torraria nossos inimigos nas chamas de alegria — se eu pedisse. Sua lealdade beira a loucura. Ele deixou a moto estacionada do lado de fora e provavelmente tem mais armas do que tatuagens, e isso quer dizer alguma coisa.

Balanço a cabeça, lanço um olhar significativo para Rodion e me viro para o padre. "Não será necessário, obrigada."

As únicas pessoas que vão me "ajudar" no que preciso fazer a seguir já estão

aqui, na minha frente. Armadas e prontas.

Minha noiva esteve aqui mais cedo. Eu a vi de longe. Não devo ver a noiva antes da cerimônia, e nem eu vou mexer com a tradição. Como diz meu avô: "Superstições podem ser para crianças, mas adultos têm idade suficiente para segui-las."

Então, cumpri meu dever quando vim para cá. Não desafiaria o destino olhando para minha noiva antes da cerimônia. Virei-me ao ver o turbilhão de tecido branco e um véu transparente, ao ouvir o clique de saltos no chão de mármore do saguão. Havia apenas dois estranhos ali — minha noiva e seu guarda-costas.

Mas ela esteve aqui. E agora ela se foi.

"Alguém a viu sair?", pergunto em voz baixa para Semyon. Estreito os olhos para a porta. "É possível que ela tenha sido levada?"

Alguém ousaria levar a noiva com quem eu estava prestes a me casar? Se alguém a tocasse, se alguém tocasse num fio de cabelo daquela porra de cabeça...

"Ela não foi levada", diz Semyon. "Só encontramos câmeras de segurança no porão. Ela saiu sozinha. Pagou a guarda, arrancou o vestido e correu."

Jesus.

Olho para o padre. "O senhor não nos disse que havia vigilância por vídeo no porão, padre."

Seu livro pesado cai no chão com um estrondo. Ele gagueja enquanto tenta inventar uma desculpa. "Eu não sabia que existia", diz ele. "Não é disso que eu cuido aqui. Me desculpe. Se eu soubesse, teria te contado..."

Balanço a cabeça. "Nem eu vou trazer a fúria do inferno machucando um fio de cabelo de um homem da igreja em frente a um altar, padre", digo baixinho. "Mas não teste a minha paciência. Nem a de Deus."

Ele fecha a boca com força, seus lábios finos formando um "O" perfeito antes de engolir em seco. Ótimo. Um homem sábio sabe que às vezes o silêncio fala muito mais alto que as palavras.

Viro-me para encarar minha família, com a voz retumbante: "Estou dando um fim."

Minha irmã mais nova, Zoya, pula na cadeira, enquanto minha irmã Yana permanece sentada, ereta e imóvel. Ela me encara e me dá um leve aceno de incentivo. Firme e leal, com um olhar penetrante que parece captar tudo ao seu redor, Yana tem uma aura de calma e tranquilidade, embora, por baixo, esteja sempre pensando. Resiliência é seu nome do meio.

Zoya, no entanto, é delicada e sensível, e me sinto um babaca por fazê-la pular.

Seus olhos gentis e arregalados estão fixos em mim. Merda. Ela é a única que consegue me fazer sentir culpado por levantar a voz.

Quando ela me dá aquele sorrisinho, engulo em seco e aceno, pedindo perdão. Ela inclina a cabeça, e seu olhar se suaviza — concedendo-o.

Uma família, uma luta — nunca separados.

Não sinto falta do jeito como seus dedos apertam a pequena bolsa preta fosca que ela carrega, sua herança de família. Se eu não me casar, não terei escolha a não ser casá- *la* , já que Yana já é casada. Só de pensar nisso eu morro de rir. Ela tem dezessete anos e ainda é uma criança aos meus olhos. Não posso fazer isso com ela. *Não vou fazer porra nenhuma* .

É por ela — é por *todos* eles — que estou aqui.

Ao lado dela, meu avô está sentado, com as costas eretas como uma vara, mas o olhar cálido e reconfortante. Uma mão nodosa repousa sobre a bengala, a outra no ombro de Zoya. Seu olhar me diz tudo o que preciso saber — ele tem total confiança de que eu vou lidar com isso.

Olho fixamente pelo vitral, uma representação brutal, porém de alguma forma bela, da decapitação de São João Batista, e passo por ele em direção ao cemitério onde minha vida mudou para sempre.

Foi lá que presenciei o enterro dos meus pais. Foi lá que enterrei minha juventude. Foi lá que me tornei guardião dos meus irmãos, herdei a riqueza da minha família e de todos os seus inimigos.

Naquele dia, fiz um voto de que seria enterrado ao lado dos meus pais antes de permitir que alguém destruísse nossa família.

E agora Anissa fez exatamente isso. O que a faria fugir de mim, sabendo que minha ira era inevitável?

Meus dedos ficam brancos onde cerro o punho, ansiando pela chance de retribuição. Solto o ar pelo nariz quando ouço passos se aproximando e uma mão pesada toca meu ombro.

"Nós a encontraremos, Rafail."

Sei que é meu tio pelo cheiro da colônia dele antes mesmo de me virar para ver. A esposa dele adora embelezá-lo como se ele fosse seu brinquedo pessoal. Porra, talvez ele seja. "Vamos. Ninguém pode se esconder da gente nesta cidade."

Viro-me e encaro o padre, imobilizando-o, determinada a manter a civilidade e o controle. "Diga-me quanto lhe devo por esta farsa, padre."

"Não, não", diz ele magnanimamente. "Sem custos, Sr. Kopolov. Eu não cumpri a tarefa para a qual o senhor me contratou."

Balanço a cabeça. "Eu aprecio isso, padre, mas é um azar excepcionalmente

grande não pagar pelos serviços prestados pela Igreja. Até dívidas com Deus precisam ser pagas, ou sabemos as repercussões."

Quando ele começa a protestar, levanto a mão, com a palma voltada para ele, e suas palavras morrem em seus lábios. "E você não precisa me dar isso." Essa coisa toda de não realizar nenhum serviço ainda. Não vou trazer superstição para a minha casa." Dou a ele um sorriso sem graça, enfio a mão no bolso e tiro minha carteira. Descolei um maço grosso de notas e entreguei a ele. "Também farei uma doação para o banco de alimentos."

Boa sorte vem de doações à Igreja. Eu não desafio o destino.

"Obrigado, Sr. Kopolov", diz o padre, com a voz trêmula. O desgraçado provavelmente esperava que o teto desabasse — ou talvez esperasse que eu o atingisse. Ele não precisa se preocupar com isso. Eu não toco em um homem da igreja a menos que ele prove que merece.

"Obrigado, obrigado. E quando você encontrar sua noiva", diz ele, desnecessariamente alegre, "me avise imediatamente, e eu realizarei a cerimônia para a qual você veio aqui. Eu prometo", acrescenta ele com um sorriso.

Concordo com a cabeça e me viro abruptamente.

"Voltem todos para casa", desabotoei minhas abotoaduras e arregacei as mangas.

É hora de começar a trabalhar.

Meus inimigos rondam como predadores, farejando sangue. E assim que a notícia de que fui abandonado no altar se espalhar, eles vão se aproximar.

Nosso plano era voltar para casa e jantar na sala de jantar. Agora, em vez de um jantar comemorativo, vamos planejar nosso próximo passo. Não um ataque, mas uma estratégia.

"Voltaremos para minha casa. A comida está pronta. Discutiremos nossas opções, analisaremos as imagens e convocaremos nossos aliados. Quero que todos se reúnam em até uma hora."

Meu tio abaixa a cabeça para mim. "Sábia atitude. Eu faria o mesmo", diz ele, como se isso de alguma forma me consolasse. Certo.

Estalo os dedos e meus irmãos se levantam, com movimentos rápidos, prontos para a guerra.

"Vamos andando."

OceanofPDF.com

Capítulo 2

POLINA

"Polina", diz minha mãe suavemente. Mesmo com seus olhos cinzentos e suaves brilhando para mim, ela não consegue esconder o medo que se esconde sob camadas de preocupação. Ela estende a mão sobre a mesa e segura minha mão na dela, apertando-a delicadamente antes de soltá-la. "Lembra que eu te disse quando criança que você podia ser qualquer coisa, né?"

Eu gemo. Sei exatamente do que ela está falando e aonde ela quer chegar com isso.

"Eu não quis dizer que você deveria *tentar* de tudo antes de se estabelecer", ela finaliza, com a voz em um tom de riso mal contido.

"Eu sei", digo com um suspiro. Eu deveria rir junto com ela. Lembro a mim mesma que ela me ama e quer o melhor, mas é doloroso ser o alvo das piadas da minha família. É péssimo ser filha única em uma família de homens. Quer dizer, saber que ninguém, literalmente *ninguém*, jamais tocará em um fio de cabelo meu sem atrair a ira de toda a Irmandade Romanov é... *até* legal, mas...

Mas eu conheço o verdadeiro medo da minha mãe. Se meu pai ainda estivesse vivo, estaria trabalhando duro no planejamento do meu casamento arranjado. Meu irmão mais velho, Mikhail, o chefe da nossa família, ainda não tomou essas medidas... *ainda*. Mas mudar os planos para uma quarta faculdade não está me ajudando.

"Eu simplesmente não sei... o que quero fazer a seguir. Nada disso pareceu *certo* ainda. Sinto como se estivesse experimentando camas como a Cachinhos Dourados, e nenhuma delas ainda serve. Entende o que quero dizer?"

Os olhos da minha mãe são suaves, mas tristes, quando ela concorda. Com um suspiro, ela coloca uma mecha do meu cabelo loiro platinado atrás da orelha. "Eu sei. Mas também sei que não temos todo o tempo do mundo, meu amor. Você também sabe disso."

Minha mãe se casou aos dezenove anos e já sabia do seu futuro antes mesmo dos meus pais trocarem votos. Ela estava destinada a ser a matriarca da família Romanov, sem esperança de uma educação universitária, uma carreira ou qualquer coisa além de ser esposa de um Romanov. Eu sei disso, e acredito que seja provavelmente mais por ela do que por mim que sinto uma necessidade tão forte de encontrar o meu lugar.

Nos últimos anos, desde que meu irmão assumiu como chefe da minha família, tentei obstetrícia, criminologia — sim, a ironia não me passou despercebida — e até estudos femininos. Nenhuma delas me convinha ou parecia apropriada para a filha mais nova de uma família de homens russos poderosos e tradicionais.

Talvez eu devesse ter estudado finanças.

"Faça você mesma, querida", diz minha cunhada Harper, piscando para mim do outro lado da sala. Ela levanta uma garrafa de um líquido âmbar e despeja um pouco em um copo cheio de gelo.

"Beber?", ela pergunta com um sorriso. Balanço a cabeça. Não gosto de beber. Como grande parte da minha vida foge do meu controle, agarro-me a qualquer mínimo de controle que consigo manter.

"Estou bem, obrigado."

"Tem certeza de que essa aqui é russa mesmo?", pergunta Harper, piscando para minha mãe. "Ela nem bebe vodca."

"Tem certeza de que essa é italiana mesmo?", brinco, revirando os olhos. "Ela nem come queijo."

"Você sabe que eu adoro queijo", reclama Harper. "Ele simplesmente não gosta *de mim* ", acrescenta, triste.

"Gosto muito de você", diz meu irmão Aleksandr ao entrar na sala e se aproximar da esposa. Ele a abraça pela cintura, a puxa para o peito e lhe dá um beijo suave na testa.

"Ugh", digo sarcasticamente. "Arrumem um quarto."

"Com muita inveja?", pergunta Aleks com um sorriso malicioso. Assim como meus outros irmãos, ele não se parece em nada comigo. Incapazes de ter filhos, mas determinados a construir um legado familiar, meus pais adotaram. Enquanto eu sou clara e tão loira que meu cabelo é quase branco, meu irmão Aleks é classicamente alto, moreno e bonito. Sua linda noiva italiana, Harper, o encara como se ele fosse o rei da lua.

"Não tenho ciúmes de vocês, pombinhos", minto. Tenho ciúmes daqueles dois pombinhos. "Só acho que às vezes..."

A porta do escritório se abre com um estrondo. Harper se assusta, e seu copo se espatifa no chão, mas ninguém se move. Mikhail, meu irmão mais velho, está parado na porta, e todos nós sabemos instantaneamente que algo está terrivelmente errado.

Minha mãe se levanta, mas sua voz não vacila. Ekaterina Romanova nunca se abala. Engulo em seco e repenso minha decisão sobre a vodca.

"Misha", diz mamãe suavemente, a única palavra que encerra um mundo de

perguntas. Ela só o chama pelo apelido carinhoso — *Misha* — quando está com medo. Todos sabemos que pode ser qualquer coisa. Nos últimos anos, conforme minha família ascendeu ao poder, encontramos rivais formidáveis e formamos alianças perigosas.

Também praticamos autodefesa quando fomos atacados.

Faço uma rápida contagem mental das armas que tenho comigo.

Mas Mikhail não olha para minha mãe. Ele não olha para meu irmão Aleksandr ou Harper. Seus olhos estão fixos nos meus.

Merda .

"Polina, você está em perigo. Você tem que ir."

Sinto a pele da nuca arrepiar e um arrepio percorre minha espinha. Obviamente não é a primeira vez que minha família corre perigo. Nossa, já passamos por tantas situações perigosas que já estou acostumado. Mas é a primeira vez que vejo medo nos olhos de Mikhail, e já vi o homem passar por muita coisa. E é definitivamente a primeira vez que o medo dele era por... mim.

"O que foi, Mikhail?", pergunto, grata por minha voz também não vacilar. Vou encarar o que quer que seja de frente. Não vou me acovardar.

"Você precisa ir embora. Aria descobriu algo, e você não está mais seguro aqui." Aria, esposa de Mikhail, uma hacker de classe mundial, não deixa nada escapar.

"Seja mais específico, por favor", eu digo. Do lado de fora da janela, nuvens de tempestade se aproximam. O cinza do início da noite escureceu, e Uma meia-lua ilumina o jardim em frente à casa da família da minha mãe. Quase espero que um lobisomem uive. Tremo, apertando com mais força o moletom surrado que joguei sobre os ombros.

"Manuel Soloto, chefe do cartel na Colômbia. Ele está atrás de você. Lembra que Isabella disse que você não estava mais seguro aqui?"

"Sim, mas pensei que ela disse —"

Mikhail balança a cabeça. "Você achou que ele tinha mudado de ideia? Que se casou e se esqueceu de você? Foi mentira. Uma farsa. Ele não se esqueceu de você. Ele está atrás de você."

Tento rir, mas não consigo. "Mas vocês... Vocês sempre me protegem. Temos uma equipe inteira de seguranças. Esta casa é praticamente uma fortaleza. E vocês estão me dizendo..."

"Polina", Aleksandr retruca. Ele nunca levanta a voz para mim, mas agora quase soa como nosso pai. Eu me viro e o encaro. "Você não sabe que, se o Mikhail estiver dizendo que você não está segura, você pode confiar nele? Você sabe que ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para protegê-la. Se ele estiver

dizendo que você não está segura, você tem que ir... rápido. Não é hora de responder."

Jesus. Passo um braço em volta do peito e aperto meu ombro distraidamente.

“Minhas aulas devem começar amanhã.”

"Quem se importa com as suas aulas?", Mikhail dispara. "Essa é a décima vez que você pega um estudo diferente, afinal?"

Lágrimas ardem no fundo dos meus olhos, mas eu as afasto. Não é típico dele ser tão duro comigo. Sei que ele está com medo, mas não precisa ser um babaca.

"Você me ouviu", ele diz. "Temos um bunker em Manhattan."

"Um bunker?" Eu encaro, e meu queixo cai. "Você está falando sério agora?"

Fecho a boca porque minha mãe está me olhando daquele *jeito* . É muito raro ela se impor, mas percebo pela tensão dos seus olhos e pela tensão dos seus lábios que ela está prestes a fazer isso.

E naquele momento, eu odeio a minha vida. Eu a odeio com tanta força. Sim, eu tenho uma família que me ama. Irmãos, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas. Moro em uma casa linda e luxuosa. Eu pertenço a este lugar; sou um deles, e ainda assim... não consigo... ser eu mesma. Não consigo ser *normal* .

Eu daria tudo para escapar da proteção autoritária dos meus irmãos e do controle rígido da minha família. Sonho em encontrar liberdade e amor nos meus próprios termos, sem ser passada de um lado para o outro e forçada a algo que não quero. Quero independência, uma vida onde eu possa fazer minhas próprias escolhas. E sim, eles podem me provocar por estudar uma coisa atrás da outra, mas estou *tão cansada* de ser tratada como um objeto frágil e mantida nesta gaiola dourada. Quero me libertar dessa opressão com tanta força que chega a doer.

"Não, Mikhail", diz minha mãe baixinho. Ela e Mikhail trocam um olhar. Ela nunca o contradiz. Ninguém o contradiz. "Ela estará mais segura em Moscou. Você sabe que sim. Eu tenho contatos lá. Nós dois temos."

Eu esperava que ele a recusasse, mas, em vez disso, ele passa a mão pelos cabelos. Moscou é melhor que um *bunker.*

"Quanto tempo temos?" ela pergunta.

"Uma hora", diz Mikhail. "Ele já está a caminho."

Fico olhando, com a barriga revirando. Fecho os olhos e dou um beijo de despedida nas minhas esperanças e sonhos. Não vou à escola amanhã, isso é certeza.

"Polina Romanova, você me ouviu?", Mikhail me pergunta bruscamente.

Ah, que *se dane* . "Você não é meu pai!", grito para ele.

Minha mãe suspira. "Polina…"

"Não", eu digo, mantendo-me firme. "Ele não pode falar comigo desse jeito."

"Não é hora de você ficar falando besteira", rosna Mikhail, sua pele dourada adquirindo um leve tom de vermelho. Ele mal consegue conter a raiva.

Deus, eu amo meus irmãos, mas é possível amar e odiar alguém ao mesmo tempo.

Cerro os dentes. "Não *fale* assim comigo."

Ele joga as mãos para o alto. "Vou proteger a fronteira. Vou garantir que estamos seguros. Vou botar um pouco de juízo na cabeça dela", ele diz para minha mãe antes de ir embora furioso.

Harper me encara, com os olhos arregalados. "O que Soloto fará se te pegar?", pergunta ela baixinho. Ela se casou com meu irmão em um casamento arranjado, sem vê-la. E deu certo... bem. Eventualmente. Talvez este homem...

"Não vamos falar sobre isso", diz Aleksandr baixinho. "Ele não tem interesse em se casar com ela, Harper." Sua voz abaixa. "Ele não tem interesse em fazer nada que permitiríamos que alguém fizesse com ela."

O som arrepiante da sua voz me faz ficar sóbria. Preciso escapar, queira ou não. Hoje não é o dia em que me libertarei dos modos dominadores dos meus irmãos.

"O Mikhail me mandou te preparar", minha mãe diz baixinho enquanto coloca a mão no meu braço. "Eu já tinha uma mala pronta para o caso de Algo assim aconteceu." Ela sabia. Minha mãe sabia. "No chão do meu armário tem uma bolsa cor de marfim. Tem uma etiqueta de bagagem prateada nela. É sua." Ela respira fundo. "A que está ao lado é minha. Vá buscar as duas."

"Você vai comigo?", pergunto, com o coração disparado. "Sim", ela responde baixinho. "Mas tenho alguns telefonemas para fazer. Vai, Polina. Pega as malas. Vamos para Moscou."

OceanofPDF.com

CapíTuLo 3

RAFAIL

"ELA ESTÁ SOZINHA?"

"Claro que não", diz Semyon, revirando os olhos e lançando um olhar glacial. "Ela está acompanhada de uma senhora idosa e dois guardas."

"Velha senhora?" É ilógico, francamente, a menos que ela esteja empregando a tática clássica de se esconder à vista de todos, exatamente onde menos se espera. Bem no coração de Moscou, a uma curta distância de Zalivka.

"Tem *certeza* de que é a pessoa certa?", pergunto, mexendo nas abotoaduras no meu bolso, meus amuletos da sorte. Não saio sem elas.

Os olhos de Semyon se estreitam enquanto ele ajeita lentamente os óculos no nariz. Ele *nunca* comete erros. Sua precisão é perfeita em quase tudo o que faz. Meu braço direito, Semyon, é calmo e pragmático, um mestre em métodos calculados e, quando executa, infalível. Somos idênticos quando se trata de... à força bruta e ao medo como táticas eficazes, mas Semyon é o estrategista, sempre prevendo vários movimentos à frente.

"Claro que estou certo. Eu cometo erros?"

Arrogante, sim, mas ele entende do assunto. Eu o encaro enquanto ele rola as imagens e anotações no celular.

Alto e musculoso, com feições angulosas e marcantes, Semyon tem um comportamento frio, mas sereno. Ele é protetor com nossos irmãos mais novos, propenso a demonstrar seu carinho por meio de ações e não de palavras. O técnico frio por trás das operações mais bem-sucedidas do nosso império. Sei o que ele colocou em risco pela nossa família. Sei o que eu tenho. Sei que nós dois priorizamos a estabilidade da família acima de tudo, e mesmo eu sendo o mais velho e sendo tecnicamente o guardião dos outros, ele sempre se esforçou.

"Lembre-se do motivo pelo qual estamos aqui", Semyon me lembra, sempre o contraste com a minha intensidade. Ele olha o relógio, por força do hábito, antes de olhar as especificações da nossa localização no celular. "E lembre-se de quem está observando. Por mais tentador que seja, você não pode puni-la nas ruas de Moscou, Rafail, por mais que queira." Sua voz diminui e seus olhos ficam gelados. "Não importa o quanto ela mereça. Guarde isso para quando você a levar de volta para sua casa."

Inspiro pelo nariz e sei que ele está certo. Não cheguei onde estou sendo teimosa e impulsiva. Esse seria Rodion, que está parado atrás de mim agora, abrindo e fechando um canivete casualmente.

"Guarda isso", eu retruco. "Jesus." Sempre o imprudente, embora ele chamasse isso de corajoso, e sempre aquele que cai de pé. pés de gato. Mas, felizmente, ele tem algum respeito por mim.

Estreito os olhos para ele. " *Rodion* ." Ele solta um suspiro e, com grande relutância, guarda a faca. Ele adora suas armas. Alguns babacas se masturbam com pinups ou pornografia, mas juro que, se pudesse, o Rodion se masturbaria com sua arma.

"Qual é o seu plano?", pergunta ele, sem se dar ao trabalho de esconder um tom de ciúmes. "Levá-la de volta. Amarrá-la." Ele franze as sobrancelhas. "Castigá-la antes de fazer coisas sujas com ela?"

Minha visão fica turva enquanto a raiva pulsa em minhas veias. "Ela fodeu com a nossa família", digo com fria deliberação. "Vou *trazê* -la de volta. Vou *amarrá* -la. E *vou* puni-la."

"Porra, para de se gabar", geme Rodion. Seu sacana tarado.

"E lembre-se de que ela será sua esposa", diz Semyon baixinho. "Talvez seja do seu interesse manter... *um pouco* cordial."

"E talvez seja do meu interesse ensinar a ela quem é o homem desta porra de casa", digo com uma decisão arrepiante.

Vou mostrar a ela em detalhes vívidos por que ninguém escapa de mim. Vou fazê-la implorar por misericórdia. Vou despojá-la de toda defesa, de todo vestígio de desafio, até que ela não saiba onde termina a dor e começa o prazer. Ela aprenderá seu lugar — embaixo de mim, suplicando, desesperada, implorando. E quando eu finalmente a reivindicar, vou levar meu tempo, cada golpe um lembrete dos votos dos quais ela tentou escapar.

Semyon levanta a mão, o olhar afiado e focado à nossa frente. "Lá está ela", murmura. "Olha."

O ar está tenso, mas frio. O inverno chega a Moscou e às cidades vizinhas com força total. Viro-me para o frio glacial e procuro por ela.

O que ela está fazendo aqui? Quando meu tio soube que ela tinha sido vista, saímos do jantar imediatamente. Meu estômago ronca de fome.

Vestidos de preto, escondemo-nos no beco que margeia uma praça vazia. Um pássaro canta no alto e, atrás de portas fechadas, alguém toca violino.

Sua sombra passa por uma janela do primeiro andar. Já olhei para aquelas fotos no meu arquivo tantas vezes que ela começou a assombrar meus sonhos. A princesa siberiana, como ela se chama. Uma joia delicada e preciosa que vou

quebrar.

Sim. É ela.

Originária da Sibéria, ela tem pouco mais de vinte anos, então é um pouco mais velha que minha irmã Zoya. Esbelta e graciosa, ela tem traços delicados e aristocráticos e uma tez pálida, como a neve. Seus longos cabelos, quase loiro-claros, caem pelas costas como o luar, e as fotos que vi mostram olhos azuis etéreos que revelam uma profunda fonte de emoção. Só de olhar para a foto dela, você não imaginaria que ela fosse do tipo que foge de alguém no altar. Ela parece esperta demais para uma atitude tão imprudente e desesperada.

Eu me pergunto o que ela pensa sobre mim.

Ela parece frágil, quase delicada, mas sinto um espírito ardente. Um espírito ardente que eu vou domar.

E então algo quase milagroso acontece. Damos um passo para trás quando ela entra sozinha no pavilhão. Nenhuma velha, nenhum guarda, apenas minha linda e voluntariosa noiva. Ela se levanta e olha para fora, sem nem mesmo se virar em nossa direção, e então se vira e encara seu quarto. Sua voz ecoa na noite fria e escura.

"Vou dar uma volta", diz ela baixinho. Ninguém se opõe. A mulher mais velha conversa com os guardas enquanto olha de um lado para o outro. Talvez seja um golpe de sorte, ou talvez o destino esteja nos unindo, mas observo com surpresa enquanto ela desce a escada sozinha.

Os guardas estão conversando com a moça enquanto ela sai rapidamente.

Ela é *minha.* Nunca a vi tão de perto antes, mas agora que a vi, noto a tela pálida de sua pele, seu cabelo espesso, quase branco, os ossos delicados de seus pulsos e a largura esbelta de seus ombros. A necessidade de reivindicar suas garras em mim com uma força sobre-humana.

Quero tomá-la. Puni-la pela traição, por colocar minha família e todo o meu império em risco. Ao mesmo tempo, quero agarrá-la pelos ombros delicados e sacudi-la. Que descuidada — se expondo daquele jeito, banhada pelo luar — ela é um alvo vulnerável, pronta para ser arrancada.

Ela não sabe que estou procurando por ela? Ela não tem senso de autopreservação? Observo enquanto ela se vira, a mão delicada roçando a bochecha.

Ela está... *chorando* ? Ela sente algum remorso?

Ou ela sabe que qualquer resquício de liberdade que ela tem está prestes a ser roubado?

"Cerquem o perímetro", eu digo bruscamente. "Quero todas as saídas protegidas."

Mas é desnecessário. Ela parece completamente alheia ao fato de que estou aqui.

"Tem *certeza* de que é ela?", pergunto a Semyon. "Ela não parece estar com medo."

Talvez ela não tenha percebido o perigo que corre.

"Como poderia não ser ela? Ela é idêntica às fotos que temos."

"Ela é." Ela é exatamente igual à mulher da foto. Aquela que eu estava observando. Memorizei a curva esbelta do seu pescoço e imaginei meu rosto entre seus seios. Fantasiei com aquele cabelo longo e sedoso enrolado em meus dedos grossos antes de puxá-lo. A mulher é a graça em pessoa. Sua pele é tão pálida quanto as rosas que ela deixou murchando em nosso altar. *Nosso* altar. Aquele que ela abandonou. E agora ela é minha. É sobre ela que farei sacrifícios em expiação.

A mulher mais velha entra na varanda. Elas falam rapidamente em russo, e minha noiva ri. A raiva explode em meu peito. Como ela pode ser tão indiferente? Como ela pode ser tão indiferente com o que fez?

A mulher mais velha se vira bruscamente quando alguém a chama. "Não, não, essa não", diz ela em inglês. Ela sai correndo, e minha noiva a segue. Eu sei, antes mesmo que ela tome sua decisão, o que ela vai fazer, e não consigo acreditar na minha sorte. Os olhares, o jeito como ela pega sua bolsinha, o jeito como ela olha de um lado para o outro me dizem tudo o que preciso saber.

Ela inclina a cabeça para o ar, joga os ombros para trás e respira fundo como se, finalmente, tivesse alguma liberdade.

"Aproveite esse último gostinho de liberdade", digo baixinho. "É o último que você terá."

Se ela fosse minha — não, ela *é* minha — ela aprenderia que um pequeno passeio na floresta está fora de questão.

Passo o polegar pelos fios de seda no meu bolso, pronto para amarrar os pulsos e tornozelos da minha noiva. Estou com uma ereção só de imaginar isso... isso e muito mais.

Eu a trarei de volta para onde ela pertence — para casa, comigo. Vou ensiná-la que seu lugar é ao meu lado, onde ela não pode correr ou se esconder novamente. Eu posso ver agora — aquela pele pálida de porcelana tingida de rosa enquanto ela cora, seus lábios entreabertos, ofegante quando minha mão envolve seu pescoço, apenas o suficiente para lembrá-la de quem eu sou, apenas o suficiente para que ela saiba que está à minha mercê. Eu já posso sentir o calor de sua bunda punida contra mim quando eu a fodo, seu rosto pressionado contra os lençóis e minha mão em suas costas, segurando-a. Ela vai pensar que está à beira da insanidade, implorando por libertação, mas eu a manterei ali enquanto eu precisar ter certeza de que ela sinta sua punição.

Reivindicarei cada centímetro do seu corpo perfeito e doce. Farei com que ela estremeça sob mim, grite meu nome enquanto ela arranha minhas costas e implora por misericórdia que não concederei até que ela saiba que é *minha.* Ela sentirá isso nos ossos e ansiará pelo meu controle. Quando eu terminar, ela nunca mais questionará quem a possui.

Sem aviso, seis russos enormes aparecem. Falam em seus walkie-talkies, com a voz rouca. Eles cometeram um erro, deixando-a fora de vista. Eu os puniria até a morte por isso.

"Jesus. *Vai.* Não sei por que você está esperando", diz Rodion.

Ele é o curinga da família. Charmoso, imprudente, impulsivo — ele se mete em encrenca desde que o conheço, e tornou meu trabalho como seu guardião muito mais difícil. Mas, para ele, seu carisma natural lhe permite escapar de quase tudo. Sua sede insaciável por emoções e aversão à responsabilidade me mantêm alerta.

Penso no que ele diz por meio minuto. Eu poderia entrar correndo, tomá-la para mim, lutar contra eles. Arrastá-la de volta pelos cabelos e meter uma bala entre os olhos de qualquer homem que tentasse nos impedir...

"Porque eu entendo a reação negativa que isso causa ao resto de nós. Gosto de ter autocontrole, Rodion."

Ele estreita os olhos para mim. "Se fosse eu, não demonstraria fraqueza. Não sou mais o garoto que você pensa, Rafail."

Cerro os dentes e vou responder, mas Semyon chega até ele primeiro.

"Rafail é o líder do submundo e da nossa família, Rodi", diz Semyon friamente. "Ele sabe que não deve agir de forma imprudente."

Observo seus guardas trazê-la de volta para dentro. Ela é impulsiva, xingando-os em russo. Ouço uma porta bater. Passo os dedos pelos fios sedosos dos laços no meu bolso mais uma vez e formulo meu plano.

OceanofPDF.com

Capítulo 4

POLINA

É lindo aqui em Moscou, mas não me sinto em casa. Quero voltar para casa, para The Cove, onde fui criada. Sinto saudades do ar salgado do mar, do mundo mais simples, preto e branco, tão familiar. Mesmo que minha família, principalmente meu irmão mais velho, esteja me deixando louca, eu gosto de lá. Meus irmãos já se casaram e eu adoro as esposas deles. Somos um grupo unido e amo todas as minhas cunhadas. Sinto falta delas.

E é interessante ver minha mãe em Moscou. Ela tem história aqui — amigos e alguns familiares, e todos querem vê-la. Mas ela quer manter nossa presença discreta, então, desta vez, nossa visita é quase secreta. Estamos em um pequeno apartamento nos arredores de Moscou, o que é, sem dúvida, uma mudança agradável. Estou acostumado a morar em uma casa grande, com muitas pessoas que trabalham para nós, e é estranhamente bom fazer coisas como preparar minhas próprias refeições e saber que as únicas pessoas que trabalham para nós são nossos guarda-costas.

É impossível pedir liberdade aos nossos guardas vigilantes. Eu não conseguiria escapar dos seus olhos vigilantes nem se tentasse. Eles estão aqui para me manter segura.

Não é sempre que vejo medo nos olhos do meu irmão. Mas ele não estava só com medo — ele estava apavorado. Durante todo o caminho até aqui, fiquei olhando por cima do ombro.

Aqui em Moscou, não conheço os guardas — homens mais velhos, amigos da minha mãe. Ela diz que eles trabalharam com meu pai antigamente. Estou um pouco surpreso com essas outras pessoas que minha mãe escolheu, porque elas não são tão ágeis e jovens quanto os guardas lá de casa. Mas há uma eficiência brutal que eu nunca tinha visto antes.

Um deles só fala russo, o que agrada minha mãe. Ela adora sua língua nativa, e raramente a falamos em casa. Ele é mais alto do que eu, com uma estrutura grande, mas quando você olha de perto, há manchas senis em suas mãos, e sua pele parece couro bem gasto. Ainda assim, há um cálculo frio em seus olhos que me diz que ele não vai parar por nada para fazer seu trabalho. E suponho que seja isso que meus irmãos mais querem. O outro é mais alto, seu cabelo grisalho penteado para trás de uma testa larga. Cicatrizes correm ao longo de sua bochecha, pelo pescoço e sob a camisa que ele usa perto da pele. Ele é um soldado que provou seu valor em batalha, embora a guerra que ele lutou

provavelmente tenha sido décadas atrás. Ambos os homens não falam conosco. Ambos montam guarda. Ambos são como sombras que nunca desaparecem completamente.

E ambos precisam dormir, o que funciona bem para mim.

Não sou tolo nem impulsivo, mas gosto de um pouco de espaço e não posso ser culpado se quiser dar uma caminhada.

Então, bem cedo, numa sexta-feira de manhã, dois dias depois de chegarmos a Moscou, saio da cama e visto uma calça de corrida e uma regata. É lindo aqui em Moscou de manhã cedo, especialmente na parte mais isolada onde estamos. As manhãs são mágicas, como se o mundo prendesse a respiração para o amanhecer.

Quando eu era pequena, costumava fingir que as fadas dançavam ao amanhecer, espalhando pó mágico sobre o orvalho. Aleksandr, meu irmão pragmático, explicava em termos brutalmente científicos o que realmente acontecia, mas eu simplesmente dizia a mim mesma que ele ignorava os costumes das fadas. E mesmo agora, adulta, gosto de imaginar como minha respiração se transforma em vapor, a neblina matinal engole meus passos e como até meus pensamentos parecem oscilar de um para o outro, o que significa que há algo mágico no amanhecer.

Então saio pela porta e calço os tênis de corrida que deixei na entrada.

Claro, não deveria me surpreender que eu não vá muito longe.

"Aonde você pensa que vai?", pergunta uma voz rouca em russo atrás de mim. Cerro os dentes.

"Saí para correr. Quer se juntar a mim?"

"Eu não corro, então você também não."

Ah, não, ele não. "Eu sim, então acho melhor você se recompor."

Ele xinga atrás de mim quando começo a me aquecer. E, felizmente, ele tem razão. Ele não corre. Ele é péssimo nisso.

Finalmente, um gostinho de liberdade. Posso correr mais rápido que esse desgraçado.

Mesmo que ele me pegue, tenho treinamento de defesa que minha cunhada Isabella me ensinou, muito obrigada.

O primeiro quilômetro sempre me faz sentir sufocante, mas eu me inclino para ele, respirando fundo e esperando que esse momento chegue — e então chega. Eu acelero. A adrenalina me percorre. Respiro mais livremente, o suor forma minha testa e um vento matinal beija minha pele. *Isso* ... Liberdade. Há algo em forçar meu corpo, o vento no meu cabelo, a sensação da minha pele, que me faz

sentir viva.

Meu guarda grita atrás de mim, mas eu digo por cima do ombro: "Se você quiser ficar perto de mim, apresse o passo."

Viro a esquina e a luz do sol quase me cega. O sol começa a nascer, dedos alaranjados de luz beijando o chão ao meu redor. É lindo. Grávido de possibilidades, mas, ao mesmo tempo, enquanto o nascer do sol pinta o céu em um laranja e amarelo vibrantes, percebo que não estou sozinha, e definitivamente não é meu guarda-costas que está me seguindo.

Um segundo par de passos combina com os meus. Não, não combina.

A pessoa atrás de mim está correndo mais rápido que eu.

Meu coração dispara porque agora estou diante de um dilema. Preciso correr mais devagar para que meu guarda me alcance, mas quem estiver atrás de mim alcançará primeiro.

Cometi um erro. Um erro gravíssimo.

À minha frente, há um pedaço de verde, um pequeno parque aninhado em uma área isolada de Moscou, ladeado por prédios de tijolos. Eu poderia alugar um dos prédios, mas todas as residências estão fechadas no momento. Correr até o parque pelo menos me daria uma visão de quem está me seguindo. Faço uma curva fechada para a esquerda, o cheiro De flores preenchendo meus sentidos. Uma senhora idosa, com uma bengala na mão direita, segura uma guia de cachorro na esquerda. Seu cachorrinho nos olha surpreso e ladra. Eu passo correndo por ela, olhando para trás.

Merda. Eu não estava errado. Meu pulso dispara. Um homem corre atrás de mim, vestindo uma camiseta branca sem mangas, calças largas de corrida Adidas azul desbotadas e tênis de corrida. Não perco tempo olhando com muita atenção, mas daqui, consigo dizer que ele é musculoso — musculoso e coberto de tinta. *Porra* ...

Ele está me perseguindo.

Mesmo enquanto corro, noto como todos os transeuntes olham para mim, com a atenção fixa no homem que me persegue. Será que não têm ideia do que ele está fazendo? Uma jovem joga o cabelo por cima do ombro como se estivesse tentando chamar a atenção dele, e outra dupla para de falar no meio da frase. Uma solta um rosnado baixo de aprovação, e a outra cobre a boca, rindo, com os olhos fixos no modelo de perfeição masculina que está atrás... *de mim* .

Meu Deus, eles não veem o quão perigoso ele é? Ou é isso que os deixa cegos para o perigo que corro?

Abaixei-me sob uma treliça coberta de trepadeiras, com a mente a mil. A princípio, quando ouvi aqueles passos, tive as dúvidas de sempre. Talvez fosse só alguém correndo. Talvez ele não soubesse quem eu era. Mas bastou olhar para

aquele homem para eu perceber que todos os meus medos estavam certos — ele me conhece, está atrás de mim e não passa de um macho alfa com uma missão.

Porra . Eu não trouxe uma arma comigo. Mas sei como fugir se ele me pegar. O que mais posso fazer? Mais uma olhada por cima do ombro e, desta vez, percebo que ele está perto o suficiente para... Olha nos meus olhos. Perto o suficiente para que seu olhar se fixe no meu — sombrio, ameaçador... me engolindo por inteiro.

Um medo intenso percorre meu peito no momento em que seus olhos escuros se encontram com os meus. Estou longe demais para distinguir a cor, mas não importa. São escuros e sem fundo, um abismo pronto para me puxar para baixo. Algo em seu olhar me penetra profundamente, um laço invisível em volta da minha garganta. Não é apenas a ameaça, mas o poder puro, o controle absoluto que arde em seus olhos, desafiando-me a desafiá-lo. Meu pulso acelera e o calor sobe à superfície da minha pele. Ele não está apenas me observando. Ele está *atrás de* mim com a mira de um atirador de elite. Nada naquele olhar me diz que tenho chance de escapar. É uma promessa de que ele vai me pegar — e quando o fizer, estarei totalmente à sua mercê.

Minha adrenalina dispara e tento correr mais rápido. Mas não é rápido o suficiente. Ele nem está sem fôlego, e sinto como se meus pulmões fossem explodir. Parece que ele está correndo.

Uma rua movimentada. Olho por cima do ombro novamente, e ele está tão perto de mim agora que consigo ver a ampla extensão de seus ombros, molhados de suor, os músculos definidos de seus braços e peito. À minha direita, duas mulheres em roupas de ginástica correm em ritmo lento. Uma sorri para a outra e murmura algo, e as duas mulheres olham com apreciação para o homem atrás de mim. Há algo nele que diz " *macho atraente e cru" — enfeitem-se, moças.* Elas não veem a ameaça em seu rosto?

Meu Deus... O que ele tem na mão? Uma corda? É uma *corrente* ?

"Pare!", ele ordena, com a voz grave e rouca. Outra mulher próxima o observa com os olhos arregalados, o espanto estampado em suas feições. Sim, sim, ele é a perfeição sensual e masculina, mas elas não percebem que ele é perigoso?

Continuo correndo. "Eu sei quem você é. Você sabe o que fez. Pare."

O que ?

Não há mais para onde ir. À minha frente, estão os muros de tijolos vermelhos do Kremlin, símbolo do poder e da autoridade russos. A visão dos guardas patrulhando à minha frente aumenta minha necessidade desesperada de ajuda.

Por que eu protestei tanto contra a proteção opressiva dos meus irmãos? Eu daria qualquer coisa por um deles agora mesmo.

Na minha frente, vejo uma rua movimentada, com passageiros que saem cedo

pela manhã correndo para chegar ao escritório.

Decido correr quando o impensável acontece: ele me agarra. Grito quando ele me agarra pela cintura por trás e me puxa contra a parede dura do seu peito. Grito novamente, lutando contra ele, quando uma mão pesada e áspera bate na minha boca. Um homem à minha frente se vira e começa a se aproximar. "Ei...", ele começa, mas dá uma olhada no rosto do meu captor e *corre.*

Oh meu Deus.

Sua respiração está quente em meu pescoço enquanto ele sussurra para mim: "Você realmente achou que seria capaz de escapar de mim?"

Em segundos, ele nos escondeu em um beco escuro perto de um prédio de tijolos. Estou lutando, mas é inútil. Ele é forte demais para mim, e tudo o que aprendi sobre autodefesa desaparece da minha cabeça.

Eu me debato em seu aperto quando ele prende meu pulso em volta da minha cabeça, me pressionando contra o tijolo frio e áspero. Nossos rostos se aproximam perigosamente. É estranho porque ele parece que... como se... Ele me conhece. Este não é um ataque aleatório. Mas eu nunca vi esse homem na minha vida — eu me lembraria de alguém tão devastadoramente masculino, bonito e *assustador ...*

Eu me contorço ao sentir o calor irradiando dele. "Você estragou tudo", ele diz, balançando a cabeça para mim com olhos escuros que prometem uma retribuição cruel. "Você vai pagar pelo que fez."

"Eu?", ofego. "Eu nem sei quem você é."

Ele demora um instante para rosnar furioso para mim, mas é tudo o que preciso — aquela fração de segundo. Miro na virilha dele, mas mal consigo acertar o golpe. *Merda.* Ele se atrapalha, tentando me agarrar, mas já estou correndo em direção à rua.

Pessoas. Carros. Multidões.

Preciso atravessar a rua e torcer para que ele fique preso no trânsito. Eu consigo. Consigo se eu forçar com a última gota de energia que tenho, e então, quando chegar à rua, posso me misturar à multidão que se aglomera ao redor da Praça Vermelha. Eu sei que consigo. Corro para a rua e ouço o som de uma buzina. Um estrondo. Uma dor lancinante e lancinante, um rugido profundo de raiva atrás de mim... e então escuridão.

OceanofPDF.com

Capítulo 5

POLINA

Não me lembro de ter sentido tanta dor — está gravada nos meus ossos, implacável e implacável. Esmagadora. Minha cabeça parece três vezes maior que o normal, e meu ombro e braço latejam sem parar. A pele do meu rosto arde, e algo está muito, muito errado com a minha perna.

O que aconteceu? Onde estou? Tento me lembrar de algo que me tranquilize, mas não consigo.

Mas há uma pergunta que me incomoda muito mais do que a dor: *Quem sou eu?*

Ouço vozes falando por cima de mim, mas não comigo, porque acham que ainda estou dormindo. Será que ainda estou dormindo? Meu estômago se revira com algo parecido com fome, e minha boca saliva. Sinto como se fosse vomitar. Tento abrir os olhos, mas eles parecem pesados demais. Uma coisa é certa: pelo menos não estou morta. Não parece possível que morte e dor tão intensas possam coexistir. Ou talvez seja só isso — talvez não haja nada além de dor após a morte.

Tento dormir. Minutos, horas, talvez dias depois, tento abrir os olhos novamente. Preciso de respostas. Quem sou eu, e por que parece que tudo o que eu conhecia desapareceu?

Desta vez, consigo abrir um pouco os olhos, mesmo que isso pareça exigir cada grama da minha energia. Vejo alguém sentado à minha frente, com longos cabelos castanho-avermelhados que não reconheço, e o interior de uma sala bem mobiliada que é igualmente desconhecida. Olho para o meu corpo, na esperança de reconhecer algo. Encaro minhas mãos. Os dedos são longos, as unhas aparadas, pintadas com uma ponta de branco. Como se chama isso? Não me lembro. Há um lençol branco sobre mim e, do lado esquerdo, algo se projeta sob o lençol. Por que meu lado esquerdo é tão maior que o direito? Consigo ouvir vozes graves e agudas, mas nenhuma delas me é familiar. Isso me apavora porque *nada* me é familiar.

"Acho que ela está acordando."

Pisco, abro os olhos novamente e percebo que o que pensei estar vendo era apenas imaginação, minha consciência semiconsciente. Porque minhas mãos *não estão* à minha frente. Estão amarradas à cama, algemadas com metal. Ofego e tento mover as pernas, mas percebo que elas também estão algemadas.

Abro a boca para falar, mas nada sai.

"Não resista." A voz pertence à mulher baixinha ao meu lado. Nem sei se posso chamá-la de mulher. Garota? Ela é definitivamente mais nova do que eu, mas eu não saberia dizer a minha idade, não importa o que você me dissesse. "Não fale agora. Você está em recuperação."

Recuperação de... o quê? Fiz cirurgia? Deve ser isso. Fiz cirurgia e me deram um remédio que fez meu cérebro esquecer tudo por um tempinho. Respiro pelo nariz e... Expire. Em breve, voltará. Vou me lembrar por que estou aqui.

Qual é o meu nome? Eu nunca soube o quanto era importante lembrar do meu nome até que não consegui mais.

Puxo meu pulso, mas o metal não cede. Puxo meus tornozelos, e é a mesma coisa. Preciso de ajuda. Ignoro o conselho dela porque tenho algo a dizer.

"Por que estou assim?" Minha voz falha.

A jovem parece preocupada.

"Você realmente não sabe?"

Balanço a cabeça, mas dói. Parece que meu cérebro vai explodir para fora do crânio.

"Deixa pra lá. Teremos tempo para isso. Me diz, você está com dor?"

Finalmente, algo que posso responder. "Sim. Tanta dor." As palavras saem em russo.

Eu falo russo. Eu entendo russo. Algo em que posso me apoiar.

"Ela precisa de morfina", diz a jovem baixinho. Não notei a outra pessoa na sala, vestida de branco.

"Não", respondo, com a voz trêmula. Sei que a morfina vai me desorientar, e não preciso ficar ainda mais desorientada.

A jovem, que está nas sombras — não sei quem ela é —, encara um homem ao seu lado. Eu pisco. Não percebi que havia mais alguém na sala. "Senhor?"

Ela está pedindo permissão a ele? Espera aí. Eu conheço esse homem? Ele é alto, largo e imponente, mais alto que as duas mulheres.

"Nada de morfina", ele diz num rosnado baixo. "Nada de analgésicos."

Sem analgésicos? Estou presa a esta cama e não me é permitido tomar nada para a dor. Há um momento, pensei em não tomá-los, mas não poder tomá-los é outro nível de crueldade. Olho para o homem, tentando identificá-lo, mas ele está obscuro e desconhecido.

A voz da garota treme enquanto ela protesta. "Rafail, isso é muito cruel."

Não sei o nome Rafail. Mas nem sei o *meu* nome.

"Desde quando eu me importo com isso?", ele rosna, desviando o olhar do olhar depreciativo que ela lhe lança.

"Por favor", eu digo, com a voz trêmula. "Alguém me diga como cheguei aqui. Quem eu sou. O que aconteceu?"

O homem sai das sombras. Percebo o ângulo agudo de seu maxilar, a frieza absoluta em seus olhos cruéis. Por algum motivo, ele vibra com uma raiva mal controlada, direcionada diretamente a *mim* .

"Espere", diz a mulher, preocupada. "Ela não sabe quem é."

Seu dar de ombros despreocupado me incomoda. "Nada fora do comum." Voltando-se para a mulher de branco, ele ordena: "Deem água e comida para ela manter a energia. *Nada de* morfina."

Observo enquanto ela prepara uma espécie de coquetel para mim com dedos hábeis.

Perguntas me perseguem. Abro a boca para falar com a mulher, mas ela está me observando. Não confio em ninguém neste mundo. Quarto. Meus instintos me dizem que posso pelo menos confiar no gentil, mas eu nem sei quem eu sou. Será que posso confiar nos meus instintos?

Enquanto conversam em voz baixa, anoto tudo o que posso. Primeiro, sou acorrentado a uma cama. A mulher ao meu lado é bastante simpática, mas obedece ao homem grande e musculoso.

Aquele cara é gato. Devastadora e perigosamente bonito, ainda que cruel. Decididamente acostumado a conseguir o que quer, ao que parece, e por algum motivo, que é extremamente confuso para mim, ele me odeia. Ele é obviamente poderoso, então só posso presumir que fiz algo para ofendê-lo. Pena que não tenho ideia do que seja.

Mas como essa jovem ao meu lado parece uma aliada, talvez eu possa usar sua gentileza a meu favor.

Supero o desconforto e uso a voz. Dói. Quem diria que falar poderia doer de verdade? Mas meu peito aperta e minha garganta fica seca. "Há quanto tempo estou aqui?" Começo com uma pergunta fácil. Algo que deveria ser simples o suficiente para ela responder sem temer a ira do homem.

Ela se inclina, com a voz gentil. "Você veio aqui ontem à noite e dormiu o dia todo."

Não vai demorar muito, então. Como cheguei aqui?

Quando ele se aproxima de mim, a jovem se senta mais ereta, com os olhos

arregalados de medo. "Rafail", ela diz, suplicante.

"Você sabe o que ela fez. Não vou ser gentil", ele diz, rosnando. "Preciso te dispensar dos cuidados dela?"

"Não", ela sussurra, com o rosto dolorido enquanto se vira.

"Eu prometo. Não vou machucá-la na sua frente."

Pisco em choque. Na frente dela? O que ele vai fazer quando estiver sozinha comigo?

Ele paira sobre mim como um dragão cuspidor de fogo, e eu me encolho nos lençóis. *Não vou ser gentil.* Quem é ele? Quem sou *eu* ? O que eu fiz para enfurecê-lo?

Ele é alto e inflexível, seu corpo grande preenchendo o espaço entre nós. Sou ofuscada por ele. Seu rosto é todo ângulos agudos e contornos definidos — olhos castanho-escuros me encarando, um maxilar esculpido cerrado em uma raiva mal contida, uma boca carnuda pressionada em uma linha cruel como se ele estivesse segurando mil coisas que quer atirar em mim. Uma barba por fazer escura adorna seu maxilar afilado, adicionando um toque cru, perigoso e masculino à sua aparência impecável.

Seus olhos são escuros e intensos, de um negro profundo e sem fundo que parece absorver tudo, prendendo-me no lugar. São frios, mas algo como fogo arde em suas profundezas. Ombros largos preenchem uma camisa social branca bem passada, seus músculos tensionando o tecido. Um homem feito para dominar. Força. Um homem feito para a *guerra.*

Olho fixamente para seus braços musculosos, mãos grandes e capazes, uma cerrada ao lado do corpo enquanto a outra repousa na beira da cama, me prendendo como se as algemas não bastassem. Inclinando-se, ele inspeciona meus ferimentos em silêncio, como se... como se eu pertencesse a ele. É desconcertante. Não, é aterrorizante.

"Quem é você?", sussurro quando ele passa os dedos pelo meu queixo, o polegar roçando meus lábios. O medo acelera meu pulso e tento me virar, mas não consigo. O toque é tão... íntimo. Possessivo. E ele é um estranho para mim.

Uma sombra atravessa seu rosto. Franzindo a testa, ele me pergunta: "Você realmente não sabe?"

Balanço a cabeça. A dor explode no meu crânio e na minha nuca. Estremeço.

Movendo a mão para segurar minha bochecha, ele sussurra para mim: "Tudo o que você precisa saber é que você é minha e não vai a lugar nenhum agora."

Estremeço com o seu toque, consumida por uma estranha mistura de medo e curiosidade. Antes de me soltar, ele me dá um beijo na testa, mas não é nada terno. É como se estivesse me mostrando que *consegue.* Um toque ardente que

parece mais uma declaração do que uma carícia, mais uma reivindicação do que afeição.

Virando-se, ele caminha em direção à porta, deixando-me com a jovem. Garota?

"Estou com tanta dor", digo em voz baixa para a jovem. "Você acha mesmo necessário que eu fique acorrentada a esta cama?"

"Acho que é necessário fazer tudo o que meu irmão me disser", diz ela baixinho. "E logo você aprenderá que isso também vale para você."

O irmão dela. Agora estamos chegando a algum lugar.

Eu continuo. "É desconfortável estar acorrentado assim."

Com uma expressão de desgosto, ela torce a mão por uma fração de segundo antes de assentir. "Sim, eu sei. Me desculpe. Eu realmente não posso deixar você ir."

Lágrimas cegam meus olhos. Não me lembro de ter me sentido tão impotente, mas, por outro lado, não me lembro de quase nada. É como acordar de um pesadelo e perceber que ainda estou sonhando.

Respiro fundo e solto o ar.

"Qual é o seu nome?", pergunto baixinho. Ela consegue responder? Seus olhos castanhos são suaves como os de uma corça, e seu rosto magro, tenso.

"Zoya", ela sussurra.

Faço a pergunta que me atormenta, com a voz trêmula: "Qual é o meu?"

OceanofPDF.com

Capítulo 6

RAFAIL

Caminho pelos corredores do lado de fora do quarto de hóspedes onde minha noiva está presa.

Zoya me agradeceu por permitir que ela cuidasse dela, então talvez tenha sido a escolha certa. Quando a trouxemos para casa, ela me implorou. Minha irmã mais nova se safa de tudo. Não consigo evitar. Ela era apenas uma criança quando nossos pais morreram e sempre me procurou em busca de orientação. Ela é a única inocente da nossa família.

Ao contrário das outras, Zoya era jovem demais para se lembrar da morte dos nossos pais e cresceu isolada dos acontecimentos mais sombrios da nossa vida familiar. Ela é doce, ingênua, protegida do submundo, e às vezes me pergunto se ela sabe mais do que deixa transparecer. Zoya tem um coração e é profundamente empática — alguém precisa ser.

Meus irmãos me dizem que eu a mimo, que exijo deles padrões que não exijo dela nem da minha irmã Yana. Talvez eles tenham razão. Talvez eu tenha, e a proteja. Então, quando ela... me pediu para cuidar da minha noiva, eu deixei. Alguém precisa manter um fio de humanidade por aqui. Deus sabe que não sou eu quem vai fazer isso. Acho que eles estão particularmente bravos por eu ser mais brando com a Yana, mas tenho um bom motivo. Ela lutou uma batalha árdua a maior parte da vida e, para ela, mais do que para o resto de nós, a morte do meu pai foi, pelo menos em parte, um golpe de sorte.

Meu telefone vibra com uma mensagem. Eu o abro

Zoya
Rafail, ela realmente não sabe quem é. O que eu faço?

Ela não sabe quem ela é? O quê?

Eu respondi a mensagem.

"Espere. Quero testar essa teoria."

Ela não responde. Ela não sabe quem é? Preciso sair e tomar um ar fresco. É a primeira vez que saio do lado dela desde que a trouxe para casa ontem à noite. Preciso atualizar meus irmãos.

Olho pelas grandes janelas perto do saguão. Cada andar tem uma varanda com

vista para a grama verdejante lá embaixo. Gosto de estar em uma varanda quando preciso pensar, quando preciso planejar. A casa isolada, a propriedade da família que me foi passada e deixada sob meus cuidados, fica nos arredores de Moscou, em Zalivka, longe o suficiente dos olhos do público para nos dar privacidade e segurança, mas perto o suficiente da cidade para que eu possa administrar tudo. É cercada por hectares de terras privadas e florestas — uma barreira natural que lhe confere uma atmosfera de fortaleza. E eu adoro isso.

Fiz o que pude para tornar este lugar uma fortaleza, um baluarte, mas ainda assim um lar de família, apesar dos muros imponentes, dos grossos portões de ferro forjado e dos corredores labirínticos.

Abro a porta da sacada e encontro meu avô sentado com Vadim — Vadka, para abreviar. Meu melhor amigo e tenente mais leal.

Robusto e de constituição sólida, com uma barba por fazer perpétua, Vadka é durão, mas tem um sorriso amigável quando está perto de pessoas em quem confia. Como meu avô. Como eu.

Ao lado de Vadka, meu avô é pequeno e frágil, com olhos ternos e voz suave. Ele anda com uma bengala, curvado, mas ainda mantém um ar de dignidade. O pai da minha mãe é o único avô vivo que nos resta. Esses dois são meus conselheiros mais confiáveis e, embora eu raramente peça conselhos, há hora e lugar para eles.

"Meu filho", diz meu avô com sua voz trêmula e áspera. "Você parece ter visto um fantasma."

Vadka se recosta na cadeira e toma um gole de uma garrafa. "Não sei se eu o descreveria assim. Parece que ele está bravo." Ele inclina a cabeça para o lado. "Alguém arranhou seu carro de novo, chefe?"

Ele é o único que eu deixo escapar com essas besteiras. "Tem outra?", pergunto. Claro que tem. Ele pega a bebida gelada do chão ao lado, abre a tampa e me entrega.

Engulo metade antes de falar. Engulo em seco e suspiro, olhando para a sacada. "Ela não se lembra de quem é."

"Sério", diz Vadka, com os olhos arregalados. Meu avô não responde de imediato, embora suas espessas sobrancelhas grisalhas se juntem.

"Você tem certeza disso?" ele diz calmamente.

"É o que Zoya me diz. Preciso testar."

Meu avô assente pensativamente, acariciando os fios grisalhos do queixo. "Com certeza. O que ela ganha fingindo que não sabe quem é?"

"Tudo", eu respondo bruscamente.

Ele levanta a mão antes que eu continue. "Calma, filho. Pense. O que ela ganha se for sua noiva? Sua ira. A falta de liberdade dela. Punição."

Eu o interrompo. "Sim. Claro. Ela mereceu isso colocando toda a nossa família em risco." Ele balança a cabeça e levanta a palma da mão.

"Você não precisa me explicar o que está em jogo ou por que está com raiva." Ele não aprova nosso império criminoso, mas entende que seus netos foram empurrados para uma vida da qual não conseguimos escapar. Ele é a presença calma em nossa família, oferecendo sabedoria em um mundo repleto de brutalidade.

"Se ela não sabe quem ela é, ela escapa de alguma coisa?"

Balanço a cabeça. "Não."

"Então é lógico que ela não tem nada a ganhar mentindo, correto?"

Engulo em seco. "Correto."

"Mas pense no que *você* ganha se ela não se lembrar de quem ela é."

Penso, remoendo as possibilidades em minha mente como se estivesse segurando joias na palma da mão, cada faceta refletindo a luz do sol. "Uma nova história."

O avô sorri. Ele pode desprezar o crime organizado e evitar a Bratva, mas se encaixa perfeitamente.

Meus pensamentos disparam.

"Se ela não sabe quem é", continuo, "talvez nunca tenha me abandonado. Já somos casados. A família dela não sabe que ela escapou; ninguém sabe. Espalho a notícia de uma cerimônia secreta para que a notícia se espalhe."

"Você vai fazer ela usar o seu anel", Vadka acrescenta. "Aquele que ela perdeu no acidente." Ele ri baixinho. "Eu adoro como a sua mente perversa funciona."

O avô nos observa com interesse. "Claro, todos precisam estar cientes disso. Vocês têm certeza de que a mentira é o caminho para continuar?"

Encaro-o, com a raiva à flor da pele. "Ela me deu um bolo. Ela colocou em risco tudo o que eu conquistei. Estou fazendo um favor a ela se pularmos direto para o casamento, e agora ela está casada comigo."

Meu avô assente pensativamente, com as pontas dos dedos pressionadas. "Justo. E se a memória dela voltar?"

"Até lá, será tarde demais." Faço uma careta. "Ela será *minha.* "

O avô continua assentindo, com as sobrancelhas espessas e brancas franzidas. "Precisamos de detalhes sobre como a memória dela pode funcionar."

Mesmo consumida pela incerteza, preciso manter o controle. Então, ligo para o Dr. Zuta, um colega de confiança. O sol do meio-dia está alto no horizonte quando ele finalmente atende. Minha voz é baixa, mas firme, o peso da minha preocupação me pressionando. Preciso saber se a perda de memória dela é genuína. Preciso discernir se ela está mentindo ou não.

"Sr. Kopolov, a que devo esse prazer?" pergunta o médico.

Explico rapidamente o que aconteceu. "Então você precisa determinar se está lidando com amnésia", resume o médico. "Neste caso, se ela realmente sofreu um trauma, não é incomum que as memórias fiquem fragmentadas ou temporariamente inacessíveis. Ela pode estar confusa ou ter falhas de memória, e não há como testar se ela está mentindo. O que você precisa fazer é observar as inconsistências. Mas tome cuidado, não force demais, ou poderá causar mais danos."

Meu maxilar se contrai. Não sou alguém que sofre com incertezas e desprezo a ambiguidade das palavras do médico. Minha mente se lembra de Anissa — aqueles olhos frágeis e assustadoramente familiares. Ou será que seus olhos estavam arregalados *demais* ? Há algo nela em que eu possa confiar?

"E se ela estiver mentindo?", pergunto, com a mão fechada em punho e a voz mais fria agora. Tento esconder o desespero nas minhas palavras. Passei de perseguir a noiva que me deu um bolo para ter uma que pode estar me enganando.

"Não há nenhuma maneira médica de provar isso", responde o médico. "Mas, à medida que as memórias dela retornarem — e elas podem muito bem retornar —, pode haver mudanças de comportamento. Talvez ela reaja a você de forma diferente. Apenas trate-a com cuidado por enquanto. A mente dela precisa de tempo para se curar."

Contenho um rosnado, contendo minha raiva com dificuldade. Talvez essa não seja a chance que eu esperava. "Dê-me exemplos de inconsistências para ficar de olho."

"Nomes, parentescos", diz ele. "Veja se ela se lembra se tem irmãos ou irmãs. Você pode observar como ela se comporta em ambientes familiares."

Não sei muito sobre ela. Isso vai ter que mudar.

Em casos graves de amnésia, ela tinha dificuldade para realizar tarefas básicas do dia a dia, como se orientar na cozinha. Mas, se ela se movimentasse com facilidade, poderia estar se lembrando de mais coisas do que deixa transparecer. Pergunte a ela sobre sua comida favorita, suas opiniões sobre as coisas. Veja se a memória dela está intacta.

Certo.

Ela pode ter algumas respostas emocionais, hábitos involuntários, memória

muscular — coisas assim. O olfato pode ser poderoso. Mas lembre-se de que uma memória desencadeada não indica necessariamente que ela esteja mentindo.

Entendo. Minha mente gira em meio a possibilidades, ansiosa para usar esse conhecimento para fortalecer ainda mais meu controle sobre minha... noiva. "Obrigada pelo seu tempo."

Envio uma mensagem para toda a minha família e para todos no meu círculo de confiança.

Anissa não se lembra de quem é. A partir deste momento, todos vocês a tratarão como minha esposa. É isso que ela é agora. Quero que fique bem claro, em alto e bom som, que minha esposa e eu fizemos nossos votos. Que a família dela saiba. Que todos saibam. Anissa é minha.

Com minha decisão tomada, volto para Zoya e Anissa.

Rodion responde.

Entendi. Você a ama nesse cenário?😈

Franzo a testa para a tela e balanço a cabeça. Será que ele vai aprender?

Claro que não.



OceanofPDF.com

Capítulo 7

"ANISSA"

ESTOU DEITADA na cama, olhando para a parede. Tentando me lembrar de quem sou ou por que estou aqui. É estranho ter uma vaga noção de identidade, de propósito, e ainda assim perceber que não consigo compreender nada disso. Acho que nossa identidade é algo que tomamos como garantido, a ordem natural das coisas, e quando ela se vai, é como se o sol tivesse se apagado e você não reconhecesse mais o campo de jogo.

Zoya, a menina doce que é, não me contou quase nada.

Observei enquanto ela abria a boca, depois olhava para o celular e o fechava imediatamente. Ela se levantou, andando de um lado para o outro aos pés da cama, e embora parecesse perplexa, não respondeu quando perguntei o que estava acontecendo.

Ela diz que meu nome é Anissa. Imagino que deva soar familiar, se esse for o meu nome, mas é completamente anormal, como um sapato que não serve direito.

Zoya se levanta e corre em minha direção, torcendo as mãos, embora sua voz seja firme e calma.

"O Rafail vai voltar para te ver. Ele vai responder às suas perguntas", diz ela, com uma dureza renovada na voz, como se estivesse zangada com ele.

"Ele lhe deu permissão para me soltar?"

Imagino que sou uma princesa capturada, com pessoas lá fora que me amam, vindo para me salvar de tudo o que está por vir.

Sinto-me frágil e dependente, e odeio isso.

"Pode perguntar ao Rafail", diz ela baixinho. "Ele é seu..." Ela balança a cabeça. "Não, vou deixar que ele te diga isso."

Ela se aproxima e aperta algo frio e pequeno na minha mão — um pequeno pingente de prata com a imagem de um pássaro voando. "Para dar sorte", murmura, olhando nervosamente para a porta como se fôssemos ser descobertos a qualquer momento. "Isto é seu. Ou era...." O delicado pássaro me parece estranhamente familiar, como um pedaço de um sonho perdido.

Sua voz treme. "Anissa, eu *sei que* ele pode ser assustador. Eu sei que ele é

perigoso. Todos eles são, na verdade, mas acho que você vai gostar da Yana, e acho que ela vai entender..." Seu olhar se perde, assim como sua voz. "Mas você vai ficar bem." Apertando minha mão suavemente, seu tom é veemente. "Você é *forte* ."

"Você também", sussurro, mesmo mal conhecendo essa mulher. Ela é pequena e frágil, e sei que tudo o que ela passou a tornou mais forte. Consigo ver isso em seus olhos.

Um sorriso irônico surge em seu rosto quando a porta se abre.

O ar fica gelado, me dando um arrepio na espinha. Está completamente parado.

Meu captor está de volta.

Agora que estou um pouco mais desperto, decido avaliar a situação. Ele tem talvez uns trinta e poucos anos, é alto e imponente, rude e perigoso. Seus olhos escuros e intensos parecem me atravessar. Atravessar qualquer pessoa, imagino, com aquele foco de laser. Ele tem um maxilar definido e maçãs do rosto salientes, e algo me diz que ele não é estranho à violência. Tudo nele personifica poder bruto, mas há algo mais, algo familiar... Ele é um homem acostumado a ser obedecido.

Vestindo uma camiseta branca, jeans desbotado e botas de couro, ele me parece estranhamente familiar e, mesmo em trajes casuais, exala uma força física desenfreada. Seu cabelo castanho-escuro é um pouco longo demais, com um toque de cachos que pareceria brincalhão se não fosse por sua expressão fria e máscara de controle. A barba por fazer em seu queixo está em algum lugar entre o áspero e a barba por fazer, o suficiente para lhe dar a ponta de dominância que anseio. Estremeço. Ele é rude e implacável, sem dúvida.

Zoya não me disse nada, nada de substancial.

Ele se aproxima de mim e acomoda seu corpo enorme na pequena cadeira ao meu lado. "Se sentindo melhor?" O tom áspero e raivoso de sua voz me deixa nervosa.

Balanço a cabeça. É como se meu cérebro estivesse batendo no crânio.

"Não", eu digo. "Não estou. Não me lembro de nada. Nem sei o nome *Anissa* ; é estranho para mim. Não sei por que estou nesta cama. E Zoya, por mais simpática que seja", corrijo porque ela é gentil, "não me conta nada".

"É porque eu ordenei que ela não fizesse isso", diz ele bruscamente. Ele acena para ela como se estivesse agradecendo silenciosamente pela obediência.

"Então você é o chefe aqui?" Não me preocupo em esconder meu desdém.

"Eu sou." Seu olhar frio e calculista me desafia a desafiá-lo.

Engulo em seco. "Tenho perguntas."

Olhos semicerrados encontram os meus, e ele fala num meio rosnado: "Tenho certeza que sim."

Franzindo a testa, tento me sentar, mas é impossível com meus pulsos presos. No entanto, consigo manter a voz firme e firme. Não sei quem é esse babaca incrivelmente bonito, mas gostaria de descobrir o mais rápido possível.

"Você age como se me odiasse, e eu nem sei quem você é. Então me faça um favor e me explique para que eu saiba se devo odiá-lo de volta e decidir se sua falta de hospitalidade é justificada."

"Falta de hospitalidade?", ele rosna. "Você está aquecido e alimentado, e isso é mais do que merece."

Franzo os lábios. "Não sei muito, mas posso dizer com segurança que você e eu temos conceitos muito diferentes de *hospitalidade*. Então, por que não me conta o que eu supostamente fiz, já que é um ponto óbvio de discórdia entre nós?"

Apesar da expressão estoica, uma leve surpresa transparece em seus olhos antes que ele se incline para a frente. Erguendo-se em toda a sua altura, quase espero que ele faça algo drástico, mas ele apenas me encara como se estivesse me avaliando.

Foi então que notei que ele tinha uma pequena chave de metal prateada na mão. Graças a Deus.

Mas ele não tem pressa. Ele demora para me destrancar, suas mãos roçando as minhas. Dedos ásperos roçam a pele macia dos meus pulsos enquanto ele as alcança acima da minha cabeça e enfia a chave. Com um clique suave, meus pulsos se soltam. Meu Deus, como é bom poder movê-los de novo, mesmo doendo.

Silenciosamente, ainda de cara feia, ele segura meus pulsos com suas mãos grandes e ásperas e massageia a pele irritada com os polegares. Tento me afastar, sentar, mas ele me empurra de volta para baixo com uma mão firme no meu ombro.

Engulo em seco e o encaro. Não estou nem perto de ser livre, mesmo estando livre. Solto um suspiro trêmulo.

Inclinando-se, sua voz é um murmúrio baixo e perigoso, cada palavra uma promessa e uma ameaça. "Você diz que não sabe quem eu sou. Nós vamos cobrir isso. Vou explicar em detalhes o que espero de você. Você foi trazido aqui porque fugiu de mim, e eu tinha que garantir que isso nunca mais acontecesse."

Eu pisco para ele. "Como?"

Ele diz tudo isso como se fosse apenas um fato. Com os olhos semicerrados, ele balança a cabeça. "Você acha que isso é cruel, você estar acorrentado a uma cama? Desobedeça-me novamente, fuja de mim novamente, e você verá em primeira mão o que é crueldade de verdade."

Meu queixo cai quando sua mão desliza para o meu pescoço, seu polegar pressionando meu pulso, o suficiente para dificultar um pouco a respiração. Estou presa em seu olhar, presa no lugar por sua presença opressiva e consumidora.

Olho para ele com desconfiança. Posso não saber muito sobre a minha situação atual, mas sei de uma coisa: ninguém prende ninguém com tanta segurança, com tanto desconforto, só para mantê-lo *seguro* .

O que diabos eu fiz com esse estranho?

"Meus tornozelos também", lembro-o baixinho. Ele afasta o lençol da cama, e minhas bochechas imediatamente esquentam quando percebo que estou vestindo apenas uma camiseta curta e uma calcinha. Meus instintos me dizem para me cobrir.

"Evacuem esta sala", ele grita para todos enquanto me cobre com o lençol. Todos se apressam em obedecer, até a pequena Zoya.

Estamos sozinhos. Olho para o meu captor, seus olhos raivosos fixos nos meus. "Eu sei que você diz que não se lembra de quem é, mas eu não acredito. É difícil imaginar que alguém se esqueça do próprio marido tão facilmente."

Meu cérebro mal consegue alcançar as palavras. *Marido* ?

"Não posso ser sua esposa", sussurro, tentando retrucar uma desculpa. "Não tenho... não tenho aliança", digo, descontrolada. Uma esposa não usa aliança? "E você me amarrou *a* esta cama. Quem *faz* isso com a esposa?"

“Um homem com medo de que ela fuja novamente quando tiver a oportunidade.”

Olho para ele, horrorizada.

"Eu corri?"

Ele enfia a mão no bolso com um sorriso que não alcança os olhos, mas que parece quase calculista. "Você perdeu seu anel no acidente. Mas eu o tenho aqui. E eu te disse, eu te contive para que você não fugisse de novo."

Marido... Ainda estou me recuperando da notícia. Este homem aparentemente rico, poderoso e perigoso é meu... *marido* ? *O quê* ?

Eu supostamente estou em um dos relacionamentos mais íntimos que duas pessoas podem ter, mas ele é um completo estranho.

Zoya disse que meu nome é Anissa.

Anissa .

"Diga meu nome", sussurro, esperando que se ele disser — se meu marido disser meu nome — isso possa desencadear uma lembrança, um toque de

familiaridade.

Não prevejo o tom de orgulho em sua voz quando ele responder: "Anissa Kopolova."

Nada.

Balanço a cabeça. "Por que isso soa tão estranho para mim?"

Odeio como minha voz soa baixa e vulnerável. Afasto-me dele. "Por que você me olhou como se me odiasse? Se eu sou sua esposa... isso não faz sentido."

Ele não responde por um longo momento, seu olhar me percorrendo como... como se estivesse imaginando as maneiras como poderia me machucar. Aperto os lençóis com mais força. Não há ternura em seus olhos, apenas uma fome fria, um desejo que não entendo, mas sinto profundamente em meus ossos.

E quando ele finalmente fala, sua voz é baixa e sombria. "Você ainda não entendeu, né?" Eu me encolho quando ele estende a mão para mim e passa o polegar pelo meu lábio inferior. Rude. Possessivo. "Você vai entender."

Como é que não me lembro de nada sobre quem eu sou, muito menos de quem *ele* é, mas me lembro de tudo sobre o comportamento humano?

Por exemplo, aquele músculo pulsando em seu maxilar me diz que ele está tendo dificuldade em ser paciente. A maneira hesitante como seu polegar esfrega meu pulso, desacostumado a ser gentil. Mas quando o vi com a irmã, ele foi gentil com ela.

Por que não eu se sou a esposa dele?

E por que ela tinha medo dele?

"Tivemos um... relacionamento conturbado", diz ele. "Só porque somos casados não significa que nos demos bem."

Hum.

"Bem, por que não?", pergunto a ele. Parece estúpido que as pessoas se casem porque supostamente se amam ou algo assim, e depois brigam.

"Por que não nos damos bem?", ele repete.

Ganhando tempo? Buscando clareza. Ou tão perplexo quanto eu?

Lambo os lábios. Minha voz está rouca. Trêmula. "Me lembra por que eu te odeio."

Algo próximo ao humor paira em seu rosto. "Na verdade, não é muito complicado", ele começa. "Eu gosto de estar no comando, e você não gosta que lhe digam o que fazer."

"Como está indo isso para você?", eu respondo. Mais uma vez, suas feições demonstram algo próximo ao humor. O jeito como os cantos dos seus lábios se contraem me diz que ele também não está acostumado a sorrir. Por quê? Por que ele está tão sóbrio? Tão bravo?

"Não muito bem. Minha esposa fugiu de mim porque estava com raiva de mim. Ela não queria mais ficar comigo."

"Eu fugi de você", repito, como se dizer isso em voz alta tornasse tudo mais compreensível. Pela primeira vez desde que acordei, algo que me soa familiar me atinge a consciência.

Eu *me* lembro de correr. Sim. Sim, essa parte é verdade. "Então eu sou um corredor?", pergunto.

Ele solta um suspiro. "Pode-se dizer que sim."

O que ele quer dizer? Olho para o meu corpo. Estou em forma, sei disso. Não é como se eu tivesse acordado em um corpo que me é totalmente desconhecido.

Flexiono os dedos dos pés e tomo uma decisão. Talvez eu não consiga correr agora, mas *correrei* de novo. Dele também, se for preciso.

"Então, aqui vai uma pergunta para você", eu digo. Droga, como dói falar. "Por que você disse à Zoya que eu não posso tomar morfina se sou sua esposa?" Minha voz treme e, para meu horror, quando pisco, uma lágrima escorre pela minha bochecha.

"Você entendeu errado", diz ele baixinho, soltando-me. Estremeço com seu tom gélido e a perda do seu toque. Tenho a nítida sensação de que, se lobos pudessem falar, soariam exatamente assim. "Você está desorientada, confusa. Quero que você tenha um analgésico, mas do tipo que lhe permita falar e funcionar. Assim, para que não fique mais confusa."

"Para que eu possa tomar analgésicos", repito, só para deixar claro. Esse cara está me manipulando?

É por isso que eu o odeio?

Estou tão cansado de ter todas essas perguntas, e parece que estou apenas começando.

Tento sentar na cama, mas a dor está me matando.

"Então eu corri de você e fui atingido por... o quê, exatamente?"

Diante de seu olhar assassino, agarro o tecido quente da capa do edredom em meu punho para me proteger. Estou me esforçando ao máximo para fingir coragem, mas algo me diz que, mesmo se eu conseguisse me lembrar de quem ele era, *ainda* estaria apavorada. Talvez até mais do que estou agora.

"Você foi atropelada. Esse é um dos problemas, Anissa. Você é impetuosa e

desobediente e entrou descontroladamente na contramão."

Impetuoso? *Desobediente* ? Sinto minhas sobrancelhas se erguerem de surpresa. "Um dos problemas que você tem comigo *?* Eu não sou criança. Eu sei disso. Desculpe, sei que sofri um acidente, mas será que de alguma forma voltei no *tempo* ?"

Ele rosna e fica em silêncio por um instante, como se estivesse tentando se recompor. "Você definitivamente não é nenhuma criança."

Seu olhar se torna faminto enquanto ele lambe os lábios, e mais uma vez me lembro de um lobo, mas desta vez, ele parece pronto para me devorar viva. Pisco e encaro, tentando organizar meus pensamentos e minha expressão ao mesmo tempo, mas falhando em ambos.

Continuo tagarelando, tentando recuperar o controle. "Até agora, estabelecemos que sou sua esposa. Eu fugi de você imprudentemente e fui atropelada. Meu motivo para fugir de você tem algo a ver com seus modos arrogantes? E imagino que você deva ter um anel que perdi no acidente."

"Sim", ele diz, e algo parecido com arrependimento atravessa seu rosto. Há uma vaga familiaridade em tudo isso, mas o suficiente para me fazer sentir como se estivesse olhando para o espelho de um parque de diversões. A verdade está distorcida. Sua voz rouca emite uma ordem baixa e áspera. "Me dê sua mão."

Quando ele pega minha mão na sua, muito maior e mais áspera, noto o anel dourado que brilha sob a luz do teto. "Seu anel", diz ele, colocando-o de volta no meu dedo. É pesado e frio. Percebo uma pequena inscrição lá dentro — uma linha retorcida que parece tão afiada quanto arame farpado. " *Nas dificuldades e na lealdade"*, diz.

Fico olhando, maravilhada, enquanto ele desliza o sapato no meu dedo. É como se o Príncipe Encantado estivesse colocando o sapatinho de cristal no pé da Cinderela, porque ele se encaixa perfeitamente.

Esfrego o polegar no anel, esperando que pareça estranho, mas não parece. O ajuste é perfeito. Ao mesmo tempo, porém, lembra a algema que ele acabou de tirar. Uma algema minúscula, perfeita. Não me lembro da cerimônia, mas as palavras ressoam. Noto o anel de ouro combinando que brilha em seu dedo.

"Há quanto tempo estamos casados?" Minha voz soa distante e oca, como se eu estivesse falando em um túnel. Farei perguntas até saber quem eu sou.

"Uma semana."

Meu queixo cai. Meu *Deus* . "Uma semana e já nos odiamos?"

Um leve sorriso cruza seu rosto novamente. "Nós nunca gostamos um do outro, Anissa. Você me foi dada pelo seu pai. Ele me devia uma dívida e pagou com você."

Pisco em choque. "Jesus", murmuro. "Que atitude idiota."

Desta vez, ele realmente ri. Eu me assusto com o som.

"Alguns homens valorizam mais suas vidas do que suas virtudes", finaliza.

"Entendo." Fico em silêncio por um instante antes de continuar. "Então eu estava com raiva de você ou... algo assim", começo.

"Ou algo assim", ele finaliza com um aceno de cabeça. "Sim."

"E eu corri de você e fui atropelado por um carro. Nossa. Acho que tenho sorte de estar vivo."

Seu olhar se torna assassino, seu tom arrepiante e cheio de perigo. "Sorte da pessoa que dirige esse carro que você está vivo."

Lambo os lábios e engulo em seco. "Então... o que aconteceu com a pessoa que me bateu?"

Ele se senta mais ereto, e seus olhos escurecem. Seus músculos ficam tensos. "O que você acha? Eu fiz exatamente o que um marido deve fazer quando alguém machuca a esposa."

Olho para ele. Novamente, sinto uma pontada de familiaridade, mas não tenho certeza se é *ele* quem a desencadeia. Há algo em sua proteção inegável, envolta em perigo... Algo em sua força violenta e desenfreada que me faz sentir protegida em uma gaiola dourada. Tudo me é tão familiar, e ainda assim faz meu coração disparar. Deito a cabeça no travesseiro porque o esforço de falar é exaustivo.

"Estou cansada." Repouso a cabeça e suspiro. "E sinto muito por não termos nos dado bem antes. Talvez você me lembre por que não gosto de você. Mas, por enquanto, fico feliz que tenha me dado algumas respostas."

Algo me diz que teremos muito mais perguntas antes que isso acabe, eu acho, porque o sono está chamando.

"Esses analgésicos... tá, você pode me dar um?" Imagino que ele não saiba muito sobre mim. Fui dada a ele em casamento, o que não me surpreende. A ideia de casamento arranjado me parece estranhamente familiar. Talvez seja porque eu era casada com ele, ou talvez seja por outro motivo. "Acho que preciso de muletas", digo a ele. "Não consigo andar assim. E preciso muito sair desta cama."

O telefone dele toca. Com uma carranca e um xingamento, ele o desliga e o enfia no bolso com tanta força que me surpreende que não faça barulho.

"O que o seu telefone fez com você?", murmuro, mas ele apenas resmunga em resposta.

"Vou pegar o que você precisar", ele diz. "Por enquanto, eu te carrego."

O pânico me invade o peito. Não o conheço, mas se o que ele me diz for verdade, sei que já compartilhamos... *alguma coisa* . Tenho o sobrenome dele e o anel dele. Este homem estranho sabe mais sobre mim do que eu.

O que mais ele sabe sobre mim?

"Você vai me carregar", repito, lambendo os lábios. Isso vai significar que vou ficar muito mais perto dele do que gostaria. Mas não consigo andar. Estou completamente consumida pela dor. Algo tem que ceder.

"Quer que eu pegue sua cadeira de rodas?", ele pergunta com um leve sorriso de escárnio e olhos semicerrados. Percebo que ele está me testando.

"De jeito nenhum", insisto. "Tudo bem. Acho que você pode me carregar, então."

“Eu não estava pedindo permissão.”

Argh. Claro que não.

"Então, para onde você está me levando?"

Sinto-me como uma criança... como se tudo estivesse fora do meu controle e eu fosse completamente dependente de alguém que não conheço. Mas o mais perturbador de tudo é que *sou* alguém que não conheço.

"Para o nosso quarto. Você obviamente precisa de ajuda. Precisa descansar."

Concordo com a cabeça, sem confiar na minha voz o suficiente para dizer mais alguma coisa.

Nosso quarto.

Nosso quarto .

Parece estranhamente íntimo, e não consigo conciliar a intimidade com um estranho. Ficarei sozinha com ele, um pensamento que me aterroriza e me anima ao mesmo tempo.

Contenho um grito quando ele me pega nos braços, me embalando como se eu não tivesse peso. Mas não há nada remotamente gentil na maneira como ele me agarra, seus dedos pressionando minha pele como se estivessem me marcando. Sinto sua força, seu poder, e por um segundo aterrorizante, um pensamento selvagem me prende: será que é assim que vou me sentir quando ele me reivindicar? Nenhuma maciez. Nenhuma ternura. Apenas poder bruto?

Enquanto seus dedos roçam minha pele, noto uma pulseira de couro fina e gasta em seu pulso. Um pingente pende dela — um minúsculo dente de lobo. Algo me diz que esta pulseira tem significado e testemunhou coisas, segredos obscuros guardados por homens como ele.

Estou momentaneamente deslumbrada com seu aroma forte, calmante e

masculino. Dizem que o cheiro é um dos gatilhos mais fortes, mas ainda não consigo me lembrar de nada. Só sei que ele tem um cheiro limpo, forte e totalmente masculino.

Seus braços são quentes, seu aperto firme enquanto ele se endireita com facilidade e sem esforço. Minha perna dói, mas mordo o lábio e aguento. Quero sair daqui.

Talvez, se não nos dermos bem, possamos fazer as pazes. Talvez haja esperança... *não* ... Não posso confiar nele. Não posso confiar nele.

"Eu tenho família?" pergunto a ele.

Estou sozinho neste mundo?

Por alguma razão que não consigo identificar, acredito que sim.

Lembro-me de ser... amada. Lembro-me de rir. Lembro-me de sentir que pertenço. Mas também me lembro de ser oprimida. De querer escapar...

Foi isso que eu fiz?

"Eu te contei sobre seu pai, que te vendeu para pagar as dívidas. Você não tem mãe nem irmãos."

Certo. Uau. Certo, então. Só um pai. Sou como a Bela de *A Bela e a Fera* ; só que o pai dela se importava de verdade com ela. Que sorte a minha.

"Só para deixar claro, não permitirei que minha esposa se comunique com alguém que a trairia daquele jeito."

Penso nisso. Não sei como lamentar a perda de alguém de quem nem me lembro, mas ainda assim me dói no coração. As pessoas deveriam ter mães e pais. E algumas pessoas talvez devessem ter irmãos também.

“Não sei por que eu iria querer entrar em contato com alguém que não conheço, muito menos com alguém que pensa tão pouco de mim, mas tudo bem.”

Estamos nos aproximando de uma porta no final de um corredor, e meu coração bate freneticamente mais rápido. Não sei o que está por vir.

"Você não respondeu a todas as perguntas." Estou ganhando tempo, apavorada com o que ele fará quando estivermos sozinhos no nosso *quarto.*

Sua testa se franze como se estivesse perplexo ou confuso. "Já respondi a tudo o que você me perguntou."

"Não exatamente. Perguntei o que aconteceu com as pessoas que me atropelaram."

Observo seu maxilar se firmar e seus ombros parecerem se expandir. Eu alimentei sua raiva. "Admito, talvez eu tenha perdido a paciência."

Meu Deus. De alguma forma, eu sabia que ele reagiria assim, mas ainda não estou preparada para a forma como meu coração dispara de medo. Não sei como seria se um homem como ele perdesse a paciência. Mesmo quando se comporta da melhor maneira possível, ele é assustador.

"Ah?", pergunto. Estremeço quando ele cruza a soleira.

"Desculpe", ele diz suavemente. "Estou tentando não te empurrar."

"Está tudo bem", minto. Não está tudo bem. Dói tanto que estou chorando. Viro o rosto para longe dele para que ele não veja. Sei intuitivamente que ele não gostaria disso. E quero ouvi-lo responder às perguntas que fiz.

"Eles foram imprudentes. Você poderia ter morrido." Sua voz está embargada, sua raiva palpável. Olho para baixo e noto as veias em seus braços, músculos fortes, pele bronzeada e marcas pretas de tinta vagamente familiares, mas não identificáveis, como marcas fora de foco.

"Eu disse que cuidei disso. Alguém foi imprudente o suficiente para machucar minha esposa, e eu lidei com a situação da maneira que precisei. Confie em mim — ninguém mais cometerá esse erro."

Sua voz é tão sombria quanto uma ameaça sussurrada. "Quando alguém fere o que é meu, vive para se arrepender. Se as ruas de São Petersburgo pudessem falar..." Seu olhar se distancia por um instante, como se estivesse se lembrando de feitos passados. O que ele fez?

Mordo o lábio, sem saber se quero detalhes e se quero continuar ignorante.

"Certo", eu sussurro.

"Você é minha", ele rosna, sua voz um sussurro baixo e perigoso, sem um pingo de conforto ou amor, nada além de pura obsessão. Parece que essa garantia deveria me trazer algum conforto, mas o aviso latente em seu tom me faz tremer.

Ele continua em voz baixa. "Eu dei um exemplo da pessoa que te machucou", diz ele. "Não foi bonito, e você não precisa dos detalhes. Você sabe quem eu sou, Anissa?"

Balanço a cabeça. "Meu marido", digo, com a voz trêmula. O remédio que ele me deu me deixou sonolenta, e quero ir para a cama, mas preciso me esforçar. "Só sei que você é meu marido."

"Sim, mas como você não se lembra de quem é, vou presumir que não sabe qual é o meu trabalho." Ele solta um suspiro. "Chegaremos lá."

Caminhamos por um longo corredor. As solas de borracha de suas botas são praticamente silenciosas no piso de madeira reluzente. É simples, sofisticado. A casa cheira a madeira velha, lembrando uma biblioteca. Grandes flores em um vaso de vidro cor de ferrugem repousam sobre uma mesa lateral. Para onde quer que eu olhe, há uma luz brilhante. Tenho a estranha ideia de que alguém como

ele precisa de muita luz para ter esperança. Para iluminar a escuridão. Se ele vivesse em uma caverna ou em um lugar com persianas fechadas, o abismo o engoliria. Dói virar a cabeça, então só observo o que está ao meu redor.

Se ele for meu marido... "Somos só nós dois? Numa casa dessas? Parece enorme."

Ele balança a cabeça gentilmente, com cuidado para não me perturbar, com cuidado para não mexer no meu gesso.

"Não", ele responde baixinho. "Definitivamente não somos só nós." Quando ele não oferece mais informações, insisto um pouco mais.

"Zoya? Sua irmã?" E então um pensamento horrível me ocorre. "Não seus pais", acrescento, incapaz de imaginar ser casada com um homem como ele na presença dos pais dele.

"Acho que estamos indo direto para o meio, não é?", diz ele com um olhar pensativo. Seu rosto se franze, e ele fica em silêncio por longos minutos, como se estivesse tentando condensar uma vida inteira em apenas algumas frases.

Ele continua caminhando com determinação, dando passos largos, mas com cuidado para não me empurrar muito.

"Meu nome é Rafail Kopolov", diz ele. "Isso significa alguma coisa para você?"

Seu nome desperta algo tênue, mas nada familiar, um eco ecoando em uma sala vasta e vazia. Lembro-me de um frio no ar, luzes distantes da cidade piscando como estrelas. Lembro-me do grito de uma voz... raiva. Uma perseguição.

Mas não, seu nome é desconhecido.

Balanço a cabeça. Nada.

"Meu *próprio* nome não significa nada quando você o diz", digo a ele. "Gostaria de falar com um médico. Preciso saber quando minha memória vai voltar."

"Seu pai está envolvido em vários aspectos do crime organizado", continua ele em voz baixa. "E eu sou o chefe da filial da Kopolov em Moscou. Meu pai morreu jovem, como o pai dele antes dele. Uma maldição, dizem alguns, embora eu não acredite em superstição como a maioria aqui. Mas o nome Kopolov carrega consigo um legado." Sua voz fica mais grave. "Um legado que pretendo proteger."

Eu engulo em seco e aceno com a cabeça.

“Nós somos a Bratva, Anissa.”

Eu pisco.

Bratva. A familiaridade ressoa com medo e admiração. Eu conheço a Bratva. Crime organizado russo. Letal. Poderosa.

Familiar.

“ Há onze anos, meus pais foram assassinados. Como o mais velho, tornei-me o guardião legal da minha família e *do pakhan* .”

Espere. *Guardião legal da família dele* ?

"Ah. Nossa! Quantos de vocês são?"

Seu maxilar se fecha. "Tenho dois irmãos e duas irmãs sob meus cuidados. Eles chegaram aos meus cuidados quando eram menores. Meus irmãos trabalham, mas às vezes também ficam aqui."

"Entendo. Então você é o guardião legal da Zoya, aquela menina doce que conheci antes?"

Ele concorda. "E alguns outros irmãos não tão gentis que você vai conhecer eventualmente."

Tudo bem então.

Minha mente divaga. É lindo, de uma forma estranha, esse conceito de que talvez sejamos só nós dois. Ainda consigo ouvi-lo, porém, e seria tolice ignorar o que ele está dizendo.

"Diga isso de novo." Imagino quais são as expectativas dele. "Há quanto tempo você é tutor dos seus irmãos? Onze anos?"

"Sim."

Nossa. Sempre achei meio fofo, até comovente, quando um irmão se colocava à frente para proteger os outros irmãos no papel de figura paterna. Talvez meus instintos primitivos me digam que ele se sairia bem como pai para os meus próprios filhos. Talvez isso mostre que ele é confiável e confiável.

Mas não sei nada sobre ele, não mesmo. Talvez ele seja incrivelmente permissivo, deixando que eles escapem impunes de assassinatos. Olho para ele com mais atenção. Não, isso definitivamente não seria sua ruína. Ele provavelmente é o oposto — arrogante e autoritário.

Meu Deus. Talvez eu devesse esperar para ver e não fazer julgamentos precipitados. Provavelmente eu deveria parar de tentar entender tudo agora mesmo.

"Tenho um tio e uma tia que moram aqui perto", diz ele, "mas eles não moram aqui. Eu também tenho funcionários. Você também tinha, Anissa."

Isso me traz uma lembrança vaga. Não consigo dar nomes ou lugares, mas me lembro de alguém cozinhando na cozinha, esfregando o chão, dobrando roupa.

"Mmm. Sim. Então, o que você espera de *mim* ?", pergunto, subitamente insegura. Eu deveria cozinhar? Limpar? Cuidar dos mais novos? Seria estranho?

Não, eles provavelmente já têm idade suficiente para não precisar de ninguém como uma mãe.

"Eu já te disse", ele diz, com a voz suave, mas firme. "Espera-se que você faça o que lhe mandam."

Certo. Solto um suspiro, sem me impressionar com o chavão ou a ameaça. "Para alguém que está tentando melhorar a primeira impressão que tem de mim, você poderia se sair muito melhor, sabia?" Reviro os olhos. "Só queria saber se você espera que eu cozinhe? Limpe? Coisas assim. Será que eu sei mesmo o que estou fazendo na cozinha?"

"Se você quiser." Ele dá de ombros como se não fosse grande coisa. "Claro, por enquanto, você vai ter que melhorar. Curar-se dos seus ferimentos. E você ainda não foi à cozinha, então o tempo dirá." Ele ergue uma sobrancelha para reforçar suas palavras. " *Depois que* sua perna melhorar."

Ótimo. Sou deficiente em mais de um sentido. Franzo a testa. "Qual era exatamente o meu prognóstico?"

"Você ficará engessado por no mínimo oito semanas. Estou observando você para ver se há sinais de concussão. Você não tem hemorragia interna nem hemorragia cerebral, mas insisto que faça uma segunda tomografia em dois dias. Você tem lacerações nas costas e nos braços e um cotovelo torcido."

"Meu Deus!" Eu suspiro.

"Você tem sorte de estar vivo", diz ele, em voz baixa. "Disseram que se você tivesse ficado parado e não tivesse corrido na velocidade que estava, não teria conseguido."

Preciso saber as respostas para as perguntas que me assombram. Por que eu estava correndo? Por que eu estava fugindo *dele* ?

"Nada de correr por um tempo, Anissa." Essa está longe de ser minha primeira preocupação.

Ele está parado na porta de um quarto. A porta aberta revela uma ampla suíte principal. O cômodo é imponente, com pé-direito alto e iluminação suave e elegante. Um tapete felpudo, de tom índigo profundo, cobre o piso de madeira, e janelas altas inundam o ambiente de luz. Os móveis são de madeira escura, ricos e imponentes, e há uma lareira no canto, apagada e fria. Mas o que mais me chama a atenção, é claro, é a cama imponente no centro do quarto. Ela domina o espaço, coberta por tecidos luxuosos e cercada por colunas altas e intrincadamente entalhadas.

Mais uma vez, esta sala me parece um tanto familiar — e me pergunto se já a vi antes. Ou será que já estive em um lugar assim antes?

Não, não... ele disse que nos casamos. Não por muito tempo, mas eu definitivamente já estive neste quarto antes. Então por que tudo parece tão novo?

Fecho os olhos porque uma dor de cabeça está se formando atrás das minhas têmporas, latejante. Tento absorver os detalhes, mas é avassalador. É como se alguém estivesse segurando uma panela de metal na minha frente e batendo nela com uma colher de pau, o barulho reverberando no meu crânio.

"Lembre-se do que eu lhe disse", diz Rafail.

"Você me contou um monte de coisas", digo, tentando disfarçar o tom petulante da minha voz, sem sucesso. Estou cansada. Sobrecarregada.

"O médico disse que fazer muitas perguntas ou insistir demais vai atrapalhar sua recuperação. Chega de perguntas, Anissa. O médico está vindo para te ver. Quero que você descanse. Está com fome?"

Balanço a cabeça e resisto à vontade de deitá-la em seu peito. É bom ser carregada assim, como se eu não tivesse peso, por um homem forte como ele. Eu teria que ser imune a todos os instintos femininos do meu corpo para não gostar do jeito que ele me segura, aninhada em seus braços. Consigo sentir a força de seus músculos e como ele nem se esforça para me carregar.

Há um sofá no quarto com uma série de almofadas. Ao lado, há uma mesinha e alguns livros. Olho ao redor, mas não há muito para ver. É bem mobiliado, mas simples, não muito diferente de um quarto de hotel de luxo. Quase espero ver pequenos frascos de loção corporal e xampu no banheiro quando entro, talvez toalhas de mão brancas torcidas em forma de pomba.

"Então esta é a minha nova prisão", digo secamente. Lençóis de seda macios como o toque de um amante roçam minha pele, e ainda assim me sinto enjaulada. Correntes douradas em forma de pinturas raras adornam as paredes, e rosas recém-colhidas — perfeitas demais, encenadas — repousam sobre todas as superfícies. É lindo, mas sufocante como barras de ferro.

Ele me olha fixamente e não responde.

Quando o telefone dele vibra, ele atende e se vira, falando em russo. Percebo que é mais fácil para mim entender russo do que inglês. Russo deve ser minha primeira língua, então. Que estranho precisar me lembrar disso.

Ele me disse para descansar. Disse que, se eu forçar a barra, vou atrapalhar minha recuperação. Descanso, então, mas é muito mais fácil falar do que fazer com o meu cérebro.

É da natureza humana querer separar a verdade da mentira, mas como fazer isso sem uma base de memória? Tento juntar as peças do que ele disse sem forçar a cabeça. Ele diz que é meu marido e que não gostávamos um do outro. Que fui atropelada por um carro depois de fugir dele e perdi a memória.

Tenho então duas escolhas: acreditar no que ele me diz ou não e buscar a verdade.

Dominada pela exaustão, a dor se torna insuportável. Fecho os olhos, grata pelo

lençol limpo sob meu queixo e pelo colchão macio. Gosto do som da voz dele, penso, enquanto começo a adormecer. Ele é confiante. Comandando. E, de alguma forma, isso me traz um grande conforto.

À medida que me afundo na escuridão, imagens tênues brilham nos recessos da minha mente. Risos. Uma figura sombria. Um sussurro em russo.

Talvez quando eu acordar, eu me lembre de quem eu sou. Talvez quando eu acordar, eu me lembre de tudo. Talvez quando eu acordar, eu consiga distinguir a verdade da mentira.

Ou será que vou?



OceanofPDF.com

Capítulo 8

RAFAIL

Enquanto ela dorme, faço alguns telefonemas. Minha mente está a mil. Ela está curiosa e esperta, e mesmo que, até agora, sua memória esteja irregular, não há dúvida de que, com uma mente tão afiada quanto a dela, ela *voltará* .

E, porra, ela é *linda* . Eu não estava preparado para isso. Para ela. Cada centímetro dela desafia meu autocontrole. Aqueles olhos arregalados, quase inocentes, que brilham com desafio, a delicadeza de seus lábios carnudos quando ela se surpreende, quase como se ela fosse tentadora sem nem tentar. Sua pele é pálida e impecável, e quando ela se move, a curva de seu pescoço me chama. Seu cabelo cai em ondas suaves sobre os ombros, tão brilhante quanto o de uma Rainha da Neve.

Cerro os punhos, forçando-me a me concentrar, a lembrar que ela está aqui porque fugiu de mim, mas cada centímetro de sua pele macia, cada curva deliciosa, só torna mais difícil a concentração. Quanto mais cedo eu realmente a reivindicar, mais cedo eu realmente a farei *minha* ...

Quando a segurei, o cheiro da sua pele, suave e levemente adocicado, me atingiu como uma droga, crua e inebriante, fazendo meu pulso acelerar. Quando ela olhou para mim com os olhos arregalados, seus lindos lábios a poucos centímetros dos meus, mal consegui me impedir de traçar a linha de seu maxilar, de pressionar meus lábios no lugar onde seu pulso bate, logo abaixo de sua pele delicada.

Quero enterrar minhas mãos em seus cabelos e meu pau em sua boceta apertada e quente até que ela se arqueie sob mim, indefesa e *minha*. Lutei, controlei, dominei e conquistei tantas pessoas antes dela, mas nada me preparou para *isso.* Para *ela.*

A mulher que quase devastou tudo o que construí e que colocou minha família inteira em risco.

Vou reivindicar aquela boceta doce e quente dela até que a lembrança do meu toque fique gravada nela.

Olho pela janela para a nossa propriedade. Derramei sangue, suor e lágrimas para manter esta casa em nome da minha família. Em *meu* nome. Quando eu ainda mal tinha passado da idade adulta, foi uma tarefa muito mais difícil do que eu esperava.

As pessoas sempre a chamaram de "A Casa de Campo", mas ela é tudo menos pequena e simples — mais parecida com uma fortaleza. Nossa casa grande e espaçosa, nos arredores de Moscou, combina o estilo antigo da antiga Rússia com toques modernos — altos muros de pedra, janelas amplas e portões de ferro intrincados que quase a fazem parecer uma cidadela. Por dentro, mantive tudo simples e funcional — meu escritório e a central de comando no primeiro andar são os únicos lugares onde concentrei minha atenção. Minhas irmãs, no entanto, trouxeram aconchego e conforto.

Yana me implorou para deixá-la decorar, insistindo que cada cômodo precisava de um toque do "seu charme único", como ela mesma dizia, com seu sorriso brincalhão desafiando qualquer um. Dei à minha irmã o que ela queria. Eu tinha para. Deu-me um grande prazer saber que meu pai se reviraria no túmulo em sinal de desaprovação.

Olho em direção ao meu quarto.

Quando tenho certeza de que Anissa está descansando, com a medicação a mantendo em um leve estado de sedação por enquanto, mas o esforço que ela fez a está deixando exausta, entro no corredor e encontro meus irmãos, que estão por perto. Eles estão ansiosos para me apoiar, como sempre, mas há um toque de medo em seus olhos sobre o que acontecerá em seguida. Olho para ela, a porta entreaberta.

Ninguém mais entrou nesta casa desde a morte dos nossos pais. Meu casamento — por mais informal que seja — muda tudo.

"Como ela recebeu a notícia?", Rodion me pergunta.

Dou de ombros e suspiro. "Ela tem muitas perguntas, mas até agora, tudo bem." Balanço a cabeça e mantenho a voz baixa, mesmo sabendo que ela não consegue me ouvir. "Tentei contar a ela o máximo da verdade que pude."

"Agora, irmão, não precisa mentir", Rodion sorri, visivelmente se deliciando com a minha situação. "Você definitivamente não contou a ela o máximo de verdade possível. Você pode ter contado a ela o máximo de verdade possível . " Ele bufa. "Eu deveria saber. Essa é a minha especialidade."

Eu resmungo. Ele não está mentindo.

"Acredito que o que você quis dizer é que contar a verdade criativamente é minha *única* tática", diz Semyon, dando um tapinha no ombro de Rodion.

Eu adoro esses babacas, mesmo que às vezes eu queira estrangulá-los.

"Quanto tempo você tem?", pergunta Semyon. "Tipo, e se ela acordar amanhã e se lembrar de quem ela é?"

"Não sei quanto tempo tenho. Posso ter meses, semanas ou dias." Enfio as mãos nos bolsos. "Mas parece que é muito raro que a memória de alguém volte rápido."

"Então, você precisa se concentrar em fazer com que essa mulher goste de você", diz Rodion com um sorriso torto que o faz parecer um gato com o rabo de um rato preso na pata.

Lanço-lhe um olhar fulminante. "Ela não precisa *gostar* de mim", digo, com desgosto. "Eu não saberia nada sobre isso de qualquer maneira."

Meus irmãos trocam olhares.

"O quê?" A frustração cresce no meu peito. Faço uma careta. "Por que diabos vocês estão se olhando desse jeito?"

Semyon suspira. "Ele não está errado, irmão. Pode ajudar, sabia?"

Penso nisso por um momento, sem responder. Ajuda com *o quê* ?

Rodion se inclina para a frente, sustentando meu olhar. "Você parece genuinamente perplexo. Quer dizer que, pela primeira vez na vida, eu realmente tenho a oportunidade de contar alguma coisa para o meu irmão mais velho? Imagine, depois de todos esses anos, depois de tudo o que você me ensinou, eu realmente sei algo que você não sabe?" Ele balança a cabeça e xinga.

Resmungo para ele e olho para trás, pela porta aberta, para onde minha noiva descansa. Ela estava bastante arrasada. E definitivamente preocupada com o que eu fiz com as pessoas que a agrediram.

Isso não é da conta dela. Nunca será. Ele foi imprudente, descuidado. Ele poderia tê-la matado. O babaca estava mexendo no celular em vez de olhar para a rua. E sim, ela não deveria. teria entrado no trânsito como ela fez, mas se ele estivesse prestando atenção, teria sido fácil desviar.

Daqui, consigo ver os espelhos com molduras douradas que Yana colocou, as cortinas de seda macia bem fechadas e as rosas que Zoya colocou ao lado da cama. Minha noiva descansa em um quarto tão bem decorado quanto o de uma rainha — mas com todas as fechaduras e guardas no lugar para mantê-la minha.

E se ela acordar e estiver desorientada? E se ela acordar e me procurar? Ou pior, e se ela acordar e se lembrar de quem é?

Será que ela vai tentar correr de novo? Quando eu me juntar a ela, a porta do nosso quarto estará trancada, assim como todas as outras saídas da casa, protegidas pelos meus homens. Eu imagino que, se ela acordasse e se lembrasse de quem era, não cometeria o erro de correr de novo, principalmente com a perna engessada e os outros ferimentos para levar em conta.

Rodion se inclina, claramente feliz por poder me dizer o que fazer pela primeira vez.

"Você tem duas opções aqui, Rafail. A cenoura ou o porrete. E acredite em mim, quando se trata de uma mulher bonita como ela, você quer pelo menos *começar* com a cenoura." Seus olhos brilham com um toque de desafio. Atrás dele,

Semyon ergue uma sobrancelha, silenciosamente me desafiando a mostrar moderação.

Cerro os punhos e estreito os olhos para Rodion. "Nunca mais faça um comentário sobre a aparência da minha esposa."

"Opa, desculpa", ele diz, erguendo as mãos. "Eu não quis dizer nada." Ele olha para Semyon, que o encara.

Sim, eu a chamava de minha esposa. Para todos os efeitos, é exatamente isso que ela é, seja isso oficial no papel ou não.

Rosno para ele, mas mantenho os olhos fixos nele. Talvez ele tenha algo a me ensinar.

"O bastão funcionou bem para *você* ."

Semyon dá uma risadinha. "Ele tem razão, irmão."

Meu irmão mais novo era um imprevisível, e alguns gostam de pensar que ele ainda é. Ele precisava de mão firme. Disciplina. Ele testou minha paciência como um filho da puta, mas eu continuei firme, e ele finalmente cresceu.

Agora, ele é um membro confiável e de pleno direito da nossa Bratva, mas não me esqueci de quem ele era. Talvez todos nós carreguemos um fio de quem fomos, não importa como evoluímos ou envelhecemos.

"Você deveria pelo menos considerar o que ele diz", sugere Semyon. "Você não sabe quanto tempo tem. E se ela se lembrar daqui a uma semana? Se ela ainda te odiar, você vai ter uma mulher que sabe que não é casada com você", diz ele num sussurro, "que *ainda* te odeia, que te escapou uma vez e sem dúvida tentaria escapar de novo."

"Tenho pelo menos oito semanas", respondo, olhando para ela, deitada na cama. "Ela está engessada."

Semyon arqueia as sobrancelhas e balança a cabeça. "Você está me dizendo que uma mulher ousada o suficiente para fugir do homem mais poderoso de Zalivka vai deixar uma coisinha como um gesso impedi-la?"

Resmungo novamente. "Você não precisa se apaixonar por uma mulher para que ela te respeite e te obedeça. Eu tenho regras. Ela vai segui-las." Lanço um olhar significativo para os dois. Eles aprenderam. Por que complicar as coisas?

"Jesus", diz Semyon, revirando os olhos. "Sinto-me como o castiçal, o relógio ou seja lá o que for em *A Bela e a Fera*, tentando dizer à Fera para se controlar . *" boas maneiras* ."

Rodion bufa. "Você é definitivamente o relógio. Ele é o nervoso."

Do que diabos eles estão falando? Balanço a cabeça e mando uma mensagem para Vadka.

O que você encontrou?

Muito. Briefing chegando na sua caixa de entrada em dez minutos. Dê uma olhada e depois conversamos.

Concordo com a cabeça e guardo o celular no bolso, olho para o quarto e meu coração salta na garganta. A cama está vazia.

"Que porra é essa?"

Semyon coloca a mão no meu braço. "Ela saiu da cama há dois minutos, quando você estava mandando mensagem para a Vadka. Ela foi mancando para o banheiro. Relaxa."

Relaxa. Jesus. Vou relaxar quando meu corpo for sepultado. Tenho muita coisa em jogo para *relaxar.*

Eu sabia que devia ter ficado ali. Meu Deus. E se ela cair? Ela não tem muletas.

"Jantar às seis", eu respondo bruscamente. "Não se atrase."

Ao chegar à porta do nosso quarto, ainda ouço Semyon resmungando do outro lado do corredor. "Jantar às seis, como se não o comêssemos todas as noites às seis há anos. Ele acha que vamos esquecer?"

Mostro o dedo do meio para ele sem me virar, pegando Rodion resmungando algo que não consigo ouvir direito. E daí se eu gosto de rotina? Estrutura. E daí se eu sinto que tudo está escapando pelos meus dedos e estou me agarrando aos poucos restos de controle que me restam?

Paro do lado de fora da porta, parando um momento para me recompor. O sol do fim da tarde se infiltra pelas janelas do corredor, projetando sombras compridas. Lá fora, os paisagistas terminam o gramado e, lá embaixo, o tilintar silencioso dos pratos me diz que Zoya está ocupada na cozinha. Ela implorou para cozinhar, e isso a mantém ocupada. Eu contrataria alguém sem pensar duas vezes, mas saber que Zoya está ocupada me acalma.

Lá dentro, minha noiva espera.

Minha noiva.

A mulher que me traiu. Não importa que ela não se lembre do que fez — suas escolhas colocaram minha família e meu legado em risco, e por isso, ela vai pagar. Semyon pode dizer o que quiser sobre como eu vou lidar com isso. Mas eu sei exatamente o que vou fazer. Ela saberá quem eu sou e com quem ela é casada. É só isso que importa.

Olho para os dois guardas parados do lado de fora da porta. Eles se endireitam imediatamente quando me aproximo.

"Como ela está?", pergunto, com a voz mais fria do que eu pretendia. Não quero que percebam o instinto de pânico que senti quando vi que ela estava fora da

cama.

"Ela está acordada, senhor", responde um deles.

Endireito os ombros, abrindo a porta, com a mente repleta dos avisos dos meus irmãos. Não vou cair na armadilha que eles acham. Esta mulher pode ser minha esposa, mas ela... Preciso entender o que acontece se ela me trair. Quando ela se lembrar do que fez — quando ela se lembrar de ter fugido de mim —, será que ela vai perceber o dano que causou?

Importará se ela fizer isso?

Antes de entrar, avisto Zoya no final do corredor. Hesitante no topo da escada, quando me olha nos olhos, ela se encolhe e recua.

Ela sabia como eu lidava com os outros — com severidade quando necessário. Eu tinha que lidar, havia muita coisa em jogo, muita coisa em risco. Nunca encostei a mão nela, mas mesmo assim ela se esquiva de mim como um gatinho assustado — e eu odeio isso.

Sempre mantive esta família unida, sem outra escolha a não ser controlar o caos, especialmente com meus irmãos. As meninas eram mais fáceis, mas todas precisavam de mim. Meu avô era meu guia e, em menor grau, meu tio. Vadka era minha caixa de ressonância e meu apoio. Houve lições difíceis. Eu tinha que ser o vilão. Não diria que gostei disso, mas se tivesse que fazer tudo de novo, não mudaria nada.

Estamos aqui. Seguros. Juntos. E farei praticamente qualquer coisa para que continue assim.

"O que foi?", pergunto, observando-a torcer as mãos, a paciência por um fio. Tento me controlar, mas quero ver minha esposa.

"Por que você está bravo, Rafail?", ela pergunta, com a voz quase sussurrando. Até o jeito como ela diz meu nome soa como uma repreensão gentil.

"Não estou com raiva." Mas é mentira, e eu nunca minto para Zoya. Então, solto um suspiro e balanço a cabeça. "Talvez eu esteja. Só não gosto dessas circunstâncias."

Ela engole em seco e puxa distraidamente a barra da blusa, um hábito que tem desde criança. Isso a faz parecer mais jovem. Vulnerável. "Eu também não. Quanto tempo você acha que isso vai durar?"

O que ela quer dizer com “isso”?

Olho por cima do ombro e vejo que Anissa ainda está no banheiro. Mesmo assim, não quero que ela ouça nada da nossa conversa.

"Não sei", digo a ela, tentando responder a todas as perguntas de uma vez, mas não consigo responder a nenhuma. Solto o ar, frustrada.

Não gosto do jeito como ela se encolhe quando eu franzo a testa. Minha raiva não é direcionada a ela. Eu faria *qualquer coisa* pelos meus irmãos e irmãs. Qualquer coisa.

Incluindo desempenhar o papel de marido de uma completa estranha.

"Você veio aqui para falar comigo. Era essa a sua pergunta?"

Zoya balança a cabeça e gagueja: "Não, não, eu fiz comida. Cozinhei um monte de coisas diferentes porque não sei do que ela gosta." Ela franze a testa adoravelmente. "Você gosta?"

Claro que não. Não sei quase nada sobre a mulher do outro lado daquela porta que compartilha meu futuro.

"Não." Nem sei se *ela* sabe do que gosta. Isso é frustrante. "Obrigada", digo com a voz rouca. Forçar minha voz a ficar suave é como arrancar dentes — anormal, como um rottweiler rolando para mostrar a barriga. Respiro fundo. "Obrigada por isso. Não vou obrigá-la a descer. Ela está com muita dor."

"Não, não, claro que não", diz Zoya. "Vou levar uma bandeja."

Balanço a cabeça. "Não, Zoya", respondo com firmeza. "Prepare e eu trago."

"Tudo bem", ela diz suavemente. "Obrigada."

Ela faz um aceno desajeitado com a cabeça antes de fugir, e isso me faz sentir um babaca. Ela é minha irmã, não minha serva. *Meu Deus* . Viro-me e encaro o quarto. E *ela é* minha prisioneira, não minha esposa.

Em que porra eu me meti?

Neste momento, toda Zalivka está falando da minha noiva. Todo mundo sabe que sou casado. E todo mundo sabe que houve um acidente, mas ninguém sabe o que aconteceu. Pretendo manter as coisas assim.

Certo de que os guardas estão a postos, decido descer e pegar a comida eu mesmo. Se Zoya decidir me desobedecer e carregar a maldita coisa, terei que repreendê-la, e odeio fazer isso. Então desço e experimento a comida enquanto ela a serve.

"Delicioso." Nem sinto o gosto, mas estou tentando. Putz, estou tentando.

"Só algumas coisinhas simples", diz ela baixinho. "Espero mesmo que ela goste. E você também, claro", gagueja, balançando a cabeça. "Mas você gosta de tudo o que eu faço, Rafail." Ela me dá um sorriso tímido. Num impulso, estendo a mão para ela e lhe dou um abraço rápido. Por mais que eu a repreenda para comer, ela só bica a comida como um passarinho, pequeno e frágil.

"Eu adoro tudo o que você faz. Obrigada por isso. Ela vai ficar muito feliz em ter você como irmã, Zoya."

Pego a bandeja, viro-me e subo as escadas. O cheiro de batatas assadas e torta de carne saborosa me faz salivar e meu estômago roncar. Gosto de uma boa refeição, mas não me lembro da última vez. vez que comi um. Foram uns dias de merda, com uma coisa atrás da outra.

Mas agora preciso desacelerar, algo que não faço muito bem. Preciso conhecer minha nova esposa. Como diabos eu faço isso?

Nunca precisei fazer conversa fiada ou ser pessoal. *Deus* ...

Essa ideia me deixa doente.

Não sei que porra esses caras estavam falando com a "fera", mas sinto muito pelo cara se foi isso que ele teve que passar.

Subo os degraus de dois em dois e, quando entro no quarto, ela acorda assustada. Não percebi que ela tinha voltado a dormir.

Seus olhos arregalados se voltam para mim, e ela se encolhe no sofá como uma presa sentindo a aproximação do predador. Quando vejo o hematoma em sua bochecha e o gesso em sua perna, a raiva ressurge. Ela fugiu de mim. Ela fugiu de *todos* nós. O carro, sua dor — tudo faz parte de um jogo que ela tentou jogar. Na vida que eu levo, ou você corre em direção ao perigo, ou ele te *encontra* .

Não me esqueci de que era de *mim* que ela estava fugindo. Era de *mim* que ela tentava escapar. A *culpa é minha* se ela foi atropelada.

E pela primeira vez, me pergunto: por que ela fugiu de mim? Nós nem nos conhecíamos. O que a levou a fazer isso?

"Trouxe comida para você." Ela se assusta ao ouvir a minha voz. Acho que é mais alta do que eu esperava. Ela ecoa pelo interior da sala. Aterrorizar todos ao meu redor parece a ordem do dia. Por que isso não traz a mesma satisfação que antes?

"Obrigada", ela diz em voz baixa. "Você sabe se preciso tomar analgésicos? Estou com muita dor."

Pouso a bandeja. "Deixa eu ver." Estou usando todo o meu autocontrole para manter a voz baixa e gentil. Entre ela e Zoya, praticamente tenho que me reinventar toda vez que me viro.

Dou uma olhada na pequena tabela de horários para ver quando ela vai precisar dos próximos remédios. Já estava quase na hora, mas ela ainda não precisa. Então, ela ainda precisa de uma dose forte.

"É", eu digo, olhando para as garrafas laranjas à nossa frente. "Você definitivamente precisa de mais." Coloco um pouco na palma da mão e entrego um copo d'água a ela. Ela o pega sem dizer uma palavra, e isso me atinge profundamente. Ela não tem escolha a não ser aceitar o que eu lhe entrego — os remédios, a comida... a verdade. O que eu lhe entrego é tudo o que ela sabe, tudo

o que ela consegue engolir. Ter a vida de alguém em suas mãos já é pesado o suficiente. Mas isso? Isso é outra coisa.

Passo a mão pelo cabelo, surpresa ao encontrá-lo úmido. Nem está quente aqui dentro — que diabos é isso? Nervosismo? Não fico nervosa. Sento-me ao lado dela.

"Foi um suspiro bem profundo", ela murmura, se mexendo enquanto tenta se levantar. Eu nem tinha percebido que suspirei. Inclinando-me para a frente, seguro-a pelos cotovelos, levantando-a para poder ajustar os travesseiros atrás das suas costas.

"Melhorar?"

"Muito. Cheira *tão* bem. Eu não tinha percebido o quanto estava morrendo de fome."

"Eu também não. Minha irmã cozinha muito bem."

Ela franze a testa, olhando para a comida. "Zoya?"

Concordo com a cabeça. "Você não gosta?"

Zoya nos ofereceu uma variedade tão grande que eu ficaria surpreso se não houvesse algo de que ela gostasse. Há uma tigela generosa de borscht com creme azedo por cima, pelmeni dourados recheados com carne saborosa e uma travessa de pirozhki, com o cheiro de massa recém-assada me dando água na boca. Até blinis, finos e delicados, com tigelas de mel, ficam ao lado dos pratos. No canto, há uma pequena panela cheia de biscoitos que Zoya assou recentemente. Uma garrafa de vinho completa o conjunto.

"Não, desculpe", ela diz suavemente. "Parece incrível. Eu só estava tentando lembrar se sei cozinhar. Você sabe? Eu *sei* ?"

Tento responder o máximo de coisas com a maior sinceridade possível. "Não. Lembre-se, nós não nos dávamos bem antes."

"Sim, é isso mesmo", ela diz.

Estendo a mão para pegar um guardanapo de um dos pratos, e ela se encolhe — algo com que eu já deveria estar acostumado. Todos que conheço têm medo de mim, até Zoya e Yana, minhas irmãs de sangue. Mas quando Anissa se encolhe, é diferente.

Mas talvez desta vez *tenha* que ser diferente.

"Você deve comer junto com esse medicamento. Não deve tomá-lo com o estômago vazio." Ela assente sem dizer nada. Pegando um garfo, ela pega a comida que eu lhe dou.

"Pense desta forma", digo a ela com uma tentativa de humor um tanto quanto sem graça. " *Tudo* é uma experiência nova."

Ela não sorri. Meu Deus, como ela é linda. Pele de porcelana, grandes olhos azuis emoldurados por cílios grossos e loiros, o cabelo tão claro que é quase branco, caindo em cascata pela lateral do ombro, escondendo as lacerações no braço.

"Essa é uma maneira de eu encarar a situação", diz ela com um sorrisinho. "Não sei muito sobre o que aconteceu comigo, mas não faz sentido que eu não tenha memória nenhuma, Rafail. Eu não deveria dizer isso", diz ela, balançando a cabeça. "Lembro-me de alguns rostos. E sei que alguns deles me são familiares." Franzindo a testa, ela olha para a bandeja. "Mas *você* é completamente desconhecido para mim. Assim como este quarto. Suas irmãs, seus irmãos... Sinto como se nunca tivesse conhecido nenhum de vocês antes."

Ignoro a onda de culpa que se revira no meu estômago.

"Você pensaria que eu me lembraria *de alguns* de vocês. Por que não me lembro de vocês?"

"Não sei", minto. Ela come rápido, como se só quisesse ter algo para fazer. Droga, não a culpo. Mas fico feliz em vê-la guardando tudo, uma mordida atrás da outra. Zoya vai ficar feliz.

Eu vivo pelo controle. Eu odiaria estar no lugar dela, sem saber quem eu sou e tendo que depender de outras pessoas para me dizer.

"Não sei exatamente como funciona a amnésia, mas sei que o médico disse para não forçar a memória. É só aceitar as coisas como elas vêm", digo, "e sei que é muito mais fácil falar do que fazer." Balanço a cabeça. "Eu odiaria estar nessa situação." Franzo a testa e admito: "Acho que não lidaria muito bem com isso."

Seu lindo rosto se abre num leve sorriso. "Sinto como se tivesse acabado de te conhecer, e já posso dizer com certeza que você não *lidaria* muito bem com uma perda de controle."

Resmungo em resposta, o que parece diverti-la.

"Bem, posso dizer uma coisa", diz ela, mudando de assunto. "Esta comida é deliciosa. *Pelmeni.* Incrível. Não posso dizer que nunca comi melhor, mas parece ser verdade. E eu definitivamente adoro doces." Ela me olha enquanto pega um mini biscoito de chocolate e o morde como se eu fosse repreendê-la por comer a sobremesa antes de terminar a refeição. Só me importa que ela esteja comendo.

Quando ela pega outro biscoito, sua manga se move, e eu vejo — uma marca escura e tênue em seu pulso. Uma tatuagem. Linhas curvas formam um símbolo intrincado, quase como uma corrente, não... uma cobra enrolada em uma flor? É delicado, quase escondido.

Por que isso não estava em minhas anotações?

"Eu sei o que é isso", diz ela, com um sorriso no rosto. "E sei que tem algo a ver com a minha família." Ela sorri, satisfeita consigo mesma. "Pronto. Vai *voltar* .

Só preciso ter paciência."

Ela coloca outro biscoito na boca. "Eu gosto de chocolate."

Por que eu não sabia sobre a tatuagem?

"Há mais alguma coisa que você se lembre sobre mim, Rafail?"

O tempo para por uma fração de segundo. Porra, mas eu adoro quando ela diz meu nome. Só de ouvir isso na voz linda e musical dela, meu pau fica duro. Eu me mexo desconfortavelmente. Eu quero essa mulher... a estranha quebrada que ela é. "Qualquer coisa?"

"Você foi corajoso", eu digo, surpreendendo até a mim mesmo.

"Corajosa?" Ela inclina a cabeça para o lado.

"Sim, você fez o que eu nunca fui capaz de fazer." Desvio o olhar. Eu não queria dizer isso. Algo sobre estar no a presença dessa mulher que supostamente é minha *esposa* me faz coisas estranhas e inesperadas.

Ela engole em seco, passando o dedo distraidamente pela tatuagem. "E o que é isso?"

Sustento o olhar dela e tomo um gole de vinho antes de continuar. "Entregar o controle a outra pessoa."

"Bem", diz ela, pensativa, com o olhar fixo no meu vinho. "Você não me deu muita escolha."

"Não houve muita escolha, não. Mas *foi* uma escolha."

Ela olha fixamente para o meu vinho. "Posso tomar um pouco?"

"Só um minuto." Pego meu celular e digito os nomes dos remédios que ela está tomando. Leio as contraindicações e balanço a cabeça. "Não, não com esses remédios que você está tomando." Coloco meu copo na mesa. "Não vou tomar nenhum se você não puder."

Ela me lança um olhar pensativo, mas não responde. Comemos em um silêncio quase amigável por longos minutos até que ela empurra a bandeja e se recosta nos travesseiros, exausta. Olho para a bandeja. Ela só deu uma mordiscada.

"Você disse que eu era corredora, mas tenho dificuldade em acreditar. Como é possível que eu fosse corredora e tentasse correr mais rápido que *você* , mas me esgotei comendo apenas comida suficiente para uma criança?" Ela franze a testa como se estivesse enojada com a própria falta de energia e resistência.

Contenho um rosnado. "Você tem razão. Você mal comeu a porção de comida de uma criança. Coma mais, Anissa. Você precisa se animar." Empurro a bandeja de volta para ela.

Ela cruza os braços e franze a testa. "Não estou com fome", diz ela com um tom de desafio.

"Você não comeu o suficiente para ganhar forças", insisto.

"Tudo bem", ela me responde rispidamente, pegando um segundo biscoito. "Outro biscoito. Que tal? Você vai ter uma esposa gostosa, sedentária, gorda e com uma bunda grande."

Franzo a testa para ela. "Continue assim e você será uma esposa com o bumbum *dolorido* ."

Ela abre a boca para protestar antes de fechá-la com força. Com as bochechas coradas, ela enfia outro biscoito na boca, outro blini e mais algumas mordidas na sopa.

"Boa menina." As palavras soam naturais, né? Ela me agrada quando faz o que eu mando.

Suas bochechas coram e ela desvia o olhar de mim. "Agora você vai ficar satisfeito?", ela suspira. "Fora isso, acho que tudo o que fiz *foi* me comportar. Meu Deus."

Seu olhar se demora na cama grande, encostada na parede. A camareira ajeitou cada canto do edredom e dos lençóis, a cama impecavelmente lisa. Imagino a mão dela agarrada aos lençóis, a maneira como vou enrolá-los em volta do seu corpo. Consigo me ver ajoelhada no chão e suas pernas em volta do meu pescoço...

"Bem, pelo menos *é* grande o suficiente", ela diz, como se não soubesse o que dizer.

Quase rio. "Sou um homem grande."

Ela me lança um olhar lento e preguiçoso que faz meu pau se mexer. "Eu notei."

Engulo em seco e empurro a bandeja para longe antes que ela franzisse a testa e virasse a cabeça para o outro lado. "Hum. Então. Pergunta. Nós...? Você sabe."

Porra. É aqui que a coisa fica complicada. Eu não pensei direito nisso. Se eu disser não, que ainda não a tomei, ela vai se perguntar por que estamos juntos há uma semana sem que eu reivindique o que é meu e consumamos nosso casamento. Qualquer homem na minha posição faria questão de que sua esposa soubesse a quem ela pertence.

É melhor que ela seja virgem, porra. A simples ideia das mãos de outro homem nela me causa uma fúria sombria. Eu caçaria qualquer bastardo que a tocasse. Ela é minha, quer se lembre disso ou não.

Decido arriscar. "Você me decepcionou, Anissa. Eu não esperava *esse* tipo de golpe no meu orgulho. Eu teria pensado que pelo menos a nossa noite de núpcias

teria sido memorável."

Ela é incrivelmente linda quando sorri para mim. Sua voz fica mais grave e ela me dá um sorrisinho tímido. "Bem, talvez quando eu melhorar... você tenha que refrescar minha memória."

Meu pulso acelera. Eu *quero* essa mulher. Toda ela. Odeio que ela tenha fugido de mim, mas, porra, farei da minha missão garantir que ela nunca mais faça isso — nunca mais *queira* .

Ela é minha.

"Conte com isso. Mas, por enquanto, vamos te situar. Você ainda tem um longo caminho a percorrer." Levanto-me e pego a bandeja de comida. Quando me viro para colocá-la na mesa, ela me faz outra pergunta.

"Eu tenho um emprego? Como vou me divertir? Não sei quem eu sou, qual é o meu papel aqui... o que eu faço?"

Não é muito complicado. "Eu fiz você largar o emprego quando se casou comigo."

Viro-me e vejo uma sombra cruzar seu rosto enquanto ela estreita o olhar para mim. "O que eu fiz?"

"Muitas coisas, nada de importante." Meu Deus, eu sou um babaca, mas pelo que li sobre ela, ela não tinha uma carreira, mas se envolveu em algumas áreas mais tranquilas dos negócios da família, algo que seu pai provavelmente achou que não a colocaria em risco.

"Vamos encontrar algo para você fazer. Talvez por enquanto, já que não queremos sobrecarregar seu cérebro, você possa assistir a um programa de TV ou ler livros."

Ela franze a testa e parece perplexa. "Posso ficar com o celular?"

Merda. Se ela pegar um celular, vai começar a procurar coisas. Fazer perguntas. Talvez ela reative uma lembrança... Preciso pensar rápido.

"O médico disse para não forçar o cérebro, e ficar olhando para uma tela com certeza vai fazer isso. Claro que você pode usar um celular", blefo, "só que não agora. Vamos esperar até sua recuperação melhorar."

Franzindo a testa, ela concorda. "Quero procurar meu nome. Quero me lembrar de quem eu era."

Pelo menos ela não está mentindo.

Sento-me mais ereta, com o olhar penetrante. "Isso não importa mais. Você é minha agora. Seu nome é Anissa Kopolova e você é casada comigo . O que quer que fôssemos antes do acidente, acabou. Estamos começando do zero." Inclino-me, com a voz baixa e inflexível. "Nos *meus* termos. Sua memória voltará com o

tempo, mas até lá, Tudo o que você precisa saber é que você me pertence. E de agora em diante, faça o que eu digo."

Ela me encara e franze os lábios, mas não responde.

Talvez meus irmãos estivessem certos.

Faço parecer que temos todo o tempo do mundo quando, na realidade, cada segundo que passamos juntos é uma bomba-relógio.

OceanofPDF.com

CapíTuLo 9

“ANISSA”

OLHO para a cama grande no centro do quarto. Perguntas me rondam, mas a mais urgente é: como dividir a cama com um estranho?

E como eu vou aceitar esse homem como meu *marido* ? Há uma intimidade implícita que não faz sentido para mim. Como posso ser próxima de um homem que mal conheço... um homem que, sinceramente, me assusta?

"Gostaria de falar com o médico amanhã", digo, pensativa. "Quero saber mais sobre essa amnésia. Sobre como posso recuperar minha memória."

Franzindo a testa antes de responder, ele finalmente concorda. "Vou ver o que posso fazer."

Sem dizer nada, observo-o caminhar até a cômoda feita de bordo escuro, desgastada, mas obviamente bem-feita. Combina com a cama e o criado-mudo, todos de madeira maciça.

Gostaria de saber se este era o quarto dos pais dele.

"Você disse que seus irmãos são adultos?"

Algo se move em seu rosto antes que ele responda sem olhar para mim. "Só que a Zoya ainda é menor de idade."

Observo-o, tentando manter o foco, mas sem conseguir esconder minha curiosidade desenfreada. Afinal, ele é meu marido. Aqueles músculos? Aquela pele bronzeada? Aqueles antebraços musculosos com veias visíveis, um punhado de pelos escuros e grossos, e mãos fortes e poderosas que quase consigo sentir por todo o meu corpo — *as minhas* ...

Engulo em seco. Abrindo a gaveta de cima, ele tira uma camiseta branca e uma cueca boxer. Mas então, suas mãos se movem para uma regata marfim e um short combinando — roupas femininas. Não as reconheço, mas me pergunto se são minhas.

“São… meus?”

Sem se dar ao trabalho de se virar, ele os joga de lado. "Não. Minhas irmãs acharam que você ia precisar deles." Vejo um canto dos lábios dele se curvar quando ele me lança um olhar de soslaio, seus olhos me perfurando. "Que fofura."

Olho fixamente, boquiaberta. "Como assim?", finalmente consigo perguntar.

"Você é minha esposa, Anissa." Seu tom é tenso, cortante e cheio de autoridade. "Vou te dar uma margem de manobra, sabendo que você não consegue se lembrar de muitas coisas, então deixe-me te lembrar." Quando ele se vira completamente para me olhar, quase engulo a língua. Meu Deus , é como olhar para o corpo de um deus vingativo — belo e terrível, capaz de destruição total e proteção implacável. Quando ele continua, não há um pingo de hesitação.

Ele me estuda e se aproxima. Sinto o peso do seu olhar, o calor do seu olhar, seu perfume masculino me dominando enquanto Ele se aproxima. Seus dedos percorrem meu pescoço, demorando-se com uma lentidão possessiva, quase punitiva, que faz meu pulso acelerar.

"Você me obedecerá, Anissa", ele murmura, com a voz grave e rouca. "E, em troca, eu lhe darei tudo. Segurança. Devoção. Uma vida onde nenhum mal lhe acontecerá. Tudo o que você precisa fazer é se submeter a mim. Aprenda seu lugar como minha esposa."

É isso, hein?

Ainda assim, uma emoção — inquietante, mas inegável — me percorre, envolvendo-me como um feitiço, um voto inquebrável, algo antigo e poderoso que nos une. Sinto-me meio hipnotizada em sua presença. Abro a boca para protestar, para resistir, para reivindicar uma parte da minha identidade, mas minha resistência vacila quando seu polegar desliza pelo meu queixo, erguendo meu rosto para encontrar seu olhar sombrio e severo.

"Você está me pedindo para me render a um homem de quem não me lembro", sussurro, com a voz trêmula, mesmo que uma parte de mim saiba, de alguma forma, que esse sempre foi o meu destino. De alguma forma, não consigo me lembrar do meu próprio nome, mas conheço a lei da Bratva.

"Não estou pedindo, Anissa", ele corrige, com um aperto firme e reverente. "Estou exigindo. Em troca, juro minha proteção absoluta. Protegerei você de qualquer coisa que tente machucá-la. Mas não sou um homem que compartilha ou que abre mão de um pingo de controle."

Algo dentro de mim se agita como uma lembrança esquecida, um sussurro de que, de alguma forma, esta é uma dança familiar — um teste de vontades, uma troca de poder que eu odeio e, de alguma forma, anseio.

“Você me entende, linda?”

Concordo com a cabeça. "Sim", sussurro, incapaz de resistir à necessidade de dizer sim, de vê-lo realmente cumprir suas promessas. "Sim."

Inclinando-se em minha direção, ele toma minha boca em um beijo castigador, com os dedos presos em meus cabelos. Sua língua lambe a minha, e minhas entranhas derretem em fogo líquido antes que ele se afaste.

Nossas testas se encontram. "Essa é a minha garota", ele sussurra, acalorado. "Boa garota." Sua mão acaricia minhas costas num gesto suave e possessivo, e eu tremo sob seu toque.

Então sua voz diminui, um tom áspero aparecendo em seu tom enquanto ele sussurra: " *Moya dyevochka... moya kharoshaya dyevochka* ."

Minha menina... minha boa menina.

Meu coração dispara com as palavras — graves e íntimas. Fecho os olhos enquanto seu louvor me envolve, me percorre, trazendo vida ao meu corpo cansado e despertando uma necessidade primitiva enquanto ele traça o contorno do meu maxilar. Seu olhar escurece. " *Ty prinadlezhish mnyeh.* "

Você pertence a mim.

Seus dedos erguem meu queixo, me forçando a sustentar seu olhar. "E isso significa que ninguém fica com um pedaço de você. Nem do seu coração. Nem da sua lealdade."

Mal consigo respirar, presa na intensidade do seu olhar e na promessa crua de suas palavras.

Concordo com a cabeça, com um leve toque de concordância, mas é o suficiente. Seu polegar roça minha bochecha, e vejo a satisfação cintilar em seus olhos enquanto ele repete, mais suavemente desta vez: " *Moya kharoshaya dyevochka* ".

Observo, quase hipnotizada, enquanto ele tira a camisa. Seus braços se levantam, o tecido desliza para cima para revelar suas costas nuas, tão Tão poderoso quanto eu imaginava. Minha primeira impressão foi certeira. Ele tem a constituição física de um guerreiro, com cicatrizes prateadas cruzando tinta escura nos ombros, costas e tronco — seu passado gravado na pele. Meu coração dói.

Essas marcas. Eu as conheço. Cada músculo, cada cicatriz, conta uma história de batalhas travadas e vencidas, de violência mal controlada. E eu percebo, com uma clareza brutal e de tirar o fôlego, que *eu sou* o seu próximo desafio.

O sinal de Bratva… como o meu.

Ele afiou seu corpo à perfeição, o que não é surpresa. É um homem que preza por uma autoridade firme — sobre o ambiente ao seu redor e sobre aqueles sob seus cuidados. Não deveria me surpreender, portanto, que ele exerça um controle rígido sobre o próprio corpo.

Não estou reclamando. Se eu tiver que dividir a cama e fazer votos com um homem que mal conheço, que seja um homem com *essa aparência* . Va *voom.*

Ele joga a camisa em direção ao banheiro, e ela cai no cesto de vime.

Engulo em seco e lambo os lábios. Tive a nítida impressão de que, por baixo daquelas roupas, ele escondia um corpo poderoso e sexy, e *não me* decepcionei.

Em seguida, ele desabotoa a calça jeans. O momento parece íntimo demais, privado demais para dois estranhos. Sim, no papel, somos casados. Pelo menos aquele anel de ouro no meu dedo diz isso, e ele também, mas parece que foi só hoje que descobri o nome dele.

Precisamos de semanas, talvez meses, antes de podermos sequer começar a entender o que significa conhecer-nos, mas o meu Os pensamentos rapidamente se misturam como sopa quando ele tira sua calça jeans desbotada.

Oh *meu Deus* .

Eu encaro, sem vergonha, como seus ombros largos se estreitam em um abdômen definido, acentuado por uma camada de pelos escuros e grossos e quadris poderosos que — ok, *tudo bem* .

Ufa. Engulo em seco e lambo os lábios novamente. Suas pernas são grossas, musculosas, sólidas e tão masculinas que me prendem a respiração. Olho para o meu próprio corpo — magro e pálido em comparação. Em forma, sim, mas muito menor. Mais delicado. Não poderíamos ser mais diferentes fisicamente.

Meu corpo reage instintivamente, atraído pela visão dele. Espero que ele vista o pijama, mas, em vez disso, ele se aproxima de mim, quase nu, exceto por aquela minúscula tira de tecido que ele chama de boxer. Parece totalmente inapropriado, mas a lógica me diz que realmente não é.

"Você não precisa usar nada para dormir." É impressão minha ou a voz dele ficou mais grave? Mais rouca? Mais masculina?

Meu Deus. De jeito nenhum vou deixar esse estranho me despir. "Estou bem", digo, em pânico. "Vou dormir com isso." Nós duas olhamos para o meu short de corrida e a camiseta amassada.

Sua carranca me faz tremer, endurecendo meus mamilos sob seu olhar intenso.

Então talvez *não* precisemos de semanas ou meses. Meu corpo já sabe o que fazer.

"Ora, que diabos você é. Eu sou seu marido, Anissa. Você vai fazer o que eu disser. E eu já expliquei que desobediência terá consequências."

Abro a boca para protestar, mas nenhuma palavra sai.

"Estou perdendo a paciência", ele diz num rosnado baixo. Uma pequena parte de mim está curiosa para saber o que acontece quando ele perde a paciência, mas a parte lógica percebe que não seria muito divertido. "Você não quer que isso aconteça."

Ou eu faria isso?

"Não me lembro de você. Nem me lembro *de mim* . Sinto-me estranha sendo despida por você."

Sua voz é baixa, rouca, autoritária. "Não dou a mínima se for estranho. Eu te dei uma ordem e espero ser obedecido."

Mais uma vez, meu queixo cai em choque, incapaz de responder. O que diabos eu vou fazer?

Minha libido me dá um toque de falsa bravata. "E se eu não quiser te obedecer?" Percebo pela tensão em seu maxilar e pelo corte de seus olhos que ele não gosta da minha resposta. Ele abre a boca como se fosse me atacar e então pensa duas vezes.

"Então você quer se despir", ele diz baixinho. Seu maxilar se firma enquanto seu olhar encontra o meu. Quero dar um passo para trás; quero me virar, mas me obrigo a encará-lo.

Tento me manter firme. "Preciso de um tempo para me sentir confortável em ficar nua na sua frente."

Seus olhos brilham. "Sou seu marido." As palavras pairam no ar entre nós, como se ele estivesse reivindicando seu direito.

"Exatamente. Eu não sou uma das suas irmãs por quem você está responsável. Eu sou sua *esposa* ."

Suas sobrancelhas se erguem em leve surpresa. Surpresa com as minhas palavras ou com a minha resistência às suas ordens? Talvez as duas coisas.

fortes, grandes e muito *capazes* se apoiam em seus quadris enquanto ele continua. "Eu respeito que você não tenha nenhuma lembrança do nosso mundo, mas deixe-me lembrá-la", diz ele em um tom baixo e comedido, "eu não tolero desobediência. Sim, das pessoas sob meu comando, incluindo meus irmãos. Mas principalmente da minha esposa. É meu trabalho protegê-la, e se você me desafiar, você tornará esse trabalho difícil ou quase impossível. Eu não aceito desobediência, Anissa."

Então talvez eu não queira descobrir o que ele fará.

"Não acho que seja muito bom você controlar a minha vida", digo defensivamente, mas sinto como se estivesse à beira de uma maré que varre a areia debaixo dos meus pés a cada puxão da ressaca.

Ele se inclina para a frente, sua presença sufocante, e afasta uma mecha de cabelo do meu rosto, quase — *quase* — com ternura. "Sou eu sendo paciente, pequena Anissa." Ele balança a cabeça. "Meu pequeno cisne. Não estou te ameaçando. Estou te dando graça."

Ele se inclina para a frente, seu hálito quente contra minha pele. "Daqui para frente, não haverá segundas chances. Se você tivesse se lembrado do seu lugar,

já estaria sobre os meus joelhos."

Meu pulso acelera.

"Você vai me deixar te despir, e isso não é uma pergunta. Você está exausta. Agora venha *aqui* ."

Meu coração bate loucamente no peito. Não posso culpar a medicação, não desta vez. Estar na presença de um homem como ele é aterrorizante. Emocionante. É o topo de uma montanha-russa antes de despencar para a quase morte. É encarar um predador mortal, olho no olho. É o brilho de uma chama que pode aquecer ou causar destruição total.

Claro que quero que alguém cuide de mim — sou apenas humano —, mas quero que seja alguém em quem eu realmente confie. Este homem ainda é um estranho.

"Quando você discorda de mim, talvez devesse escolher suas batalhas", diz ele, com a voz baixa e firme. Ele me disse que não me alertaria mais e, mesmo sendo um estranho, comecei a compilar uma pequena lista de coisas que sei sobre ele.

No topo da lista? Ele é um homem de palavra.

"Vou preparar um banho para você. Você está com um gesso à prova d'água. Pode tomar banho com o gesso, e eu até deixo você se lavar."

Engulo em seco. "Muito generoso da sua parte."

“Eu cuido muito bem do que é meu.”

Definitivamente verdade. Olho para a madeira antiga e polida. O estado imaculado do seu quarto. Suas roupas dobradas nas gavetas e o cesto de roupa suja encostado na parede. Observo seus irmãos, que estão sob seus cuidados desde que ele próprio mal passou da infância. Ele cuida muito bem do que lhe pertence, e isso me inclui. Posso não gostar, posso lutar contra isso, mas não há como negar o que está acontecendo aqui.

Sem dizer uma palavra, ele se inclina na minha direção. Seus dedos roçam a pele nua. Meus mamilos endurecem enquanto mais perguntas surgem.

Ele disse que já estivemos juntos antes. Ele estava falando a verdade?

Na névoa da ausência de memórias, parece que é a primeira vez que ele me toca.

Fecho os olhos contra a onda de sentimentos. Meu coração dispara no peito ao sentir suas mãos na minha pele. Ele demora, levantando Tiro a camiseta, suas palmas na minha pele nua, deixando um rastro de calor. Ele puxa meus cabelos sedosos, claros como seda de milho, contra sua pele áspera e escura. E quando minha blusa está completamente fora, ele roça meu ombro nu com a sugestão de um beijo. Eu tremo, e a pressão aumenta entre minhas pernas. Cada necessidade biológica do meu corpo grita por mais.

Apenas se renda.

Apenas acomode seu domínio e comando e deixe que ele me banhe como eu sei que ele quer.

É complicado tirar o short com gesso, mas ele o faz lenta e deliberadamente, e quando a palma da mão dele roça a curva da minha bunda, calor e pressão se acumulam entre as minhas pernas. Quero que ele me toque. Quero que *ele* assuma o controle.

Quando me sento na frente dele vestindo apenas um sutiã esportivo e uma calcinha de algodão preta e limpa, ele assobia.

" *Nossa*, você é linda."

Espera. Ele nunca me viu nua antes?

Olho para o meu corpo e engulo em seco. "Hum. Obrigada?"

Não consigo evitar o jeito como me encolho quando ele se senta ao meu lado e me puxa para o seu colo. "Você lutou comigo, mas seu corpo sabe o que realmente quer, não é, cisnezinho?"

Meu corpo vibra com uma onda de calor misturada com desejo.

Meu *Deus* . Minha respiração fica presa e meu coração dispara quando ele abaixa a cabeça, o hálito quente roçando minha pele. Ele acaricia o quadrado úmido de tecido entre minhas pernas, inalando o cheiro no alto das minhas coxas. Meu corpo pulsa de desejo, meus sentidos eletrificados.

Tremo contra o calor cru do seu corpo, fervendo contra o meu. O jeito como ele me inala, o jeito como me encara como se eu fosse a mulher mais linda do mundo. Ele diz que nos odiávamos, mas o jeito como me toca me diz o contrário.

Suas mãos, ainda roçando minha pele, me marcam com o calor do seu toque. Minha respiração falha instintivamente, me traindo. Não consigo resistir a ele — sei que não consigo — este estranho dominador que se diz meu marido é quem está no comando aqui, quem tem poder. Nem sei bem por que *deveria* resistir a ele, pois a necessidade primária supera a lógica.

E enquanto meu corpo vibra de desejo, ansiando pelo que temo e pelo que quero, qualquer protesto que eu possa ter começa a minguar. Seus olhos escurecem enquanto ele me observa, lentamente ancorando as mãos em meus quadris, seus polegares pressionando meus ossos do quadril, firmes o suficiente para marcá-los. Seus dedos parecem atiçadores em brasa enquanto percorrem minha pele. Ele me segura no lugar, seu olhar voraz em mim. Quando ele roça a pele nua das minhas coxas, eu me encolho, minha mente gritando para eu correr, para me afastar, mesmo enquanto meu corpo se arqueia contra ele.

Meus membros estão pesados, meu consentimento está turvo.

"Pare de lutar comigo", ele diz com a voz áspera, os lábios próximos à minha pele. Ele se curva e beija a parte superior da minha coxa, e meu corpo reage. "Você diz que não sabe quem você é... Mas *eu* sei."

Engulo em seco e lambo os lábios, tremendo. A diferença de poder entre nós dois é angustiante, aterrorizante, mas de alguma forma... estimulante. Sei que estou à beira daquele precipício, pronta para cair para a morte certa, e ainda assim... não me importo. Suas palavras pairam no ar, de alguma forma apertando o grilhão invisível que ele tem em volta do meu coração. Meu coração dispara, e abro a boca para protestar, mas tudo o que eu ia dizer morre em meus lábios. Eu não lembro quem eu sou e não tenho escolha a não ser aceitar isso.

Eu poderia afastá-lo.

Talvez?

Mas do jeito que ele olha para mim, ele é um lobo com olhos vorazes, e eu não sou nada além de sua presa.

Quem sou eu? Por que sinto como se tudo em mim estivesse preso a um estranho?

Ele inclina meu queixo, sua mão áspera marcando minha pele enquanto força meu olhar para o dele. "Você precisa confiar em mim. Eu sei que é difícil pedir isso quando você não me conhece, mas é a única opção, Anissa." Seu aperto aumenta um pouco, o suficiente para me lembrar do poder que ele tem sobre mim.

Confiar nele? Por um lado, parece quase lógico confiar em um homem com tanto poder e controle, mas e se ele estiver me manipulando? E se ele estiver mentindo? No entanto, algo se agita na resposta primitiva e perversa ao seu comando. Não é confiança, nem submissão, nem nada lógico, mas uma atração crua e visceral que dispensa explicação, como se meu corpo já tivesse aceitado o que minha mente se recusa a aceitar.

"Você quer que eu confie em você, e eu nem te conheço", digo em protesto.

Algo que lembra um sorriso surge em seus lábios. "Com o tempo, você vai conseguir. Não temos muitas estreias. Vamos aproveitar esta."

Ele me puxa para me levantar, e é a primeira vez que estou de pé na frente dele. Da última vez, ele me pegou no colo e me carregou, e não ficamos juntos. Desta vez, ele me segura para que eu não precise colocar peso no gesso, mas não há como superar o fato de que Ele se ergue sobre mim. O calor do seu toque queima o tecido fino das minhas roupas, e suas mãos deslizam pela minha cintura. Estremeço quando ele agarra minha bunda e a envolve possessivamente.

"Vou te dar um tempinho para se acostumar", diz ele como se estivesse me concedendo um favor, uma dádiva, com a voz enganosamente suave, mas com um toque de controle. Com dois dedos no meu queixo, ele levanta meu rosto e

pressiona seus lábios nos meus. Cada protesto se esvai, e meu corpo se inclina em sua direção. Minha mente fica confusa e meu corpo se aquece com ondas elétricas. Ele cheira a ar puro da montanha e a macho alfa puro, e o jeito como me toca não deixa dúvidas sobre o que planeja fazer comigo.

Este é um homem que tem controle, poder e conhece bem o meu corpo. Cada terminação nervosa do meu corpo está em chamas, e eu quero gritar por mais. Quero que ele me deite e me arrebate. Não preciso ter nem um resquício de memória para saber o que quero que ele faça, porque anseio por uma necessidade primitiva e visceral. Não precisa haver nada entre nós. Estou começando a me ressentir de ainda estar de calcinha e praticamente me esfregando nele quando ele me beija. Ele aperta minha bunda, me levanta e, por instinto, enrolo minha perna boa em volta do seu torso. Ele está segurando meu peso para não doer, se curva e me beija como se fosse meu dono.

Talvez sim. Não, talvez não... Ele *definitivamente* me possui. Minha boca se abre. Sua língua lambe a minha e minha boceta pulsa. Uma onda de calor surge entre minhas pernas. Estou doida por ele. Será que minha resposta a ele se deve a alguma memória muscular de prazer, ou será que sei que este é um homem que sabe o que fazer comigo? Eu gemo de prazer enquanto seus lábios continuam, sua língua pressionada contra a minha, e gemo quando ele se afasta.

"Vou te dar um tempo para se adaptar", ele murmura no meu ouvido, com a voz enganosamente suave, mas com um toque de controle inegável. "Minha boa e linda menina."

Engulo em seco enquanto ele me leva para o canto da sala, onde há um pufe grande e estofado ao lado do sofá.

"Sente-se", ele ordena, com a voz dura. Estou vulnerável, exposta e incapaz de desafiá-lo.

Então me sento. Seus olhos me percorrem com voracidade uma última vez antes de se virarem para o banheiro.

O som de água corrente logo preenche o ar, mas eu permaneço paralisada, minha mente uma névoa de desejo, confusão e medo. Uma parte de mim quer correr, escapar da presença sufocante, descobrir quem eu sou sem ser influenciada pelo seu toque e pela sua necessidade por mim. Encontrar um lugar seguro. Porque ele é tudo, *tudo* menos seguro.

Uma onda repentina de náusea me atinge e eu agarro a barriga. Não me lembro quem eu sou, mas sei de uma coisa: quando ele me toca, eu acordo. É assustador e emocionante ao mesmo tempo.

Sento-me em silêncio, ponderando minhas opções. Ele está preparando um banho para mim, isso está claro, mas será que confio nele o suficiente para ir até lá? Olho para a porta e depois para o meu reflexo no espelho do outro lado do quarto. Olho para a minha pele, pálida, nua, exceto pelo pedaço de calcinha, sutiã e meu cabelo loiro que cai em ondas pelo meu rosto e ombros. Meus olhos

azul-gelo estão arregalados de incerteza. E embora meu reflexo seja um tanto familiar, é assustador que eu nem reconheça a pessoa no espelho.

Embora eu não tenha ideia de quem eu sou, tenho certeza de um detalhe definitivo: Rafail Kopolov é um homem que não posso desobedecer ou contrariar.

"Seu banho está pronto. Venha aqui."

OceanofPDF.com

Capítulo 10

RAFAIL

Adoro o jeito como o corpo dela treme quando a toco. O jeito como ela se rende a mim, suave e dócil. Uma onda de instinto primitivo me atravessa. Ela não está mais lutando contra mim. Sua resistência se esvai.

Ela não cedeu, não completamente, e meus instintos me atacam. *Você sabe que ela não é sua esposa de verdade.*

Eu imagino a situação. Para todos os efeitos, ela é. Ela me foi dada. Ela é minha posse. E não vou inventar desculpas para o que eu fizer a seguir, porque eu sou dono dessa mulher.

A diferença entre ela e todas as outras mulheres que já toquei exige uma abordagem diferente. Sinto algo mais profundo, algo que me arranha os limites do meu controle e me faz querer arrebatá-la. Uma parte primitiva de mim quer agradá-la, ver seus lábios se abrirem enquanto ela grita de prazer. De alguma forma, essa seria minha maior vitória.

Então, mantenho minhas mãos firmes enquanto a toco, saboreando o jeito como sua pele roça na minha. Quando meus dedos roçam sua pele delicada, o calor de seu corpo aguça meus sentidos. Ela é pálida, macia, vulnerável. Meu pequeno cisne.

Admiro a curva da sua cintura, a coluna forte do seu pescoço, a sua pele pálida de porcelana. Olhos azuis arregalados emoldurados por cílios loiros e grossos. Há uma pequena covinha no seu queixo quando ela sorri timidamente para mim, mas agora, ela parece ser a Chapeuzinho Vermelho e eu o Lobo Mau.

Tudo nela me chama, e sei que não é só a minha imaginação, a forma como ela reage. Sua mente está presa na confusão, mas seu corpo sabe exatamente o que fazer. Não consigo evitar sentir um orgulho distorcido por isso.

Ela não se lembra, mas seu corpo sabe.

A culpa me faz parar, mas eu a enterro rapidamente porque também tenho necessidades, e a lógica me diz que ela me pertence. Não quero que ela tenha medo de mim, necessariamente, mas não posso abrir mão de todo o meu poder. Não agora. Nunca. Fraqueza te mata, porra. Já vi demais, perdi demais para me entregar à fraqueza agora. Mas algo me diz que ela é minha kriptonita.

Seus olhos encontram os meus enquanto a guio até o banho, o medo cru neles

sussurrando um apelo. *Não me machuque.*

Não farei promessas. Não posso.

Enquanto a puxo para mais perto de mim, o aroma de sua excitação, doce e sedutor, preenche o ar. Respiro fundo, purificando-me, completamente desconhecido para mim. Acalmando-me. Quando ela me olha com aqueles olhos azuis arregalados, o corpo ligeiramente trêmulo, sei que ela não está apenas com medo. Há mais do que isso.

"Linda", sussurro, com a voz roçando de desejo. Roço os nós dos dedos em sua bochecha, e ela estremece. Aprecio o jeito como sua pele cora sob meu toque. Meu pequeno cisne é frágil, e ainda assim... Há força ali, enterrada na confusão em seus olhos. Esta é uma mulher que fugiu de mim, agora dependente de um estranho.

Ela não conhece a própria força, ainda não. É quase ridículo que ela, de todas as pessoas — a minha vítima, minha posse — seja a única com força para me desafiar, e aqui está ela... dependente.

Mas ela é minha agora. Ela era antes, e é agora. Ninguém jamais a tocará. Ninguém mais a conhecerá. Ninguém mais sequer respirará o ar que ela respira. Ela está limpa, uma tela em branco, e eu tenho uma nova chance. Quando ela me lança um olhar, minhas mãos apertam seus quadris.

Tenho sido quase gentil até agora, mas exercitei praticamente todo o meu autocontrole. Quero que ela confie em mim, que me veja não apenas como um homem, mas como seu protetor. A ideia de ela fugir novamente me enche de uma raiva inegável.

Ninguém a merece além de mim.

O vapor sobe no ar vindo da banheira atrás de nós enquanto me inclino mais perto, meus lábios roçando sua orelha. "Você é minha", sussurro, uma afirmação e uma declaração. Sua respiração falha, seus olhos encontram os meus. Ela abre a boca como se fosse dizer algo e hesita, incerta. Inclino minha boca em direção à dela e beijo o que quer que ela fosse dizer.

Quanto menos se falar, melhor.

Preciso apagar qualquer vestígio de dúvida da mente dela e garantir que ela saiba exatamente a quem pertence. Meu polegar roça sobre sua clavícula enquanto a beijo repetidamente, saboreando o jeito como ela treme.

"Confie em mim", sussurro para ela, com a voz mais suave dessa vez, quase suplicante. Odeio demonstrar qualquer fraqueza por *não ser* vulnerável, mas aqui estou eu, crua, exposta. Preciso da confiança dela, da submissão dela. Talvez mais.

Ela não se afasta. Ajudo-a a tirar o sutiã e a calcinha e a levanto nos braços, com cuidado para não agravar seus ferimentos. Ela é leve nos meus braços e se

encaixa perfeitamente em mim. Enquanto a carrego para o banheiro, em direção à banheira, meu coração aperta. Me ancorando na minha nova realidade.

Eu a abaixo na água, o vapor a envolve. Ela não vai escapar de mim. Pelo menos não fisicamente. A dor é uma ferramenta, algo a ser usado quando necessário... Mas não agora. Agora ela precisa ser mimada; agora ela precisa saber que é preciosa para mim. Meu bem mais precioso. Ajoelho-me ao lado da banheira, meus dedos percorrendo a água, roçando sua pele uma vez. Duas vezes.

Meu pau dói. Pulsa. Meu maxilar se contrai. Controle. Preciso manter o controle. Mas ele está desaparecendo, aos poucos, a cada olhar que ela me lança, a cada respiração suave. A cada vez que nos tocamos.

" *Fraqueza te mata* ", meu tio me disse quando me tornei guardião dos meus irmãos e herdeiro do trono. "Nunca deixe ninguém tomar o seu poder." Mas eu quero protegê-la. Controlá-la.

Ela fecha os olhos e afunda ainda mais na água. Ela chega até o queixo. Por um breve momento, imagino o que aconteceria se ela escorregasse para baixo da borda, afundando no esquecimento. Imagino puxá-la para fora da água, insuflar-lhe vida.

O que diabos está acontecendo comigo?

Ela abre os olhos e um olhar de desafio cruza com o meu. "Bem, você vai se juntar a mim ou não?"

A tensão crepita no ar entre nós. Por um momento, não me mexo. Deixo as palavras se instalarem entre nós, um desafio e um convite. Seus olhos azuis brilhantes estão arregalados como se ela estivesse surpresa até a si mesma, mas firmes, esperando por mim — curiosidade tingida com um toque de desafio. Meu pequeno cisne me desafia a me aproximar, mesmo que devesse estar correndo. Ela me convida para o seu espaço, deixando de lado quaisquer medos que tenha.

"Isso é um desafio?" Minha voz é um rosnado baixo e profundo. Sustento seu olhar enquanto tiro minha boxer. O ar está denso e quente de vapor, e conforme me aproximo, seus olhos acompanham o movimento das minhas mãos. Achei que era uma idiotice ter essa banheira enorme aqui quando assumi este quarto.

O quarto dos meus pais ficava no primeiro andar — não o quarto principal, porque eles queriam ficar por perto enquanto nos criavam. Quando me tornei guardiã dos meus irmãos e dona desta casa, assumi a suíte principal, que estava vazia. Eu queria espaço. Este é um bom ponto de vista, principalmente com vista para o gramado da frente, com amplos espaços abertos para que eu possa ver à esquerda e à direita da propriedade. Agora, ter uma banheira como esta não parece um desperdício. Mesmo que nunca mais a usemos, valeu a pena só para ver o corpo nu dela submerso em suas profundezas.

Seus olhos acompanham o movimento das minhas mãos enquanto me apoio na

borda da banheira grande. O controle que tenho sobre ela com o menor movimento me faz sentir uma onda de calor. "Você está impaciente, cisnezinho?"

"Por que você me chama assim?", ela pergunta, lambendo os lábios. Ela ergue o queixo desafiadoramente, como se fosse corajosa, mas eu sei que ela está caindo. Percebo pela maneira como seus dedos roçam seu pescoço e pela forma como ela ofega por ar.

"Seu apelido. Você cresceu na Sibéria. Parecia apropriado."

"Sibéria", ela diz baixinho. "Eu me lembro disso." Porra. Não quero ativar a memória dela. Preciso que ela se alinhe comigo antes de fazer isso. A memória dela vai voltar, e não tenho ideia de como ou quando, mas preciso que ela seja leal a mim antes que isso aconteça. "Você é elegante como um cisne", digo baixinho, mudando de assunto. "Graciosa."

Entro na banheira e seus olhos continuam acompanhando cada movimento. Mergulho na água e, porra, é uma delícia. Não me lembro da última vez que tomei um banho. Estendo a mão para ela, meus nós dos dedos roçando seu queixo. Observo uma gota escorrer pelo meu dedo e cair em seu queixo. Silenciosamente, inclino seu rosto para cima para que ela tenha que me olhar nos olhos.

A pulsação em sua garganta acelera. Seu peito sobe e desce na água aquecida, mas ela não se encolhe. Não vejo medo em seus olhos como antes, mas agora algo mais — uma atração magnética, como se ela nem soubesse quem é, mas seu corpo sim. E isso lhe diz que ela quer mais. Observo enquanto um lampejo de algo sombrio, denso, soterrado sob camadas de confusão, passa. Ela quer entender, quer clareza, mas talvez uma parte dela se lembre de que não sou alguém em quem ela possa confiar. Quero que ela se concentre novamente em mim.

"Aqui em cima", digo com um pequeno rosnado. Ela se encolhe e seus olhos encontram os meus. O calor da banheira nos envolve enquanto me aproximo dela. Estendo a mão para ela e a puxo para perto de mim. Ela flutua facilmente na água quente e se aconchega no meu peito, o calor de... Sua pele junto à minha. Minha mão se estende sobre sua barriga, meu polegar roçando a parte inferior de seu seio, meu mindinho bem no pequeno V de sua boceta. Ela tem uma pequena área apertada e sem depilar. Esfrego meu polegar ao longo da borda e sinto a maciez de sua pele acetinada. Por baixo da superfície, ela é forte. Sinto seus músculos tensos sob minhas palmas, e ela não se afasta.

"Como está sua dor?", pergunto gentilmente em seu ouvido.

"Está lá, pulsando ao fundo. Mas tolerável", ela murmura.

"Deixe-me distraí-la disso", sussurro em seu ouvido.

Ela fecha os olhos e deixa a cabeça cair no meu ombro. "Fechado."

Meu pau pulsa embaixo da bunda dela.

Esfrego o polegar sobre o mamilo duro dela na água. Seguro os dois seios, pesando-os nas palmas e jogando água sobre eles. Coloco uma mão sob a bunda dela e a levanto para que os seios cheguem à superfície. Inclino-me e chupo um mamilo entre os dentes. Mordo-a de leve, e o jeito que ela geme — o som na pequena câmara — deixa meu pau duro pra caralho. Lambo e chupo, puxando o mamilo dela para o calor úmido da minha boca até que ela esteja gemendo, com a boca entreaberta, as bochechas coradas, e eu não acho que seja mais por causa do calor da água.

"Você não tem ideia do quanto eu queria isso", sussurro em seu ouvido. "Você lutou contra mim. Não me deixou mais te tocar. Fugiu de mim." Mordisquei sua orelha e puxei o lóbulo com os dentes. Ela ofegou, e minha voz ficou mais baixa. "Eu deveria te punir por isso."

Ela estremece, mesmo estando quente ali. "Eu deveria ter medo do seu castigo."

Deslizo minha boca por seu pescoço e lambo a água de sua pele. Seu pulso acelera sob meus lábios, seu corpo se contraindo contra o meu. Anseio por sua submissão, anseio por seu gosto. Anseio pela maneira como ela responde a mim, como se quisesse o que eu posso lhe dar, mesmo que sua mente a traia.

Agarro seu abdômen e deslizo a mão mais para baixo sobre a umidade quente de sua boceta, arrancando-lhe um suspiro suave. Aperto ainda mais meu abraço, mantendo-a perto de mim, suas costas contra meu peito e meu pau contra sua bunda. Sua respiração falha quando pressiono um dedo em seu clitóris latejante, apenas provocando, apenas roçando.

"Diga que você quer isso, porra", rosno em seu ouvido, minha voz como uma ordem. "Me convença a não te punir."

"Primeiro me diga qual seria essa punição", ela diz.

Caramba. Meu pulso acelera.

"Você sobre o meu joelho. Minha palma na sua bunda. Você, amarrada à minha cabeceira, nua, enquanto eu te provoco e te levo à beira do clímax. Você, usando meu esperma no pescoço, nas costas e nos seios enquanto eu me masturbo de novo e te faço assistir." Ela engole em seco, com os olhos arregalados, enquanto eu continuo. "Você, sentada na minha cara, chupando meu pau enquanto eu chicoteio sua bunda, provo seu creme e não deixo você gozar."

"Uhm. Isso parece muito mais atraente do que ficar trancada ou de castigo", ela diz com humor.

"Eu também posso fazer isso."

Ela realmente sorri ao ouvir isso, e sua risada enche o pequeno cômodo.

"Você quer isso. Admita." Minha voz é uma ordem sombria.

Quando ela não responde com palavras, seu corpo me diz tudo o que preciso saber. O jeito como ela se move, abrindo a vagina para mim, me convidando a tocá-la. Pressiono a ponta do dedo em seu clitóris pulsante novamente e o circulo. Sua cabeça recai sobre meu ombro e ela suspira satisfeita. Meu outro braço a envolve possessivamente pela cintura, segurando-a com força enquanto pressiono meus lábios contra sua garganta. Ela solta um gemido suave, e uma satisfação sombria e um desejo primitivo me invadem.

Ela está se rendendo a mim, mas é mais do que isso. Muito mais. Ela está *escolhendo* isso. Seu corpo sabe o que ela quer, mesmo que sua mente proteste, e ela está permitindo isso.

É uma pequena vitória, mas vou aceitá-la.

Meus dedos se fecham em volta dela, meu polegar roçando seus mamilos, um de cada vez. Contenho um gemido porque a maneira como ela responde é viciante. As pontas dos dedos dela se curvam contra minhas coxas, e ela tenta se controlar, mas está escorregando... escorregando sob meu feitiço, e ela não vai escapar. Desço meus dedos até o topo dela, passando água por ela, abanando-a. Sua respiração fica mais pesada, e seus quadris se movem contra os meus, pressionando-me. Meu pau está em sua entrada, quente, grosso e pronto. Meu controle está por um fio. Quero tomá-la e fodê-la até que ela esteja sem ossos e gritando meu nome.

"Diga que você quer isso", exijo em seu ouvido. "Porra, me diga, meu pequeno cisne."

"Não", ela diz, virando-se para longe de mim com um olhar provocador.

Uma faísca de excitação surge em meu peito. "Então você quer *mesmo* o castigo que prometi?"

Ela dá de ombros, sem se comprometer. É claro que sim, porra.

"Garotas más não sentem prazer, cisnezinho. Só as boas sentem."

"Ah, droga. Serei uma boa menina para você", diz ela com uma voz que derrete cada parte gelada do meu coração. É tudo o que preciso. Viro sua cabeça e capturo sua boca com a minha, engolindo cada som, lambendo sua língua enquanto enfio meus dedos fundo em sua boceta escorregadia.

Eu empurro, pressionando seu clitóris com meu polegar, e empurro novamente.

Ela geme na minha boca, e eu engulo. Seus quadris se erguem e eu a acaricio novamente. Eu a levo ao limite até que ela esteja rolando, implorando, e então eu abro suas coxas e deslizo meu pau em sua entrada escorregadia e quente. Ela é tão apertada. Uma virgem.

Cristo.

"Meu Deus", ela sussurra. Eu me contenho para não machucá-la enquanto a

penetro novamente, lentamente, a água quente batendo em seu peito nu e no meu. "Meu Deus."

"Não tem como me abandonar agora, quer você se lembre de quem é ou não, Anissa", digo em seu ouvido, minha mão parada sobre seu clitóris. Meu pau balança dentro dela.

Ela assente. "Eu sei", sussurra com um gemido. "Não vou."

Empurro novamente, e sua cabeça cai para trás em puro êxtase. Ela geme, se contorcendo, a água batendo em ondas contra seus seios e queixo nus enquanto meu prazer eclipsa tudo. Xingo e empurro, reivindicando-a. Derramo-me dentro dela, ordenhando as paredes apertadas de sua vagina enquanto ela atinge o clímax com abandono. Meus sentidos se afogam em prazer enquanto a seguro em cima de mim, investindo em seu canal quente com estocadas impetuosas.

"Sim", ela suspira, aguardando o orgasmo. " *Sim* ."

"Boa menina", sussurro em seu ouvido. "Isso mesmo, querida. Renda-se. Confesse que você é minha. Deixe-me saber quem é seu dono."

Sua resposta é ofegante, engasgada, a voz carregada de desejo. "Você", ela suspira, embriagada de prazer e incapaz de protestar. "Eu pertenço a você. *Sua* ."

Eu a seguro perto de mim.

Meu plano está funcionando.

Só que eu não sei o que vai acontecer quando ela se lembrar.

OceanofPDF.com

Capítulo 11

"ANISSA"

Eu me mexo no sono, em algum lugar preso entre a realidade e um estado de consciência drogado.

Há... uma mulher nos meus sonhos. Uma mulher com cabelos grisalhos e olhos gentis, e meu coração dói porque *eu a conheço* .

"Mãe?", eu quero dizer, mas isso não parece certo; tem algo errado com isso.

"Onde você está, Polina?" Ela torce as mãos e chora. Há um homem — não, há *vários* homens, sem rosto, mas não exatamente estranhos, ali com ela, confortando-a. São familiares, mas eu não conseguia nomeá-los. Não conseguia me lembrar de onde.

Meu coração dói. Tento alcançá-la e abro a boca para falar, mas nada sai. Tento, desesperada, me comunicar com ela enquanto ela se afasta cada vez mais de mim. Não consigo ver como ela está se afastando, então sou incapaz de alcançá-la ou trazê-la de volta até que ela esteja de costas para mim. Quanto mais ela se afasta, mais eu tento chamar sua atenção.

"Estou aqui", quero dizer, o que não faz sentido para mim, mesmo no meu sonho, porque... meu nome não é Polina. Meu nome é Anissa. Não tenho mãe. E quem são os estranhos?

Meio acordada, sinto braços fortes ao meu redor, quentes, reconfortantes. Restritivos. Grito e me debato, mas não adianta. Abro os olhos e sento, ofegante.

Viro-me para Rafail... meu marido. Ele me abraça. "Você está bem", diz ele, e mesmo que pareça estar tentando me acalmar, a preocupação transparece em seu rosto. "Eu te peguei. Foi só um sonho. Só um sonho."

É assustador acordar de um sonho e perceber que você está vivendo um pesadelo. "Está tudo bem", ele diz, com a voz mais suave dessa vez.

Eu me lembro repetidamente... Meu marido. Este é meu marido. Casei com ele e uso a aliança dele. Ainda não me lembro.

Há algum conforto em pelo menos saber quem ele é. *Este é meu marido.* Estou começando a conhecê-lo e estou segura. Estou bem.

Tudo bem, eu consigo . Só como teste, empurro um dos braços dele, que está em volta de mim, até que ele me solte. Ele só está tentando me confortar, não me

conter.

Desta vez.

Mesmo assim, meu coração está batendo tão rápido que me sinto um pouco enjoado.

Sento-me na cama e olho ao redor do quarto. "Foi só um sonho", repito.

Fizemos sexo na primeira noite, nós dois, e já se passaram alguns dias desde então. Ele me tocou, conversou comigo, mas principalmente trabalhou esforçando-me para garantir que ninguém me incomodasse para que eu pudesse “descansar” e “me recuperar”.

Não vou chamar isso *de fazer amor,* porque não o conheço bem o suficiente para chamar isso de algo próximo disso. Há algo no jeito como ele me tocou, no jeito como ele me beijou, que falou mais comigo do que suas palavras ásperas e olhares raivosos.

Este homem, que ainda é praticamente um estranho para mim, é um amante. Ele conhece bem o meu corpo, e eu definitivamente gostei da novidade de estar com ele. Foi bom me perder nele por um tempinho.

"O que está acontecendo?", ele pergunta num murmúrio baixo e rouco. "Quer conversar sobre isso? Foi um... pesadelo ou algo assim?", ele pergunta. Há uma pequena ruga entre suas sobrancelhas que revela o quanto ele se esforça para ser gentil. Ele está preocupado comigo. Dê uma espada a Rafail Kopolov e diga a ele para matar seus dragões, e ele o fará sem hesitar. Peça a ele para falar sobre emoções, e ele estará terrivelmente fora de seu elemento.

Posso não saber quem eu sou, mas estou começando a saber quem *ele* é.

"Foi", digo baixinho, desviando o olhar porque ainda estou tentando processar a memória do que aconteceu. "Havia uma mulher... uma mulher mais velha, alguém que poderia ter sido minha mãe. Mas você me disse que eu não tenho mãe."

"Você não", ele diz baixinho. Não há sinal de mentira.

"Ela me chamou de Polina." Olho para o rosto dele em busca de algum sinal de reconhecimento, mas ou ele é um ótimo mentiroso, ou o nome também lhe é desconhecido.

"Nunca ouvi esse nome antes", diz ele. "Quer dizer, não conheço ninguém que use esse nome."

Abro a boca para contar, mas algo me impede. Desvio o olhar.

Estou vulnerável, totalmente aberta e à sua mercê.

Quem é Polina?

Talvez eu precise guardar algumas coisas para mim. Talvez...

O dedo dele embaixo do meu queixo chama minha atenção. Desvio o olhar para ele enquanto ele segura meu queixo. "Você parecia que ia falar e então parou. O que foi?"

"O nome não me era estranho, Rafail. Parecia... que combinava."

Ele me encara e acena com a cabeça, perplexo. "Esse não é o seu nome. Eu sei que esses tipos de medicamentos podem realmente destruir os sonhos. Vou pedir ao médico para te receitar outra coisa hoje à noite." Ele franze a testa. "Como está o seu nível de dor?" Ele está ansioso por respostas, algo tangível.

Um dragão para matar.

"Administrado", digo baixinho, porque está muito melhor do que antes. Suspiro. Sinto-me como uma daquelas pessoas em um filme, dotada de uma visão e determinada a fazer os outros verem o que eles não conseguem. A qualquer momento, ele vai medir minha temperatura para ver se estou delirando.

Silenciosamente, pensativo, ele me puxa para perto dele e me segura contra seu peito, então envolve um braço em volta de mim timidamente, como se soubesse que é algo que deve fazer, mas não sabe bem como.

Deixei que ele me confortasse. Parece uma escolha.

No silêncio suave do amanhecer, a lembrança do sonho se esvai até se tornar apenas isso... uma lembrança distante. Um sonho que esquecerei. Espero que sim, porque só me deixa nervoso, como o medo de esquecer algo importante em excesso. Esqueci *tudo o* que é importante.

Tento voltar a dormir, mas depois da injeção de adrenalina e das lembranças, estou bem acordada. Penso com os olhos fechados. Então, abro-os e encaro o teto. Aprecio o peso reconfortante do braço dele sobre mim, mas não consigo dizer se ele está dormindo ou não. Tento dar uma olhada — os olhos dele estão fechados, mas ele pode estar acordado. Estendo a mão, agarro um dos pelinhos do seu peito e dou um puxãozinho. Seus olhos se abrem de repente.

"Que porra é essa?"

"Desculpe", digo, tentando conter o riso. "Eu não sabia se você estava dormindo ou não."

"Se eu estivesse, estaria bem acordado agora", diz ele. Sua voz ainda está rouca e sonolenta. É sexy pra caramba.

"Desculpe", repito. "Descanse um pouco. Preciso levantar."

Ele grunhe e fecha os olhos.

Uma vontade inegável de correr me invade. Corro de manhã cedo. Preciso disso. Sei disso agora. Impossível com esse gesso, mas vou conseguir de novo. Fiquei

confinado neste quarto, nesta cama, e estou pronto para sair daqui.

Polina — é a única coisa da minha memória que não consigo esquecer. Um nome. É meu. De alguma forma, o nome Polina me é mais familiar do que Anissa. É como resolver um enigma, e a resposta está além do meu alcance. Rafail parece tão sem noção quanto eu, pelo menos quando se trata do meu nome. De vez em quando, eu... uma dica de que ele está escondendo algo de mim, mas agora, ele parece genuinamente confuso.

Enquanto estou parada contra ele, observando a luz filtrar através das cortinas transparentes, meus pensamentos estão confusos e embaralhados.

Polina .

O nome permanece em minha mente, grudado na lembrança de algo que não consigo afastar. A mulher mais velha... suas lágrimas, seu rosto aflito... ela *parecia* familiar, como alguém que eu reconheceria. Mas quem? Não tinha idade para ser avó, mas a maneira desesperada como ela chamava meu nome... ela não me parecia uma estranha.

Levanto-me da cama em silêncio, grata por não sentir tanta dor quanto antes. Talvez ele estivesse certo sobre a medicação. Quando olho para ele, um dos braços dele está sobre a testa, e ele ronca baixinho. Sinto vontade de correr de novo. Quero escapar dos limites deste quarto. Da confusão. Mas hesito. Não sei quem sou, nem onde estou, e é perigoso lá fora.

Mesmo assim, preciso de ar e espaço para pensar. Visto um moletom folgado com calças largas que servem sobre o gesso e uma camiseta. Olho ao redor do quarto. Agora que estou vestida, não sei o que fazer comigo mesma. Preciso de um maldito par de muletas.

"Onde você pensa que vai?"

Eu não deveria ficar surpreso com a facilidade com que ele acorda.

Viro-me e vejo Rafail sentado, com o olhar fixo no meu e aquela carranca perpétua no rosto. Embora sua voz esteja calma como sempre, há um tom instável nela.

"Vou só lá fora", digo, tentando soar despreocupada, como se não fosse grande coisa e eu não estivesse tentando escapar do sufocamento deste quarto. "Quero ar fresco."

"Como? Você não tem muletas."

“Eu consigo mancar por aí.”

"Você *não* vai ficar mancando lá fora", diz ele com firmeza, balançando as pernas para fora da cama antes de se levantar. "De jeito nenhum."

Cruzo os braços, a rebeldia borbulhando dentro de mim. "Por que não? Preciso

de ar fresco. Preciso clarear a mente."

Felizmente para *ele,* ele consegue usar as duas pernas, então ele rapidamente encurta a distância entre nós. Enquanto meu coração bate mais rápido, eu me seguro em uma cômoda para me equilibrar. "Não é seguro lá fora."

Agora é a minha vez de franzir a testa. "O que eu sou, Rapunzel?"

Ele me *encara* e não responde.

Levanto as mãos. "Onde é seguro, então?"

Observo enquanto ele aponta o dedo para o peito. "Comigo . "

A tristeza me invade enquanto olho ao redor da sala. É uma prisão aqui dentro.

"O que há de tão perigoso lá fora?", pergunto, e tento ser corajosa, mas minha voz treme um pouco. Do lado de fora da janela, o sol começa a nascer, uma luz brilhante iluminando os limites da propriedade. E que propriedade, pelo menos pelo que vejo daqui.

Há esperança no ar, promessa, e então eu sei por que gosto do amanhecer. Olho pela janela aberta como um pássaro na gaiola, perscrutando a liberdade e as possibilidades. Engulo em seco, minhas emoções instáveis e imprevisíveis. Já é difícil o suficiente não saber quem eu sou. Mais difícil ainda é não saber quando ou como terei liberdade novamente.

"Você fará o que eu digo, Anissa."

Suspiro e não respondo enquanto ele continua. "Eu tenho inimigos, e você também. Por enquanto, estamos mantendo distância. Você tem muito o que fazer por aqui. Você não conhece ninguém nesta casa e, antes do acidente, tinha um trabalho para fazer para mim."

Sinto o calor dele atrás de mim enquanto ele se aproxima, mas ele não me toca. Ainda não. "O que você faz?", pergunto. "Você disse que é da Bratva."

Então eu os vejo. Rostos familiares flutuando na minha mente. Um com tatuagens na parte interna do braço, outro homem tão grande que ocupa uma porta. Eu contorço a cara, tento evocar detalhes mais vívidos, mas tudo desaparece tão rápido quanto surgiu. Um lampejo de memória, então.

Eu quero chorar.

"É", ele diz atrás de mim. Ouço o som estridente e revelador de gavetas se abrindo. "Minhas operações abrangem muitas coisas. Mercado negro. Drogas. Temos algumas casas noturnas e muitos imóveis por toda a Rússia, não apenas em Moscou."

“E Zalivka?”

“Nos nossos bolsos.”

Concordo com a cabeça. "E a América?"

“Também temos propriedades na América, sim, mas prefiro ficar aqui na Rússia.”

Certo. Concordo com a cabeça. Ele administra propriedades, clubes e atividades ilegais que enchem os bolsos da família.

Respiro fundo. O aroma de canela e café paira no ar, e meu estômago ronca. Alguém acordou.

Engulo em seco, olhando pela janela da minha gaiola dourada. Dentro deste quarto bem equipado, tenho tudo o que poderia desejar. É uma suíte digna de uma rainha. Quase me sinto egoísta pedindo mais, mas é normal e natural desejar liberdade, amigos... família.

Deixei meu olhar vagar para fora. Um muro de pinheiros altos e robustos, tão confiáveis e impenetráveis quanto ele, ladeia a propriedade.

Mantenho a cabeça erguida e fico de pé, apoiando-me no parapeito da janela. "Você disse que sou sua esposa. Então talvez seja a hora de me tratar assim." Viro-me para encará-lo. "Quero sair deste quarto. De muletas. Uma consulta com o médico para poder tirar minhas dúvidas." Engulo em seco. "Quero conhecer sua família."

Uma sombra cruza seu rosto antes que ele responda.

"Sempre há uma ameaça, Anissa", diz ele. "Não vou deixar você ir direto para o perigo. Você não precisa trabalhar, mas eu já aceitei que você queira."

Ele está sem camisa e é muito sexy enquanto se aproxima de mim.

Eu me afasto dele, franzo a boca e olho para as árvores perenes. "Muito generoso da sua parte", murmuro. "Caramba. Já cansei de..." Arfo quando a palma da mão dele bate na minha bunda. Me viro, com as bochechas em chamas.

"Ei! Você não pode fazer isso!"

"Acabei de fazer isso. Não me provoque, senão não vou fazer."

"Ah, é só isso?" pergunto enquanto seus olhos brilham para mim.

“Não. Definitivamente não.”

Faço uma careta para ele e abro a boca para argumentar — para dizer que ele não tem o direito de me dizer o que fazer, mas algo em sua expressão me impede.

Essa... mandona... já vivi isso antes. Essa sensação de aprisionamento... também não é estranha.

Quem mais me fez sentir assim? Foi ele? Ou outra pessoa? Não sei.

Cruzo os braços sobre o peito, mesmo com o calor subindo pela minha barriga, e sinto uma atração estranha, embora enlouquecedora, pelo seu domínio. "Só para você saber, quando eu ficar mais forte? *Não estarei* indefesa."

"Eu sei", diz ele, com um tom mais suave, mas ainda rígido. "Mas até sabermos mais, você vai ficar aqui, onde eu posso te manter segura."

Isso me parece familiar... a mesma história, só que em um dia diferente. Cada reação, cada sentimento... já senti tudo isso antes.

Os cheiros deliciosos que vêm da cozinha me dão água na boca. Minha barriga revira. Estou com fome. "Posso tomar café da manhã ou devo esperar até você me dar comida na boca?"

Por que esse olhar estreito me faz tremer?

"Cuidado, linda", ele diz, balançando a cabeça. "Você sabe o que eu disse sobre desrespeito." Eu viro a cabeça para disfarçar a sensação do sangue correndo nos meus ouvidos.

"É, vamos descer e tomar café da manhã. Eu te ajudo a subir as escadas e pego um par de muletas. É alguma coisa."

Dou um pulo ao som de uma batida na porta. Minha frustração aumenta quando ele se vira para ela.

"Entre", Rafail grita num tom que faria qualquer um se encolher. A porta se abre e um de seus irmãos — Semyon? — aparece sem jeito no corredor. Ele é alto e magro, parece muito com Rafail, mas um pouco mais novo, com a barba um pouco mais rala. Não acho que ele seja muito mais velho do que eu.

"Preciso falar com você", ele começa, mas Rafail o interrompe.

"Agora não." Ele passa a mão pelos cabelos, a paciência se esgotando. "Estou ocupado."

O irmão dele franze a testa, os olhos se voltando para mim e depois para o irmão. "É sobre os carregamentos. Você me disse para ficar de olho neles."

"Eu disse que não agora", Rafail retruca, com a voz cortante como um chicote. Seu irmão se encolhe visivelmente. "Pare de fazer perguntas e vá embora. Falo com você no café da manhã." Ele gesticula com raiva para a porta.

A aspereza em seu tom me pega de surpresa, mas seu irmão não parece surpreso. Sua boca abre e fecha como se estivesse tentando encontrar as palavras certas, mas soubesse que não deveria contrariar a fera.

"Rafail", arrisco. "Estamos descendo para tomar café da manhã. Você provavelmente vai ter que vestir uma camiseta ou algo assim", acrescento, olhando para o seu peito nu. "Talvez você devesse deixá-lo falar."

Rafail me olha com os olhos semicerrados, o maxilar cerrado, mas depois de um

instante, recua e olha para o irmão. Virando-lhe as costas, abre uma gaveta e pega uma camiseta branca. "Tudo bem. Rápido."

O irmão dele me encara, o queixo caído. Sorrio para ele. "Com o que você precisa de ajuda?"

Ele fala às pressas, certificando-se de que consegue dizer tudo antes que Rafail o interrompa impacientemente. "Deveríamos receber trinta caixas. Fornecedor habitual. Mas só vinte apareceram, e há algo de estranho no que chegou. Os selos nas caixas não correspondem ao manifesto, e metade dos suprimentos é de outro fabricante."

"Filho da puta", Rafail murmura, vestindo a camisa. Seu olhar escurece enquanto ele pensa no assunto.

"O que você acha que eu—" seu irmão começa, mas eu o interrompo com um aceno brusco de cabeça.

"Eu te dei uma chance de falar com ele. Não abuse da sorte. Parece uma boa pedida, mas tenho certeza de que seu irmão consegue lidar com isso daqui."

Semyon pisca, surpreso. Gesticulo em direção à porta, um comando silencioso para que ele saia por onde veio. O que ele pensa que isso é, uma democracia? Ainda estou conhecendo Rafail, mas até eu consigo ver o fogo crescendo em seus olhos, espiralando como um dragão pronto para estalar as mandíbulas e queimá-lo em pedaços com seu hálito de fogo.

"Minha esposa tem razão", diz ele com uma voz de dragão. "Agora, caia fora daqui."

"Mas...", continua o irmão. Eu realmente me encolho. Só consigo protegê-lo até certo ponto.

"Eu disse que vou cuidar disso", Rafail grita, e finalmente, graças a Deus, Semyon foge quando Rafail dá um passo em sua direção, seu corpo tenso com uma energia mal controlada.

"Continue com o bom trabalho!" grito para Semyon porque sinto que preciso protegê-lo ou algo assim.

Volto-me para Rafail, que me encara com uma mistura de frustração e algo mais no rosto. "O quê? Você sempre fala com eles assim?"

Em algum lugar no fundo da minha mente, sinto que é familiar... ter irmãos. *Irmãos* ... às vezes rudes uns com os outros, mas leais até a medula. Tudo isso também é familiar — uma dança que eu já dancei. uma vez antes e talvez ainda saiba os passos — como se fosse de outra vida.

Seu rosnado baixo não me surpreende, mas me chama a atenção. "Não faça isso de novo."

"Agora, escuta", eu digo, encarando-o de frente. "Não vou ficar parada e deixar você intimidar todo mundo até a submissão. Não é assim que funciona, não se você quer que eu realmente goste de você."

"Intimidar todo mundo?", ele diz, como se estivesse chocado por eu tê-lo acusado de tal coisa.

Percebo um brilho nos olhos dele, mas há algo por baixo da superfície que me diz que toquei num ponto sensível, que estou pisando em areia movediça e, um passo adiante, talvez eu não consiga me soltar.

Ah bem.

"É", continuo. Sinto *meus* olhos dançando para ele. "Assédio moral. Você já tentou comigo, mas, felizmente, eu... meio que gosto quando você fica todo mandão. *Às vezes* ."

O que ? Por que transformei isso em flerte?

Ele encosta no meu rosto, seu hálito quente no meu queixo. Quase consigo ver fogo dançando em seus olhos. Levo a mão ao seu rosto, adorando a forma como a barba por fazer ficou um pouco mais grossa. Eu tremo. *Que delícia.*

"Eu detalhei como é um castigo, Anissa. Talvez eu tenha mudado de ideia sobre descer para tomar café da manhã." Ele me pega pela mão e, em um movimento rápido, me levanta nos braços, marcha até a cama e me joga lá embaixo.

"Rafail..." Vou protestar, mas no minuto seguinte meus pulsos estão amarrados à minha frente com cetim branco. *Meu Deus* . "O que você está fazendo?"

"Te ensinando o seu lugar", ele retruca, me virando para me dar um tapa forte na bunda antes de ir embora num acesso de raiva e tesão. A porta bate atrás dele.

"Muito charmoso!", grito para ele antes de soltar um grito de frustração. Meu Deus, justo quando penso que estou começando a ver um pouquinho da humanidade dele, que talvez haja esperança para nós dois? Ele faz essa merda.

Vozes sobem e descem no corredor. Tudo bem. Ele pode me amarrar na cama, então eu posso escutar, droga.

Reconheço a voz dele, conversando com uma mulher, mas não consigo dizer se é Zoya — aquela que rapidamente se tornou minha favorita. Ele está protestando contra algo, e pela rispidez em seu tom, percebo que está repreendendo alguém de novo. Eu nem conheci a segunda irmã dele ainda. Yana?

Na outra noite, no banho, por um momento, pensei que havia esperança. Pensei que talvez houvesse uma chance de que meu marido brutal... talvez não fosse tão brutal.

Talvez eu estivesse errado.

Ou talvez precisemos de sexo para revelar a humanidade nele.

Olho para o teto e avalio meu nível de dor. Minha perna dói, assim como as lacerações no meu braço, mas a medicação que ele me deu está começando a fazer efeito. A lembrança persistente do sonho que tive ontem à noite é apenas isso agora — uma lembrança. Não consigo me lembrar dos detalhes e não tenho certeza se quero me lembrar. Há algo nele que me inquieta, algo nele que eu... Não consigo me livrar disso, embora seja difícil contar os detalhes agora. Meu estômago está revirando de fome, e eu definitivamente preciso de comida. Preciso acalmar meu estômago, então não tenho certeza se comida é o que vai me ajudar.

Fecho os olhos. Ainda estou cansado. Sempre cansado. Talvez eu possa descansar um pouco.

Preciso de um propósito aqui, eventualmente. Obedecer ao meu marido urso, ou seja lá o que for que ele exija, dificilmente basta. Reviro os olhos para ninguém.

Quando a porta se abre, Rafail está parado na porta, me encarando. "Tudo bem", ele rosna. "Você pode vir tomar café da manhã, mas é melhor se comportar."

Se, por eu me comportar, ele acha que preciso ficar de boca fechada, então acredito que há algumas coisas que meu novo marido precisa aprender sobre mim.

"Alguém aí te lembrou de ser humano de novo? A lua cheia se foi, e você pode guardar seu lobisomem?" Levanto o queixo.

A resposta dele é um rosnado baixo que sinto nos ossos. "Cuidado. Vim te trazer um presente e devolvo se você me desobedecer."

Mesmo quando estou brava com ele, adoro o som da sua voz. É então que percebo que ele está com um par de *muletas* . Quem quer que ele tenha visto no corredor tinha umas para mim. Meu coração dispara.

"Tem certeza de que concorda em me dar um pouco de mobilidade? Pensei que você me faria depender de você para o resto da vida. Pensei que *você seria* minha muleta."

Ele sorri para mim, e minha barriga se contrai. Engulo em seco, fingindo que ele não está me segurando. "Não, querida", ele diz, inclinando-se para encostar a boca no meu ouvido. "Sou seu marido. E quando você perceber o que isso significa, verá que é tudo o que preciso ser."

Esqueço seu tom dominador enquanto ele me desamarra e me ajuda a me levantar, depois me entrega o par de muletas. Sou desajeitada no começo, e é estranho com elas debaixo dos braços, mas rapidamente me dirijo à porta. *Sim* . Eu consigo me mover, e mais rápido do que cambaleando e sentindo que vou cair.

"Além disso, não se esqueça que você disse que eu posso falar com o médico."

"Sim", ele responde distraidamente, mas não dá mais detalhes. "Como você vai

subir as escadas?", pergunta ele, franzindo a testa novamente, se contendo.

Ele segura a porta escancarada, e meu coração *dispara*. Eu estava tão cansada quando cheguei a este cômodo que mal prestei atenção aos detalhes da casa dele. Agora estou impressionada com sua beleza — tetos altos e abobadados, pisos de mármore e janelas grandes que inundam o espaço de luz.

“Esta casa é *linda* ”, respiro, olhando ao redor como uma criança em uma loja de doces.

Ele abre um sorriso tímido e coloca as mãos nos bolsos. "Obrigado. Chamam aqui de The Cottage."

Eu bufo. "O Chalé? Adoro como os russos têm um senso de humor seco. Este lugar não é pitoresco nem pequeno, mas *enorme*. Pelo menos parece."

Vou em direção ao topo da escada. Ele estende a mão para mim e se segura, como se estivesse se lembrando de me soltar.

"Eu me certifiquei de que estava tudo seguro e protegido. Minhas irmãs são quem o mantém... aconchegante."

Respiro e absorvo cada detalhe. Além das grandes janelas, há muros de pedra e portões de ferro intrincadamente esculpidos, jardins exuberantes com vegetação e flores desabrochando. A mansão imponente parece equilibrar a elegância do velho mundo com o charme moderno.

"Você está bem?"

"Eu consigo." Coloco as duas muletas em uma mão e pulo um passo de cada vez. Meu marido está parado bem na minha frente, claramente usando todo o seu autocontrole para não ajudar. Resistir à vontade não é algo natural para ele. Percebo pela tensão em seu maxilar e ombros que ele não está muito entusiasmado com o plano, mas está funcionando. Ele range os dentes, fica parado bem na minha frente e dá um passo à frente antes de mim.

"Você está aí parado, assim, se eu cair, você me segura?", pergunto, ofegante e suando devido ao esforço.

Ele dá de ombros, seus olhos encontrando os meus brevemente antes de dar mais um passo para trás. "É, querida. Isso é trabalho de marido."

Algo como prazer percorre meu peito, e engulo em seco. Estou tão emotiva com esses remédios. Quero parar logo.

"O que você me deu de analgésico?"

Ele lista um monte de nomes, coisas das quais eu nunca tinha ouvido falar antes.

"Quero algo sem receita. Por favor", acrescento, pensando melhor. "Algo mais suave."

Passo. Pule. Apoie.

"Eles não vão funcionar tão bem", ele murmura, ainda franzindo a testa.

"Eu sei, mas é um risco que estou disposto a correr."

Não quero outro sonho como o que tive ontem à noite. Algo me diz que pode ter sido por causa dos analgésicos.

Finalmente, chegamos ao pé da escada. "Não acredito que eu era um corredor, e mal consigo subir um lance de escada sem ficar sem fôlego." É frustrante pra caramba. Coloco as muletas de volta debaixo dos braços e deslizo até ele.

"Você vai conseguir. Paciência."

"Ah, mais alguma coisa que você vai me ensinar?" pergunto com um sorriso brincalhão.

Rafail resmunga em resposta enquanto caminha, e eu manco por uma sala de jantar formal. A mesa polida está coberta de livros didáticos em uma das extremidades, com lápis de cor e papéis rabiscados espalhados ao redor. É evidente que esta sala recebe mais trabalhos de casa e projetos de arte do que jantares propriamente ditos. À direita da mesa, há um aparador com algumas caixas de isotônicos e refrigerantes.

"Cuidado", diz Rafail, franzindo a testa. "Eu disse ao Rodion para guardar isso." Balançando a cabeça, ele levanta um caderno. "E a Zoya deveria ter entregue este projeto ontem. Ela estava distraída."

“Quantos anos tem Zoya?”

"Dezessete."

Ele é o guardião dela desde que ela era pequena. Não é de se espantar que ele tenha uma quedinha por ela.

Não é de se espantar que ela seja tão tímida quanto um ratinho, pobre menina.

“Esses são os livros escolares dela?”

"Sim. Ela tem uma prova importante chegando."

Nesse momento, vozes ecoam da cozinha, seguidas pelo som inconfundível de uma briga: pancadas, grunhidos e um barulho que faz meu coração disparar.

“Jesus”, murmura Rafail, caminhando em direção à confusão.

Assim que viramos a esquina, encontramos dois de seus irmãos envolvidos em uma luta corpo a corpo, agarrando-se e empurrando-se perigosamente perto do balcão onde está uma tigela de massa, perfeitamente crescida e pronta para assar. O precioso pão de Zoya.

Sem dizer uma palavra, Rafail se aproxima e agarra cada um deles pelo colarinho, separando-os como se não pesassem nada. Ele os aperta rapidamente e com firmeza, seu olhar cortando os sorrisos cheios de adrenalina.

"Tudo bem", ele rosna. "Qual de vocês precisa levar uma surra primeiro?"

Os irmãos trocam olhares, com os rostos subitamente envergonhados. Atrás dele, alguém que ainda não conheço espreita, mal contendo uma risadinha.

"E aí, Yana?", Rafail pergunta, erguendo uma sobrancelha. "Quem vai pegar primeiro?"

Yana cruza os braços, sorrindo. "Eu começaria com aquela que quase derrubou o pão."

Os dois irmãos congelam, com os olhos fixos na delicada tigela de massa. Eles engolem em uníssono, e Rafail os sacode uma última vez antes de finalmente soltá-los.

“Trouxe minha esposa para tomar café da manhã”, ele avisa, “comportem-se”.

Eles mal são crianças, mas os irmãos se afastam rapidamente, o olhar frio de Semyon ainda fixo em Rodion, o maxilar deste cerrado. Rafail apenas balança a cabeça, murmurando algo baixinho enquanto ajeita a camisa.

Nossa! Ele tinha muito trabalho pela frente com essa turma.

"Sente-se", ele grita antes de se virar para Zoya. "Você esqueceu de entregar sua tarefa?"

Zoya corre pela cozinha, arrumando as coisas, e não o encara. "Sobre isso", diz ela enquanto coloca um pote de manteiga e um pão na mesa. "Eu queria te pedir ajuda com isso. Tem um monte de perguntas sobre... bem, história da família e essas coisas."

Rafail se ergue e cruza os braços sobre o peito. "O que eles querem saber?"

Enquanto conversam sobre o passado, alguém pigarreia. Yana está parada na minha frente. Uma jovem alguns anos mais velha que Zoya, mas mais nova que Rafail, sorri suavemente. Sua presença tem uma qualidade calma, quase majestosa, com uma confiança sutil e inegável. Seus cabelos caem em ondas soltas sobre os ombros, emoldurando seu rosto. Percebo um leve traço de maquiagem — um toque de rímel, realçando seus olhos azuis-elétricos, e um toque de gloss rosa — combinando com sua elegância discreta.

Seus olhos encontram os meus com uma franqueza que me pega de surpresa. Há uma força silenciosa em seu olhar, como se ela tivesse enfrentado tempestades que só ela compreende completamente. Quando ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, um brilho dourado em seu dedo chama minha atenção.

Isso é uma aliança de casamento?

"É um prazer finalmente conhecê-lo", diz ela, com a voz suave, mas firme. Fico impressionada com o calor e a firmeza em seu tom, e há algo nela que parece ao mesmo tempo pé no chão e ferozmente resiliente. "Meus irmãos me contaram tudo sobre você, mas o Rafail tem sido possessivo, não é?"

Meus irmãos. Por algum motivo, isso me dói o coração. Ele diz que eu não tenho irmãos, mas eu sei que isso é... mentira.

Eu fiz. Eu faço. E eu vou encontrá-los.

“Não me lembro de quem você conheceu ou de quem você se lembra”, diz Rafail.

Balanço a cabeça. Tomei remédios demais e fiquei confusa e desorientada.

"Uma apresentação adequada provavelmente seria uma boa ideia", digo a ele, dando de ombros.

"Certo. Este é o Semyon", diz Rafail, gesticulando em direção ao homem que encontrei lá em cima. Ele está um passo atrás, de braços cruzados, seu olhar me dissecando com uma precisão desconcertante.

Semyon tem os traços afiados e esculpidos de Rafail, mas os usa com um distanciamento mais frio. Ele ajeita os óculos na ponte do nariz, com uma expressão clínica como se estivesse calculando exatamente quem eu sou e o que posso significar para o irmão. Seus olhos são azul-gelo, fixos e metódicos, e ele exala uma aura quase cirúrgica — analisando, catalogando, já imaginando a maneira mais rápida de me manipular ou desmantelar, se necessário.

"Olá de novo", ele diz, em voz baixa, cada palavra deliberada. Não há calor ali, apenas uma cortesia distante. "Bem-vindo."

Consegui acenar com a cabeça. "Olá."

Por um instante, seu olhar passa por mim, cruzando-se brevemente com o de Rafail, no que parece ser uma troca silenciosa. Não consigo entender direito, mas o canto da boca de Semyon se curva, quase como em aprovação, antes que ele volte a atenção para mim com o mesmo olhar inquietantemente calculado.

Ele está menos bravo que o Rafail. Que diabos, todos eles estão. Talvez não tenham enfrentado o que ele enfrentou. A raiva irradia de Rafail em ondas — está no tom da sua voz, no corte dos seus olhos, na curva familiar dos seus lábios. Mesmo sem as minhas memórias, tenho certeza de que nunca conheci ninguém tão bravo quanto ele. E, sim, há uma parte de mim que não consegue evitar o desejo de consertá-lo. Não é meu trabalho, eu sei, mas... é apenas instinto, na verdade.

Rafail puxa uma cadeira para mim, segurando-me firme e autoritário enquanto me ajuda a sentar. Sua voz é calma, mas carregada de rispidez enquanto continua as apresentações. "Este é Rodion", diz ele, gesticulando para o homem parado logo atrás.

A postura de Rodion é enganosamente relaxada, mas há uma tensão em seus movimentos, como se ele estivesse pronto para atacar à menor provocação. Sua barba rala sombreia um rosto que guarda uma mistura de travessura e ameaça, seus olhos afiados brilhando com um brilho perigoso. Por um instante, um sorriso irônico surge no canto de sua boca, mas desaparece tão rápido quanto surgiu, substituído por um olhar que parece ao mesmo tempo avaliador e levemente divertido, como se ele já estivesse um passo à frente de todos na sala.

Ele me dá um aceno de cabeça. "Ei", diz ele, com a voz baixa e casual, mas com um tom quase predatório por baixo, e não confio na maneira como seu olhar se desvia de mim, como se ele tivesse medo de que eu veja quem ele realmente é — ou que Rafail veja.

"Ei", respondo, minha voz mais suave do que eu pretendia, a intensidade em seu olhar perturbadora.

Olho para Rafail e percebo um brilho penetrante nos olhos de Rodion quando ele olha para o irmão. Respeito, talvez, mas com um toque mais sombrio — um tipo de medo cauteloso ou talvez uma rivalidade tácita.

"Você conheceu a Yana?" Ela assente e me dá um sorrisinho. Há uma dor reservada em seus olhos, do tipo que só vem com a experiência. Tenho a nítida sensação de que ela mantém a vida em segredo e só confia em algumas poucas pessoas. Quero ser alguém em quem ela confie.

"E você conhece a Zoya", acrescenta Rafail. A doce moça, de calça jeans e uma camiseta discreta, com o cabelo preso num rabo de cavalo, sorri suavemente para mim. Você não saberia quem ela é — ou, mais precisamente, quem são seus irmãos.

"Como está a sua dor, Anissa?" A voz de Zoya é suave, cheia de preocupação — sempre a zeladora, sempre a que tenta consertar o que está quebrado. Seus olhos arregalados e atentos acompanham meus movimentos como se ela tivesse medo de que eu vá desmoronar.

Sorrio, tentando ignorar a dor latejante nas têmporas. "Melhor com os remédios." Olho para a mesa, para o prato de ovos levemente passados e uma torrada marrom-escura, quase sem graça, com manteiga ainda granulosa. "Você... preparou o café da manhã?" Tento não ser ofensiva, mas é difícil imaginar que o banquete da outra noite tenha sido preparado pelas mesmas mãos.

"Ah, hum, não", gagueja Zoya, mexendo-se nervosamente, as mãos entrelaçadas como se estivesse tentando esconder algo. "Hoje foi a vez do Rodi. Eu gosto quando é o meu trabalho, mas nos revezamos. As regras são do Rafail."

"Ela está sendo modesta", murmura Rodion do outro lado da mesa, inclinando-se com um sorriso torto. " *Todos nós* preferimos quando é a vez dela."

Rafail dá um tapa no braço de Rodion. Rodion bufa e enterra o rosto em uma

xícara de café, mas o sorriso irônico permanece. Ele tem medo do irmão mais velho, mas não tanto a ponto de não expressar sua opinião ou esquecer seu senso de humor.

Semyon, o observador da família, parece dar uma risadinha. "Você pode agradecê -*lo* por isso." Ele acena com a cabeça em direção a Rafail. "Ele decidiu que aprender a cozinhar era uma habilidade de vida que todos nós precisávamos. Disse algo sobre não depender dos outros. E alguns de nós somos... bem, melhores que outros."

"Eu sei grelhar bife", Rodion oferece, dando de ombros. "É tudo o que sei cozinhar, mas é um bom bife."

“Eu… comeria bife no café da manhã”, digo, prestativamente.

Os outros riem baixinho, exceto Rafail, que solta um suspiro impaciente. Parece uma família normal por um breve instante — se não fosse pela corrente sombria que flui pela sala. Eles guardam segredos e medos que ainda não me revelaram. O rosto de Rafail está indecifrável enquanto ele enche um prato e o empurra na minha frente. Ele se serve de uma xícara de café e se vira para mim. "Você gosta de café?" Sua voz é baixa e controlada como sempre, seu olhar sombrio se volta para mim antes de ele emendar a pergunta com uma gagueira quase incomum. "Quer dizer... hoje. Às vezes você toma, às vezes não."

Um silêncio constrangedor paira no ar entre nós antes que eu assentisse. Não estou acostumada com ele inseguro, muito menos me obedecendo. O silêncio se prolonga antes que eu dê de ombros. "Acho que sim. Depende."

Ele franze a testa. "Em quê?"

"Hum, quem fez isso?"

Risadas irrompem ao nosso redor, e algo se solta no meu peito. Os olhos de Zoya dançam para mim. "Eu fiz o café."

Concordo seriamente. "Então sim, por favor."

Tomo um gole do café. É preto e amargo, e estremeço com o gosto. Rafail desliza uma caixa de creme na minha direção sem me olhar nos olhos. "Você gosta com creme", diz ele, em voz baixa. Despejo o café e mexo na xícara, achando o gosto muito mais suportável agora. "Sim, eu gosto."

"Você não lembra do que gosta ou quem você é?" Zoya pergunta gentilmente.

"Sim, e é perturbador", admito. "Tive um sonho ontem à noite que pareceu tão real antes de acordar e perceber que acordar também parece um sonho."

Zoya me lança um olhar compreensivo, mas Rafail interrompe, mudando o rumo da conversa. "Vamos repassar os planos para o dia." Ele se vira para mim. "Hoje você tem aquela consulta com o médico. Yana, marque a consulta." Ele começa a listar tarefas para todos. Algumas fazem sentido para mim, outras não.

"Zoya, entre em contato com os Popovs hoje. Quero que eles saibam que ainda honramos nossos acordos, apesar de tudo o que está acontecendo."

Ela acena com a cabeça e diz algo baixinho, de costas para nós. "Vamos lá."

"Semyon, volte e garanta que a remessa chegue hoje à noite sem problemas." Sua voz fica mais baixa. " *Sem* erros desta vez."

Semyon acena com a cabeça, mas senta-se mais ereto, pigarreando. Percebo que ele é o tipo que raramente comete erros, e definitivamente não é o tipo O mesmo, duas vezes. Ele se orgulha da perfeição e de fazer o seu trabalho. "Claro."

"Rodion, quero que você se encontre com Vory e avise que estamos observando." Ele sustenta o olhar do irmão mais novo. "Deixe claro que não confio neles, mas lembre-se de que você é o mensageiro."

Rodion solta um suspiro, os ombros afundando enquanto abre a boca para protestar, mas Rafail o interrompe, ríspido e direto. "Não estrague tudo, Rodion. Não vou repetir." Ele se aproxima, estreitando os olhos, a voz baixa e perigosa. "Você se lembra do que aconteceu da última vez, né? Se eu tiver que deixar a Anissa para te tirar de outra enrascada, você vai desejar nunca ter saído de casa."

Seu olhar é tão intenso que até eu me encolho na cadeira, com uma vozinha na minha cabeça já sussurrando: *Não importa o que você faça, só não o irrite.*

Rodion solta um suspiro longo e dramático, revirando os olhos, mas finalmente concordando. "Tá bom, tá bom. Entendi." Ele me olha com um meio sorriso irônico. "Viu só o que eu tenho que aguentar?"

Rafail o ignora e volta a dar ordens. "Yana." Ela está ao telefone, provavelmente digitando o número que ele pediu. "Confira as finanças das empresas de fachada. Certifique-se de que tudo esteja impecável. Ouvi rumores de auditores insistindo em alguns amigos. Estamos limpíssimos."

Ela assente e cruza as pernas graciosamente. "Obviamente."

"E preciso falar com o Danila. Ele chegou em Bangkok hoje de manhã, não é?"

Os olhos dela encontram os dele, cautelosos. "Sobre o quê? Você me prometeu que ele não se envolveria nos negócios da família." Sua aliança brilha na iluminação do teto. Imagino que Danila seja o marido dela.

"E eu vou cumprir a minha promessa. Isso não significa que eu não possa falar com ele sobre *você*. " Ele a encara. "Você é minha irmã. Não me importa se você é casada. Você faz parte desta família, e eu quero ter certeza de que você está segura, especialmente quando seu marido estiver viajando."

Meu coração derrete um pouco.

Os outros começam a tirar a mesa, mas Zoya fica perto de mim, sempre disposta

a ajudar. "Eu ajudo na cozinha", diz ela, mas Rafail retruca: "Não. Sente-se."

Ela rapidamente toma seu lugar e senta-se.

Viro-me para ele com uma sobrancelha erguida. "Você sempre diz a eles o que fazer assim?" Contenho uma resposta sarcástica que acho que ele não apreciaria e me lembro da advertência. "Rafail... relaxa."

"Escute", diz ele, inclinando-se para a frente, com os olhos escuros e firmes. As pontas ásperas dos dedos se comprimem. "Isso não é um pedido, Anissa. É uma parceria, uma com a qual meus irmãos estarão tão familiarizados quanto você. Você aprenderá como as coisas funcionam por aqui, e rápido." Sua voz cai, fria e áspera. A pobre Zoya se encolhe. "Eu *sempre* cuido do que é minha responsabilidade, mas você me dá *tudo* em troca. Sem perguntas."

"Zoya, me ajuda com a louça?", pergunta Rodion. Ela sai correndo da sala antes que Rafail possa impedi-la.

Eu me pego perguntando: "Você não tem funcionários trabalhando para você? Com uma casa desse tamanho, eu imaginava que você teria gente para cozinhar e limpar."

“Sim”, admite Rafail. “Mas meus pais nos ensinaram o valor do trabalho duro. A independência é importante.”

Concordo com a cabeça, digerindo isso. "Interessante, Sr. Autossuficiente. E, no entanto, parece que estamos nos dando muito bem."

Rafail sorri, mas não dá mais detalhes. Sinto-me mais desperto agora, os efeitos da medicação estão passando e estou começando a me orientar. A lembrança de quem eu era ainda me escapa, mas sinto pedaços ressurgindo lentamente.

Sento-me em silêncio. Meu trabalho hoje é observação, e uma coisa que noto com certeza é que, embora todos brinquem e riam com uma camaradagem típica de irmãos, há um tom subjacente de respeito que todos têm por Rafail. Ele é definitivamente mais uma figura paterna do que um irmão.

Mesmo que não estejamos juntos há muito tempo, o cansaço de ter que dar conta de tudo está começando a me consumir. Sei que ele percebe isso quando coloca a mão na minha lombar. Nem sei se ele percebe o que está fazendo enquanto desenha pequenos círculos com o polegar, me acalmando, e me pergunto qual de nós dois ele está tentando acalmar.

"Coloque o médico na linha", ele diz bruscamente para Semyon.

"Sobre isso... Yana disse que ele está, hum, viajando", Semyon diz com uma careta que me diz que ele está muito ciente do fato de que seu irmão é definitivamente aquele que assassinará o mensageiro, independentemente da mensagem.

"Você perguntou quanto tempo? Quão longe?"

"Não tenho certeza."

Rafail solta um suspiro. "Descubra."

Mordo a língua, prestes a dizer que talvez ele devesse dizer "por favor" de vez em quando, mas lembro que ele me amarrou na mesa de cabeceira por ter feito merda nele mais cedo, e não tenho certeza se quero testá-lo já.

"Não precisa ser o seu médico", digo a ele, dando de ombros. "Só quero conversar com um médico sobre o que posso esperar e o que aconteceu."

"Quero que alguém entenda a história e com quem está lidando", diz meu novo marido, olhando nos meus olhos.

Semyon fala ao celular enquanto Zoya e Rodion lavam a louça. Fico feliz em saber que Rafail é um empregador que oferece oportunidades iguais e que os homens fazem as coisas tão bem quanto as mulheres. Mas acho que isso faz sentido quando você teve que ser mãe e pai por tantos anos.

Uma batida forte na porta chama nossa atenção. Fico tenso ao perceber que todos — e quero dizer todos mesmo, até a pequena Zoya — prestam atenção. A mão de Rodion está na cintura, como se estivesse prestes a sacar uma arma, e os joelhos de Semyon estão ligeiramente dobrados. Rafail está imóvel como uma estátua e já segura uma arma na mão.

veio isso ? *Jesus* .

Mais uma vez, aquela centelha de familiaridade se acende em mim. Déjà vu, pode-se até chamar. Eles já estiveram aqui antes, e eu também. Então por que nenhum deles me é familiar?

Olho para as minhas mãos, a sensação do aço frio e duro persiste enquanto me lembro... Eu sei como segurar uma arma. Meus dedos se contrai involuntariamente, e a pergunta surge em minha mente: *Eu sei como usá-lo?*

Antes mesmo de perceber o que estou fazendo, minha mente já está executando uma série de movimentos instintivos, como se estivesse calculando friamente como sobreviver.

Eu pertenço a este lugar. Não sou um peixe fora d'água como pensava. Faltam-me peças do quebra-cabeça, mas esta vida — esta vida não me é estranha.

Meu olhar se volta para o rolo de massa de madeira pendurado na prateleira de metal perto da parede. Ele serve. Eu poderia segurá-lo com força, deixar seu peso se acomodar na minha mão e, em seguida, balançá-lo com força — miraria na cabeça ou na têmpora e, se chegassem muito perto, eu poderia enfiar o cabo em um par de costelas e sentir o osso estalar. Se isso não as derrubasse, eu usaria meu joelho bom — forte e rápido — na virilha. Isso me daria uma abertura. Então, uma cotovelada rápida no queixo, um golpe na parte da garganta e encontraria uma saída.

Flashes de memória muscular inundam minha mente. Meu pulso acelera. Torcendo, contra-atacando, neutralizando. A sombra de uma figura em minha mente era minha treinadora, mas não consigo ver seu rosto. Uma voz de mulher, áspera e autoritária. Seu nome está fora de alcance, mas suas lições permanecem. Ela me ensinou a lutar. A sobreviver. Sua voz, forte e distinta, mas feminina, guia meus instintos até hoje.

Ela era uma irmã?

Sempre acerte as articulações. Joelhos podem ceder. Cotovelos podem quebrar. Olhos podem ficar cegos.

Tudo isso se passa em segundos antes de alguém gritar: "Não atire", diz uma voz masculina mais velha. "Sou só eu."

Rafail rosna e guarda a arma, mas ainda parece cauteloso. Os outros não parecem tão ansiosos para fazer o mesmo. Dois passos, e Rafail está na maçaneta, girando-a.

"Quantas vezes eu já disse para vocês usarem a porta da frente como pessoas civilizadas?", Rafail rosna. Ele bloqueia a porta para que eu não veja quem é até que ele se afaste.

Um homem mais velho, com a mínima semelhança com Rafail, está parado na porta. Ele tem cabelos grisalhos, penteados para trás, revelando uma pele bronzeada e desgastada, rachada como couro, olhos calculistas e uma boca cruel que me diz que ele está muito familiarizado com o que esses homens fazem. Ao lado dele está uma mulher loira com batom vermelho vibrante e cílios postiços que beiram asas, usando um cardigã vermelho preso na cintura com um cinto dourado, combinado com jeans azul-escuro e um par de saltos.

Ela me encara, seus olhos me percorrendo num escrutínio lento, deliberado e desconfortável, do qual as outras duas mulheres me pouparam. A carranca que se segue é inconfundível quando ela observa minhas roupas amassadas e meu rosto nu — desaprovação, talvez até algo mais forte. Como se eu não estivesse à altura. Sinto-me menor sob seu olhar. Exposta.

Eu me endireito e encaro seu olhar. Posso não me lembrar de quem eu era, mas sei quem sou agora e não vou me render ao escrutínio de ninguém.

"Essa é a noiva?", ela pergunta, estalando o chiclete.

Rafail cerra os dentes. "Sim. Esta é Anissa. Anissa, apresento-lhe meu tio Eduard e sua esposa, Irma." Ele se vira para Eduard antes que eu possa responder. "Escute, preciso de uma pista sobre um médico."

Eduard assente, servindo-se de uma xícara de café. "Eu tenho um para você, mas você terá que ir pessoalmente. Ele não atende em domicílio."

"Você fez isso?" A tia cutuca um recipiente com os biscoitos da noite anterior.

"Zoya fez, mas com calma, eles são *cheios* de açúcar e gordura", diz Yana, com os olhos semicerrados e as mãos nos quadris estreitos.

Eles não gostam dessa loira. Não estou surpreso.

"Tudo bem", digo ao tio no momento em que Rafail balança a cabeça e diz: "De jeito nenhum".

Olhamos um para o outro com raiva. Na presença de testemunhas, talvez eu possa abusar da sorte.

"Eu gostaria de ir, por favor", digo, mais amigável dessa vez.

"Não. Não se isso envolver sair de casa." Ele olha para o tio. "Me dá o número dele. Eu o convenço a vir."

Algo me diz que ele definitivamente *poderia.*

"Este médico em particular assume uma posição neutra em relação a tudo o que se relaciona com..." ele me olha, "o nosso mundo. É provavelmente do nosso interesse que continue assim."

Rafail franze a testa antes de se virar para Semyon. "Encontre o médico nas férias."

"Tentei, irmão. Ele está sem sinal. Não consigo falar com ele." Os olhos de Rafail escurecem e seus lábios se estreitam. Ah, pelo amor de...

Levanto as mãos. "Rafail, você me disse que eu conseguiria algumas respostas. Você *prometeu* ."

Estreitando os olhos, ele me dá um aviso silencioso. Eu sei o que ele disse, e eu o ouvi, mas, droga, eu quero respostas.

E quão ruim pode ser desobedecê-lo?

"Prometi obter respostas, mas nunca disse que isso seria uma oportunidade para você se machucar novamente."

"Sabe", diz Semyon. "Talvez seja uma boa ideia você ir até lá." Ele coça o queixo, pensativo. "Você estaria bem perto das docas, onde o carregamento deve chegar hoje à noite. Sem mencionar onde os homens de Popov foram vistos pela última vez bisbilhotando. Você poderia matar dois coelhos com uma cajadada só."

Rafail respira fundo pelo nariz e cerra os dentes ao expirar. Ele não gosta nada da posição em que está.

"Você não está bem o suficiente para viajar", ele retruca, mas eu sei que isso é só uma farsa. Ele não quer que eu saia da gaiola dourada.

"Estou bem", digo, me esforçando para me levantar. "Mais forte agora que tomei

um café da manhã excelente."

Rodion bufa, mas rapidamente se cala diante do olhar assassino de Rafail.

"Tudo bem", Rafail finalmente diz com os dentes cerrados, obviamente em menor número. "Quero ir agora. Você vai precisar descansar depois. Me passa o número."

Ele nem ligou para saber se o médico teria tempo para ele, mas aparentemente não precisa, não com tanto poder.

Observo a tia dele atravessar a cozinha, de salto alto estalando. Ela cheira a caixa de creme. "Você não tem creme de leite desnatado? Leite desnatado?"

"É, beba puro como um homem de verdade", diz Rodion, desafiando-a com o olhar, e seu tio bufa.

"Vamos", diz Rafail enquanto passa o braço em volta dos meus ombros e me ajuda a levantar. "Agora."

Pego minhas muletas, e ele me deixa, mesmo sentindo a tensão em suas mãos enquanto ele afrouxa o aperto, relutante em me soltar. Manco em direção à porta, mas quando estamos quase lá, meu tornozelo treme. *Merda.* Seu braço envolve minha cintura em um instante, me firmando enquanto um palavrão escapa de seus lábios, quente contra meu ouvido.

"Você está bem?", ele murmura, com a voz rouca, mas carregada de preocupação. Um arrepio percorre minha espinha, e um calor instantâneo colore minhas bochechas.

Engulo em seco, sentindo o calor dele perto. "É", respondo baixinho, tentando sorrir. "Só preciso de um pouco de prática."

Rafail abre a porta, franzindo a testa para a escuridão à nossa frente. Um carro já está esperando bem na beirada, a poucos metros da nossa casa.

Já estou pensando nela como "nossa" casa?

Então agora eu sei do que se tratava o telefonema. Estou começando a pegar o jeito dessas muletas — elas não são tão ruins quanto parecem. Coloco-as sob as axilas e balanço as pernas para fora, uma após a outra. Depois que ele abre a porta para mim, deslizo para o banco do passageiro.

Mas assim que a porta se fecha e ficamos sozinhos, ele me puxa para o seu colo, com cuidado para não empurrar minha perna, e me vira para ele. Seu aperto no meu queixo é doloroso enquanto ele me olha nos olhos.

"Nunca mais faça isso. A única razão pela qual você não está no meu colo com as calças arriadas aprendendo o seu lugar é porque estou te dando este aviso."

Meu coração dispara enquanto o encaro. "O quê?" Engulo em seco, tentando reunir coragem.

Sua voz cai para um tom baixo e perigoso, cortando o ar como uma lâmina. "Já te avisei com antecedência e não vou me repetir." Ele me puxa para mais perto, apertando os dedos, com força suficiente para me lembrar quem está no comando. "Espero sua obediência, assim como espero a deles. Arriscarei *tudo* para te manter segura. Mas se você acha que me responder na frente da minha família vai me ajudar a fazer isso, está completamente enganada."

Inclinando-se, sua respiração é quente contra meu ouvido, a ameaça em sua voz me causa um arrepio inegável. Há uma linha tênue entre medo e excitação, e cada segundo que passo com ele reforça isso. "Não me contradiga. Não me responda. Faça o que eu digo, do jeito que *eles* aprenderam a fazer, e eu prometo que você nunca mais terá que se preocupar com porcaria nenhuma."

Seu aperto aumenta, seus dedos se cravam mais fundo, a pressão quase dolorosa. "Está claro?" Seus olhos penetram os meus. "Você se esforçou, Anissa. Você testou até onde pode ir, e aqui é o limite onde seus limites terminam."

Engulo em seco.

“Diga-me que você entendeu.”

Concordo com a cabeça, meu coração disparado, a ideia de amolecer esse homem fera já é uma lembrança distante.

"Sim", eu sussurro, com a voz trêmula enquanto me pergunto no que diabos eu me meti.

Ele se inclina, seu rosto devastadoramente lindo a poucos centímetros do meu. Ele abaixa a mão até a base das minhas costas, me puxando para perto. Quase me acariciando. Uma recompensa por obedecer.

“Sim, o quê?” ele pergunta.

Engulo em seco e dou a única resposta possível. Ele não precisa me perguntar duas vezes, enquanto a visão daquilo que ele ameaçou se desenrola na minha mente. "Sim, senhor."

A aprovação em seus olhos me aquece enquanto sua mão desce até a parte inferior das minhas costas e se flexiona. "Essa é a minha boa menina", ele sussurra, com a voz baixa e áspera. E então seus lábios estão nos meus, e eu me derreto, perdida em seu aroma cru e inebriante, na força áspera, porém de alguma forma terna, de seu abraço. O calor pulsa por mim, respondendo à forma possessiva como ele me reivindica com uma promessa de proteção e muito mais. Minha mente vacila, dilacerada pela intensidade de suas exigências, mas meu corpo cede, derretendo-se nele como cera em uma chama aberta.

Sou uma estrangeira em uma terra estrangeira que começa a sentir que pode pertencer ali, mesmo com as perguntas do meu passado permanecendo sem resposta. Algo em mim me alerta para resistir, mas a cada dia que passa percebo... que não tenho certeza se quero.

Ele encosta a testa na minha e aperta um botão ao nosso lado. "Encoste esse carro e coloque a tela de privacidade."

OceanofPDF.com

Capítulo 12

RAFAIL

Quero deitá-la e transar com ela até ela gritar meu nome. Quero envolver minha mão em volta do seu pescoço enquanto ela goza, dando a ela um gostinho de como ceder ao meu controle pode lhe trazer prazer.

Eu a abraço e observo seus olhos se arregalarem. A vibração do seu coração em sua garganta me excita. Ela vai aprender o que eu espero, e foda-se se isso não deixar meu pau duro pra caralho sabendo que eu posso ensiná-la.

Agarro sua nuca e arrasto sua boca para a minha. Mordo seu lábio e lambo onde mordi, arrancando um gemido dela que faz meu pau pressionar sua bunda. Sua pele é quente ao meu toque. Adoro o jeito como seu corpo se derrete contra o meu, como o menor roçar dos meus dedos a faz corar e se aproximar de mim.

"Toque-se", sussurro em seu ouvido, embalando-a contra mim para que ela possa deslizar as mãos até a cintura.

"Rafail", diz ela, com a voz trêmula. "Eu não consigo fazer isso. Aqui? *Agora?* Eu não..."

Minha palma bate na bunda dela antes de eu agarrar seus cabelos com a mão fechada. "Você vai fazer o que eu mandar. Vai em frente. Me dá um motivo para passar o cinto na sua bunda antes de irmos ao médico. Eu adoraria ver minhas listras na sua pele nua quando você sentar na minha cara hoje à noite."

Ela fica de queixo caído e seus olhos se arregalam. Ela tem mais um segundo antes que eu cumpra minha promessa. Espero que sim.

Saboreio a respiração dela. O jeito como sua mão treme sobre sua boceta doce. O jeito como ela desliza os dedos obedientemente pela pele nua. Ela geme ao sentir a própria umidade. Minha boca fica seca. Só consigo imaginar o gosto dela.

Vou prová-la esta noite.

Suas pupilas dilatam enquanto ela acaricia sua boceta molhada. Envolvo meus dedos em seus cabelos, puxo sua cabeça para trás e levo minha boca à pele nua e latejante de seu pescoço. Meus olhos se fecham e gemo com o gosto salgado de sua pele enquanto ela treme e se acaricia. Meu hálito quente em sua orelha, eu a explico.

"Mais rápido. Se você parar antes que eu diga, eu vou chicotear sua boceta e te lamber até você estar pronta para gozar, e depois te fazer sentar aí, bem no escritório, molhada e dolorida por mim."

Eu sou um filho da mãe, e não peço desculpas por isso. Não vou. Ela é minha esposa, e ela mereceu isso quando fugiu. Quando ela colocou o legado da minha família em risco. Quando ela zombou dos nossos votos. Ela vai aprender o seu lugar ao meu lado, e ela vai *sentir* isso. O prazer será a sua recompensa, mas não antes que ela aceite a dor junto com o castigo que merece por me desafiar. E ela vai entender *exatamente* quem está no controle.

Estou meio embriagado com o cheiro da excitação dela no pequeno espaço da traseira do veículo. O carro zumbe embaixo de nós. Está um calor infernal aqui dentro. Sua pele está encharcada de suor enquanto ela se acaricia. Mordo sua carne macia, e sua cabeça se inclina para trás.

Lambo e chupo o lóbulo da sua orelha, seus lábios, e ela arqueia as costas como se estivesse prestes a gozar. "Mais rápido", ordeno. "Faça isso."

Puxo sua blusa para baixo e revelo seus seios nus e perfeitos. Belisco um mamilo entre os dedos e prendo o segundo com os dentes. Lambo e mordo, meu pau dolorosamente duro enquanto ela solta um gemido suave. "Vem, Anissa. Vem agora. E eu quero ouvir de novo. Diga *sim, senhor,* enquanto goza, meu pequeno cisne."

"Meu Deus", ela sussurra, acariciando-se. " *Sim, senhor* ", ela diz antes de gritar, com o corpo tremendo. Eu a seguro enquanto ela goza e murmuro sua promessa de obediência. Seu rosto cora, sua boca se abre em um suspiro. Eu a seguro contra mim.

"Boa menina", sussurro enquanto sua respiração desacelera e sua cabeça cai sobre meus ombros. Ajeito suas roupas e suas mãos pousam no colo. Sua respiração está irregular enquanto ela se recupera do clímax. "Boa menina", repito. "É isso que eu quero ver, meu pequeno cisne."

Toco na tela de privacidade e aperto o botão de viva-voz. O rosto dela está enfiado no meu braço, como se estivesse se escondendo do mundo.

Meu peito se enche de orgulho.

"Vamos."

OceanofPDF.com

Capítulo 13

"ANISSA"

Olho para o meu marido, com aquele brilho malicioso nos olhos e o sorriso nos lábios. Meu Deus, não sei se ele é um demônio ou um anjo.

Talvez nenhum dos dois.

Talvez *ambos.*

Ele é perverso e sexy, e faz cada nervo do meu corpo cantar, mesmo enquanto meu coração bate freneticamente sob seus comandos e exigências absolutas de obediência.

Não vou deixar que ele perceba o quanto isso me esgota, o quanto estou cansada só de ir de um lugar para o outro. Também não vou contar a intensidade da dor. Eu queria ver o médico, e estou conseguindo o que quero, então não precisa ficar todo convencido. Mesmo assim, não consigo evitar encostar a cabeça no assento e fechar os olhos, ainda suada e ofegante do meu clímax.

Mas enquanto as rodas trituram o cascalho e continuamos em direção ao consultório médico, não posso deixar de me perguntar o que O que mais ele planejou para mim? O que ele ameaçou. O que ele prometeu.

Ah, nossa.

"Isso foi uma má ideia."

"Não foi. Foi uma excelente ideia", diz ele com uma dose considerável de presunção.

Abro a boca para protestar quando decido que provavelmente seria inteligente da minha parte reservar minha energia. Aguardar o momento certo.

Veja o que mais ele tem na manga.

Ficamos em silêncio por um longo momento, e eu estava meio dormindo quando ele finalmente falou: "Não durma. Já chegamos."

"Não estou dormindo", minto, mesmo achando que estava quase sonhando. Abro as pálpebras e nos encontro em uma pequena residência.

Isso não é nada do que eu esperava. Pensei que ele me levaria a algum tipo de escritório, mas, em vez disso, é uma casinha com revestimento de tábuas de

madeira e uma placa desbotada.

"Uau. Hum, é isso?"

Ele franze a testa para o prédio desgastado, com os olhos semicerrados. "Acho que sim."

“Você confia no seu tio?”

Ele balança a cabeça. "Essa é uma pergunta complicada." Eu não insisto. "Segure minha mão quando entrarmos. Não fale com ninguém. Mantenha os olhos fixos na frente."

O que?

Quero perguntar por que ele está com tanto medo. Mesmo achando que já sei, quero ouvir isso dele. Para alguém como ele, só me levar ao médico significa que ele já me deu o que eu quero — e deixou o médico assumir a liderança.

Como é precisar controlar as coisas com tanta rigidez? O que será preciso para fazê-lo ceder? Sinto como se já tivesse experimentado o gosto disso. Ele olha da esquerda para a direita como se esperasse que alguém saltasse das sombras em nossa direção. O que ele está escondendo? Ou será que ele está apenas com medo em geral?

Não é de surpreender que consigamos percorrer a curta distância do carro até a entrada sem sermos bombardeados por um terrorista, atacados por um louco ou arrastados por um furacão. Sou desajeitada com minhas muletas, mas ele está firme ao meu lado.

Lá dentro, está limpo e vazio, uma sala de espera estéril com algumas cadeiras e mesas laterais cobertas de revistas brilhantes. É tão normal, tão natural, que parece um pouco estranho ver isso depois do isolamento total dos últimos dias. "Hã. Nenhum outro paciente?"

"Obviamente", diz ele, com a testa franzida. "Não vou correr riscos desnecessários."

Oooh. Certo. "Então você garantiu que ninguém mais viesse aqui?", pergunto a ele, mas o olhar arregalado da recepcionista sentada à mesa já é resposta suficiente para mim. Ela o encara como se ele fosse uma bomba-relógio. "Temos uma consulta com o médico", ele resmunga.

"Eu sei. Sim, senhor."

Minhas bochechas ardem diante do sorriso malicioso que ele me dá. Essas palavras nunca mais terão o mesmo efeito. Viro o rosto, com as bochechas coradas.

A assistente pega uma prancheta, mexe nela desajeitadamente e a deixa cair sobre a mesa com um estrondo. Ela se assusta, o rosto corando enquanto se

esforça para pegá-la novamente. Sua mão treme tanto que ela mal consegue se segurar. Rafail solta um suspiro, pega a prancheta dela e a entrega em minhas mãos, junto com uma caneta.

Olho para a folha à minha frente e analiso as perguntas. Um nó se forma na minha garganta quando percebo que não consigo responder a metade delas. Data de nascimento? Não faço ideia. Histórico médico? Não faço a mínima ideia. Tipo sanguíneo?

Não sei.

Eu me viro. A página à minha frente fica borrada, meus olhos se enchem de lágrimas de frustração, quando Rafail a afasta de mim e joga a prancheta de volta na mesa.

"Isso é desnecessário. Abra a porra da porta e deixe-me ver o médico. Ele pode enfiar essa papelada no cu."

Uma coisa é bem clara para mim: Rafail não chegou onde chegou sendo *charmoso* .

"Claro, Sr. Kopolov", diz o assistente. Ela está deslumbrante, usando uma saia lápis justa e uma blusa decote em V que realça cada curva. As panturrilhas dela ficam incríveis naqueles saltos, mas ele nem olha para ela. Ele vira a cabeça e olha na outra direção, com um músculo pulsando no maxilar.

"Sr. e Sra. Kopolov."

É a primeira vez que ouço nós dois sendo chamados assim. Será que nos anunciaram assim quando nos casamos?

Um jovem médico de trinta e poucos anos está parado na porta. Pele bronzeada e cabelo curto — ele parece que acabou de chegar de casa. Uma viagem ao Caribe. "Sinto muito pela confusão", diz ele, gesticulando para que entremos no escritório. "Por favor, entrem. Se eu soubesse que era o senhor marcando uma consulta, teria ido à sua casa."

Ai, Jesus. Todo esse *compromisso* do meu marido inflexível por nada.

"Da próxima vez, você vai", Rafail rosna.

Coloco a mão em seu braço para acalmá-lo. Talvez mais sexo ajude.

Jesus, eu realmente pensei nisso?

“Sr. Kopolov, tenho aqui os arquivos da sua família.”

Rafail fica rígido. "Quem mandou isso?"

O médico franze a testa, examinando-os. "Ninguém. São registros públicos." Ele lê rapidamente as coisas. "Ah, eu me lembro desta história. Você se tornou tutor legal dos seus irmãos quando você mesma mal era adulta." Assentindo, ele

folheia. "Eram três irmãos e uma irmã. Vocês..."

"Tire isso." Rafail lança um olhar para o médico, que para no meio da frase e o encara. Eu também o encaro. Três irmãos e uma irmã?

"Tenho duas irmãs e dois irmãos. Minha irmã Yana agora é legalmente casada com Danila Sanchez, embora tenha mantido seu nome legal."

Eu a encaro, mas não digo nada. Vi o anel da Yana, mas não conheci o marido dela. Ela não mora conosco.

Minha mente gira com essas notícias enquanto eu junto tudo.

Rafail *teve* muito trabalho pela frente como guardião. As leis na Rússia são draconianas, com poucos direitos para quem não se enquadra no status quo.

Mais uma vez, mais perguntas surgem, mas observo enquanto o médico faz as alterações necessárias na papelada antes de prosseguirmos.

"Em que posso ajudar?", pergunta o médico.

"Minha esposa tem amnésia", diz Rafail, ao mesmo tempo em que eu digo: "Eu tenho amnésia". O médico concorda. "Sim. Eu li o relatório."

"Onde estava esse relatório?", pergunta Rafail, estreitando os olhos para o médico. O médico não se afoba, mas eu o observo olhando nervosamente para a porta, como se estivesse calculando a distância entre ele e Rafail, caso precise correr. Boa sorte com isso, amigo.

"Um arquivo seguro e criptografado", diz o médico. "Eu prometo que ninguém mais tem acesso a ele. Seu irmão me enviou." Ele se vira para mim. "Sei que você sofreu amnésia retrógrada devido a um traumatismo craniano. Está aqui porque tem perguntas sobre isso?"

"Eu faço."

Recostando-se na cadeira, ele bate as pontas dos dedos. "O que posso responder por você?"

Minha mente fica em branco. Implorei — quase exigi — que ele me levasse a um médico para que eu pudesse obter respostas às minhas perguntas, e agora que estou aqui, não sei o que perguntar. Abro a boca, mas o problema é que tenho tantas *perguntas* que mal consigo formar um pensamento coerente.

"Por quanto tempo ela pode esperar ter perda de memória?", pergunta Rafail. Sua voz está calma como sempre, mas há uma tensão subjacente quando a mão dele aperta a minha. Talvez ele não goste que eu não saiba quem eu sou.

O médico se ajeita na cadeira, olhando para nós dois como se estivesse ponderando sua resposta e sua necessidade de transmitir informações precisas. "A amnésia retrógrada varia muito de caso para caso. Não há promessa de recuperação completa e, em alguns casos isolados, certas memórias nunca

retornarão. O cérebro pode ser imprevisível."

O maxilar de Rafail se contrai, seus dedos se flexionando contra minha pele. "Então não há nada de concreto? Viemos te ver e você não tem nenhuma resposta?" Suas perguntas se tornam mais detalhadas e diretas enquanto ele questiona o médico sobre todos os aspectos — tratamentos, gatilhos, até mesmo a possibilidade de uma recuperação repentina. Observo sua necessidade de controle colidir com as respostas ambíguas. Quase sinto pena do médico. Deus ajude qualquer médico que fizer o parto do meu bebê se eu algum dia engravidar.

Grávida. Bebês. Algo me vem à mente novamente, uma lembrança instantânea de alguém usando uniforme hospitalar enquanto se preparava para dar à luz. Hã.

Observo o médico folhear um envelope pardo, lendo o prontuário, com a testa franzida. "Esse tipo de amnésia afeta sua capacidade de recordar memórias de antes do acidente."

Eu sei. Isso parece óbvio.

"Eu me lembro... de algumas coisas. Pequenos pedaços. Pedaços." Minha voz falha. "Não o suficiente."

"Isso é típico", diz o médico, quase metodicamente, batendo no arquivo. "Suas memórias são fragmentadas, e descobrimos que a perda de memória às vezes está ligada à intensidade emocional de um evento. É a maneira do cérebro se proteger de traumas, e nem precisamos de impacto físico para que tal coisa aconteça."

"Então alguém pode ficar tão traumatizado a ponto de ter amnésia?", pergunto, encarando-o. "Sem nenhum impacto?"

O médico concorda. "No seu caso, parece que o trauma foi significativo."

"Ela foi atropelada", rosna Rafail. O médico pula na cadeira, mas eu apenas lanço um olhar fulminante para Rafail e aperto seu joelho. *Relaxa* ...

"O cérebro tem sua maneira de se proteger de traumas, é tudo o que estou tentando dizer", diz o médico, olhando brevemente para Rafail antes de continuar.

"Será que... vou me lembrar? Quando vou saber?"

"Sabe de uma coisa?"

Tento engolir o nó na garganta, mas não consigo. Minha voz falha. "Tudo."

O médico hesita. "Lembrar é possível, mas com amnésia retrógrada, as memórias frequentemente retornam em fragmentos. Mas, reiterando, não há garantias."

Meu maxilar se contrai. Meu coração bate tão forte que sinto náuseas. A

esperança se esvai enquanto me remexo na cadeira. "Você quer dizer que eu posso nunca me lembrar de quem eu sou?"

Ele suspira. "É difícil prever. Você pode recuperar algumas memórias, mas se forçarmos demais, as coisas podem piorar muito."

"O que poderia piorar a situação?", pergunto enquanto a sala começa a girar e parece muito quente ali.

O médico ajeita os óculos ainda mais no nariz, com a testa franzida, como se estivesse tentando decidir seu próximo movimento em uma partida de xadrez. "Estresse, trauma, tentar se lembrar demais das coisas. Tudo isso pode complicar sua recuperação. Se você quer ter certeza de que vai se lembrar, não se force. Você não quer interromper o processo. Deixe as coisas acontecerem naturalmente."

Posso te dizer uma coisa: não sou alguém que desiste facilmente. Cerro os punhos. "Você está me dizendo que eu poderia quebrar meu cérebro?"

O médico olha para Rafail novamente antes de responder. "Para ser sincero, não posso garantir nada. Não há como realmente quebrar um cérebro", diz ele, citando-me. "Mas queremos garantir que você tenha uma recuperação adequada."

Ele levantou mais perguntas do que deu respostas. "Mas eu preciso saber. Preciso lembrar. É como se eu tivesse sido jogado em uma terra estrangeira, e eu não falo a língua."

Algo como fogo se acende nos olhos de Rafail, mas ele não responde nem diz nada.

O médico se recosta, com uma expressão vagamente solidária. "Eu entendo, mas você precisa ter cuidado. Você não quer forçar uma lembrança a voltar e desencadear mais confusão ou até mesmo introduzir falsas memórias."

Meu estômago embrulha. Antes dessa conversa, eu não fazia ideia de que isso era possível.

A verdade é que... o homem ao meu lado é a maior questão de todas.

Ele me diz que sou sua esposa, mas não me *sinto* assim.

Por que eu estava correndo ? Preciso saber.

Suas respostas foram infrutíferas até agora. Viro-me para Rafail. O breve silêncio que se segue é pesado, nauseante, enquanto os olhos de Rafail escurecem e, quando ele fala, seu tom é tipicamente frio e arrepiante. "Você estava correndo", diz ele suavemente. "Eu te disse isso."

“Eu sei, mas *por quê* ?” Certamente, havia uma maneira melhor de lidar com as coisas.

Ele não responde de imediato, com o maxilar cerrado. Por fim, diz em tom baixo, mas claro: "Você não queria a vida que tínhamos, Anissa. Você estava tentando escapar dela."

Quase consigo ouvir as palavras que ele não diz em voz alta: *mas não há escapatória.*

O médico interrompe: "Eu entendo que seja muita coisa, mas recomendo que você se concentre em descansar o cérebro agora. Dê um tempo para se recuperar."

Dar um tempo para *me curar* ? Pegar leve? Eu o retruco. "E se eu *nunca* me lembrar?"

Rafail balança a cabeça. "Prometi que faríamos perguntas, mas precisamos ir agora."

De repente, o telefone do meu marido vibra. Ele franze a testa enquanto o tira do bolso e balança a cabeça. "Precisamos ir. Obrigada pelo seu tempo, doutor. Transferi o dinheiro para a sua conta."

O médico arqueia as sobrancelhas. Transferências bancárias parecem alguma negociação clandestina, não uma consulta médica. Imagino quanto ele lhe pagou.

Quando estamos lá fora, encaro Rafail com os olhos arregalados. "O que aconteceu?"

Ele sorri para mim, se inclina e me beija na bochecha. "Nada fora do comum. Pelo menos ainda não." Caminhamos em direção ao carro. "Semyon viu uma ameaça recuar, uma que eu temia." Ele se vira para mim com um sorriso suave nos lábios. "Você disse que queria conhecer a cidade? Vamos, Sra. Kopolov. Você *é dona* desta cidade."

OceanofPDF.com

Capítulo 14

"ANISSA"

A NEVE CAI COMO A LUZ DAS ESTRELAS, salpicando as ruas estreitas de paralelepípedos de Zalivka. Os prédios se erguem próximos a nós. A sensação é familiar, mas diferente, como visitar uma cidade em um país estrangeiro que lembra o nosso, mas cujos moradores falam outra língua.

Este é um lugar que viu séculos passarem e mantém seus segredos escondidos entre muros de pedra e vielas estreitas. Sinto-me curioso e cauteloso ao caminhar ao lado de Rafail, sua presença como um escudo. Imagino o quanto os Kopolov desempenharam o papel de guardiões.

Percebo que as pessoas o encaram com respeito cauteloso, e algumas acenam para ele, lançando olhares em minha direção como se avaliassem meu papel ao lado dele. Consigo ver isso em seus olhos — elas o conhecem como uma espécie de mito aqui, temido, mas respeitado, o tipo de homem que poderia impor a obediência de uma cidade inteira com um simples olhar. Naturalmente. Sua reputação o precede, e a cada passo, sinto que ela me pressiona como um peso. Neste mundo... em essas ruas, cheias de charme do velho mundo e valores tradicionais que ele tanto abraça quanto desafia... onde ele se encaixa?

Onde eu vou?

Rafail mantém a mão na parte inferior das minhas costas, guiando-me para a frente com um toque firme e possessivo. Gostaria de poder dispensar essas muletas e ser menos chamativa, mas terei que lidar com isso por enquanto.

Tento afastar minhas dúvidas e me perder na paisagem ao redor, mas elas ressurgem quando uma mulher idosa e frágil cruza meu olhar. Ela me encara e depois olha para Rafail, com a testa franzida em concentração. Alguém fala com ela, mas ela ignora enquanto manca em minha direção. Enrolada em camadas de roupa, suas mãos pequenas e frágeis prendem o cachecol em volta do pescoço.

Abro a boca para falar com ela, mas nem sei o que vou dizer.

Eu te conheço?

Você me conhece?

Mas uma grande multidão de estudantes universitários passou por nós, quase me empurrando.

"Cuidado", rosna Rafail, abrindo caminho para que eu possa caminhar em segurança. E quando eles passam por nós, a velha senhora desaparece.

Mais uma vez, sinto como se estivesse tentando alcançar algo que não consigo alcançar. Rafail percebe minha distração e se aproxima, sua voz um murmúrio baixo enquanto ele levanta meu queixo com a mão enluvada. "Distraído, cisnezinho?"

Sorrio, conseguindo acenar com a cabeça, mas ele me observa com um olhar calculista, como se estivesse medindo minha reação a tudo o que passamos. Ele me dá um beijo suave na testa. e pega minha mão, me levando até um café próximo, com as palavras *Zimnyaya Roza* estampadas na frente.

"Você precisa de alguma coisa?"

"Café quente e algo amanteigado e doce", digo num turbilhão de palavras. Sinto-me ansiosa e sobrecarregada. Quero um pouco de segurança.

"Esta cidade é encantadora", digo a ele enquanto ele abre a porta, o aroma quente e intenso de café forte nos envolvendo. Igrejas ortodoxas se erguem ao lado de prédios elegantes e minimalistas. A paisagem urbana é pontilhada por postes de luz de ferro antiquados e arcos de pedra desbotados que levam a pátios, uma vida mais tranquila em comparação com Moscou, não muito longe daqui.

"Eu adoro o Zalivka", diz Rafail com sentimento, provocando um cumprimento de punho de outro cliente que ouve. "Aqui, conseguimos manter pequenos negócios em funcionamento, que já existem há gerações."

"Sr. Kopolov." Um homem corpulento, de rosto e nariz avermelhados, usando um avental coberto de farinha, limpa as mãos e vem nos ver. "Bem-vindo. O senhor não paga nada quando está aqui, sabe disso." Ele volta a atenção para mim. "E esta é sua esposa?"

Rafail me abraça com orgulho. "Conheça minha esposa, Anissa. Anissa, Cecil é um velho amigo."

Sorrio timidamente enquanto outros olham em nossa direção, e finjo olhar o cardápio. Não consigo deixar de me perguntar o quanto a família Kopolov teve a ver com tudo aquilo. Manter grandes empresas fora da cidade é do interesse deles.

Eles conversam como amigos, e é bom ver o olhar severo de Rafail suavizar um pouco. "Temos uma barraca na *Praça Velha* durante o festival", diz Cecil. "Esperamos ver vocês lá."

Rafail concorda. "Farei o meu melhor."

Cecil lhe dá um tapinha nas costas. "Seria bom que nosso maior benfeitor viesse para que possamos lhe agradecer."

"É justamente por isso que não tenho certeza se vou aparecer", diz Rafail ironicamente.

Cecil vai para o fundo, e eu me viro para Rafail. Estou vendo-o sob uma luz totalmente nova.

Benfeitor.

Primeiro, o maior apoio de Yana, e agora isso.

"Me conta sobre o festival?", pergunto enquanto ele se aproxima do balcão para fazer o pedido. "Quero um mocha latte quente e um dos biscoitos cobertos de chocolate, por favor."

Cecil tem uma conversa dura com o caixa, que prontamente recusa qualquer pagamento.

Voltamos para uma mesa e nos sentamos. "O festival tem produtos artesanais e presentes artesanais em barracas ao ar livre, com todos pechinchando os preços.

"Oooh. Eu adoraria. É lindo aqui." Familiar, mas... não.

Sem dizer nada, ele pega meu latte quente e sopra para esfriar antes de me entregar. Meu coração derrete um pouco.

"Quando sua perna estiver melhor, eu te levo até o rio. Tem uma ponte que liga o centro da cidade e toda a agitação, chegando até as residências mais tranquilas. Quando o rio congela, a gente patina no gelo, e no verão, ele está em plena floração." Ele toma um gole de seu café. "Minha família adora. Zoya adora as lojas, e Yana adora as flores."

Engulo um pouco da minha comida. "E o Rodion gosta porque tem moças daqui?"

Rafail bufa. "Exatamente."

Quando saímos da loja, flocos de neve grossos ainda caem. Eles derretem na minha bochecha quente enquanto Rafail tira os flocos de neve do meu casaco com uma delicadeza que me surpreende. Sua mão permanece em meu ombro, seu toque inesperadamente terno, e por um momento, sinto que não somos duas pessoas envoltas em segredos, mas simplesmente... juntos.

“Você gosta daqui”, ele comenta, me observando com uma expressão quase confusa.

"Sim, eu tenho", digo suavemente, e sinto minha guarda cair sob seu olhar. "É lindo, mesmo que um pouco... pesado."

Ele ri, um som baixo e caloroso. "Aquela é Zalivka. Cheia de história, sim. Mas é um bom lugar, cheio de gente leal. Gente que sabe sobreviver."

Mas, enquanto caminhamos, uma pontada de inquietação me invade, como se

estivéssemos sendo observados. Rafail também sente isso, apertando minha mão com mais força enquanto seu olhar percorre a rua com um olhar endurecido. Ele me puxa para mais perto, envolvendo-me com o braço, me protegendo.

"Fique por perto", ele murmura, com um tom ilegível.

Estendo a mão para Rafail. O ar frio aguça meus pensamentos e, sem perceber, me pego dizendo: "Você tinha tanto a carregar como guardião. Você ainda tem. Não apenas comandar um império, mas... sua família. E Yana. Não deve ter sido fácil."

O olhar de Rafail se aguça, seu maxilar se aperta por um instante antes de assentir, um gesto quase imperceptível. O questionamento do médico facilitou a abordagem do assunto. "Yana sempre foi minha irmã", diz ele, com a voz mais baixa do que o normal, como se compartilhasse algo frágil. "Mas... se meu pai soubesse que ela era diferente — se soubesse que ela era realmente ela mesma —, ele a teria matado."

A maneira como ele diz isso, sem drama, como um fato frio e inflexível, me causa um arrepio. Aperto sua mão com mais força, sentindo a proteção feroz por trás de sua aparência serena.

“E quando ela se apaixonou…” Minha voz falha.

Apaixonada por alguém de fora do nosso círculo? Era o melhor cenário possível para ela. No submundo, o casamento é uma estratégia. Aqueles que não se encaixam no status quo são sumariamente ostracizados, punidos ou mortos. É. Yana precisava ficar fora dessa briga.

Eu aceno. Ela realmente fez isso.

“Eu só queria poder fazer o mesmo por Zoya”, ele diz com um suspiro.

"É por isso que você é tão rigoroso, não é?", pergunto, percebendo isso enquanto falo. "Você exige lealdade e impõe padrões tão rigorosos a todos, mas é porque está tentando mantê-los seguros. Para dar a eles o que você acha que é... o melhor."

Ele olha para baixo, com uma expressão estranha de orgulho e cansaço. "Não deixarei ninguém destruir o que construí, Anissa", murmura. "E farei o que for preciso para manter minha família forte — mesmo que isso signifique exigir padrões que ninguém mais ousaria impor. Yana, Rodion, Semyon, até Zoya... eles não entendem, nem sempre. Mas eu morreria por eles."

Uma suavidade surge por trás de seu olhar endurecido, algo quase vulnerável, como se ele estivesse retirando uma camada de armadura só para mim.

Hesito antes de perguntar: "A Yana entendeu? Ela sabe o quanto você arriscou para protegê-la?"

Um leve sorriso surge no canto da boca dele. "A Yana sempre soube. Ela é mais

perspicaz do que todos eles juntos." Ele faz uma pausa, me observando atentamente. "Eu a pressiono mais do que os outros, sim. Exijo sua lealdade, sua força — mas quero que ela saiba que eu a vejo. Que eu a amo, não apesar de quem ela é, mas por causa disso."

"Ela sabe disso?"

Seu olhar se volta para a rua coberta de neve, contemplativo. "Talvez. Ela é quieta, como se estivesse sempre absorvendo tudo. Mas ela entende. Mais do que ninguém, Yana sabe o quanto eu me importo com esta família, com cada um deles."

Concordo com a cabeça, sentindo meu coração apertar, admirando a lealdade feroz nele, vendo agora que cada traço de personalidade forte em Rafail não é apenas sobre poder ou controle — é sobre sobrevivência, sobre um amor tão intenso que ele não sabe como expressá-lo de outra forma.

Caminhamos em silêncio por alguns passos antes de eu sussurrar: "Você é um bom irmão, Rafail. Um bom homem, mesmo que não perceba."

Um lampejo de algo cru atravessa seu rosto, mas ele apenas assente, sua mão firme e firme na minha. E, pela primeira vez, vejo um vislumbre da paz que ele raramente se permitiu sentir.

Ao nos aproximarmos do carro, uma onda de alívio me invade, assim como as perguntas que não param de surgir em minha mente. Lancei-lhe um olhar de soslaio, com a voz hesitante. "Rafail... e se... e se eu tivesse outro nome antes de te conhecer? Outra vida?"

Ele faz uma pausa, olhando para mim com algo entre surpresa e desconfiança. Mas antes que possa responder, seu telefone toca, interrompendo o momento. Seu rosto fica sombrio enquanto ele escuta, e eu só consigo captar fragmentos da conversa antes que ele desligue.

“Romanovs… cartel… irmã desaparecida…”

As palavras me arrepiam. Elas tocam em algo profundo, algo que pulsa com familiaridade, mesmo que me deixem mais perdida do que nunca.

"Romanovs?", sussurro, minha voz quase inaudível, mas Rafail me aperta com mais força quando ele me olha nos olhos, frios e cautelosos. "Precisamos ir *agora* ", diz Rafail, pegando minha mão.

"O que aconteceu?", pergunto, mancando em direção ao carro com minhas muletas, mas ele não tem paciência para a minha lentidão. Ele me levanta e me segura com um braço contra o peito enquanto segura minhas muletas com sua mão carnuda.

"Um grupo rival está se movimentando contra nós. Eu temia isso — que, assim que a notícia de que eu era casado e saíssemos de casa se espalhasse, teríamos alguma resistência. Não temos tempo a perder. Preciso me mudar. Precisamos

proteger você e todos os outros na casa."

Meu coração dispara. É esta a nova vida que levo? Saltando de pergunta em pergunta sem nunca ter respostas? Passando de um cenário perigoso para outro?

Minha perna lateja sob o peso do gesso enquanto ele corre de volta para casa em silêncio.

“Tínhamos um motorista a caminho daqui.”

"Fizemos isso. Eu o dispensei. Precisamos dirigir rápido, e isso é problema meu."

Concordo silenciosamente, agarrando a porta até meus dedos ficarem brancos. Ele dirige em um ritmo alucinante, com uma precisão de tirar o fôlego, pisando no acelerador sem hesitar. Cada curva é feita com uma velocidade assustadora, seu controle é fácil, como se ele soubesse exatamente até onde pode nos empurrar. As curvas fechadas me pressionam contra o assento com a força de uma montanha-russa. Não é apenas a velocidade que me impressiona — é a absoluta certeza em cada movimento, como se as regras não se aplicassem a ele.

É emocionante, mas assustador. Minha mente dispara enquanto as rodas do carro giram e seguimos em direção a casa.

Por que ele ainda é completamente desconhecido para mim? Mesmo que fosse alguém de quem eu estivesse fugindo, eu deveria ter alguma lembrança dele... Não deveria?

As palavras do médico permanecem na minha mente.

Não há promessa de recuperação total.

Suas memórias estão fragmentadas.

Estresse, trauma, esforço excessivo... tudo pode complicar sua recuperação.

O som de tiros estrondosos interrompe meus pensamentos. Instintivamente, Rafail me agarra e me joga no chão, mantendo o controle do carro sem esforço. Eu grito e minha perna bate no gesso.

Uma explosão corta o ar logo atrás de nós, e Rafail gira o volante com tanta força que sou pressionado contra o chão pelo peso da gravidade. Meu coração dispara no peito, a adrenalina me inundando enquanto o som das balas ricocheteando no carro.

"Fique abaixado!", Rafail grita para mim, com a voz áspera e controlada. O pânico me invade o peito. Estou tremendo. Observo enquanto ele continua a nos guiar sem esforço até pararmos. Minha mente gira.

Estamos sendo alvejados e, em vez de fugir deles, ele está *nos parando* ? Observo em silêncio, sem fôlego, enquanto ele empurra minha cabeça para baixo com uma das mãos e abre o porta-luvas. Ele se fecha com um clique. Olho para

ele segurando uma enorme pistola preta, cujo cano, semelhante a um canhão, brilha à luz do teto. Minha mente se concentra de repente porque sei exatamente o que é: uma *Desert Eagle* . Já segurei uma antes, com um recuo tão forte que a tornava quase inutilizável, exceto para os atiradores mais fortes e capazes. A maneira como ele a empunha casualmente faz com que pareça um brinquedo de criança em sua mão, com o dedo já no gatilho enquanto seus olhos escuros se estreitam com uma decisão fria, a promessa de violência emanando dele como uma onda incontrolável de ódio e morte.

Agarro-me ao seu braço e observo-o examinar os arredores.

Por que isso... me é vagamente familiar? Por que sinto que isso já aconteceu antes? Uma lembrança me vem à mente, rostos familiares que não consigo identificar, e um nome...

Polina…

O meu nome.

Era o meu nome de um lugar diferente no tempo. Sinto como se tivesse renascido para uma segunda vida, como se tivesse reencarnado em quem sou agora.

Vozes soam ao nosso redor, mas minha cabeça gira enquanto tento me concentrar.

" *Fique abaixado* ", ele rosna. Seu corpo pressiona o meu, me mantendo atrás dele. Uma mão está espalmada no meu peito, me segurando no lugar antes que ele volte a segurar a arma com precisão mortal.

Pneus cantam em nossa direção. Meu coração dispara, e ele me joga o celular. Está no viva-voz, com o nome do Semyon no alto. "Eles chegam às três horas", ele grita. " *Pare! " eles* ."

Um estrondo ensurdecedor, como o de um canhão, soa à nossa frente. Alguém grita com uma alegria maníaca, e Rafail balança a cabeça, xingando. *Rodion* ...

Um carro vem em nossa direção a uma velocidade vertiginosa, pneus cantando no asfalto. Rafail se levanta de um salto, botas pesadas plantadas no chão, encarando o carro que se aproxima de frente, com a arma em punho. Fogo sai de sua arma. Janelas se estilhaçam. Um pneu explode. Estou paralisado, com o coração disparado, quando me dou conta com clareza cristalina: *eles vão nos atingir.* Naquele momento — com o veículo vindo em nossa direção e a certeza de que serei atingido — uma lembrança me vem à mente.

Estou fugindo. Fugindo de um captor sem nome que vai me machucar, fugindo de... Rafail? Consigo ver a intensidade sombria do seu olhar, até sentir o calor dos seus dedos em mim, mas... ele é um estranho para mim. Ele não é meu *marido.*

A lembrança do acidente retorna com uma clareza brutal. Toda ela. O cantar dos

pneus. O impacto que abalou meus ossos e me deixou inconsciente. Seu berro de raiva atrás de mim. Vozes vagas sobre mim.

Outro estrondo ensurdecedor sacode o chão sob mim. Depois outro. O carro à nossa frente explode quando Rafail atinge o chão e me cobre.

"É isso aí, Rodion", diz Rafail com uma aprovação sombria. "Muito bem, garoto."

Metal e vidro voam sobre nós. Num instante, Rafail me pressiona contra si, protegendo-me com seu corpo.

Gritos de gelar o sangue.

Estrondo.

Então… nada.

Nada além de um silêncio assustador.

Fecho os olhos, assaltada por lembrança após lembrança.

Minha mãe.

Minha casa.

Eu sou russo e eu…

Está no limite da minha consciência, tão perto que eu grito alto e tento alcançar o ar na minha frente, pouco antes de desabar contra Rafail, e meu mundo se transformar em vazio.

OceanofPDF.com

Capítulo 15

RAFAIL

O SILÊNCIO PESADO após o tiroteio pesa sobre mim como tijolos no meu peito.

"Eles se foram", diz Semyon do meu celular. "Nós os pegamos."

Preciso de respostas.

Preciso dela segura.

Preciso de nomes.

Meus ouvidos zumbem com o silêncio enquanto olho para minha esposa. O pânico me invade quando percebo que seus olhos estão fechados.

"Anissa!", levanto seus ombros esguios e a sacudo. A princípio, ela não responde, mas depois de outra sacudida, pisca para mim, com os olhos nublados de confusão e medo. Seu peito sobe e desce rápido demais. É demais.

Posso quebrar meu cérebro ? Ela perguntou.

Estou perdendo a cabeça?

Ela fez isso?

Ela está tremendo, mas está bem, eu me tranquilizo enquanto passo as mãos pelo seu corpo. "Você está bem?", pergunto, com o coração disparado.

Sinto-me impotente, com medo. Isso me arrasta de volta a anos atrás, quando eu mal tinha idade suficiente para entender o que significava estar no comando. Perdi o contato com meus irmãos e irmãs, e um pavor frio se instalou conforme as horas passavam sem nenhum sinal deles. Eles deveriam estar em casa, e a cada minuto que passavam, o medo se intensificava. Quando finalmente os encontrei, balançando como idiotas em uma corda sobre o barranco, eu estava em carne viva. Zoya estava encharcada e tremendo, os outros rindo, alheios às horas que haviam passado.

Prometi a mim mesmo que, quando os encontrasse, seria um inferno. Eles saberiam as consequências de me fazerem pensar que os havia perdido. Mas quando finalmente os alcancei, a raiva me abandonou de repente. Tudo o que pude fazer foi cair de joelhos e puxar os menores para perto de mim — Zoya em um braço, Rodion no outro — e fazê-los jurar, com a voz rouca de preocupação, que nunca mais fariam algo assim.

Eu me sentia impotente naquela época, e me sinto impotente agora. Que droga, é metade do motivo pelo qual sou tão duro com todos eles. Ela não está errada — a ideia de perder todos que amo me apavora.

Droga. Eu fiz isso comigo mesmo. Cada instinto em mim grita para me manter distante, para me endurecer contra qualquer coisa que seja próxima de sentimentos. Ela não é minha esposa legítima, mas alguém que forcei a uma união falsa para me agradar e para puni- *la.*

Mas aí entra a outra parte da razão. *Ela é minha esposa agora.* Minha esposa. A palavra parece mais pesada, mais significativa do que qualquer outra. na minha vida. Não é como meus irmãos ou minha família. Eu os amo de todo o coração, mas *minha esposa* ...

Carne da minha carne.

Não sou um homem religioso, mas há algo sagrado no ritual do casamento, no nosso vínculo.

Digo a mim mesma para manter distância, mas quando ela me olha daquele jeito que está me olhando agora, como se eu fosse sua salvadora, e ninguém mais no mundo pudesse protegê-la como eu. Aquele olhar...

Ela levanta a mãozinha trêmula e manchada de sangue até meu rosto e passa o polegar pelo meu maxilar. "Você está ferido, Rafail", sussurra, com a voz suave e preocupada. "Você está bem? Deixe-me te tratar. Por favor."

"Estou bem." Levanto-me, segurando-a atrás de mim. "É só um arranhão."

O carro que veio em nossa direção está agora em ruínas, com seus ocupantes mortos ou capturados. Minha equipe cuidou disso. Quem eram eles? Importa a esta altura? Rivais idiotas.

Meu celular vibra no bolso e eu o pego. Meus olhos examinam o celular três vezes antes de ler a mensagem, porque eu sei. É só uma questão de tempo até que os inimigos se reagrupem. Eles atacam de novo. Sempre atacam. Mas agora, há muito mais em jogo.

Muito mais.

Ainda consigo ouvir o cantar dos pneus e o grito dela quando foi atropelada. Nunca mais quero passar por isso.

Isso não deveria ter acontecido. Eu deveria mantê-la longe de todos. Mantê-la longe do mundo. Segura.

Seguro de todos... até *de mim* .

Mas agora que ela está aqui, ela está em perigo maior do que nunca.

"Eu deveria ter mantido você em casa", digo, agarrando-a com toda a força possível sem machucá-la.

"Estou bem", ela insiste. "Você não pode me manter exatamente em uma bolha, não importa o quanto você queira."

"Eu posso tentar, porra", insisto, o que a faz se calar.

Lembro-me do que o médico disse.

As mãos dela tremem levemente, e isso me irrita. Ela precisa estar segura. Ela precisa ser protegida. Ela é *minha* .

E por um momento, permito-me essa fraqueza e a puxo para perto de mim. Seguro sua nuca com uma mão e seu corpo esguio com a outra.

"Tem certeza de que não está machucada?", pergunto, com a voz mais dura do que pretendia, enquanto meu olhar a percorre, sondando, buscando qualquer sinal de sofrimento ou ferimento. Ela balança a cabeça, os olhos ainda arregalados e atordoados.

"Rafail, estou bem. Vamos levar você para um lugar seguro também."

Quase rio. *Ótimo* .

Nada nesta situação está bem, e eu sei muito bem que ela não está bem. Ela está tentando reconstruir uma vida da qual não se lembra, e conforme sua memória retorna, a ameaça de perceber que fugiu de mim — não do marido, mas do homem que deveria se casar com ela — se aproxima. O que ela vai fazer quando se lembrar disso? Por quanto tempo posso mantê-la comigo? Não. Preciso encontrar um jeito melhor.

"Vamos levar você para dentro."

Ela me encara como se estivesse procurando em meu rosto respostas que não tenho. Sua voz é baixa e trêmula.

"Quem era? E por que estavam atirando em nós?"

"Eu tenho inimigos." Solto um suspiro. "Você também. Eles não querem que a gente se case. Vamos investigar e nos vingar rapidamente."

Esforçando-se para ficar de pé com os pés trêmulos, ela olha para os restos fumegantes do carro. "Se sobrar alguém depois disso." Não ofereço mais nada, e ela não insiste. Pelo menos não desta vez.

Ela vai. Ela vai, porra.

Enquanto caminhamos em direção à casa — meus guardas nos cercam, empunhando armas, pois chegam tarde demais para nos proteger de qualquer reação — seu silêncio é enervante.

Sem dizer nada, passo o braço em volta do seu ombro quando ela treme e se aproxima de mim. Apoiando-se pesadamente em mim, ela se deixa levar pela metade. Como posso impedi-la de me deixar? Ameaças só vão até certo ponto.

Como posso garantir que ela fique?

Ela não se lembra.

Nunca poderei deixá-la lembrar.

De volta à casa, levo-a até a sala de estar, a mais próxima da entrada. Yana se move rapidamente, torcendo as mãos, e Zoya nos observa em silêncio, com o rosto abatido e pálido.

"Você vai me trancar de novo?" Com um beicinho, ela se vira. "Alguém tentou me machucar, e eu tenho que ficar trancada de novo?"

Franzo a testa. "É tão óbvio assim?" Ela se senta, segurando a perna machucada, o rosto pálido.

"Nossos inimigos...", começo. "Agora eles me viram com você..."

Rodion está de pé à escrivaninha perto da estante, seu olhar semicerrado prometendo retribuição enquanto acaricia carinhosamente seu canivete. "Mais uma ligação e eu terei os nomes. Eu cuido disso." Ele acena para Anissa. "Vá, cuide da sua esposa."

E pela primeira vez em muito tempo, não o vejo como meu irmão mais novo que precisa aprender a se comportar. Ele é meu aliado. Meu braço direito.

Sento-me ao lado dela, resistindo à vontade de rondar o quarto como um leão enjaulado. Pego meu celular, forçando meu foco a uma resolução afiada enquanto providencio mais segurança. Cada ligação é uma exigência, cada mensagem, uma promessa respaldada por poder e riqueza. Aproveito cada favor devido, jogando dinheiro e influência como armas. Preciso fortalecer os muros entre nós e os perigos que se aproximam.

Eu me levanto e começo a andar de um lado para o outro.

Meu olhar percorre-a—ela está preocupada.

"Rafail", ela diz suavemente, com um tom firme, mas insistente. "Volte aqui." Ela dá um tapinha na cadeira ao lado, com os olhos fixos em mim. Ela está sentada na sala de estar espaçosa, normalmente tão atenta, observando cada detalhe — mas, neste momento, sua atenção está toda em mim.

Não quero sentar agora.

"Rafail", ela diz, com mais insistência.

"O quê?" O aço na minha voz esconde um pouco a ponta de pânico que mal consigo conter. Não posso deixá-la escapar por entre os meus dedos. De novo, não.

"Quero falar com você", ela implora. "Por favor. Sente-se."

Quando me sento ao lado dela, nossos joelhos se tocam. Sua mão toca a minha enquanto ela sustenta meu olhar.

Sentamos em silêncio, sozinhos. Eu e minha linda esposa roubada. Os motivos pelos quais a levei me escapam quando olho para seu rosto encantador, seus olhos confiantes.

Ela não está aqui por vontade própria e, quando se lembrar, vai querer ir embora.

Preciso que ela queira ficar.

"Você parece tão desesperado", ela diz suavemente. "Por quê?"

Seus olhos estão embaçados e, quando ela pisca, o impensável acontece. Uma lágrima grossa rola por sua bochecha.

Respiro fundo e decido contar a verdade. "Você fugiu de mim uma vez. E há uma parte de mim que tem medo de que, quando sua memória voltar, você queira fazer isso de novo."

O olhar arregalado dela me diz que não era a resposta que ela esperava. Ela não diz nada a princípio, mas desvia o olhar pensativamente, como se estivesse escolhendo as palavras. Quando se vira para mim, aperta minha mão, seus dedos se fechando em volta da minha, que é maior. "Eu entendo", diz ela, com a voz calma e firme. "É um medo razoável."

Não era o que eu esperava que ela dissesse. Nossa, eu não fazia ideia do que ela diria.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto um pequeno sorriso surgir em meus lábios.

"Gostaria de poder contar mais sobre os motivos pelos quais fugi", ela acrescenta, enquanto seus olhos buscam nos meus respostas que não posso dar.

Balanço a cabeça. "Não tenho todas as respostas", digo, buscando a honestidade novamente. E, caramba, é bom finalmente contar a verdade a ela. "Eu realmente não sei", digo honestamente. "Eu não tinha intenção de te machucar. Bem, não no *começo.* " Passo a mão pelos cabelos e, ainda assim, ela continua a me encarar. "Não sou um bom homem e nunca fingi ser, mas tinha toda a intenção de cuidar bem de você." É a verdade. Tinha.

"Eu consigo ver isso. Vejo como você cuida dos seus irmãos e irmãs. Eu sei disso agora." Ela solta um suspiro. "Então, por que não deixamos isso para lá? Esquecemos o passado. Vamos seguir em frente."

Porra, mas queria que pudéssemos.

"Talvez eu tivesse medo da mudança", ela diz suavemente. Uma pequena fenda endurecida no meu coração derrete um pouco.

Talvez ela estivesse.

Estendo a mão para ela e a puxo para o meu colo. Seus dedos roçam a barba por fazer no meu queixo. Inclino-me e ela me beija como se realmente quisesse esquecer o passado e seguir em frente. Retribuo o beijo como se fosse uma promessa, como se isso a prendesse aqui, bem aqui, neste momento. Sua língua desliza para dentro da minha boca quando alguém pigarreia atrás de mim.

"Vou te matar por interromper a mim e à minha esposa", rosno, sem me dar ao trabalho de confirmar que é o Semyon. Eu reconheceria o pigarro dele em qualquer lugar. "O que foi?" Encosto minha testa na dela, saboreando o peso da mão dela no meu braço.

"Rafail", ela sussurra, num apelo. "Chega de violência hoje."

De alguma forma, seu toque tem a estranha capacidade de silenciar pensamentos assassinos.

Semyon se mexe nervosamente. "Desculpe. Preciso te contar..."

"O que?"

"Deixamos a notícia se espalhar. Todos sabem que você tem uma esposa, e alguns não estão gostando muito disso. Os Popovs estão dispostos a se encontrar."

A tensão se acumula entre mim e Anissa, uma atração silenciosa que nenhuma de nós ousa romper. Ela não diz nada, mas o medo em seus olhos diz muito, brilhando naqueles olhares breves e furtivos. Suas costas estão rígidas, seu corpo revelando as dúvidas que ela não expressa. Recuso-me a encará-la por muito tempo — se o fizer, verei aquele lampejo de incerteza em seus olhos, a mesma dúvida que me atormenta como uma maldição. Não posso deixá-la ir. *Não vou.* Mas quanto mais me agarro, mais a sinto escorregar por entre meus dedos, como fumaça se dissipando no ar da noite.

"Talvez os Popovs tenham informações valiosas, Rafail. Devíamos nos encontrar com eles. Mas talvez você precise se afastar da sua noiva por um ou dois minutos", diz ele, com um sorriso irônico.

Não me preocupo em esconder minha irritação. "Ou podemos fazer a reunião aqui mesmo", respondo, com a voz rouca.

Anissa sorri, com um brilho travesso dançando em seus olhos, suavizando sua postura. "Ou você pode simplesmente me enfiar no seu bolso e me levar junto", ela provoca, como se tivesse encontrado um jeito de me ancorar no lugar. Eu resmungo. "Carona nas costas?", ela sugere, prestativa.

“Anissa…”

“Você poderia construir um desses carrinhos de criança —”

"Mulher!"

Sua risada é leve e provocante, mas há algo em seus olhos — uma centelha de travessura, de liberdade e esperança — que me perturba mais do que eu gostaria de admitir.

Ela está brincando agora, mas o pensamento persiste. *E se ela quiser concorrer de novo?*

"Você não vai a lugar nenhum", resmungo, forçando um sorriso para esconder o aperto repentino no peito.

Ela arqueia uma sobrancelha para mim. "Quem disse que eu quero?"

Mas a verdade é que eu não sei. Uma ponta de dúvida me atormenta. Porque agora somos dois estranhos recomeçando. Quando as memórias dela retornarem... e se a reação dela for algo que eu não consiga prever? Algo que a força bruta e a violência não resolverão?

Algo que nem eu consigo parar?

OceanofPDF.com

Capítulo 16

"ANISSA"

Acordo, sinto o calor reconfortante do meu marido e me aconchego mais perto. Ele está dormindo, mas será que ele *realmente* dorme?

Mesmo quando ele dorme, há tensão em seus ombros e nas linhas de suas feições bonitas e robustas.

Com o passar das semanas, odeio o fato de ainda não ter mais noção de quem eu era do que antes. Apenas pedaços e fragmentos aparecem. Então, fiz o que o médico disse, mesmo sendo difícil — dei um descanso à minha mente.

Já me resignei ao que sei: meu lugar é aqui. Sou Anissa Kopolov. Sou esposa de Kopolov *Pakhan* e irmã que virou figura materna para seus irmãos, porque agora que estou aqui, o elo perdido de uma figura materna se tornou lamentavelmente aparente.

Jantamos todas as noites, pontualmente, mas em vez do "negócio como sempre", ou das poucas noites tranquilas em que ninguém conversa, agora é um pouco mais leve. Pelo menos, é o que dizem. eu. Posso não ter muito a oferecer, mas parece que trazer um toque de humanidade ao jeito rígido e intransigente de Rafail não é totalmente indesejável.

A família dele cresceu com um senso de dever e firmeza e, honestamente, uma boa dose de medo pelo irmão mais velho. Mas todos eles eram crianças quando perderam os pais, e um deles ainda é criança. Faltava-lhes um toque suave no dia a dia, e pretendo transmitir isso a eles agora, à minha maneira.

Gostaria que ele pudesse relaxar, mas ele ainda carrega o peso do mundo nos ombros. Mesmo que ainda me incomode saber que fugi dele por não saber quem eu era, estou me conformando com isso.

Quero dizer, acho que sim.

Quando estou sozinho, e está tudo quieto assim depois de um sonho, eu lembro... um pouco.

Eu sei que tenho — *tive* ? — irmãos. O que me incomoda é que meu marido diz que não, e não há indícios de que ele esteja mentindo quando fala comigo. Às vezes, ele parece evasivo, mas meus instintos dizem que ele está dizendo a verdade quando se trata do meu passado. E, no entanto... não parece verdade. Ele jura que eu só tenho pai, então por que me lembro das pessoas me chamando de

irmã?

E aquela mulher no meu sonho era minha mãe. Em algum momento, pelo menos. Agora eu sei disso. Já a vi mais de uma vez.

Isso é uma coisa que não faz sentido algum para mim.

Não acredito que ele esteja mentindo completamente para mim. Ele parece confiante no que está me dizendo, mas ocasionalmente... de vez em quando... há um pequeno deslize. Seja na expressão dele ou na... Do jeito que me sinto, começo a temer que algo esteja errado. E preciso saber o porquê.

Por que estou aqui? Quem sou eu? Como posso voltar a saber quem eu sou?

"Você está bem, querida?" A mão dele toca a parte inferior das minhas costas. Adoro o jeito como ele me toca assim, como se ele e eu fôssemos as únicas duas pessoas no mundo inteiro.

Meu coração bate mais rápido com a sensualidade sonolenta e rouca da sua voz quando ele acorda. Viro-me e deixo-me aquecer no calor que emana dele como uma fornalha, no peso do seu braço nas minhas costas, no conforto de saber que ele é meu cavaleiro, disposto a defender o meu castelo.

Como é possível que meu passado esteja envolto em mistério, mas ainda assim pareça que sou dele desde sempre? Porque existe uma certeza entre nós, uma honestidade, que me faz apegar a ele.

"É, você sabe como é", digo baixinho. "Quando acordo assim, tudo fica uma bagunça. Você devia dormir, Rafail. Juro que você é como um gato."

Ele dá de ombros largos, mas não nega.

Agora me é familiar o jeito como ele é tão protetor. Quando fomos atacados e ele me empurrou para baixo dele, me protegendo com o próprio corpo, eu soube que ele levaria um tiro por mim.

E não é só disso que ele me protege.

No silêncio da noite, quando acordo tremendo, com sonhos fragmentados ainda persistindo, ele me abraça até que minha respiração desacelere e eu possa voltar a dormir. Quando fazemos amor, anseio pelo peso do seu corpo pressionando o meu, meus pulsos presos em suas mãos. Há liberdade na entrega. Silêncio. E no silêncio, na vigília... horas antes do nascer do sol, quando meus sonhos me deixam duvidosa e confusa, a sensação firme de seus braços fortes ao meu redor me traz calma.

"Eu só queria poder lembrar."

Ele entrelaça os dedos nos meus. "Lembra do quê?"

Há um tom de nervosismo em sua voz. Será que esgotei a paciência dele?

"Quem eu sou", digo baixinho. Ele já deveria saber disso.

Rafail se vira para mim, apoiando-se no cotovelo enquanto seus olhos percorrem preguiçosamente meu corpo. "Eu te disse", ele diz com um rosnado baixo. "Você é minha esposa. Precisa que eu te ajude a lembrar disso?"

"Rafail", tento, mas quando ele se concentra em algo, não há como desviá-lo. Concentrada em mim, sei o que está por vir: um lembrete de quem eu sou.

A próxima coisa que sei é que estou presa embaixo dele. Seus lábios roçam minha bochecha, meu maxilar, minha clavícula, descendo ainda mais até meus seios. Meus mamilos se enrijecem. Ele lambe um, depois o outro, enquanto seus dedos grossos e ásperos afastam preguiçosamente minhas coxas. Ele agarra uma das minhas coxas com a palma forte e aperta.

"Estou com sono", protesto, o que me rende um tapa forte da palma da mão dele na minha coxa.

"Permita-me acordá-la, Sra. Kopolov."

Suspiro enquanto ele acaricia um mamilo com o dedo e dá um tapa na parte de baixo do meu seio. Difícil acreditar que ele estava apenas dormindo e agora está em *chamas.* Sexo matinal virou um ritual.

"Rafail." Eu me contorço porque, quando protesto um pouco, ele pressiona com mais força, e eu adoro isso. Este homem não é manso. Ele pode ser bonzinho. para mim, ocasionalmente — muito raramente — mas então a selvageria dentro dele é liberada.

Aqui, porém, na privacidade do nosso quarto, onde fazemos amor, ele baixa a guarda.

Tudo o que estou lutando para, repentinamente, parar quando seus lábios reivindicam os meus e seus dedos me abrem.

Ele é *meu* . Meu — cada centímetro do seu lado másculo, mandão e rabugento.

Brincando, eu o viro de costas, o que eu sinceramente não conseguiria fazer se ele não permitisse. Ele sorri enquanto me coloca em cima dele, me dando a ilusão momentânea de que fui eu quem o empurrou. Ele é muito maior do que eu, mais forte. Eu não conseguiria empurrá-lo nem se tentasse. E acredite, eu tentei.

Infelizmente, o estilo cowgirl está um pouco fora de cogitação com este gesso, embora eu esteja me recuperando e quase não precise mais de muletas. Ainda assim, consigo, sem jeito, manter minha perna em um ângulo e apreciá-lo, submisso por um instante, abaixo de mim.

Com um leve empurrão, ele ajeita minha perna para que fique confortável. *Ooh. Eu gosto.* Meus dedos se espalham por todo o seu peito quente e nu, o calor aquecendo minhas palmas enquanto traço os músculos firmes. Seu peito sobe e

desce em um ritmo constante sob minhas mãos, seu pau grosso na minha entrada escorregadia. Seu corpo pulsa com poder contido.

"Gosto desta vista", diz ele num sussurro rouco, com a voz áspera e sensual, e o modo como seus olhos percorrem meu corpo é uma prova de sinceridade. Ele gosta *mesmo* desta vista. Ele gosta do que vê. Meu corpo menor e pálido contrasta tanto com o dele que é quase cômico.

"Nossos bebês serão parecidos com você? É um jogo de dados. Eu acho que seus genes são mais... dominantes", digo com uma piscadela.

Eu me curvo e roço meus lábios nos dele. Pela primeira vez, a ideia de ter filhos dele não me assusta. Parece... natural. Ele já é a figura paterna da família Kopolov. O patriarca. Eu já assumi o papel de irmã mais velha-mãe. Ter filhos agora parece natural.

"Eu adoraria que nossos filhos fossem como você", diz ele, sério, estendendo a mão para agarrar meus quadris com força com suas mãos fortes e poderosas. Eu não uso muita roupa para dormir, então ele encontra facilmente minha entrada nua.

Minha respiração fica ofegante. "Você faria isso agora?"

"Claro", ele diz, prendendo a respiração com a primeira estocada. Estou tão cheia; minha cabeça cai para trás, seu pau quente pulsando no meu centro. Ele desliza quase completamente para fora antes de deslizar para dentro de mim novamente com uma estocada brutal e deliciosa. Meus olhos se fecham enquanto a felicidade me inunda. "Uma chance de me lembrar de você? Sim. Todos os dias. Uma lembrança da minha linda esposa? Não há nada que eu queira mais." Seu olhar penetra o meu com tanto fogo e posse, que meu coração se revira no peito. *"Ty-moya, navsyegda, Nikto i nikogda ne smo-zhet otnyat tebya u menya."*

Você é minha para sempre. Ninguém jamais poderá tirar você de mim.

Outra estocada me faz sentir um prazer percorrer a espinha. *Adoro* cavalgá-lo, a sensação de conexão. Poder. Adoro a sensação das mãos dele ancoradas nos meus quadris enquanto me esfrego contra ele, mais intensa do que nunca, quase *fundida* ao meu marido.

"Vem cá", ele diz, deslizando a mão pelas minhas costas para me puxar para mais perto. Eu me inclino em sua direção, e sua boca encontra meu seio, capturando um mamilo entre os dentes. Eu suspiro quando ele lambe meus mamilos um de cada vez, um toque de dentes e calor úmido me levando à beira do clímax, me puxando para mais perto do limite do controle.

"Vire-se", ele diz, saindo de mim. "Eu te ajudo. Vire-se para frente. Preciso te provar. Quero que você goze na minha boca antes que eu te tome completamente."

Eu gemo um pouco em protesto porque talvez eu seja um pouco mimada e

carente, e gostaria de poder sentar em seu rosto *e* tê-lo *dentro de* mim ao mesmo tempo, mas Rafail não tolera desobediência. Quando não obedeço imediatamente, seu olhar escurece.

"Você está me desobedecendo, meu pequeno cisne?", ele pergunta, com o olhar fixo em mim, meio que me desafiando a desafiá-lo, a lhe dar uma chance de me punir. Ele vive para isso.

Foda-se, eu também.

"Talvez", respondo com um beicinho e um sussurro. Ansiosa para saber o que ele vai fazer a respeito, mas com medo de desafiá-lo abertamente. Rafail pode ser assustador.

"Na minha cara", ele diz com um rosnado baixo, os dedos na minha lateral me marcando. "Você já está encrencada. Esta é sua única chance de ser uma boa menina."

Meu Deus.

Não consigo me apressar para obedecer com meu gesso desajeitado, mas com facilidade, ele me coloca à sua frente. Com seu pau grosso na minha frente, eu me inclino e passo a língua por toda a extensão venosa. Um calor úmido me inunda ao som de seu gemido, pouco antes de sua mão, grossa e pesada como uma raquete, bater contra minha bunda.

Eu suspiro fundo, mas isso não o impede. Ele bate na minha bunda repetidamente, punindo, estalos fortes antes de se espalhar. minhas pernas abertas e enterra o rosto na minha boceta. Ainda estou ofegante da breve, mas dolorosa, surra antes da primeira carícia da língua dele no meu clitóris.

Ele se afasta o suficiente para sussurrar com tesão contra minha coxa: "Quero te comer e depois te foder com força. Se você colocar a boca em qualquer lugar perto de mim, eu gozo na sua boca, e quero ser dono da sua boceta hoje de manhã."

Outro tapa forte me faz quase sair da pele, um rápido lembrete de quem ele é e do que espera, antes que ele agarre meus quadris e me puxe para mais perto. Estou perdida em sensações, meus quadris ondulando enquanto o prazer me percorre. Ele alcança meus mamilos pendurados à sua frente, belisca e os aperta entre seus dedos ásperos e quentes antes de sugar meu clitóris novamente e acariciar meu calor úmido com a língua.

Seu hálito quente aquece a parte interna das minhas coxas enquanto ele rosna: "Boas garotas sabem ouvir, querida. Você é uma boa garota?"

Repetidamente, ele me lambe até que sinto como se seu toque de marca estivesse em cada centímetro da minha pele — dedos ásperos no meu núcleo, pulsando, espalhando minha umidade sobre minha bunda e boceta, sua língua no meu clitóris, provando e me levando ao clímax, a pele ardente da minha bunda

espancada me excitando até que eu sinto que vou gritar.

"Implore", ele rosna contra minha coxa. Mordo o lábio e não respondo, porque adoro quando ele chega quase a ponto de rosnar comigo. Grito quando seus dentes cravam na parte interna da minha coxa. " *Implore* , ou eu vou te amarrar nessa cama e ficar com essa buceta o dia todo sem deixar você gozar."

Meu Deus. Isso parece... torturante?

O que acontecerá se eu empurrá-lo?

Estou prestes a implorar, prestes a pedir, quando ouço uma batida forte na porta.

"A menos que alguém esteja prestes a bombardear nossa casa ou morrer, dê o fora daqui", ele berra. Passos se afastam.

"Rafail", imploro. "Você deveria ser mais gentil. Sério."

Ele para embaixo de mim. Opa. Agora eu consegui. Meu coração dispara e minha boceta lateja de desejo.

"Mais legal?", ele diz num sussurro sombrio. "Você quer que eu seja mais legal, é?" Balançando a cabeça, ele alcança minha boceta e me dá uma — só uma — leve pressão de língua. Aproximo meus quadris dele, mas ele afasta a boca. "Você é uma menininha safada, Anissa. Acha que pode me dizer o que fazer?"

Porra.

"Desculpe", começo, mesmo sabendo que é tarde demais. Não posso jamais esquecer que, embora eu possa ser a Bela, presa em uma casa com um monstro, meu marido ainda é a fera que *nunca* se transformará completamente de volta em homem. E ele adora quando lhe dou a oportunidade de me punir.

"Você quer que eu seja mais legal", diz ele, quase pensativo. Em tom de advertência. Ele enterra o rosto na minha boceta como se estivesse saboreando o aroma almiscarado da minha excitação antes de me empurrar para o lado.

Não.

"RAFAIL", imploro. "Por favor, por favor, por favor, não faça isso." Mal sei o que estou implorando.

"Fazer o quê?", ele pergunta, com os olhos tão escuros quanto carvão, sua ereção dura como aço entre nós. "Ensinar minha esposa a me obedecer?"

Sem mexer no gesso, ele, milagrosamente, consegue me colocar de bruços na cama, não de joelhos, mas apoiada em travesseiros. O que ele está *fazendo* ?

"Vem cá", diz ele, deslizando pela beirada da cama e me levando consigo. Ele me puxa para baixo, com a mão agarrada no meu cabelo. "Você quer mesmo me empurrar, não é? Foi você quem decidiu me dizer o que fazer."

Abro a boca para implorar — para implorar que me deixe gozar e que eu me comporte — quando a raposinha que adora ser dominada pelo marido feroz e raivoso sai guinchando da minha boca. Estou tremendo.

"Você não é meu chefe."

O que?

A imobilidade dele é assustadora. Eu fui longe demais. Falei demais. Eu não deveria pressioná-lo assim, não quando eu sei...

Sua palma punitiva atinge minha bunda com uma força que faz minha pele arder e meu clitóris *pulsar.*

Meu Deus.

Outro tapa forte da palma da mão no mesmo lugar me faz implorar por misericórdia. "Ai! Meu Deus, por favor! Vou ficar boazinha!", imploro, mesmo com minha boceta apertada, quase implorando por mais.

"Você pode ter certeza de que vai se comportar", ele resmunga no meu ouvido. "Temos muito trabalho para fazer hoje. Você sabe disso. Talvez um bom lembrete de a quem você pertence seja necessário." Me segurando contra a cama, seu flanco pressionado contra o meu, sinto-o remexendo na gaveta ao meu lado. "Você está praticamente implorando para que eu te castigue, para te dar uma lição."

Ah, não. Eu sei a merda que ele guarda naquela gaveta, todos os instrumentos de tortura com os quais ele gosta de me surpreender. Minha boca se abre em um suspiro silencioso quando ele tira algo que não consigo ver, mas um segundo depois, a umidade escorre pela minha bunda.

“Rafael!”

Sua única resposta é espalhar lubrificante entre minhas bochechas.

"Eu não consigo fazer isso", suspiro, meu coração batendo tão forte que estou um pouco tonta. "Espera aí! Eu nunca fiz isso antes."

"Você pode", ele diz com certeza. "E você vai. Não diga não ao seu marido, cisnezinho, não quando ele estiver te punindo. Precisa de um lembrete do que acontece quando você se comporta mal?" Inclinando-se, ele morde meu ombro. Eu grito e empurro, mas não consigo me soltar. O calor pulsa em minhas veias, meu corpo tenso, a excitação lambendo cada parte sensível de mim com tanta intensidade que não consigo respirar.

"Obrigado."

Eu ofego. "Por... quê?"

“Vou aproveitar cada *segundo* fazendo você se comportar.”

Sei que este é um jogo que jogamos, uma dança que amamos, mas uma parte de mim se pergunta onde ele termina e eu começo. Se eu implorasse para ele parar, ele pararia?

Mas meu corpo lhe conta uma história diferente. Minha excitação escorre pela minha perna, meu clitóris dolorosamente duro e pulsante. Estou tão excitada que até o toque provocante da língua dele me faria voar para o orgasmo agora mesmo.

Meus olhos se fecham com força enquanto o calor e o calor inundam meus sentidos. Eu quero isso. Eu *quero.* Eu amo andar na linha entre o medo e a excitação. Terror e excitação, sem saber o que ele vai fazer em seguida. Há algo na maneira descarada como ele reivindica meu corpo com o dele que me faz sentir como se eu fosse o centro do seu *mundo* .

Inclinando-se para que sua boca esteja em meu ouvido e seu corpo quente e quente envolva completamente o meu, ele sussurra: "Respire, querida. *Respire.* "

Por instinto, obedeço e, com a respiração seguinte, ele desliza para dentro de mim. Lentamente. Suavemente. Não é doloroso como eu esperava, mas parece tão errado, e minhas bochechas ardem. "Seu filho da puta pervertido." Ofego com um sorriso malicioso. Sua risada rara e profunda me faz sorrir enquanto ele me penetra.

“Você vai vir?” ele pergunta.

Será que estou? Me sinto tão cheia, tão excitada, mas nervosa. "Preciso de um minuto."

"Ótimo", ele diz com uma aprovação sombria. "Porque você não tem permissão até que eu diga. Se fizer isso, vai se arrepender, Anissa."

Ele desliza para dentro de mim novamente, e meu clitóris pulsa. Mais uma vez, e minha boca se abre. Começo a implorar para que ele me deixe gozar quando ele se retira. Gemo com a perda dele e bato na cama, frustrada.

“Rafael!”

"Você conhece a regra", ele diz com um grunhido, acariciando-se atrás de mim. "Incline-se. Possua-me. Quero marcar você antes de sairmos desta sala."

Eu me jogo na beira da cama, meio cega de excitação, quando ele grunhe e geme. Sua semente quente escorre pelas minhas costas e desliza pela minha bunda enquanto ele goza forte e rápido.

"É ISSO, MEU ANJO", diz ele enquanto se acaricia novamente. "É disso que eu quero me lembrar quando você se sentar ao meu lado hoje. Você, usando a minha marca."

"Rafail", gemo. "Meu *Deus.* "

Ainda estou prestes a gozar, tão excitado que mal consigo pensar em mais nada.

"Vou deixar você gozar depois que me mostrar que é uma boa menina." Ele se inclina e beija minha bochecha. "E eu prometo que valerá a pena esperar." Ele me deixa na cama, e eu penso no que ele fará se eu me forçar a gozar.

Sim. Não vale a pena.

Porra.

QUANDO ELE VOLTA, traz uma toalha dobrada na mão. Eu o encaro com uma carranca.

"Sem birra, querida", diz ele com um sorriso satisfeito. É tão raro ele sorrir que, quando sorri, parece o sol brilhando depois de um longo inverno. "Prometo que vai valer a pena."

Ele me enxuga antes de pressionar a mão na minha lombar. "Eu te visto. Fique aqui." Ele se abaixa e sussurra no meu ouvido. "E se você se tocar sem permissão, você quebrou uma regra fundamental. Não me teste, Anissa."

"Que regra é essa?", grito para ele, que se afasta quando vai buscar minhas roupas.

E tudo isso, quase tudo, quase vale a pena a tortura quando ele se vira para me encarar, seu olhar ardente faiscando. "Ninguém toca no que é meu."

Eu o encaro. Acho que o amo. Eu me apaixonei por esse homem, uma verdadeira fera, por cada centímetro rabugento e rabugento dele. Eu me apaixonei, e me apaixonei de verdade.

E não sou o único.

Minha mente fervilha com essa percepção enquanto ele pega roupas do armário e me veste. Mal percebo até olhar para baixo e ver que estou usando um vestido.

“Um vestido?” pergunto.

"Adoro ver você de vestido." Seus lábios ásperos roçam minha bochecha. "Melhor acesso. Agora. Vamos descer. Rodion e Zoya precisam de ajuda com algumas coisas, e depois você e eu vamos para a cidade."

Meu queixo cai. Ele vai me deixar sair de casa de novo?

Ainda usando seu *esperma* ?

"Rafail", sussurro. "Você está falando sério?"

"Claro."

" *Por quê* ?" Eu reclamo.

"Tenho uma reunião de negócios e é do interesse da minha família que você se junte a mim." Ele me dá um sorriso malicioso. Inclinando a cabeça para o lado, ele estala a língua. "Com certeza você não tem planos de desobedecer ao seu marido em público, tem?"

Eu pisco e balanço a cabeça sem dizer nada.

"Ótimo", diz ele, satisfeito. "Porque estou ansioso pela sua recompensa."



OceanofPDF.com

Capítulo 17

RAFAIL

ACONTECE que foi Rodion que arriscou a vida ao nos interromper quando ela estava sentada no meu rosto.

Anos depois, Rodion às vezes ainda precisa que lhe incutam o medo de Deus. Quando menino, ele testou a paciência de santos e demônios. Hoje em dia, eu o peguei um pouco mais leve; ele conseguiu evitar a quantidade impressionante de problemas em que se meteu antes.

Minha esposa está fazendo beicinho e tentando fingir que não está. Eu a mimei no começo. Não consegui evitar. Ela estava tão ansiosa por tudo e qualquer coisa no quarto — ela era massa de modelar nas minhas mãos.

Mas ela adora quando eu a provoco. Ela adora ser provocada. Ela goza como nunca antes, mesmo que eu tenha que torturá-la um pouco para chegar lá.

E ela *aprenderá* a ceder à minha autoridade. Eu nunca vou recuar e *vou* insistir. Ela não tem escolha. É a única maneira real de mantê-la segura.

"Agora, Rafail", ela diz, segurando meu braço enquanto descemos. "Você não pode esquecer que é aniversário do Rodion."

Merda. Eu *esqueci* .

"Você esqueceu, não é?", ela diz, com os lábios se contraindo. Anissa conseguiu abrir mão das muletas e andar com gesso, mas ainda precisa de um pouco de ajuda.

Eu dou de ombros.

“Vocês comemoravam o aniversário deles quando eram crianças?”

"Hum."

" *Rafail* ", ela diz em tom de reprovação. Como posso dizer a ela que tenho coisas mais importantes para cuidar? Eu estava mantendo um império, encontrando meu caminho como homem e mantendo o legado da minha família. E meus pais nunca deram muita importância às comemorações de aniversário.

"Tínhamos", diz ela com um sorriso antes de suas palavras a alcançarem. Ela faz uma pausa, agarrando-se ao corrimão em busca de apoio. "Tínhamos. Eu sei que tínhamos. Eu tinha uma mãe. Irmãos. Ela fazia um alarde sobre aniversários. Ela

garantiu que tivéssemos nossa comida e bolo favoritos e nos encheu de presentes. Eu... eu ainda consigo ver um quarto decorado em rosa e dourado e uma pilha enorme de presentes me esperando." Virando-se para mim, ela parece desconfiada e confusa. "Mas você disse que eu não tinha irmãos."

Ela não fez isso. Não sei por que ela continua falando nisso.

"Eu juro, Anissa, você não tinha irmãos." Meu Deus, se tivesse, eu teria muito mais com que me preocupar do que tenho. "Escute, eu sei que você se lembra de irmãos, mas talvez você tivesse uma família grande? Não sei. Primos? Eu também tenho alguns."

"Eu sei", ela diz baixinho, com a testa normalmente plácida franzida. "Mas... não acho que eles fossem primos."

"Tudo bem."

"De qualquer forma", ela diz, balançando a cabeça. "Isso não importa. O que importa é que você deseja feliz aniversário ao Rodion, participa das festividades e, hoje à noite, jantamos com toda a sua família."

Concordo com a cabeça. "Justo." Coço o queixo. "Então, o que demos de aniversário para ele?"

Dei a ela um cartão de crédito na semana passada e carta branca para comprar o que quisesse. Achei que ela pudesse ser tímida demais no começo para usar, mas parece que um ou três pacotes chegam à porta todos os dias. "Travesseiros para o quarto", disse ela. "Você precisa de mais cor no escritório", ou "Eu realmente preciso de mais calças de ioga".

Não me importo. Ela pode comprar o que quiser. Ela embelezou nosso quarto com seu toque pessoal. É mais feminino, e eu gosto disso.

“Comprei para ele uma daquelas adagas russas tradicionais.”

Minhas sobrancelhas se erguem em leve surpresa. "Kinjal?"

"Mmm. É lindo e bem feito. Um item cerimonial para a coleção dele. Ele está mais velho agora, sabia? Foi o Semyon que sugeriu."

"Tudo bem", digo, com as mãos no bolso. "Mas chega de armas sem me pedir antes."

Ela parece que vai revirar os olhos, mas pensa melhor.

Eu sabia que, eventualmente, ela aprenderia a ceder.

“Ele é teimoso, Anissa.”

"Sim, mas ele evoluiu muito. Você mesma disse."

Ele conseguiu. Foi preciso muita força e muito tempo, mas ele está chegando lá.

"O que mais?"

“Ah, um relógio bacana. Algo masculino, algo em que ele possa realmente confiar. É um bom relógio, não muito extravagante, mas prático e maduro, e tem todos esses recursos de smartwatch.”

"Legal."

“Comprei para ele uns tênis chiques, edição especial.”

Eu levanto uma sobrancelha para ela.

"Eles são legais. Ele não usa sempre preto, botas ou terno, como *alguém* que eu conheço."

Coço o queixo. "Quer que eu use tênis?"

Ela engole em seco e lambe os lábios, com a voz rouca. "Eu me ajoelharia e faria qualquer coisa que você pedisse só para te ver de tênis e boné virado para trás." Sem dizer nada, ela flexiona os dedos sobre meu bíceps.

Fico olhando para ela por tanto tempo que ela finalmente ri. "Você está falando sério?", pergunto.

Ela solta um suspiro e se apoia no corrimão. " Sério *mesmo* ."

Tudo bem, então. Estranho, mas tudo bem. Ela é tão adorável encostada no corrimão que não consigo evitar fazer um gesto com o dedo para ela. "Vem cá."

Ela está nos meus braços em dois passos. Beijo sua bochecha e passo a mão pela sua nuca. Ela respira fundo, meio suspiro, meio gemido. "Você é uma menina tão boazinha cuidando de todo mundo." Sussurro em seu ouvido: "Agora eu vou cuidar de *você*. Se toque."

Seus olhos se arregalam. "Aqui? Rafail, você está falando sério?"

Sinto meus lábios se curvarem numa careta. "Parece que estou brincando?"

"Não tem ninguém aqui", sussurro. "Zoya e Rodion estão lá embaixo. Verifiquei as câmeras antes de sairmos do quarto. Queria ver quem bateu na porta."

Eu a seguro contra mim, apoiando-a, enquanto ela obedientemente desliza a mão por baixo do vestido e abaixa a calcinha. Sua boca se abre e seus olhos se fecham enquanto ela acaricia a boceta. "Boa menina", sussurro, colocando minha mão ao lado da dela e assumindo o controle. Acaricio até suas costas arquearem e ela respirar pesadamente. "Lembre-se disso." Afasto minha mão. "Comporte-se e você verá como eu a recompensarei."

"Rafail", ela geme, afundando-se em mim. "Você está me *matando* ."

"Que dramático", digo, dando-lhe um tapa forte, mas brincalhão, na bunda. "Agora desça."

Acontece que ela não lhe deu apenas tênis caros e sofisticados pelos quais ele baba, um relógio novo e uma faca. Ele tem pacotes em uma torre tão alta que balançam antes mesmo de abri-los. Ela se esforçou ao máximo: roupas novas, um capacete de moto para quando ele pilota, fones de ouvido de luxo e luvas de boxe novas. Ingressos para um show e para fazer a revisão do carro dele. Seus olhos dançam enquanto ele abre um presente de cada vez.

Zoya observa com um sorriso no rosto enquanto ela prepara waffles e bacon, seus pratos favoritos.

"Você o estragou", digo, balançando a cabeça, embora não esteja realmente desaprovando.

“Não tem problema ser mimado no seu aniversário.”

Depois de abrir tudo, Rodion se levanta e estende a mão para Anissa. Ele se abaixa para envolvê-la num abraço apertado. "Obrigado."

"Claro."

Quando eles se afastam, lágrimas brilham nos olhos dela. Porra.

Ela é o elo perdido da família que eu não sabia que precisávamos.

Eu não percebi o quanto *eu* precisava dela.

Ela suavizou algo em mim. E por um minuto, enquanto vejo minha noiva perfeitamente integrada à minha família, os olhos brilhantes do meu irmão e o sorriso da minha irmã, sinto que posso ter tudo — minha família, a estabilidade da minha família... e ela.

Ela observa enquanto arrumamos a mesa, com os olhos brilhando de ternura. Para alguém que perdeu tudo e foi forçada a uma situação que não escolheu, ela demonstrou tanta resiliência. Nossa, eu admiro isso.

A casa inteira parece mais leve com ela aqui, e a tensão habitual que pesa sobre mim quase... desapareceu.

Há uma sensação estranha no meu peito, tão estranha que quase não a reconheço... *paz.* É paz. Talvez, só talvez, eu possa tê- *la*, meu lindo cisnezinho, e tudo o mais. Eu ainda posso manter o controle que preciso para manter as pessoas que amo seguras e ainda tê -*la.*

Meu mundo.

Quando a encaro, com a mão sobre a dela, ela sorri para mim. Confiante. Calorosa. Eu a puxo para perto de mim, para o meu colo. Minha linda esposa. Quanto mais tempo passo com ela, mais espero que ela sinta o que eu sinto, mas eu sei... o momento é perfeito. Perfeito demais, até. Paz. não é duradouro em nosso mundo. Posso muito bem aproveitar esses momentos roubados enquanto posso.

Alguém bate na porta.

"Não abra", digo bruscamente para Rodion, com a mão na maçaneta.

“Só nós dois”, grita meu tio do outro lado.

Anissa franze a testa. "Deveríamos nos recusar a abrir e fazê-los entrar do jeito que você pediu." Ela cruza os braços sobre o peito e diz, em tom altivo: "Não gosto que eles desobedeçam você."

Eu também não. Viro-me para a porta. "Esta está trancada. Vá para a frente", disparo.

Eles xingam, e eu ouço o som de passos se afastando, mas eles fazem o que eu mando. Anissa se regozija.

Mando Rodion deixá-los entrar e, quando a porta da cozinha se abre, meu tio e minha tia se sentem em casa.

Não gosto do jeito que minha tia olha para Anissa. "Vou levar a Anissa para passear. Temos negócios na cidade." Meu negócio é levá-la para gastar um pouco antes de encontrarmos o resto da família para jantar.

"Nossa, nossa, nossa, como somos mimados", diz minha tia com um olhar azedo, olhando para a mesa com papéis de embrulho e presentes espalhados.

"Você deu uma *Maserati* para o seu filho no aniversário de dezesseis anos", diz Zoya, estreitando os olhos. "O Rodion recebeu uma intimação judicial para o aniversário de dezoito anos. Parece justo que ele possa ser mimado de vez em quando."

Anissa quase engasga com o chá. Minha tia encara Zoya e abre a boca para responder, quando Anissa interrompe. Ninguém será rude com Zoya sob seu comando. "Com licença", diz ela com sua voz clara e confiante. "Obrigada por ter vindo como pedimos. Meu marido tem regras de segurança." Ela sorri docemente. "Por favor, não cometa esse erro de novo. Eu odiaria ver você levar um tiro sem querer."

Minha tia abre a boca para protestar, mas Anissa ainda não terminou. "É muito importante que você faça o que meu marido diz. Ele *é* quem manda aqui."

Meu tio me encara, mas concorda.

Quando chegamos ao carro, estou determinado a recompensá-la. Ela se aconchega no meu colo.

"Você foi uma boa menina lá dentro. Defendendo seu marido."

Ela me dá de ombros, com o queixo erguido, com um ar altivo. "Essa vagabunda não vai menosprezar sua família e desrespeitar você. De *jeito nenhum* ."

Sorrio em seus cabelos, sentindo seu cheiro. "Boa menina", sussurro contra sua

orelha. "Acho que você mereceu uma recompensa."

“Ooooh”, ela cantarola.

"Abra as pernas, boneca. *Agora.* "

Ela não precisa ser solicitada duas vezes. Deslizo a mão pela sua panturrilha, o vestido dela se enrolando no meu pulso, e encontro o calor úmido da sua boceta. " *Jesus* , mulher. Você está tão molhada.”

"Você vem me provocando há *anos* ", ela geme. "Meu Deus, Rafail, *por favor.* "

"Você quer minha boca ou minhas mãos?", sussurro em seu ouvido, acariciando seu clitóris inchado.

Sua voz quase se quebra em um soluço. " *Sim.* "

O interior do carro se enche com seus apelos e minha risada sombria enquanto a guio para o banco de couro, meu aperto firme, porém comedido, enquanto abro suas coxas e a posiciono exatamente onde eu a quero. É uma sensação íntima naquele pequeno recinto.

Eu me inclino, meu hálito quente contra sua pele, provocando-a antes de pressionar minha boca em seu centro pulsante e úmido. Minha língua desliza por suas dobras quentes e escorregadias, e ela geme em um suspiro profundo de contentamento. "Por favor, Rafail. Farei qualquer coisa que você me disser. Desculpe por não ter implorado antes. Eu quero você. Quero sua boca em mim. Quero gozar na sua língua. Por favor, *por favor.* "

Rosno em aprovação e deslizo meus dedos em seu âmago. Ela estremece e enfia os dedos em meus cabelos. Seguro suas coxas enquanto a saboreio com movimentos deliberados e medidos. Cada movimento da minha língua arranca um gemido suave dela; o som úmido da minha língua a levando ao clímax se mistura ao zumbido do motor lá fora.

Ela se ancora no meu cabelo como se quisesse se manter no lugar enquanto minha língua circula e se aprofunda, implacável, exigente. "Quem é o dono dessa boceta?", rosno para ela.

“Você. *Você* , "Rafail", ela diz facilmente, engasgando com um meio soluço. "Você é meu dono por inteiro. *Todo meu.* Sou sua."

Eu a acaricio novamente e mergulho em seu centro enquanto seu corpo se arqueia em minha direção.

“A quem você se rende, pequeno cisne?”

" *Você.* Você, Rafail. Sempre."

"Boa menina." Eu a recompenso com mais um golpe de língua e mais outro até ela gemer. "Goza na minha boca, meu anjo. Goza para mim." "Eu", expiro antes de acariciar seu clitóris novamente. Sua cabeça cai para trás e ela grita, seu corpo

arqueando-se em direção ao meu.

As paredes da sua vagina se apertam em volta dos meus dedos enquanto a primeira onda de prazer ecoa por seu corpo. Seguro seus quadris com força para que ela não voe para longe enquanto grita meu nome e goza com tanta força que quase fica rouca. Meu pau pulsa ao som dos seus gemidos, ao jeito como ela goza com abandono, como se o mundo inteiro lá fora deixasse de existir e tudo o que importasse fosse me perder em um prazer extasiante.

Dou-lhe uma lambida de despedida, e seus quadris se contraem. Ela geme, de olhos fechados. Eu a arrasto para o meu colo enquanto ela ofega, exausta e esgotada.

"Valeu a pena?", pergunto com uma risada sombria.

"Nunca vou me perdoar por isso", ela responde num sussurro rouco. "Mas sim."

Ainda estou rindo quando meu telefone toca. "Puta merda, eles têm o dom de interromper nos piores momentos."

"Para ser justa", diz ela com a voz rouca, os olhos ainda fechados. "Muitas vezes, nós, hum... não gostamos de ser interrompidos. Talvez seja por isso que eles conversam tanto na hora das refeições."

Verdadeiro.

Olho para o telefone. É o Semyon.

"Sim?"

“Tenho uma notícia estranha, irmão.”

"Sim?" Ela suspira contra meu peito, alheia à chamada.

“Alguém disse que os Romanov estão na cidade.”

Por que isso me dá arrepios? Eu mal os conheço. Não somos inimigos, mas definitivamente não somos amigos. Não tenho nada a temer deles.

"Sim?"

"Tem alguma coisa estranha", diz Semyon. "Há rumores de que eles estão fugindo do cartel, mas a associação é complicada. Alguns familiares se casaram com membros do cartel, mas parece que fizeram inimigos. Mas essa não é a parte complicada."

"O que é?" Eu odeio quando as pessoas demoram muito para ir direto ao ponto.

"Eles estão procurando a irmã desaparecida, Rafail. O nome dela é Polina."



OceanofPDF.com

Capítulo 18

"ANISSA"

Não é incomum que Rafail pareça irritado, mas agora, ele parece um assassino. Estou meio sonolento depois de tudo o que ele me fez passar, mas enquanto ele fala com o irmão, olho para o telefone que Rafail finalmente me deu. Yana tinha uma pergunta sobre hoje à noite, e é melhor eu ficar longe do que quer que tenha causado aquela expressão em seu rosto hoje. Estou na metade da resposta quando a voz de Rafail me interrompe no meio do pensamento.

"Polina? Isso me parece familiar, mas não sei por quê. Mal os conheço."

Meu celular cai no meu colo. Eu o encaro. *Polina.* O nome do meu sonho. Já o ouvi mais de uma vez, e ele ainda soa com uma familiaridade que faz meu coração doer.

Polina.

Uma lembrança me vem tão repentinamente que me deixa sem fôlego. Estou em uma sala que me é familiar porque a vi em meus sonhos. Uma sala de estar? A mulher de cabelos grisalhos olha com preocupação, e um homem... *Mikhail. Seu nome é Mikhail.*

Eu pisco. Sei o nome dele. E não só o nome. Ele é meu irmão. Mikhail. Aleksandr. Eles são meus irmãos.

Fecho os olhos. Lembrando.

Ele está me dizendo para fugir, que estou em grave perigo. E minha mãe promete que estaremos seguros se formos para Moscou.

Moscou. Estou perto de Moscou agora.

O que aconteceu?

"Polina?", sussurro, encarando Rafail. "O nome do meu sonho." Sento-me e me afasto dele.

O olhar de Rafail se torna turvo, com um olhar preocupado. "Você pode tê-la conhecido em algum momento? Talvez você a conhecesse. Ela é a irmã Romanov."

Romanov.

"Romanov?", sussurro. "Esse é o meu nome, Rafail."

Encaro Rafail. Sinto como se soubesse se ele estivesse mentindo, mas não há nada além de sinceridade em seu olhar. Balançando a cabeça, ele me envolve com o braço. "Não é, querida. Você nunca foi uma Romanov. Eu sei disso com certeza. Seu nome agora é Anissa Kopolov. Tudo o que eu te disse é verdade."

Mas é aí que ele desvia o olhar.

Tudo o que eu te disse é verdade.

Algo começa a se agitar em minha mente. Questionamento. Sinto-me confuso e inquieto enquanto flashes de memória começam a surgir. não condizem com o que me disseram. Consigo ouvir trechos de conversas, ter visões de lugares que me parecem familiares, ver rostos de homens e mulheres que sei que são... família.

Balanço a cabeça e fecho os olhos, tentando entender tudo. Ele não está mentindo, e ainda assim... está mentindo descaradamente.

Será que ele não sabe a verdade?

Ou ele me enganou completamente?

Ainda estou meio bêbada de prazer, então a ideia de ele mentir para mim soa atroz. Odeio a ideia da minha confiança nele... vacilar.

E ainda assim…

Sinto-me segura com ele. Até comecei a pensar que, apesar da minha falta de memória, poderia construir um futuro com ele. Amo seus irmãos e irmãs e sinto que pertenço a este lugar.

Mas… algo não está certo.

"O que foi?", ele pergunta, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

"Eu só... bem. Tenho medo que... minhas memórias estejam voltando e me confundindo."

Sua carranca não alivia minhas preocupações.

O que ele está escondendo?

Por que esse nome me causa tanta familiaridade?

Chegamos às lojas, e Rafail se inclina e me beija na bochecha. "Desculpe pela confusão, meu amor. Lembre-se, o médico disse que você também pode ter falsas memórias. Dê um tempo. Deixe para lá por enquanto, e deixe as coisas virem à tona como devem."

Falsas memórias.

Não... não, essas não são memórias falsas. Consigo ver o jardim do lado de fora da casa onde cresci. Consigo ver um homem enorme e musculoso com um grande sorriso no rosto. O nome dele era... Viktor. Ele era meu irmão. Quando eu era pequeno, ele andava comigo nos ombros porque era grande, mesmo sendo criança.

Ele também é meu irmão. Eu tive muitos irmãos. Eu tinha irmãs? Não sei se me lembro de irmãs, mas sei que alguns dos meus irmãos eram... casados. Sim. Como eu.

Por que não me lembro do dia do meu casamento?

Fecho os olhos e tento relaxar o cérebro.

Por favor, deixe-me lembrar. Por favor.

Eu pinto uma imagem na minha mente, mas não importa o quanto eu tente, não consigo lembrar.

"Anissa", diz Rafail gentilmente. "Vamos. Você vai se machucar se forçar demais, querida. Não faça isso. Vai ficar tudo bem, eu prometo." Ele me puxa para si e me abraça forte, seus braços grandes me envolvendo enquanto beija minha testa. "Vai ficar tudo bem, Anissa. Você vai ver." Ele beija minha bochecha novamente. "Eu te amo." Sua voz diminui. "Todos nós amamos."

Engulo o nó na garganta. Porque até dez minutos atrás, eu teria pensado que sentia o mesmo.

OceanofPDF.com

Capítulo 19

RAFAIL

Polina Romanova.

Observo minha esposa recuar.

Observo-a me ouvir, ouço as palavras que sussurro sem responder. Algo mudou. Não consigo neutralizar a dúvida crescente que ela parece sentir à medida que suas memórias começam a emergir.

Estamos em um momento crucial, e não sei como impedir que isso aconteça. Quanto mais ela se lembra, mais sinto a necessidade de ancorá-la a mim para que ela não vá embora.

Isso me perturba. É então que percebo que meus sentimentos por ela me colocaram em um lugar que eu prometi a mim mesmo que nunca estaria.

Vulnerável.

Fraco.

À mercê de outra pessoa.

Cerro o punho e balanço a cabeça. Não, prometi a mim mesma que não faria isso, e ainda assim aqui estou, tão vulnerável quanto no dia em que ela me abandonou no altar.

Não. Não vou deixar isso acontecer.

Ela é minha, minha noiva, minha esposa... meu tudo. E farei tudo o que estiver ao meu alcance para mantê-la segura. *Tudo.*

Não importa o custo.

Sei que deveria tranquilizá-la. Talvez devesse convencê-la de que tudo está como deveria ser, de que nada em nosso passado é problemático. Mas quanto mais penso em suas dúvidas crescentes... mais meu medo de ser perigosamente vulnerável vem à tona.

"Rafail?", pergunta Anissa, com a mão no meu ombro. E, como sempre que ela me toca daquele jeito, minha raiva derrete como neve sob o sol escaldante. Respiro mais profundamente. Sinto-me... mais leve.

Beijo a ponta dos seus dedos. "Sim?"

Seus olhos azul-bebê me encaram com preocupação enquanto ela segura meu queixo. "Acho que nós duas estamos confusas", diz ela suavemente. Engole em seco antes de continuar. "Vamos fazer um pacto."

Concordo com a cabeça, com um nó na garganta. Eu não sabia que podia amar alguém tanto quanto amo minha família.

Eu estava errado.

Esta mulher entrou na minha vida — não, eu a forcei a entrar na minha vida e a estar ao meu lado — e, no entanto, aqui está ela, se encaixando com o resto de nós da forma mais natural possível. Ela pertence a este lugar. Ela *é* uma de nós.

"O que é isso?" pergunto, com a voz estranhamente rouca.

"Não vamos falar do passado hoje. Não com a sua família no jantar. Falamos do futuro, mas vamos fazer um pacto de não trazer o passado à tona." Ela ri, e algo no meu peito se solta um pouco. Adoro o som da risada dela. Adoro tudo nela. "Não que você possa confiar na minha memória do passado, de qualquer forma."

Não chorei desde a noite em que meus pais morreram, e mesmo assim, não chorei até segurar o corpinho choroso da minha irmãzinha nos braços — lamentando a perda dos pais dela — para me fazer chorar. Mas agora... Meu Deus, estou a dois passos de perder a cabeça.

Beijo sua testa suavemente e a abraço.

"É. Tudo bem, então. Combinado. É um pacto."

Ela deita a cabeça no meu peito enquanto nos aproximamos das lojas. De repente, não quero mais estar ali com ela, não em público. Cada instinto dentro de mim me diz que isso é a coisa errada a se fazer.

Eu deveria correr.

"Deveríamos ir para casa", digo a ela. "Não estamos seguros aqui."

Seus olhos brilham maliciosamente. "Sua tia está em casa. Nós também não estamos seguros lá."

Eu puxo uma mecha do cabelo dela de brincadeira enquanto ela se inclina para beijar minha bochecha. "Eu me sinto segura com você", ela diz simplesmente.

E isso é tudo o que preciso para me convencer.

Mesmo que minha mente esteja ocupada com pensamentos sobre o que pode acontecer quando ela descobrir a verdade sobre nossa união... não consigo evitar.

Eu estrago tudo dela.

Primeiro, vamos à loja de vestidos. Ela pisca para mim enquanto experimenta vestido após vestido. Escolho uma seleção de modelos diferentes — alguns

elegantes para jantares em família e outros mais sedutores para jantar comigo . "Estes são lindos", diz ela, passando a mão por alguns deles. Comprei o maldito provador para poder ficar sozinho com ela. "Você parece gostar dos que têm fenda."

Dou de ombros e pisco. Adoro como isso a faz corar, porque ela sabe exatamente por que os escolhi.

Depois, a joalheria. "Sua tia vai ter um ataque de nervos", diz ela, rindo.

Rosno para ela. "Minha tia pode ir se foder."

" *Rafail* ", ela diz, meio reprovadora, enquanto ri alto. "Você está sempre *me dizendo* para me comportar."

Dou de ombros. "É um bom conselho. Agora vá logo para aquela loja. Tenho dinheiro queimando no bolso."

Ela sorri para mim e entra de cabeça erguida. Essa é a minha garota. Ela anda com a elegância de uma rainha. Da realeza.

Porque ela é.

"Nem sei por onde começar num lugar como este", diz ela, aconchegando-se debaixo do meu braço, quase timidamente. Ela observa as joias esmaltadas, algumas das mais famosas de Moscou. São vibrantes e expressivas, e Yana me garante que são as joias mais procuradas de Moscou. Parecem miniaturas de obras de arte, o que me cai muito bem, porque adoraria ver minha esposa usando algo único.

"Posso ajudar?" Uma jovem baixinha de cabelos castanho-claros me lança um sorriso encantador, olhando diretamente para Anissa.

“Sim, gostaria de escolher um conjunto exclusivo para minha esposa.”

O rosto dela se fecha. *Meu Deus.* Percebo que Anissa percebe o desgosto da vendedora quando seus olhos se estreitam. Puxo uma mecha do seu cabelo para lembrá-la de se comportar.

"Sua esposa?", ela pergunta, lançando um olhar nada sutil para Anissa. "Qual é a ocasião?"

"Por se comportar e ser uma boa menina para mim", respondo, encontrando os olhos de Anissa.

Suas bochechas coram, mas o brilho em seus olhos me diz que ela gostou da resposta. Infelizmente, a vendedora também. Ela ri como uma garotinha e vai até o fundo da sala, pegando uma maleta que tranca com chave. Eu me inclino e sussurro em seu ouvido: " *Ya dam tebe nagradu za to, chto ty vela sebya khorosho* ."

Eu lhe darei uma recompensa por se comportar tão bem.

"Então, neste caso, talvez algo da nossa coleção real. Chamamos essas peças de nossa coleção real porque são dignas de uma rainha." Mas ela continua me olhando.

Ela abre a caixa com um floreio. Anissa suspira. "São lindos", ela suspira, observando as obras de arte intrincadas. "Você disse que são esmaltadas?"

"Mmm", diz o vendedor, franzindo a testa. "Mas você não sabia? Você já esteve aqui antes."

Anissa cora. "Desculpe, eu não... eu não me lembro", gagueja.

"Mas foi só na semana passada. Você estava com outro homem", diz ela, com a cabeça inclinada para o lado. "Isso te lembra alguma coisa?"

A raiva me invade. "Isso é impossível", digo, fervendo de raiva, encarando-a. "Nos casamos na semana passada." Viro Anissa para longe do balcão. "Estamos prontos, obrigada."

"Mas senhor!" ela grita para nós, mas já estamos na metade da porta.

Estou respirando com muita dificuldade. Anissa está segurando meu braço, mas mancando porque não consegue andar em linha reta. Sem dizer uma palavra, eu nos guio pela rua. Nem sei para onde estou indo.

"Está tudo bem", ela diz suavemente depois de andarmos um quarteirão. "Sério, Rafail. Lembre-se do que eu disse. Vai virar à direita no final."

Solto um suspiro. "Desculpa", digo, balançando a cabeça. "Você merecia uma dessas peças lindas."

Ela ri e acena para mim. "Tanto faz. Não importa, não mesmo. Eles eram lindos, mas ela queria cravar as garras em você, então fico feliz que ela tenha perdido a venda. Que pena", diz ela, erguendo o queixo com um gesto irônico. "Podia ter ganhado uma boa comissão com isso e talvez investido em alguma escola de etiqueta. Meu Deus, como é isso?"

Dou-lhe o cotovelo e diminuo o passo antes de abrir a porta de uma cafeteria e segurá-la para ela.

Ela balança a cabeça. "Parecendo tanto um deus que as pessoas te tratam como tal."

Revirei os olhos para ela. "Exagerar não combina com você, Anissa."

A risada dela vale toda a viagem até a cidade.

Peço cafés para nós, coloco creme no dela e levo o saco de papel até onde ela está sentada, esperando, com as mãos cruzadas no colo e uma expressão de pura felicidade no rosto.

Jesus, eu queria poder mantê-la ali. Bem ali, imperturbável e à vontade, sem

nenhuma preocupação no mundo.

"Você me deu um bolinho", ela diz, batendo palmas.

"Claro. Você disse à Zoya que eles pareciam deliciosos quando viu naquele programa de culinária outro dia."

Seus olhos brilham enquanto ela dá uma grande mordida, pintando o lábio superior com glacê e lambendo as migalhas dos lábios. "Achei que você não estava prestando atenção. Estava ocupada demais dando um sermão no Rodion para não ignorar as regras do toque de recolher."

Resmungo e tomo um gole do meu café. "Eu ainda prestei atenção. Estou tão acostumada a dar sermão nele sobre as regras do toque de recolher que consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo."

Ela bufa. "Ele realmente te irrita."

Dou de ombros. "Mais quando ele era mais novo. Ele se sai muito melhor agora."

Recostamo-nos nas cadeiras. "Você fez um bom trabalho, sabia? Não sei se alguém já lhe disse isso com frequência, Rafail. Você é duro com eles, mas protetor, e não sei como alguém lidaria melhor com o que você fez. Eles são próximos. Resilientes."

Meu peito aperta. Ela tem razão. Ninguém me disse isso.

"Obrigada. Mas ainda está longe de acabar." Tomo um gole de café, pensativa.

Os olhos de Anissa ficam um pouco marejados enquanto ela toma um gole da caneca. "E isso também me parece familiar. O que *não* me parece familiar é saber quem vou encontrar hoje à noite. Você tem sua tia Irma e seu tio Eduard, que, infelizmente, eu conheço muito bem..."

Concordo com a cabeça. "Nós seis. Vadka, que você conheceu. Meu primo Gleb e seu irmão Matvei."

“Eles são os filhos de Eduard e Irma?”

"Hum."

Anissa franze a testa. "Seu avô?"

Concordo com a cabeça. "Meu avô, sim. Talvez alguns outros primos."

"Ótimo. Eu amo seu avô, mesmo que ele me faça perder o controle toda vez que jogamos xadrez, e um dia, vou *convencê* -lo de que o mundo da música é mais do que Tchaikovsky e Prokofiev. Um dia, vou apresentá-lo a compositores que não são russos — e ele pode até gostar." Seus olhos brilham antes de ela suspirar. "Há tanta coisa para lembrar", diz ela. "Como vou me manter informado?"

Inclino-me para a frente e aperto a mão dela. "Contanto que você se lembre do que é mais importante, querida."

Ela pisca para mim enquanto pago a conta, alheia, de costas para a porta. É sempre do meu jeito — posicionada para ver tudo, para garantir que nada me escape.

Mas então a porta se abre, e todos os meus alarmes soam. Fico sentado o mais imóvel possível, observando.

Três homens. Reconheço-os de algum lugar, embora não consiga me lembrar exatamente. O primeiro é alto e austero, com a pele dourada e o cabelo castanho-claro penteado para trás com precisão militar. O segundo é uma sombra em contraste com a sua luz — vestido da mesma forma, mas ainda mais alto, com cabelos escuros e um olhar penetrante que me atinge diretamente. E o terceiro, pairando atrás deles como uma tempestade, é puro músculo, tão maciço que quase preenche toda a porta.

Tudo em mim fica tenso. Eles não estão aqui por acaso.

Não sei quem são. Nunca os vi antes na minha vida. Mas, por algum motivo, meu instinto me diz para esconder Anissa, porque os outros clientes deste lugar sabem exatamente quem eles são. Eles mantêm distância do trio e, quando os homens se aproximam do balcão, o dono se aproxima, enxugando as mãos em um pano de prato.

"Vamos", digo a Anissa, levando-a até a porta. Abro para ela, com o coração batendo mais rápido. Não consigo entender o que está acontecendo, mas todos os pelos da minha nuca se arrepiam quando um dos homens rosna algo em russo para o dono.

"Desculpe, eu não trabalhei no balcão. Nunca vi ninguém com essa aparência. E você?" Com a minha visão periférica, vejo o barista examinando um celular que o homem segura, provavelmente com uma foto.

“Eu… ela não estava aqui agora?”

A porta se fecha atrás de nós.

OceanofPDF.com

Capítulo 20

"ANISSA"

Nosso carro está nos esperando e, quando a porta se fecha, ouço uma comoção no local onde acabamos de sair. Vozes gritam, e eu juro... as vozes são vagamente familiares.

Meu marido parece que viu um fantasma.

"O que foi isso?" pergunto a Rafail.

"Não faço ideia." Ele balança a cabeça. "Problemas."

Mas ele não me olha nos olhos. A sensação de que ele está escondendo algo de mim se intensifica à medida que memórias do meu passado que não condizem com o que ele me contou me deixam confusa e perplexa.

"Rafail..." Não sei como continuar. Não sei o que dizer.

Inclinando-se para mais perto de mim, ele passa o braço em volta dos meus ombros. "Talvez tenha sido demais te levar para sair assim, principalmente quando estamos nos encontrando com a minha família."

Mas não. Não é. Não gosto de ser protegida e me sentir frágil demais para lidar com o que quer que aconteça. Detesto isso, e há algo nisso que me desperta uma lembrança parecida.

"O que foi?", ele pergunta. "Você está se afastando de mim."

Eu sou, em mais de um sentido. Eu sei que sou.

"Estou só... confusa. E um pouco assustada", digo a ele com sinceridade.

Adoro estar com ele. Adoro o quão protetor e forte ele é. Estou em um lugar onde me sinto extremamente vulnerável e insegura sobre em quem posso confiar. Sua força me traz segurança quando vacilo. Até mesmo seu poder e controle me chamam em um nível profundo e primitivo. Mas, por trás de sua aparência severa, inflexível e até raivosa, vejo a vulnerabilidade que ele esconde. Por trás de sua fachada implacável, há um profundo poço de dor, as cicatrizes de traições passadas e da perda daqueles que ele amava. E eu amo tanto isso que meu coração dói.

"Tudo bem." O peso dos seus braços em volta dos meus ombros, a certeza das suas palavras e o conforto da sua presença me fazem sentir como se ele

realmente entendesse. "Vai ficar mais fácil. Você vai ver. Confie em mim para cuidar de você, e como você disse... vai dar tudo certo no final."

Talvez eu tenha imaginado algo menos? Talvez minha confusão tenha me levado a acreditar na única pessoa em quem posso confiar acima de tudo?

Porque desde o momento em que o conheci — ou acordei, pelo menos, como se fosse o *nosso* primeiro encontro — houve uma atração inegável entre nós. Mesmo quando não tenho certeza de quem eu sou ou quem ele é, quais são as suas motivações ou qual é o meu lugar, a atração primordial entre nós é inegável. Ele é perigoso, poderoso e completamente, loucamente devotado a... *mim.*

Pouso minha mão sobre a dele enquanto dirigimos pelas ruas da cidade. Rafail está alerta, como sempre, mesmo enquanto me abraça e me conforta. Não consigo deixar de amar isso nele também — sua natureza intensa e autoritária. Me fascina como ele comanda não apenas seu império e sua família, mas também o próprio espaço ao seu redor.

Talvez eu tenha uma queda por "macho alfa no controle" porque, caramba, é inebriante. O jogo de poder entre nós vibra quente e eletrizante, cortando meus medos e incertezas. Mesmo quando meu passado é um enigma e meu futuro uma tela em branco, há uma liberdade sombria e distorcida com ele — uma liberdade das expectativas sociais e convenções vazias, da ilusão de segurança. Com ele, posso forjar um novo futuro, uma nova identidade, mesmo estando profundamente enraizados neste mundo criminoso dele... Não, do *nosso* .

"Às vezes, juro que consigo sentir sua mente girando como uma máquina", diz ele, pegando minha mão para levar meus dedos aos seus lábios. Estremeço com o calor de seus lábios na minha pele antes que ele coloque a palma da minha mão em seu peito. Seu coração bate loucamente sob meu toque. Engulo em seco.

"É. Eu queria poder parar com isso. Sério, mas as últimas semanas têm parecido um encontro rápido ou algo assim." Balanço a cabeça.

"Que porra é speed dating?" Contenho uma risadinha diante da expressão de consternação e mordo o lábio para não rir.

"É como uma versão acelerada da coisa real. Você tira a parte superficial e vai direto ao ponto. É intencional, com o propósito de conhecer várias pessoas em uma única noite, em vez de se estender por semanas." Cutuco seu peito. "Talvez considere isso para a Zoya."

Espero que ele rosne em resposta, e não me decepcione. "Que diabos eu vou fazer. Ela não está namorando."

Do lado de fora, através da janela escura do carro, a vista começa a ficar mais lenta. Estamos nos aproximando do nosso destino.

“Rafail, você não pode mantê-la trancada em sua torre para sempre.”

Ele resmunga, franzindo a testa. "Por que não?"

Suspiro. "Mas a Yana é casada?"

Seus olhos se turvam e ele desvia o olhar. "Isso foi para mantê-la segura. Foi escolha dela, e eu permiti."

Mesmo sabendo que ele está sendo irônico, até certo ponto, eu... eu conheço esse argumento. *Ninguém é bom o suficiente.* Fecho os olhos com outra onda de memórias.

Estou ao lado da mulher que agora sei ser minha mãe. Meu irmão — um deles — está discutindo com ela. É a noite do baile de formatura do ensino médio e eu quero ir a um encontro.

Ninguém é bom o suficiente para ela.

Disseram que era muito perigoso, muito arriscado para mim ir sozinha sem uma delas comigo. Lembro que finalmente fui com um grupo de meninas, já que nenhum dos garotos da minha escola se aproximava de mim, não com todos aqueles irmãos perigosos na periferia.

Eu lembro…

Eu lembro…

Eu usava um vestido azul-claro com detalhes em glitter e saltos prateados. Meus longos cabelos loiros estavam presos na cabeça em cachos e espirais. Eu me sentia como a Cinderela esperando o Príncipe Encantado; só que... A abóbora encantada era um carro de luxo, e os guardas que me acompanhavam eram três dos meus irmãos mais velhos.

Meu Deus.

Eu lembro.

"Chegamos", diz Rafail. Pisco como se despertasse de uma lembrança. Parece que minha amnésia começou a se desfazer enquanto memórias fragmentadas vêm à tona. Pedaços do meu passado flutuam à minha frente, mas não tenho tempo para refletir.

Não tenho certeza se quero.

O carro para em frente a um restaurante. Eu meio que esperava manobristas uniformizados, mas este é um evento mais casual. As pessoas que entram no restaurante estão vestidas informalmente e mal olham para nós quando passamos. Eu gosto assim. A última coisa que quero é ser notada por alguém.

Quando entramos, porém, os olhos da recepcionista se arregalam por trás dos óculos ao nos ver. "Sr. Kopolov."

Rafail acena para mim. "E a Sra. Kopolov, sim."

Meu coração dá um pequeno pulo no peito. Adoro quando ele me chama assim,

quando me reivindica. E o jeito como seus dedos se entrelaçam aos meus, um lembrete instantâneo de que sou dele... Digo a mim mesma que não deveria me preocupar tanto com o que não sei e, em vez disso, me apegar ao que sei . Talvez minha identidade como *Anissa Kopolov* seja tudo o que importa.

Rafail Kopolov — severo, inflexível, poderoso e às vezes raivoso... apaixonado e dedicado, destemido e corajoso — me ama. *A mim.*

Seguro a mão dele, um pouco tímida, enquanto ela nos leva para uma sala nos fundos. Antes mesmo de entrarmos, ouvimos conversas e risadas.

De qualquer forma, conheço algumas pessoas aqui, e fico grata quando vejo os rostos familiares de Zoya e Yana. Zoya acena para nós e nos chama para irmos até ela, mas Rafail ainda está cumprimentando algumas pessoas.

"Ah, lá está o casal feliz." Seu avô é pequeno e frágil, mas seus olhos me lembram os de Rafail, e por trás de sua postura calma reside uma força inegável. Seus olhos calorosos e sua voz suave não escondem o poder que ele possui. "Bem-vindos. Venham, venham. Sentem-se. Tome um vinho."

Ele aponta para os dois assentos vagos ao lado de Zoya, mas Rafail ainda está observando a sala. Ele acena para sua amiga Vadka, Semyon, Rodion e alguns outros rostos desconhecidos que não reconheço. Ele me apresenta a alguns primos.

“Matvei, Gleb, conheçam minha esposa Anissa.”

"Ah", digo com um sorriso. "A gente não se conheceu no casamento?"

Os dois homens olham fixamente para Rafail, que apenas balança a cabeça. "Desculpe, ela esqueceu muita coisa, mas a memória dela está voltando aos poucos." Minhas bochechas coram. Ele está envergonhado de mim?

"S-sinto muito", gaguejo.

"Você está bem", diz Matvei, estendendo a mão. Ele é um sujeito grande como os outros, com ombros largos e uma intensidade silenciosa. Mesmo não sendo tão ameaçador quanto Rafail, sua presença por si só já impõe respeito.

Observado.

"Seu marido é como um irmão mais velho para mim", diz Matvei com um sorriso. "Crescemos juntos e eu o admiro. É um prazer conhecê-la."

Sorrio para ele. "Ele é o irmão mais velho de todo mundo, não é?" Seguro seu braço, seu bíceps tenso sob minha mão.

Inclinando-se, ele roça os lábios na minha bochecha.

"Não de todo mundo", diz o outro primo com um sorriso irônico que me deixa um pouco desconfortável. "Gleb." Gleb é mais esguio que o irmão, com feições marcantes e um sorriso encantador no qual não consigo confiar. Não chega a

alcançar seus olhos, e imediatamente me irrito. "Então você é a mulher que finalmente conseguiu que o Rafail se casasse. Deve ser uma história e tanto."

Olho para Rafail. Acalmar-se?

Por que nunca me ocorreu que existiam outras mulheres antes de mim? *Sossegar* ? Quantas mulheres existiram antes de mim?

“Ah, acho que você poderia dizer isso.” Eu rio.

Gleb pisca para mim. Os músculos de Rafail se contraem sob minha mão, mas seu rosto permanece plácido. "Teremos que ouvir tudo sobre isso algum dia. Aposto, com meu primo aqui, que nem tudo são jantares à luz de velas e diamantes."

"Ah", digo despreocupadamente, numa tentativa desajeitada de rir. "Ele é muito bom com aqueles jantares à luz de velas e diamantes, se é que posso dizer."

Rafail reprime um rosnado baixo. "Boa menina", diz ele suavemente. "Vamos minimizar as perguntas, Gleb. Prefiro ouvir sobre suas aventuras na América. Você passou um tempo em Nova York, não é?"

América. Meu coração dói por razões que não consigo entender.

Rafail puxa a cadeira para perto de Zoya, que se inclina e sussurra no meu ouvido: "Agora, não se preocupe com ele. Gleb é um babaca. Mas Matvei é legal, você vai ver."

Mas seu primo ainda não terminou. "Não é todo dia que conhecemos a nova Sra. Kopolov."

Rafail faz uma careta para Semyon. "Você deixou o Gleb entrar no vinho de novo? Já conversamos sobre isso."

Os olhos de Gleb brilham para Rafail tão rápido que acho que posso ter imaginado. "Só tome cuidado perto dele. A vida com Rafail pode ser..." Ele se inclina para a frente. "Intensa."

Eu sorrio. "Ah, já percebi. Eu gosto de coisas intensas. A vida não é só diversão, sabia?" Pisco de volta e pego o copo d'água que o Rafail me oferece.

A mão quente e firme de Rafail na minha coxa me dá um arrepio, um sinal de aprovação e um aviso para me comportar. Quase flerto com a ideia de forçar, só para ver o que ele vai fazer, mas a lembrança daquela manhã ainda está fresca na minha mente.

Então, enquanto eles falam sobre negócios, futebol e a versão americana da vodca, que todos parecem desprezar, converso com Zoya sobre qual vestido ela deve usar em seu próximo evento semiformal.

"Você já perguntou ao seu irmão sobre isso?", sussurro para ela.

"Ah, não", ela diz com um sorrisinho que é meio careta. "Eu estava, uh, meio que torcendo para que você fizesse isso."

Concordo com a cabeça. "Claro que sim." Quando ele está bêbado de sexo e meio adormecido, penso.

Não preciso me lembrar de que estou na presença de criminosos. Que meu marido comanda um império poderoso, mas que nenhuma dessas pessoas aqui, nem uma, nem mesmo a doce Zoya, é inocente.

A maneira como Rafail examina constantemente o salão, sempre vigilante. O brilho metálico no quadril de Semyon quando ele se levanta para receber mais uma prima e tia. Os olhares furtivos dos garçons e a pressa em garantir imediatamente que a comida seja servida prontamente e que nossos copos estejam sempre cheios.

O tio Eduard sorri para mim enquanto se serve de mais uma taça de vinho. "Você se casou e formou uma família pronta, Anissa", diz ele enquanto Rafail conversa com Gleb e Matvei. "Ele é pai desses bandidos há anos. Acha que deve facilitar para você começar uma família?"

Pisco os olhos, assustada com a franqueza do comentário. "Bem, quando chegar a hora", digo, dando de ombros, embora meu coração acelere só de pensar. "E mesmo sendo o irmão mais velho deles, parece..."

Matvei interrompe com um sorriso. "Parece que ele já tem bastante prática em criar uma família, hein?"

Rafail dá um sorriso sem graça, mas quando olho para ele, ele pisca para mim. Meu estômago embrulha.

"O Rafail é humilde demais para te contar, mas ele estava a caminho da faculdade quando... quando o acidente aconteceu", diz o avô. "Comprei uma mala para ele, e ele estava pronto." Sua voz fica mais suave. "Pronto para voar, não é, filho?"

Olho para Rafail, surpresa. Por algum motivo, nunca me ocorreu que ele alguma vez tivesse desejado algo além do que tem aqui, com sua família.

"Meu voo deveria sair naquela noite", diz Rafail, com um tom de melancolia na voz. "Quando recebi a ligação."

Meu coração dói pelo homem que ele teve que se tornar tão rápido, tão inesperadamente. "E você teve que cancelar tudo?"

"Claro", ele diz com um sorriso irônico. "Levei cada segundo do meu tempo para manter esses bandidos na linha."

Semyon bufa, e o avô balança a cabeça, o rosto enrugado e curtido se enruga enquanto ele sorri. "Se *isso* não é o eufemismo do ano. Eu tentei ajudar, mas não consegui acompanhá-los. Houve um tempo em que eles eram *selvagens* , e meus

dias de controlar terrores já passaram."

Matvei bufa e balança a cabeça. " *Jesus* , você se lembra daquela vez que o Rodion resolveu 'pegar emprestado' o carro do Rafail para dar uma volta? Tínhamos quantos anos, dezesseis?"

O sorriso de Rodion é um pouco dolorido enquanto ele esfrega a nuca e dá um sorriso tímido para Rafail.

"Eu me lembro bem", diz Rafail com um olhar penetrante. Ele não parece tão divertido quanto os outros, mas até mesmo seus olhos sérios brilham com um toque de humor.

"Tínhamos *quatorze anos* ", admite Rodion, balançando a cabeça. "E nos divertimos, não é? Até, uh... até o Rafail nos pegar."

Rafail rosna ao meu lado. "É, quase cair direto num rio parece muito divertido."

"Aff", eu digo com uma careta. "Vocês dois! Sério?"

“Ah”, diz Rafail, balançando a cabeça. “Eles fizeram. *Uma vez* , de qualquer forma."

"Você acertou", diz Matvei, com os olhos brilhando de tanto rir. "Ele nos arrastou para fora daquele carro tão rápido que minha cabeça estava girando. E a cara dele? Achei que ele ia nos matar ali mesmo.

“Eu pensei nisso”, diz Rafail secamente, fazendo todos rirem.

"Não, em vez de nos matar, ele fez questão de que desejássemos *estar* mortos", acrescenta Rodion com um sorriso. "Bom o suficiente, né?"

Matvei balança a cabeça. "É, acho que foi meio que um ponto de virada. Não fiz *essa* merda de novo."

Meu peito se aperta ao absorver suas palavras. O homem que tinha sonhos e esperanças além da cidade de Moscou e dos limites da família teve que abrir mão de tudo. Ele teve que assumir o papel de protetor, deixando de lado o que queria para manter o que já tinha.

Naquele momento, sinto o peso da responsabilidade ao lado dele. Quero ajudá-lo a carregá-la. Ele pode ser rabugento, intenso e tão mandão que às vezes me dá vontade de gritar, mas eu sinto — uma atração inegável pelo garoto que ele deixou para trás.

Quero devolver a ele um pouco da liberdade que ele perdeu.

Pego a mão dele e a aperto. Em resposta, ele segura minha mão entre as suas enquanto os garçons retiram nossos pratos e trazem grandes travessas de sobremesa com pudim brilhante e bolo em camadas.

“Ooooh”, diz Zoya, com os olhos dançando. “O bolo de chocolate deles é *épico* ,

Anissa.”

Concordo com ela. "Posso não me lembrar de tudo, mas posso dizer com absoluta certeza que *adoro* bolo de chocolate."

De repente, outra lembrança surge, como um instantâneo de outra vida que vivi. Juro por Deus, se eu não acreditava em reencarnação antes disso, com certeza acredito agora.

Meus irmãos — lembro-me de alguns nomes agora.

Mikhail. Viktor. Lev.

Meu coração dói.

O riso deles ecoa ao meu redor enquanto pego uma fatia de bolo de chocolate. Minha mãe, com seu sorriso gentil iluminando seu rosto enrugado, corta um pedaço para mim e puxa meu cabelo. "Mandei fazer o seu favorito", diz ela, inclinando-se para beijar minha bochecha. "Feliz aniversário, querida."

Eu pisco, e a lembrança desaparece como um sonho que se desvanece.

"Anissa?" Zoya me olha preocupada. "Quer um pedaço?"

Concordo com a cabeça, sem confiar na minha voz. Se eu falar, vou chorar. O olhar intenso de Rafail percorre o meu. Sem dizer nada, ele passa o polegar pela minha mão. Me tranquilizando. Inclinando-se, sua respiração é quente no meu ouvido. "Precisamos ir?"

Engulo o nó na garganta e forço um sorriso. "Só depois de comer aquele bolo, por favor."

Uma comoção ressoa do lado de fora da janela e, como em casa, na cozinha, todos eles imediatamente se colocam em posição de sentido. Rodion é o primeiro a se levantar, afastando-se da mesa com tanta rapidez que sua cadeira bate no chão. Eu fico olhando, com o garfo suspenso sobre o bolo, enquanto Rafail assume o modo comandante. Até seu tio e avô olham imediatamente para ele.

Semyon, guarde a porta. Matvei, vá com Rodion. Gleb, fique aqui. Yana, faça uma varredura no perímetro externo com vigilância e veja o que está acontecendo lá fora.

Enquanto todos correm para obedecer, ele se inclina para perto de mim e desliza o dedo indicador sob meu queixo, atraindo meus olhos para os dele. "Faça *exatamente* o que eu digo."

Concordo com a cabeça, apavorada com o que quer que esteja acontecendo e confiante de que ele cuidará de mim. De todos nós.

"Pode ser qualquer coisa", diz o avô, inclinando-se para tomar um gole de café. "Alguém interrompeu outra pessoa. Trocaram farpas. Um idiota bateu em outro

cara por flertar com a namorada dele. As pessoas fazem besteiras o tempo todo." Ele não precisa completar o resto da frase porque eu já sei. Eles não podem se dar ao luxo de fazer suposições.

E, no entanto... tudo isso me parece familiar, assim como antes. A mudança de memórias leves para a guarda, pronta para proteger um ao outro, não me pega exatamente desprevenida. É natural agora e sugere um passado do qual não consigo me lembrar em detalhes, mas que não é muito diferente do presente.

Yana fala primeiro. "Eles estão aqui por nós, Rafail." Ela se levanta, com o celular na mão. "A família Popov está aqui por você." Seus olhos se fixam nos dele. "E eles estão procurando por você."



OceanofPDF.com

Capítulo 21

RAFAIL

Meu primeiro passo é garantir que Anissa esteja segura. Ela me segue com os olhos arregalados, mas não parece surpresa ou ansiosa. Não. Uma reviravolta repentina não está fora de sua experiência. Ela está pronta para o meu comando, que pode variar de se abaixar para se proteger debaixo da mesa ou pegar a Glock 19 que comprei para ela no ar e se posicionar na porta.

Ela sabe.

Há mais em Anissa do que eu pensava, e pretendo descobrir o quê.

A porta do pequeno quarto que estamos alugando se abre bruscamente, Rodion e Semyon na frente. Atrás deles, Popov entra sozinho. Ele é alto, magro, atlético e tem um ar de autoridade que faz a maioria dos homens se encolher. *A maioria* dos homens. Eu, não.

Ele encontra meu olhar. "Preciso falar com você, Kopolov", rosna, como se mal conseguisse conter a raiva. Ele é frio e implacável, uma força a ser reconhecida no submundo russo. Os olhos de Anissa estão comicamente arregalados enquanto ela me encara, escondida atrás de mim.

Sorrio para ele e dou um tapinha em suas costas. "Jesus, que bom te ver, irmão."

Popov sorri de volta para mim. "Assim como você. Ouvi dizer que você tem alguém para me apresentar."

Puxo Anissa de trás de mim orgulhosamente, com a mão na parte inferior das suas costas. "Anissa, conheça Roman Popov, o mais velho da família Popov, ao norte de Moscou. Ele gosta de fazer uma entrada dramática."

"Então é verdade", diz ele como se fosse para si mesmo. "Eu precisava ver com meus próprios olhos." Popov é bem versado na arte de manter uma cara de pôquer, mas nem ele consegue evitar a breve expressão de choque que rapidamente esconde. Seus lábios roçam os nós dos dedos de Anissa tão brevemente que quase consigo controlar minha raiva quando seus olhos perversos brilham para mim.

"Bem-vinda, Anissa. Seria preciso uma mulher forte para enfrentar alguém como esse filho da puta."

Resmungo para ele e puxo uma cadeira. "Quer se juntar a nós? Estávamos

prestes a comer a sobremesa."

Rodion e Semyon guardam a porta. "Ele não veio sozinho, irmão", diz Semyon baixinho.

"Não", continua Popov, recusando meu convite para sentar. "Vim diretamente a você com uma notícia que impactará a todos nós. Posso falar com você em particular? Desculpe pelo drama." Ele solta um suspiro. "Não dá para esperar."

Todos os olhares estão em mim. "Claro", respondo, relutante em deixar Anissa, mas antes que eu possa dizer uma palavra, Rodion e Semyon se aproximam da mesa. Meu olhar cruza com os de ambos e sei o que prometem: proteção para todos, custe o que custar.

"Estamos seguros por um tempo", diz Popov. Por uma fração de segundo, juro que seus olhos se voltam para minhas irmãs — mas é Zoya quem fica vermelha e se vira. "Você tem a minha palavra; sua família está segura, até suas irmãs... por enquanto."

Não percebo o tom ameaçador quando entramos em um corredor vazio entre as salas de jantar e os banheiros.

"O que é?"

Ele não perde tempo. "Manuel Soloto, chefe de um cartel na Colômbia. Ele está atrás de uma mulher chamada Polina Romanova." Os olhos de Popov encontram os meus. "Esse nome significa alguma coisa para você?"

Mais uma vez, uma sensação de pavor se acumula no meu estômago. Balanço a cabeça. "Tudo o que sei é que ela é a irmã desaparecida da família Romanov."

"Sim. E quando ouvi a notícia, não pensei em mais nada. Só depois de ir tomar um café e conhecer os irmãos Romanov pessoalmente." Ele balança a cabeça. "Há algumas coisas que você precisa saber. Primeiro, os irmãos Romanov são uma força da natureza — seis homens, bem armados e implacáveis, cada um preparado para lutar até a morte." Balanço a cabeça. O que isso tem a ver comigo?

Popov continua. "Em segundo lugar, eles estão aqui porque enviaram a irmã a Moscou para protegê-la de Soloto. Soloto tem uma causa para defender, e ela está no radar dele."

Eu escuto, meu coração batendo mais rápido antes mesmo de ouvir o resto do que ele tem a dizer. "Terceiro..." Ele engole em seco. "Sua nova esposa tem uma semelhança *incrível* com a irmã Romanov, Polina."

Olho fixamente, incrédula. Não pode ser verdade... pode? *Como* ?

"Mostre-me." Minha voz está rouca quando ele pega o telefone e me mostra uma foto.

Olho fixamente para a mulher à minha frente — pele pálida, como porcelana. Olhos azuis como um dia de primavera. Cabelo loiro, quase branco, que lhe chega à cintura, e um sorriso fácil que conheço muito bem porque o carrego comigo para onde quer que eu vá.

"Não pode ser", sussurro, balançando a cabeça. "Isso... como?"

Ele guarda o celular no bolso de trás e balança a cabeça. "Não faço ideia, mas temos perguntas que precisam de respostas. Assim que vi a foto dela, vim te procurar. Não há dúvida de que sua esposa será confundida com a princesa Romanov. A questão é: quem virá primeiro?" Ele faz uma pausa, o peso por trás do seu olhar me prendendo no lugar. "Soloto ou os Romanov?"

Jesus.

"Leve-a para um lugar seguro, irmão. Prenda todos eles. E encontre as respostas que você precisa."

Minha voz é baixa e cautelosa. "Eu vou. Quem mais sabe disso?"

Ele olha ao redor da sala. "Não dá para prever. Se eu fosse você, eu fugiria. Tem gente em Nápoles e na Cidade do Cabo. Escolha o que quiser."

Balanço a cabeça. "Eu não corro, Popov, você sabe disso. Nunca fugi e nunca fugirei."

Ele solta um suspiro com uma careta. "Eu sei muito bem. Eu estava com medo que você dissesse isso." Com um aceno de cabeça, ele se ergue. "É por isso que, nesse caso, eu lhe oferecerei a força da minha irmandade para ajudá-lo. Diga a palavra, e eu ajudarei."

A ajuda dos Popovs terá um custo — isso é verdade. Mas, neste momento, para manter minha noiva segura, não há preço alto demais a pagar. É do interesse dele manter-se ao meu lado, e ele... sabe, assim como qualquer outro líder desta cidade, que alianças no submundo são mais valiosas do que quaisquer riquezas.

Concordo com a cabeça. "Obrigada."

Ele se endireita. "Recue. Proteja sua família. E encontre respostas, irmão. Meus homens liderarão os seus de olhos vendados. Ninguém, nem mesmo você, conseguirá ver a localização do nosso refúgio." Ele aponta a cabeça para a mesa. "Se eu fosse você, irmão, pularia esse bolo."

Preciso dar um salto de fé. Sei que posso estar levando minha família para um perigo ainda maior, mas meu instinto me diz que preciso confiar nele. O peso da responsabilidade é esmagador quando olho para Anissa e vejo seus olhos azuis, muito azuis, fixos nos meus. Ela sorri e acena com a cabeça, um voto silencioso de confiança.

Eu sei o que tenho que fazer.



OceanofPDF.com

Capítulo 22

"ANISSA"

Quando Rafail retorna, parece que encontrou um fantasma. Nunca o vi tão pálido, mesmo com seus olhos brilhando e sua voz estrondosa ecoando pelo restaurante.

"Estamos em perigo. Mais perigo do que vocês imaginam", diz ele, seu olhar se voltando para o meu em advertência. "Não consigo explicar... ainda não. Vocês terão que confiar em mim. Quero que todos vocês... até o último de vocês, vão para onde eu mandar."

O avô é o primeiro a se levantar, com a mão agarrando a bengala, o olhar sério fixo em Rafail. Tio Eduard o encara, mas quando abre a boca para fazer perguntas, Rafail balança a cabeça. "Agora não. Você e sua esposa são livres para fazer o que quiserem, mas, como seus filhos se comprometeram comigo, eles irão para onde eu mandar."

Gleb e Matvei seguem em silêncio. É uma execução tranquila, já que ninguém questiona as instruções de Rafail. Semyon, com seus olhos frios e calculistas focados em garantir que evacuemos prontamente, está ombro a ombro com Rodion, que parece... ele está pronto para lançar uma granada ou se lançar de cabeça em uma cavalgada que se aproxima.

Rafail não sai do meu lado. Zoya, porém, está branca como papel.

"Para onde estamos indo, Raf?", ela pergunta, com os olhos arregalados e preocupados. Ela agarra o encosto da cadeira como se estivesse se mantendo firme no lugar. Não é a primeira vez que ela enfrenta um medo como esse, eu sei.

Não é a primeira vez que *faço* isso.

Mas quando Rafail se aproxima dela, ele a abraça e a abraça. "Você tem que confiar em mim, Zoya. Não vou deixar ninguém te machucar — nunca. Enquanto eu estiver aqui, vou garantir que você esteja segura." Ele coloca uma mecha de cabelo dela atrás da orelha, suavizando a voz enquanto os outros vão embora rapidamente, sem dizer uma palavra. Ele tirou um momento em meio ao caos para acalmar os medos da irmã. Meu Deus, eu o amo por isso. "Você pode fazer isso por mim?"

Ela concorda. "Claro que posso, sim", ela diz.

Pego a mão dela. "Fique comigo. Você vai ficar bem, querida. Sei de fonte confiável que seu irmão me comprou um presente novo e, por algum motivo, tenho a sensação de que sou uma *excelente* atiradora."

Ela sorri para mim, mesmo com o lábio inferior tremendo. Rafail paga os garçons com um floreio de notas e lidera a evacuação. Na saída, uma equipe de carros elegantes, cinza-metálico, ronrona na calçada, homens uniformizados nos aguardando. Zoya e eu olhamos para Rafail ao mesmo tempo.

"Vá", ele diz baixinho. "Confie em mim."

Se eu tenho que confiar nele, por que ele não olha nos meus olhos?

Ele está escondendo alguma coisa? Parece que tenho mais perguntas do que respostas, e não gosto disso. Ele quer que confiemos nele cegamente, quando nunca me senti tão confusa.

"Por aqui", diz Rafail, me levando até um carro. Zoya entra no carro com a irmã e os irmãos. Mal vejo os outros, pois todos estão indo embora rapidamente. "A gente se vê daqui a pouco."

Vendas repousam ameaçadoramente sobre os bancos do carro, lembretes vívidos da nossa necessidade de confiar sem questionar. "Vamos para o esconderijo dos Popov", explica Rafail, com a voz calma e controlada como sempre. "Nem eu sei onde fica. Estamos todos vendados, sem exceção."

Meu coração bate mais rápido quando ele coloca a venda nos meus olhos. "Eu poderia me divertir muito com isso, Sra. Kopolov", ele sussurra no meu ouvido, tentando manter a calma.

Eu apenas engulo em seco e dou de ombros. Algo me diz que estamos à beira de uma mudança em nosso relacionamento. Algo está por vir, e será grande. Talvez até... catastrófico.

“O que ele te disse, Rafail?”

Vozes soam perto de nós. "Espere. Estão verificando se estamos com as vendas nos olhos. Seremos gravados na entrada para que ninguém nos espie."

Concordo com a cabeça. Minha boca está seca.

"E não, Anissa. Não posso te contar o que ele disse, ainda não. Por favor, confie em mim."

Quero confiar nele. Mas agora não tenho escolha. "Tudo bem. Pode me dar uma dica?"

Ouço o profundo suspiro dele no silêncio antes que sua mão se estenda para mim. Nossos dedos se entrelaçam. "Tudo o que posso dizer é que estamos em grave perigo... todos nós. Tenho perguntas que precisam de respostas antes de dar mais detalhes." As rodas do carro ronronam abaixo de nós. Não consigo ver

pela janela, mas sei que estamos dirigindo a uma velocidade alucinante. Minhas costas estão pressionadas contra o banco, meus pés grudados no chão.

Concordo com a cabeça. "Ok."

"Me conta uma coisa, Anissa." Sinto o calor e o peso reconfortantes da mão dele na minha coxa antes de ele continuar. "Do que você se lembra? Me conta tudo."

Meu pulso acelera. Engulo em seco. "Tudo?", pergunto a ele.

Mas e se o que eu disser a ele nos ameaçar? Eu não quero que isso aconteça.

E se eu estiver… *feliz* sendo Anissa Kopolov?

E então ele me puxa para si. No escuro, ambos vendados, encontramos as mãos um do outro. "Confie em mim. Por favor", ele sussurra. "O que você sabe pode afetar sua segurança, querida. Por favor, confie em mim."

Lágrimas molham minha venda enquanto avançamos em direção ao próximo esconderijo.

"Eu sei que meu nome não é Anissa", começo num sussurro. "É Polina. Eu sei que é. Consigo ouvir alto e claro, e não é mais apenas um sonho, Rafail. Eu tinha... *tenho* ... Irmãos. Muitos deles. E eles foram tão bons para mim. — Pisco e fungo. A mão dele acariciando meu ombro diminui o ritmo. — Eles eram protetores, sim, como você é com suas irmãs, mas me amavam. Não sei como vim parar aqui e não consigo me lembrar de muito mais do meu passado. E eu... eu não sei quem é Anissa. — Balanço a cabeça. — Mas eu não sou ela.

"O que mais?", ele pergunta com a voz rouca. "Preciso saber."

“Mas o médico disse que posso machucar meu cérebro se eu forçar —”

"Você *precisa* se esforçar. Você precisa. Não há outro jeito."

Minhas mãos tremem quando ele me segura com mais força.

"Eu sei que vim para Moscou porque estava em perigo. Lembro-me de fugir de você, e sei que... quando fugi de você, eu não te conhecia. Mas a questão é que eu..." Minha voz se perde. Tenho medo de dar voz aos meus medos.

"O quê? Diga." Sua voz é um sussurro áspero.

Não sei se o que me lembro é real ou não. Não consigo distinguir. Porque às vezes imagino que trabalhei em um hospital e, às vezes, imagino que sei atirar. Às vezes, acho que tenho irmãs, mas quando as lembranças da minha infância voltam, sou filha única.

Fecho os olhos, a venda encharcada. "Lembro-me de ser uma garotinha, sozinha, e me lembro de uma mulher gentil. E sei que ela é minha mãe."

É absolutamente brutal contar tudo isso a ele sem poder *olhar* para ele.

“Quero ver seus olhos”, digo com uma grande fungada. “ *Por favor* , Rafael.”

"Você não pode", ele sussurra, com a voz rouca. "Se você tirar a venda, eles vão atirar em você. Aí eu vou ter que matá-los, e vamos começar uma guerra em Moscou. As ruas vão ficar inundadas com o sangue deles, Anissa."

Agora ele me chama assim por hábito. Adotei esse nome.

"Bem, então. Acho que não vou tirar a venda."

Ele me abraça em silêncio, acariciando meu ombro com desenvoltura. "Me conta o que mais você sabe." Com uma gentileza que desmente o timbre firme da sua voz, ele beija minha bochecha.

"Eu sei que você me ama", sussurro. "Sei que fará qualquer coisa por mim. Sei que me protegerá de qualquer coisa que venha a seguir, mesmo que nenhum de nós saiba o que é."

“Sim”, ele diz simplesmente. “ *Sim.* ”

Engulo o nó na garganta e fungo. "Agora é a sua vez."

"Minha vez?"

"Sim", sussurro com veemência, sufocada pela necessidade de saber a verdade. "Diga-me o que *você* sabe. *Por favor.* "

Mas ele fica em silêncio por longos momentos, tanto tempo, que me pergunto se algo aconteceu. Pego sua mão, mas ele está quente e forte ao meu lado.

"Não posso fazer isso", ele finalmente diz. "Não posso te contar nada. Ainda não."

Meu queixo cai em choque. "Isso não é justo. Eu te contei tudo, até as coisas que eu não queria. Você não pode se recusar a fazer o mesmo por mim!"

"Eu posso e vou", ele rosna. Eu me afasto dele. Meu nariz formiga.

“Rafail”, digo em tom de reprovação.

"Você me ouviu", ele retruca. "Chegamos. Lembre-se de fazer exatamente o que eu digo. Exatamente."

"Você exige minha confiança e obediência, mas não me dá nenhuma resposta em troca. Como isso é justo, Rafail? Que tipo de amor é esse?" Meus punhos estão cerrados.

"Você era da máfia, Anissa. Você deveria saber disso. Nem tudo é justo no amor e na guerra, especialmente se você foi criada no crime organizado. Agora, comporte-se. Acredite em mim quando eu digo... você não *quer* me trair agora."

O ar aqui está quente e abafado. Meu nariz está escorrendo, meus olhos estão

inchados e estou com dor de cabeça. E estamos só começando.

"Muito legal", murmuro. "Ameaçar sua esposa."

“Eto ne byla ugroza!”

Aquilo não foi uma ameaça.

Paramos bruscamente. A porta se abre, e mãos se estendem para mim antes que se ouça o som de punhos batendo na carne. "Toque nela e morra, porra."

Então, só resta Rafail. Seu toque familiar, áspero, mas firme, me guia para fora do carro. A venda se solta e eu olho fixamente para a frente. Estamos no subsolo. Percebo o frio que faz aqui. O chão é de concreto, as paredes de pedra. Guardas armados, em formação militar, segurando armas carregadas, nos observam com rostos impassíveis.

Todos eles mantêm distância de Rafail.

Marchamos juntos em silêncio. Sinto-me... *traída*. Sim, traída por sua retirada repentina e suas palavras frias. Sei que ele está preocupado, mas não é certo que ele espere que eu lhe conte tudo sem esperar que ele me mostre a mesma cortesia.

Mas não consigo pensar nisso agora, pois estamos nos mudando juntos, com os irmãos dele por perto e os primos atrás de nós.

"Tirem as vendas. Cuidado onde pisam."

Pisco na penumbra, mas logo encontro Rafail ao meu lado. Estou furiosa com ele e *exigirei* respostas, mas ainda assim me consola bastante saber que ele vai me proteger... proteger *a todos* nós.

Observo rapidamente os arredores. Não há um único esconderijo, mas vários — uma rede de salas interligadas e bem iluminadas. Escondida sob a cidade, a entrada está oculta por algo lá em cima, mas nenhum de nós consegue ver. O ar é frio e úmido aqui embaixo, com um leve cheiro de mofo, mas está limpo.

Dois guardas armados à nossa frente abrem a porta. "A entrada ou saída deve ser aprovada pelo Sr. Popov", diz um jovem guarda mascarado. "Acessível somente com scanners biométricos. Qualquer um que tentar sair sem permissão explícita será imediatamente executado."

A porta se abre, e ele nos lança um sorriso irônico. "Aproveitem a estadia."

OceanofPDF.com

Capítulo 23

RAFAIL

POPOV NÃO BRINCA.

Cada esconderijo parece uma fortaleza, este lugar com tetos baixos e arqueados e paredes impenetráveis de concreto armado e aço. As paredes são revestidas com painéis à prova de som e os cômodos são surpreendentemente bem mobiliados. Quanto mais olho para ele, percebo... que não se trata apenas de um esconderijo, mas de uma jaula. Uma jaula na qual podemos ficar presos por muito mais tempo do que estamos preparados.

Jesus, espero que não fiquemos aqui por muito tempo.

Os quartos não têm janelas, mas são bem iluminados, mobiliados com camas aninhadas em estruturas de aço e uma série de fechaduras na porta.

“Ah, tem *uma* janela”, diz Zoya animadamente quando Rodion balança a cabeça com um bufo.

“Esse é um daqueles painéis que parece uma janela, mas é apenas digital.”

Seu rosto se fecha e ela reprime um suspiro.

"Não importa", diz Semyon, sempre pragmático. "Estamos seguros."

Há uma área comum onde todos os quartos convergem, e câmeras de vigilância estão instaladas em uma das paredes. Ela é mobiliada com cadeiras estofadas e uma ampla rede de tomadas. Embora este lugar tenha sido projetado principalmente para a segurança, há um toque de luxo por baixo. Eu dou uma olhada mais de perto. Deixo para Popov ter um armário de bebidas bem abastecido, camas e roupas de cama de alta qualidade e uma parede de sabonetes e amenidades de banho luxuosos no banheiro. Há até uma pequena, mas funcional, sala de ginástica com um banco de musculação e um sistema de TV a cabo.

Faço o check-in para me preparar para trancar todos. Matvei e Gleb estão no quarto maior com o avô. Eduard e Irma em outro. Minhas irmãs dividem um quarto, meus irmãos dividem outro, e Anissa e eu dividimos o quarto principal.

Ela não fala comigo desde que saímos do carro. Sei que ela quer respostas, mas o que ela não sabe é o quão perigoso é para mim dá-las a ela.

Preciso de mais informações antes de arriscar... foder *tudo.*

Como ela poderia ser Polina Romanova? Vi as fotos da Anissa. Li a ficha dela. Ela me viu e fugiu quando fui atrás dela, obviamente culpada. Não faz sentido para mim que a mulher que fugiu dos nossos votos não seja a mulher por quem eu... que se dane tudo. *A mulher por quem me apaixonei.*

Ela tem que ser Polina. Ela tem memórias que não condizem com sua identidade como *Anissa* . Ela não consegue se lembrar de ter tido irmãos, já que Anissa não tinha nenhum.

E se ela for Polina... o pior de tudo é que não tenho direito algum sobre ela e nunca tive. E fazendo o que eu fiz... sequestro ela, tomá-la como minha, *transar* com ela, atrairá a ira de toda a família Romanov.

Se o cartel não chegar aqui primeiro.

Preciso de respostas.

“Rafael?”

"O quê?" Viro-me para ela, mal prestando atenção, pois meu telefone está vibrando com mensagens de Popov, e não quero perder nada importante.

"Abaixe o telefone, por favor." Há um tom de aço em sua voz, e suas mãos estão apoiadas nos quadris. Franzo a testa para ela.

"Eu sei, eu sei", ela diz, balançando a cabeça. "Você não está acostumado a ouvir ordens."

Levanto uma sobrancelha para ela. Agora? Ela escolheu desafiar minha autoridade agora? Com minha família na mesma região?

“Não me teste, Anissa.”

"Pare de me chamar assim", ela sussurra. "Você sabe tão bem quanto eu que esse não é o meu nome."

Desvio o olhar para que ela não veja a fúria no meu olhar. Não é direcionado a ela. Não é culpa dela estarmos nessa situação. Cerro os dentes.

Viro-me para encará-la novamente. "Não sabemos o que está acontecendo."

Ela balança a cabeça. "Ah, não, também não vamos jogar esse jogo."

Fecho a porta atrás de mim com um estrondo quando recebo uma ligação de Popov. "Preciso atender."

Ela passa por mim para chegar à porta, mas eu a agarro pelo braço antes que ela escape. "Fique aqui até eu..."

"Ou o quê?", ela dispara, virando-se para me encarar, com um olhar desafiador. "Você vai me amarrar e depois exigir respostas para as coisas e se recusar a dar nenhuma você mesmo? Acha que pode me manter acorrentada e me fazer ceder

à sua vontade?"

Pego-a pelos dois braços e mal consigo evitar dar-lhe a sacudida de ranger os dentes que eu quero. Odeio essa situação. Se ela tentar ir embora, o último fio de humanidade em que me agarro vai se romper.

"Sim", rosno. "Vá em frente. Desafio você a me desafiar agora." Balanço a cabeça.

Com um grito agudo, ela afasta a mão e me dá um tapa no rosto. No instante em que sua palma toca minha bochecha, minha visão fica turva de raiva. A fúria corre pelas minhas veias, implorando para ser liberada, mas não posso machucá-la. *Não vou, porra.* Seria tão fácil, tão fácil, machucá-la.

Meu peito arfa de frustração reprimida enquanto nos encaramos. Ando de um lado para o outro, precisando que a raiva se esvaia antes de fazer algo de que me arrependa. Não sou novato nisso. Não me entrego à raiva. Em vez disso, a reprimo como aprendi a fazer. Anos criando esses malditos diabinhos me deram muita experiência.

Puxo-a para os meus braços, com um aperto firme e inflexível, envolvendo-a como ferro. "Nunca mais levante a mão para mim, porra." Minha voz está rouca de raiva.

"Me *solta* ", ela sibila, empurrando meus braços, mas ela poderia muito bem tentar mover uma montanha. Isso me traz uma quantidade considerável de de prazer em mantê-la contida enquanto eu colocava minha boca em seu ouvido. “ *Não.* ”

Sinto-a tremer contra mim enquanto minhas palavras pairam no ar entre nós.

Cada luta, cada empurrão, só atiça a necessidade crescente em mim.

Minha raiva se transforma em algo mais sombrio. Perigoso. Primitivo. Meu pau pulsa contra ela, minha mão coça de vontade de bater em sua bunda e domar o fogo em seus olhos selvagens e desafiadores.

"Você gosta disso, não é?", sussurro em seu ouvido, minha voz baixa e perigosa.

Ela prende a respiração, mas não responde de imediato. Sua falta de protesto é toda a confirmação de que preciso. A pressiono com mais força contra mim, esfregando-me contra sua bunda enquanto abaixo a mão e a aperto com força. Ela mal consegue conter um gemido.

Preciso atender a ligação do Popov. Preciso garantir que todos aqui estejam seguros e alinhados. Preciso... preciso foder minha esposa até ela se submeter e fazê-la lembrar a quem pertence antes que tudo vá para o inferno.

"Diga-me a verdade", sussurro enquanto minha mão percorre seu corpo quente e sensual, deslizando por baixo de suas roupas, buscando desesperadamente sua pele quente e macia. Seu corpo se arqueia contra o meu, a tensão se rompendo

entre nós como fios desencapados. Quando ela ofega, eu a giro para mim e seguro seu rosto com força na palma da minha mão.

"Eu te odeio", ela sussurra, mas o brilho em seus olhos e a hesitação em sua voz a traem.

"Sua mentirosa. Você me odeia?" Meus dedos se enfiam entre suas coxas. Eu rio baixinho e sombriamente quando deslizo facilmente por suas dobras escorregadias. "Você me odeia, é? *Prove.* "

Ela geme enquanto me encara, seus olhos dançando em desafio, mas cheios de desejo e fome. Seus lábios se abrem, sua respiração ofegante enquanto ela agarra minha nuca e puxa minha boca para a dela. Eu saqueio sua boca, reivindicando-a com minha língua enquanto suas unhas arranham minhas costas. Isso não é rendição, mas um desafio .

Esmago minha boca na dela, sentindo o gosto do seu medo, da sua necessidade, do desejo que ela desejava odiar. Uma onda de choque me atinge o peito quando ela revida sem aviso. Minha mão desce até a sua bunda. Agarro sua perna, a enrolo em mim e dou uma palmada forte em sua bunda.

Ela geme na minha boca, e eu engulo cada grama de sua necessidade, sua raiva, seu desejo e frustração. Minha língua lambe a dela. Meus dentes roçam seus lábios e os puxam para dentro da minha boca. Meu pau anseia por enchê-la.

Ela é um desafio e um sonho, e eu preciso possuir cada centímetro dela. Eu vou, porra. Não me importa quem ela é, de onde veio, qual é o nome dela ou qual é a história dela. Esta mulher é *minha.* Minha. Vou gritar isso aos quatro ventos e marcar o corpo dela. Aniquilarei seus inimigos e apagarei todas as memórias do seu passado até que ela só se importe *conosco.*

Ela. É. Minha.

E quem ou o que quiser nos impedir vai se arrepender do dia em que tentou nos separar.

Foda-se o cartel.

Foda-se os Romanov.

Foda-se a história, as alianças, os inimigos e a guerra.

Que se dane tudo.

"Você me pertence", rosno contra sua pele, minha boca traçando a linha do seu pescoço até a clavícula. Levanto a palma da mão e marco sua bunda novamente com outro tapa ardente. " *Minha* ."

Passo os dedos pelos cabelos dela e puxo sua cabeça para trás. Sua boca se abre, vermelha e inchada, seus olhos ardendo com aquela paixão e aquele calor que me deixam quase louco por ela. "Você me entende?"

Cada parte dela é um desafio que estou mais do que pronto para encarar. Arranco suas roupas, meus movimentos são bruscos, descontrolados. Não temos tempo, e não vou esperar mais um segundo. Ela está debaixo de mim, suas roupas esfarrapadas nos envolvendo, enquanto abro o zíper da minha calça e tiro meu pau para fora.

Quando ela me alcança, me guiando até o seu âmago, é toda a permissão de que preciso. Ela quer isso, *nos quer,* tanto quanto eu.

"Você diz que eu sou sua?", ela sussurra, com os dedos cravados nas minhas costas. "Prove, porra." Seu desafio ecoa o meu.

Suas mãos encontram meu pau. Nossos dedos se roçam. Eu me alinho contra o calor úmido de sua boceta e mergulho nela.

Sua cabeça cai para trás com um gemido, e seus olhos se fecham rapidamente. Não se trata de fazer amor preguiçosamente de manhã cedo, enrolados em lençóis, com palavras doces e carícias. Não se trata de uma exploração curiosa, de nos conhecermos e nos perguntarmos como dar sentido a tudo isso. Não. Não se trata de pura reivindicação, de uma foda sem adulteração, enquanto eu a penetro e me apodero das paredes de sua boceta.

Eu crio um ritmo rápido e aquecido enquanto suas pernas envolvem as minhas e suas mãos lutam para agarrar meu pescoço.

"Diga que você me pertence", ordeno, erguendo os quadris para poder penetrá-la repetidamente até que ela fique sem fôlego e meio embriagada com o primeiro espasmo de prazer que sinto ecoar em meu próprio corpo. "Diga, ou eu saio agora mesmo e te deixo amarrada na cama." Beijo sua bochecha úmida. Ela está chorando? "Você sabe como é isso, não sabe?"

"Sou sua, Rafail", ela sussurra. Piscando, outra lágrima rola pela sua bochecha. "Seu." Ela balança a cabeça como se odiasse admitir a verdade. "E você é meu."

Eu rugo de prazer quando a cabeça dela cai para trás. Balançamos os corpos um do outro — o dela, nu e submisso sob mim. Ainda estou completamente vestido e mal consigo conter a vontade de transar com ela até doer. Meu esperma quente jorra dentro dela, as paredes da sua boceta apertadas em volta de mim. Eu conecto meu prazer com o dela, como se estivesse buscando o último fio que pode nos manter juntos para que não desabemos.

Quero abraçá-la, sussurrar em seu ouvido que ela é tudo, que a amarei até meu último suspiro. Mas não posso, ainda não, não até ter respostas. Vou protegê-la, mesmo que não possa lhe dar as palavras de que ela precisa.

Então, volto ao que sei.

Saio de dentro dela e a limpo apressadamente com suas roupas rasgadas. Inclino minha cabeça em direção à dela e encaro seu olhar.

"Fique aí, porra, até eu atender. Ainda *não* terminamos."

Pego meu telefone e retorno a chamada perdida de Popov.

OceanofPDF.com

Capítulo 24

"ANISSA"

Olho fixamente para as costas do meu… marido?

É mesmo? Ou será que tudo isso é mentira?

Minha boceta ainda lateja depois do clímax. Ainda sinto a dor no couro cabeludo onde ele puxou meu cabelo, a plenitude dos meus lábios onde ele me mordeu, o estalo marcante da palma da mão dele na minha bunda nua.

Ainda sinto os resquícios do nosso amor escorregadios entre as minhas coxas, um lembrete de que não sou mais a garota que costumava ser. Sou outra pessoa agora — alguém que o deseja, que se sente viva quando segurada em seus braços, mesmo quando tudo ao meu redor parece estar desmoronando.

O que está acontecendo aqui?

Lembro-me de vestígios do meu passado que não ressoam com o meu presente, mas é como olhar para um quebra-cabeça que está apenas parcialmente montado: mais algumas peças precisam se encaixar antes que eu consiga entender a imagem completa.

Tenho medo de estar presa em um relacionamento construído sobre um castelo de cartas. Uma decepção. Mas mesmo na escuridão, envolta em medo e incerteza, há uma coisa da qual não posso duvidar: ele me ama.

Está escrito no beijo dele, na maneira como ele se descontrola quando estamos juntos... como se eu fosse a única que tem a chave para a sua vulnerabilidade. Sou a única que pode destruí-lo. Não é algo que ele diz, mas algo que sinto na maneira como ele me toca, na maneira como ele me olha.

Percebo isso na maneira como ele franze a testa quando me observa, como se eu fosse um enigma que ele precisa resolver. Ele carrega o peso do mundo nos ombros e, à sua maneira, fez o possível para carregar o meu. Sinto isso na batida constante do seu coração contra o meu, na pressão firme da sua palma nas minhas costas quando estou em apuros, um lembrete silencioso de que não estou sozinha.

Sinto isso quando ele coloca meu cabelo atrás da orelha e me dá um beijo carinhoso na testa. O jeito como ele me envolve com o cobertor no meio da noite e me abraça sem dizer nada quando acordo, tremendo e ofegante, de outro sonho.

Ele ama com a proteção feroz de um guerreiro, e eu sou seu prêmio de vitória.

Mas será que… será que é suficiente?

Pode ser?

Posso amar um homem que prospera no controle, que me faz sentir como uma prisioneira e uma rainha? Posso amar um homem cujo toque me faz sentir possuída, mesmo que eu não pertença verdadeiramente a ele?

Posso amar um homem que mentiu para mim?

Ele tem?

Rafail encerra a ligação e guarda o celular no bolso. Eu estava tão absorto em meus pensamentos e medos que não ouvi uma palavra da ligação. Não sei se teria feito muita diferença se tivesse ouvido.

Ainda não tenho ideia do que está acontecendo.

"E então?", pergunto, esperando obter alguma luz sobre o que está acontecendo, mesmo sabendo que ele provavelmente não vai me contar nada.

Ele apenas balança a cabeça, os ombros caídos. "Precisamos nos encontrar com a minha família. Com todo mundo."

"Hum, sobre isso..." Aponto para a cama. Ele olha por cima do ombro e, com uma careta, percebe que destruiu minhas roupas.

"Porra." Ele passa os dedos pelos cabelos. "O Popov tinha um armário de bebidas, você acha que ele tem roupas aqui?"

Dou de ombros, ainda enrolada nos lençóis. "Não faço ideia." Tento me levantar da cama para explorar o quarto, mas Rafail balança a cabeça, com a voz firme. "Fique aí. Eu vou dar uma olhada."

Não protesto. É uma situação em que você tem *que escolher suas próprias batalhas* .

Ele vasculha o armário e a cômoda, resmungando para si mesmo e emitindo alguns sussurros de aprovação.

"Ótimo. Lá vamos nós", diz ele, jogando um moletom cinza e uma camiseta branca para mim. Ficarão grandes demais, mas servirão. Quando os visto, as roupas ficam desajeitadas no meu corpo, o cós escorrega pelos meus quadris, e a camisa se desgasta como um saco. Não são apenas grandes demais, mas ásperas e desconfortáveis.

Rafail percebe que estou puxando e me remexendo, seus olhos se estreitam enquanto me observa tentar fazer funcionar. Dando um passo em minha direção, seu olhar suaviza por uma fração de segundo antes que ele pragueje baixinho novamente.

"Isso não vai funcionar", ele rosna antes de vestir a própria camiseta preta pela cabeça. "Tira isso."

Antes que eu possa argumentar, ele está puxando sua camiseta macia, gasta e confortável pela minha cabeça. Ela cai abaixo dos meus quadris, mas é mais confortável. Familiar. Inspiro profundamente, envolta em seu aroma robusto e masculino. Ele me observa por um segundo e, em seguida, veste as outras peças de roupa reserva.

"Pronto", ele diz com um aceno de satisfação. "Assim está melhor. Não que você vá sair *por aí* assim até eu encontrar algo mais adequado para você, mas serve por enquanto."

Sento-me na cama e cruzo os braços. "Você acha que vou ficar sentado nesta cama enquanto você e o resto da sua família têm uma reunião, ou jantam, ou seja lá o que for que você esteja planejando fazer?"

Eu o encaro, ciente de que meu olhar ameaçador é tão eficaz quanto um chihuahua miniatura rosnando para um dogue alemão. Mas, ainda assim, eu tento.

Balançando a cabeça, ele me encara com um olhar, lembrando-me de que não é apenas meu marido. Ele é o chefe da dinastia da família Kopolov e muito provavelmente um dos mais temidos de Moscou. Eu deveria odiar a naturalidade com que ele assume o controle. Mas mesmo com o peso do seu poder me consumindo, uma parte de mim *anseia* por isso. Anseia *por ele*. Eu deveria estar fugindo dele, não ansiando por ele.

“Você acha que *estou* permitindo que meus primos, irmãos e tio vejam o corpo da minha esposa, mal coberto pela minha camiseta?”

É, então não vou ganhar essa.

Eu suspiro.

Segurando meu queixo, seus olhos preocupados se tornam gentis. "Prometo que encontrarei algo mais adequado", diz ele.

Sei que não sou a única profundamente em conflito, mas quase consigo ver isso em seus olhos, no momento em que ele se afasta.

Não resolvemos *nada* .

Puxo os joelhos até o peito e aceno para ele, sem nem ter certeza absoluta do que estou concordando. Não tenho escolha a não ser recuar, como ele fez. Quando tudo mais falha, a autopreservação parece ser minha única opção.

Quando ele sai da sala, vejo as sombras dos outros lá fora. Quero estar com eles. Quero ver como Zoya está e se Yana está bem. Quero ter certeza de que Rodion não fez algo imprudente e louco, e que Semyon não cedeu sob a torrente de qualquer coisa que Rafail jogue nele.

Quero ter certeza de que Irma não está intimidando as meninas e que Eduard não está se aproveitando dos meninos. Quero conhecer os primos e ver o que os motiva. Matvei parece estar bem, mas não confio em Gleb. O fato de esses dois serem filhos de Irma e Eduard não é um ponto a favor deles.

E eu quero... eu quero meu marido. Não gosto da distância entre nós... emocional ou de outra natureza. Mas o espaço entre nós não é apenas físico — há um abismo que cresce a cada segredo, e eu não sei como atravessá-lo.

É difícil deixar de lado minha necessidade de respostas, mas não adianta gritar para o universo me dizer qualquer coisa quando temos necessidades mais urgentes a serem atendidas e nenhuma resposta está chegando ainda.

Então eu espero.

Percorro meu celular e procuro por Polina Romanova, mas é exatamente o que suspeito — se ela tem alguma rede social, elas estão bem escondidas. Nenhum dos Kopolovs também tem contas em redes sociais. Rafail teria um ataque de nervos, porque a privacidade é a maior aliada deles quando se trata de proteção cibernética.

Mas então, enquanto navego por links e fotos aparentemente irrelevantes, algo me chama a atenção. Uma foto antiga, granulada e mal iluminada, aparece em um blog obscuro. É uma foto de grupo, mas obviamente de um tempo atrás, em uma... gala beneficente?

Eu conheço aquele cabelo loiro, aquela pele clara e aqueles olhos azuis marcantes. Eles são definitivamente... meus. Sou eu.

Fecho os olhos quando sou assaltado por memórias.

Minha mãe e eu, planejando nossa festa de gala anual, a única época do ano em que meus irmãos eram bonzinhos com todos, pois era do interesse deles conquistar alianças e as boas graças da comunidade. Leilões de arte... Fazíamos um leilão de arte todo ano. Lembro-me até de quando comprei o vestido que usei naquela foto porque queria um que mostrasse meu decote, e meu pai proibiu.

Isso foi alguns anos antes de ele morrer.

Pisco para conter as lágrimas. Será que eu me lembraria delas se as visse?

Eles estão me procurando?

Existe alguma família desesperada por mim lá fora, em algum lugar? Ou meu lar é aqui, com os Kopolovs, por enquanto? Será que algum dia saberei?

A verdade será suficiente?

Olho fixamente para a foto, minhas memórias retornando agora como o fogo lambe a madeira. Lentamente no início, mas à medida que cresce... *avassaladora.*

Lá está Viktor, meu irmão enorme e bruto, ao lado de Aleks, o mais magro e musculoso, com olhos azuis penetrantes que as pessoas costumavam dizer que espelhavam os meus. Fomos todos adotados — lembro-me disso agora, uma coleção de membros da família reunidos ao longo dos anos.

Vejo Lev, meu irmão mais novo, com o olhar feroz que me é tão familiar, e Ollie, leal até a medula, mas perigoso como o inferno. Mikhail, o mais velho, em alguns aspectos não muito diferente do meu marido — protetor, severo e totalmente dedicado à segurança da família.

E minha mãe. Minha linda e elegante mãe, com sua juba de cabelos prateados e olhos dançantes.

Mas quem é a outra pessoa ao nosso lado? Ele não está *nas* fotos, mas a blogueira conseguiu capturá-lo na mesma foto. Eu pisco, encarando, porque ele me parece familiar.

Minha respiração fica presa na garganta, mas o que me dá um arrepio na espinha é quando o reconheço... porque hoje almocei com alguém com aquele mesmo queixo pontudo e olhos frios e calculistas.

Gleb.

Por que o primo do Rafail está na minha foto de família?

Minha respiração fica presa na garganta e meu coração dispara. Como cheguei aqui? Será que Gleb orquestrou tudo isso? As paredes parecem se fechar enquanto tento entender tudo. Teria sido tudo uma mentira desde o começo?

Tento engolir o nó na garganta, mas não adianta.

Como cheguei aqui e o que ele tem a ver com isso?



OceanofPDF.com

Capítulo 25

RAFAIL

Zoya e Yana sentam-se nos sofás confortáveis enquanto eu saio da sala. Popov não tinha muito a oferecer, exceto a promessa de nos destruir se quebrássemos alguma coisa, fizéssemos algo estúpido ou perigoso, ou fôssemos embora. Nada disso estava nos planos, então deixei para lá.

Zoya me olha com um olhar interrogativo, mas não lhe conto mais do que ela precisa saber. "Anissa está descansando", digo, com a voz firme para não tolerar discussões. O que Anissa e eu compartilhamos é nosso. Ela é minha, e eu protegerei sua privacidade — assim como a protegerei de todo o resto.

Yana franze a testa em direção ao quarto, seu olhar mais calculista que o de Zoya. Ela é tão feroz que quase dou um passo para trás. "O que você fez com ela? Juro por Deus, Rafail..."

"Ela está bem", eu respondo rispidamente. "Ela é minha esposa. O que você *acha que* eu faria?"

Ela solta um suspiro e balança a cabeça quando Irma e Eduard entram na sala, seguidos por Matvei. Rodion e Semyon são os últimos a se juntarem.

Rodion se recosta, olhando ao redor da sala com um sorriso. "Tenho que reconhecer o Popov, este lugar é *chique.* Discreto, seguro pra caramba, mas tem aquele... qual é a palavra? *Ambiente. Coragem.* " Ele gesticula em direção às paredes de tijolos e à iluminação industrial. "Parece real. Alguém poderia lançar uma bomba atômica e estaríamos seguros."

"É", murmuro. "Não vamos testar essa teoria."

Rodion dá de ombros, seu olhar se volta rapidamente para as prateleiras elegantes repletas de garrafas de uísque e vodca de alta qualidade, mas não percebo como seus dedos se contraem, procurando uma distração. "E a bebida? O gosto dele é impecável. Olha só isso. De primeira, cara. Um único gole pode aliviar a tensão."

Eu o encaro, e ele se contorce. "Vá em frente, beba tudo", digo, em voz baixa, em tom de advertência. Cruzo os braços sobre o peito. "Perca o controle. Parece uma excelente ideia quando tudo está em jogo." Inclino-me para a frente. "Toque em qualquer uma dessas merdas e você vai se arrepender."

Rodion suspira, mas levanta as mãos em sinal de rendição. "Entendido,

irmãozão. Vou admirar de longe."

Resmungo e me viro para Matvei, que nos observa com um sorriso, seu corpo grande curvado no sofá ao lado de Rodion. "Cadê o Gleb?"

"Usando o banheiro." Ele balança a cabeça. "Ele demora um pouco. Juro que ele cai."

"Verificando os seus..." O olhar de Semyon se volta para Irma e Eduard antes de voltar a me encarar. "Investimentos."

Aposto que *investimentos* são ilegais e perigosos, mas não tenho tempo para lidar com isso.

Balanço a cabeça e sento na beirada de um pufe.

"Quero falar com todos. Precisamos ter certeza de que as acomodações estão boas."

"Está tudo bem", diz Eduard, enquanto Irma parece que mordeu um limão. "Você vai nos dizer por que estamos aqui?"

Concordo com a cabeça. "Vocês todos sabem que confio nos Popovs. E o que ele me disse faz sentido. Estamos todos em perigo."

Eu os preencho da melhor forma que posso.

"Polina Romanova", diz Zoya, balançando a cabeça. "Tem certeza?"

Concordo com a cabeça. Ela olha para o quarto. "E ela..."

"Não sei", digo. Sinto-me um idiota quando ela se encolhe como se eu a tivesse atingido. Balanço a cabeça. "Preciso de mais respostas, mas ainda não as tenho. Por enquanto, acreditamos que podemos ser alvos — talvez injustamente — dos Romanov *e* do cartel."

"Então, quanto tempo temos que ficar aqui?", pergunta Irma, franzindo a testa.

“Até eu saber que estamos seguros.”

Eduard se recosta na cadeira e passa o braço pelo pescoço de Irma, mas ela se encolhe e o empurra. Ele continua como se ela não o tivesse desrespeitado na frente de todos nós.

“Este lugar é adequado para estadias de longa duração, Rafail.”

Concordo com a cabeça. "É, o que é reconfortante se precisarmos. Também temos roteadores seguros para Wi-Fi, para que todos possamos continuar trabalhando como "Como sempre. Mas acho que não precisaremos ficar aqui por mais alguns dias."

"Dias!", Irma se levanta. "Não posso ficar aqui por dias. Tenho compromissos

sociais e compromissos."

“Sente-se, Irma”, diz Eduard, inutilmente, é claro.

Ela se vira e o encara, os olhos mascarados por cílios postiços e grossos, os lábios vermelhos e brilhantes franzidos. "É apertado aqui, e a ventilação é péssima. Imagino que a água seja dura, o que vai *acabar com* meu cabelo, e eu não consigo dormir numa cama tão dura."

"A cama está ótima", digo com os dentes cerrados. "E você pode comparecer aos seus compromissos assim que tivermos certeza de que é seguro."

Ela franze a testa para mim, mas fala com o marido: "E por que eu tenho que fazer o que *ele* diz? Ele é uma criança."

Sustento o olhar dela. Não sou mais criança há mais de uma década, e ela sabe disso. "Você fará o que eu disser porque sou *o pakhan* desta família, e se me desafiar, Irma, eu te lembrarei exatamente o que isso significa." Meu tom é ríspido, inflexível, e vejo o medo cintilar em seus olhos.

Ela fica de queixo caído. "Você não *ousaria.* "

“Sente -*se* , Irma”, Eduard diz bruscamente ao mesmo tempo em que Matvei balança a cabeça e franze a testa para ela.

“Ele *está* no comando e também está certo.”

Ela abre a boca e encara antes de finalmente se jogar no sofá como uma criança mimada. "É melhor que eles comam decentemente", murmura, e então, felizmente, se cala.

"Ah, sim", diz Zoya, animada. "Eu fiz um inventário da cozinha. Está excelente. Vou conseguir nos manter bem alimentados pelo tempo que for preciso. Tem uma despensa bem abastecida, e o freezer está cheio de carnes e peixes."

"Obrigada", digo a ela com um sorrisinho. "Você não será a única a cozinhar."

Ignoro os gemidos dos outros. Ninguém nunca morreu por causa de torrada queimada e ovos cozidos demais.

"Sério, Rafail, as acomodações são ótimas", diz Yana. "Sinceramente, é muito mais confortável do que eu esperava. Muito bom." Seu rosto está tenso, e eu sei exatamente o porquê. Não havia tempo para levar o marido dela conosco. Pego a mão dela e a aperto. "Prometo que vamos embora o mais rápido possível."

Semyon acena em aprovação. "Nada mal. Devíamos tomar nota."

Concordo com a cabeça. "Sou eu."

Rodion concorda. "Você sabe que eu gosto."

Matvei dá de ombros. "Minha única reclamação é ter que dividir o quarto com o

Gleb como se fôssemos crianças de novo, mas ter que lidar com ele é um pequeno preço a pagar pela segurança."

Olho para trás, para a porta. "Falando no Gleb. Vai lá ver como ele está, Mat."

Fazemos um breve plano de quem vai cozinhar o quê e quando, com a ajuda de Zoya, antes que ela e Rodion vão para a cozinha para preparar o jantar quando Matvei finalmente volta. Seu rosto está pálido, mas seus olhos estão em chamas quando ele retorna.

“Ele adormeceu.”

Concordo com a cabeça, tentando considerar se devemos ou não acordá-lo. Quero que ele esteja presente. Todos nós deveríamos estar. Há bastante tempo para dormir. Mas, no fim, decido deixar para lá.

Zoya e Rodion preparam o jantar e, quando volto para o quarto, Anissa também está descansando.

“É quase hora do jantar”, digo a ela.

Ela está de costas para mim, mas consigo ouvi-la em alto e bom som. "Não estou com fome", diz ela, com a voz emburrada.

Suspirando, sento-me ao lado dela. "Você precisa comer."

“Comi bastante antes.”

Acaricio suas costas, mas minha mente já está dez passos à frente. O desconhecido paira diante de mim, e eu odeio isso pra caramba. Essa espera, essa impotência, está me deixando louco.

Continuo massageando suas costas. Parece que isso me acalma tanto quanto a ela, enquanto a atualizo sobre a reunião.

“Rafael?”

"Sim."

“O que Gleb disse?”

Ela se vira e olha para mim, com a testa franzida.

"Sobre o quê?"

"Sobre o que você disse esta noite."

"Nada. Ele não estava lá."

Ela se senta mais ereta na cama, com os olhos arregalados enquanto agarra os lençóis. Que diabos?

"Onde ele está?"

"Calma, ele estava dormindo. O que está acontecendo?"

Sem dizer nada, ela me mostra uma foto no celular. "Isso é de alguns anos atrás."

Olho para ela. Um frio e pavor me aperta o peito quando a vejo — minha noiva, Polina Romanova — bem no centro da família Romanov.

“Você o vê?”

“Quem?” Ela tem muitos irmãos.

Porra.

"Olha", ela diz, apontando para a tela. Eu nem notei o menino menor no canto do quadro. Estreito os olhos antes de me dar conta.

"É... meu Deus, parece o Gleb. É difícil dizer; esta é uma foto antiga e a qualidade é péssima. Mas se for ele... por que ele está nesta foto?"

"Não sei", diz ela, balançando a cabeça. "Não me lembro dele. Sei que fazíamos galas e leilões; era um evento anual com a minha família. Você pode perguntar ao Gleb se ele se lembra de alguma coisa?"

Concordo com a cabeça. "Sim, e vou perguntar ao meu tio também. Você encontrou mais alguma roupa?"

Ela aponta para uma pequena pilha na cômoda.

"Sim." Cruzando os braços sobre o peito, ela me lança um olhar curioso.

"E aí? Você vai se trocar para se juntar a nós, ou o quê?"

"Eu te disse", ela diz teimosamente, com o olhar duro. "Eu não vou."

Dou um passo em sua direção, minha voz grave e autoritária. Minha paciência está no limite. Achei que já tivesse deixado bem claro que essa merda não vai me convencer. Dou um passo à frente, minha voz caindo num rosnado. "Você vem comigo, Anissa. Isso não é uma negociação." Seu desafio arde em seus olhos, aquele fogo que eu anseio e quero destruir. Ela se endireita, me desafiando. Meu Deus, eu amo isso nela, mesmo com vontade de sacudi-la.

“Não, não sou.”

Soltei um suspiro lento, aproximando-me. "Isso não é um debate. Você se veste e vai lá jantar antes que eu mesma te carregue."

Não tenho tempo para isso.

Seus olhos brilham, mas a vejo hesitar. Ela sabe que eu não blefo, e é importante para ela manter a cara. "Você não pode simplesmente..."

"Eu posso e vou", rosno, minha mão roçando em seu braço enquanto me inclino. "Se você acha que vou deixar você ficar aqui sozinha enquanto só Deus sabe o

que acontece, você está enganada. Você agora faz parte desta família."

Ela é irritante.

Quando ela abre a boca para discutir, eu a interrompo. "Se você não se trocar, juro por Deus que vou te colocar no meu colo e garantir que você se arrependa. Ou", abaixo a voz, o tom suavizando, mas ainda firme, "você pode se vestir, vir comigo, e nós resolvemos isso juntas. A escolha é sua."

Sua atitude desafiadora vacila, seus olhos buscam os meus. Finalmente, ela solta um suspiro frustrado. "Você realmente *é* o cara com toda essa arrogância."

Dou de ombros, sem me desculpar. "Se a carapuça servir."

"Tudo bem", ela murmura, virando-se para a cômoda, colocando uma distância estratégica entre mim e ela.

Não posso forçá-la a obedecer. Não posso forçá-la a gostar de mim. Que diabos, eu não preciso que ela goste. Mas vou garantir que ela fique segura, mesmo que me odeie por isso. Vou protegê-la com tudo o que tenho, porque, por mais que eu queira controlá-la, tenho medo de perdê-la.

“Você ficará comigo quando eu questionar meu tio e meu primo.”

OceanofPDF.com

Capítulo 26

“ANISSA”

O JANTAR É TENSO. Depois de mostrar a foto para o Rafail, preparei-me para perguntas. Para alguma coisa. Mas tudo o que consegui foi confusão... nenhuma resposta. O olhar que ele me lançou quando me viu com meus irmãos... como se eu o tivesse traído... como se algo vital tivesse morrido entre nós. Odeio esse olhar. Odeio a sensação de que estou desmoronando.

Ainda assim, apesar da tensão entre nós, fazemos o possível para fingir que está tudo bem para manter as aparências. Trocamos palavras educadas e sorrisos.

“Parece delicioso”, digo a Zoya.

“Acredite ou não, Rodion fez o arroz”, ela diz, parecendo tão surpresa quanto eu.

"Ei", ele diz. "Eu sei cozinhar."

Trocamos um olhar por trás dele. O avô diz que foi a melhor refeição que já teve no confinamento, e enquanto o resto Se eles riem, não consigo deixar de me perguntar quando mais ele esteve confinado. Será que ele está brincando?

Ainda assim, a situação está tensa entre Rafail e eu, e, não sei, a tensão é palpável.

"O Gleb ainda está dormindo?" Rafail não fez nenhuma pergunta, mas suspeito que ele esteja esperando até comermos primeiro. A coisa pode ficar feia. Pela primeira vez, estou feliz em seguir o exemplo dele em alguma coisa.

Uma parte de mim não quer saber a verdade, e eu odeio isso.

Enquanto os outros conversam, a tensão entre Rafail e eu aumenta, silenciosa. Estou hiperconsciente da presença dele, mas sinto como se estivéssemos em mundos separados.

Zoya parece notar que algo está errado. A pequena ruga entre suas sobrancelhas se aprofunda, e ela olha de mim para Rafail, mas permanece em silêncio. Rodion, por outro lado, não é tão recatado. Seu olhar vai de mim para Rafail e vice-versa.

"O que está acontecendo?", ele pergunta sem rodeios. "Tem alguma coisa errada com vocês dois. Desembucha."

Ah, pelo amor de Deus —

Mordo com força, tentando engolir o pânico, e agarro o garfo, tentando parecer normal. Não quero me envolver nisso. Se ele continuar insistindo, talvez eu tenha que admitir o que não quero — estou completamente perdida.

"Pare com isso, Rodion", aviso, com as palavras mais ásperas do que eu pretendia.

Naturalmente, ele não entende a indireta. "Sério, o que está acontecendo? Vocês dois estão agindo como se alguém tivesse morrido." Ele se inclina para trás e pressiona com mais força. "Vocês são como pais tentando fingir que não brigaram na frente dos filhos."

Argh.

Quero sacudi-lo. Abro a boca para retrucar quando Rafail se aproxima, abaixando a voz. "Ela disse *para largar* ." Nossa. Não é bom quando ele abaixa a voz.

A voz de Rafail corta como um chicote, um tom com o qual você não discute. O silêncio cai imediatamente enquanto todos param de respirar. Eu tomo um gole d'água.

Rodion levanta as mãos em sinal de rendição, e eu solto um suspiro.

"Calma, irmão", diz Rodion, balançando a cabeça, mas fecha a boca ao encontrar o olhar de Rafail. "Desculpa."

Pela primeira vez, fico feliz que eles façam o que Rafail manda. Solto um suspiro de alívio enquanto os outros conversam entre si.

Quando terminamos, Rafail e Semyon começam a limpar a mesa. "Cadê o Gleb? Precisamos conversar."

Eduard olha fixamente para ele.

Meu estômago se contrai. Ou eu vou conseguir algumas respostas ou mais evasivas.

"Eu vou buscá-lo." Matvei se afasta da mesa e caminha até a porta, batendo nela. "Cara, levanta. Precisamos conversar."

Não há resposta. Rafail abre e enche a máquina de lavar louça enquanto Matvei bate novamente. Eduard e Irma estão ocupados perto do armário de bebidas.

Sento-me à mesa, sem querer abusar da sorte. Rafail é como uma bomba-relógio. Não estou muito atrás dele.

Matvei bate de novo, e mais uma vez, fico grata pelo jeito autoritário do Rafail, porque minha paciência está se esgotando. Ele lança um olhar direto para Matvei. "Abre a porra da porta antes que eu faça isso."

Matvei gira a maçaneta com força.

Rafail olha para mim, seus olhos escuros fixos em mim como se eu fosse a única pessoa nesta sala. Engulo em seco.

Quero fazer as pazes.

Quero dizer a ele que o amo.

Quero abraçá-lo e dizer que o amo, mas mais do que tudo... quero a verdade.

E algo me diz que Gleb é o próximo passo nessa direção.

"Rafail!", grita Matvei do quarto. Todos ficamos imóveis quando Rafail atravessa a cozinha e se dirige ao quarto deles. Matvei chega à porta. Seu rosto está vermelho de raiva, as mãos cerradas em punhos. "Ele se foi. Aquele filho da mãe se foi."

Um copo cai no chão. Olho para Eduard limpando apressadamente a bebida que Irma deixou cair enquanto Rafail xinga e faz perguntas.

"Ele estava aqui quando conversamos. Fui ao quarto do Rodion e do Semyon antes do jantar e não voltei, então ele deve ter saído entre aquela hora e agora."

“Você o viu?” Rafail pergunta ao avô.

"Não. Eu estava na cozinha ajudando a preparar o jantar. Somos tantos aqui, entrando e saindo dos quartos, que não reparei."

"Como ele pôde sair?", pergunto, balançando a cabeça. "Isso não é possível. Temos guardas do lado de fora desta porta." Meu estômago dói.

Ele balança a cabeça enquanto pega o celular. "O resto de vocês, verifiquem todos os cômodos deste lugar com cuidado."

"O meu está trancado desde que saí", sussurra Yana. Matvei passa pelos pais e entra no quarto deles. Ele volta alguns segundos depois e balança a cabeça.

"Nosso quarto está vazio", diz Rodion, com o maxilar tenso e a arma em punho. "Ele não está aqui. Aquele filho da puta... Eu vou matá-lo, porra."

Irma olha para ele, mas nunca estive tão orgulhosa.

Rafail balança a cabeça e faz uma ligação. Ele coloca no viva-voz.

“Temos um problema.”

"O que foi?" A voz de Popov é tão tensa e raivosa quanto a de Rafail enquanto ele o informa.

"Permissão para abrir a porta e falar com seus homens?", pergunta Rafail. Percebo que é preciso muita coisa para ele pedir permissão a alguém.

"Garantido."

Rafail gesticula para que todos recuemos. Todos obedecem rapidamente antes que ele abra a porta. No mesmo instante, os guardas de Popov erguem suas armas em perfeita sincronia, os cliques ecoando como o de uma granada. Mas Rafail não se encolhe. Ele permanece ereto, ainda dominando o espaço ao seu redor como se os desafiasse a fazer um movimento. Ele é quem está no controle aqui, e todos sabem disso.

Meu coração dispara contra as costelas, cada batida um lembrete de quão perto estamos de nos separar. Zoya sufoca um suspiro ao meu lado, mas não consigo desviar o olhar de Rafail. Ele está mortalmente imóvel. Sem dizer uma palavra, estendo a mão para Zoya e a aperto suavemente.

Um telefone toca, e um dos guardas levanta a mão para os outros.

" *Nam prikazano otstupit* ", ele rosna. *Recebemos ordens para recuar.*

Rafail permanece destemidamente no meio deles, com a chamada para Popov ainda no viva-voz.

"Um dos nossos não está mais aqui. Verifiquem suas fileiras." Suas palavras são uma ordem ríspida que não pode ser ignorada. Sem hesitação, sem fraqueza — Rafail está no controle, e qualquer um que ousar desafiá-lo se arrependerá.

Os guardas se entreolham e rapidamente fazem o que ele manda. Popov e Rafail conversam baixinho até que o primeiro guarda se aproxima.

"Senhor", diz ele a Popov. "Estamos com um homem a menos."

Rafail fica mortalmente imóvel. "Então um dos seus homens estava em conluio com o meu primo", ele começa. "Precisamos encontrar tudo o que pudermos."

"Aqui! Olha!" Yana está em frente a uma das câmeras de vigilância.

Rafail se vira para os homens armados, com os olhos brilhando. "Popov, mande-os embora", rosna.

Popov dá o comando, e os guardas abaixam suas armas.

Yana a encara, com os olhos arregalados, até que Rafail acena para ela. "Vá em frente."

"Eu o vi com o celular alguns minutos antes de começarmos a cozinhar. Não há imagens de como ele saiu, mas consegui dar um zoom no celular dele."

Rafail caminha até ela, com os olhos grudados na tela.

Ele lê rapidamente, xingando baixinho. "Ele nos traiu."

BRATVA KINGS

OceanofPDF.com

Capítulo 27

"ANISSA"

"Não", diz Irma, balançando a cabeça. "Não pode ser. Ele não fez isso!" Ela aponta um dedo irado para Rafail, como um punhal. Sua voz treme. " Foi *você* quem nos fez vir aqui. Foi *você* quem nos colocou nessa encrenca, para começo de conversa, você e sua noiva idiota. Não ouse culpar meu filho!"

Meu sangue ferve. Como ela ousa? Cerro os dentes e cerro os punhos. *Ninguém* insulta meu marido, não enquanto eu estiver de pé.

Todos sabemos o que isso significa para Gleb. Ele é um homem morto.

"Mantenha-a sob controle", Rodion diz rispidamente para Eduard. "A menos que saibamos o contrário, presumimos que Gleb nos traiu e escapou."

"Não!", grita Irma, avançando em direção a Rafail. Conheço a expressão de uma mulher enlouquecida prestes a perder a razão. "Você é um idiota!", ela rosna.

Ainda estou mancando com o gesso, mas isso não me impede de me colocar entre os dois. "Fiquem *quietos* ", ele disse.

Os olhos de Irma me fitam rapidamente, a irritação fervendo. Ela avança, tentando me empurrar para o lado, mas no momento em que sua mão se estende, meu corpo se move sem pensar.

Instinto.

Treinamento.

Meu corpo reage antes da minha mente. Agarro seu pulso, giro sobre meu pé bom e giro seu braço com força suficiente para desequilibrá-la. Não quero machucá-la... a menos que seja necessário. Ninguém, *ninguém* , toca meu marido. O pensamento me faz sentir uma onda de algo primitivo. Amor. Medo. Fúria.

Tropeçando, seus olhos se arregalam quando dou um passo à frente, forçando-a a recuar.

"Não", aviso, em voz baixa. "Você ouviu meu marido. Estamos perdendo tempo. Ele nos traiu, e quanto mais conversamos, mais perigo corremos."

Zoya me encara com algo parecido com admiração em seu rosto, e Yana sorri abertamente.

Irma hesita, desconcertada. Posso não me lembrar de tudo, mas meus músculos sabem exatamente como desarmar uma ameaça, mesmo antes de mim.

Yana se pronuncia. "A evidência está bem na sua frente. Olhe o texto. Ele não só saiu com um dos guardas, como também armou para nós. Ele armou *para todos* nós."

"Eu não vou acreditar!" Irma diz, mas ela não ataca Rafail novamente.

O olhar gélido de Rafail se fixa no tio. "Tire-a daqui." Eduard tem o bom senso de ouvir Yana ler as mensagens em voz alta.

Ele acredita que ela é a mulher Romanova

Soloto está na cidade

Temos que nos mudar

Gelo pulsa em minhas veias. Zoya me encara. "A mulher Romanova?", pergunta, balançando a cabeça. "Quem?"

Olho para Rafail. Não sei como lhes dizer isso. Não sei o que dizer. Não sei em quem acreditar.

Pela primeira vez, fico grato por Rafail ser tão decidido. "Contaremos mais quando soubermos mais." Ele se vira para Semyon. "Foi você quem me levou até a cidade."

Semyon passa a mão pelo cabelo úmido enquanto balança a cabeça. "Verifiquei os arquivos. Verifiquei a localização dela. Comparei as fotos dela com as que nos deram e confirmei que era ela."

Rafail cerra os dentes. "Como? As mensagens de Gleb revelam que ele sabia a identidade de Anissa."

Yana está sentada no sofá, com o celular na mão. "Acho que sei como."

“Irmão, com todo o respeito—” Rodion interrompe.

Rafail desvia o olhar para ele. Rodion engole em seco, mas continua.

"Se Gleb e o guarda de Popov sabem nossa localização e estão trabalhando com Soloto, precisamos nos *mexer.* Não estamos seguros aqui."

Rafail pragueja baixinho e range os dentes.

Semyon interrompe. "Pode ser tarde demais", diz ele, balançando a cabeça. "Se eles estiverem na cidade, não temos tempo para recuar. Teremos que nos armar."

"Não." Rafail balança a cabeça. "Não estamos seguros aqui, mas também não estaremos seguros se formos embora. Precisamos nos armar e bolar um plano."

O avô levanta a mão, o rosto cansado e enrugado plácido, mas os olhos

semicerrados de preocupação. "Rafail?"

Rafail olha para ele. O avô segura um tablet e o liga. "Popov deixou as especificações de todas as saídas e pontos de retirada em caso de ataque. Estudei-as enquanto estava na cozinha antes do jantar." Ele dá de ombros. "Mantém um velho ocupado."

Ele vira o tablet e aponta para alguns lugares marcados em um mapa da rede de salas. "Há saídas secundárias. Temos duas opções, então. Podemos criar uma distração se eles atacarem e saírem pela porta principal, ou podemos usar uma saída secundária." Ele franze a testa. "Dito isso, as salas são impenetráveis. Uma vez que alguém entra nelas e tranca a porta duplamente por dentro, nada pode entrar — nem fumaça, nem tiros, nem mesmo uma inundação."

Rafail assente. Quase consigo ver sua mente girando enquanto ele assume o modo comandante, humilde o suficiente para aceitar conselhos da família, mas confiante o suficiente para decidir o que fazer. "Quanto maior for o nosso grupo ao sairmos, mais vulneráveis nos tornamos. Matvei, você ficará com seus pais." Ele balança a cabeça. "Isso os acalmará e fará de você um alvo menos perigoso se encontrarmos Gleb."

Matvei franze a testa, mas concorda. Ninguém tem escolha a não ser obedecer. Ele continua.

"Vovô, eu quero você aqui também. Prometo que viremos buscá-lo o mais rápido possível."

O avô assente e entrega o tablet para Rafail. "Eu confio em você", é tudo o que ele diz, mas juro que Rafail se ergue mais alto.

“Zoya e Yana—” ele começa.

"Nós vamos com você", diz Yana, encarando Rafail. " *Não vamos* ficar para trás."

"De jeito nenhum." A fúria arde nos olhos de Rafail. "Não vou permitir que minhas irmãs..."

"Você prometeu!", a vozinha de Zoya vacila, e quando o olhar feroz de Rafail a alcança, ela empalidece, mas mantém os olhos fixos nele. "Quando mamãe e papai morreram, você disse: *uma família, uma luta — nunca separados.* Eu não vou. Estou com Yana. Nós vamos com você."

Ele cerra os punhos e rosna, mas eu coloco a mão em seu ombro e sussurro em seu ouvido: "Sou treinada, Rafail. Posso protegê-los. Todos nós podemos."

"Eles também são treinados", ele sussurra de volta. "Você acha que eu só os fiz aprender a cozinhar?"

Orgulho me invade o peito. "Então vamos nos armar. Não temos tempo a perder. Sei que você tem medo do que pode perder, mas... somos mais fortes juntos.

Todos nós. Uma cerca de arame farpado fica mais forte quanto mais elos você adiciona."

"Tudo bem", ele diz entre dentes. Não percebo o jeito como a pequena Zoya dá um pequeno soquinho no ar. "Nossa família vem. Todos nós. O resto de vocês, nos quartos, *agora*. Depois que trancarem essas portas, não as abram para *ninguém.* "

Todos correm para obedecer.

Ele olha para a minha perna. "Nem pense nisso, Rafail."

Suas sobrancelhas escuras se juntam e ele rosna: "Pensar em quê?"

"Me deixando para trás. Só porque estou com esse gesso idiota não significa que..."

"Deixar você para trás? De jeito nenhum. Eu estava tentando decidir se te colocava nas costas ou te carregava para fora daqui."

Algo derrete um pouco no meu peito, mas não há tempo para refletir.

"Oooh, sim", diz Rodion com alegria absoluta. "Vem pro papai, meu amor." Nos viramos e o encontramos em pé diante de um painel escondido atrás de uma pintura articulada na parede.

"Como você *descobriu* isso?", pergunta Yana, avançando em sua direção.

"Calma", diz Rodion com um bufo. "Olha só este lugar. O Popov parece o tipo *dos Nenúfares* ? Claro que não. Tinha que estar escondendo alguma coisa. Trancado pra caramba, mas isso não me segura."

"Bom saber", murmura Rafail. "Vou entregá-los. Se tocar neles, vou quebrar a sua mão."

“Tudo bem, tudo bem, não precisa ficar violento”, diz Rodion, levantando as mãos em sinal de rendição.

"É absolutamente necessário usar a violência", Rafail dispara enquanto avalia as armas que temos. "Aqui." Com a precisão de um tenente e com absoluta eficiência, ele distribui as armas.

Olho para a arma na minha mão e sorrio para mim mesma. Não é uma Desert Eagle, mas é linda... uma Wilson Combat X-TAC Elite 1911 Compact. Não sei onde ele conseguiu isso, mas com certeza vou ficar com ela.

“Vou ficar devendo a minha vida ao Popov por —”

Um leve chiado o interrompe. Levanto a cabeça de repente, e meus olhos captam os pequenos recipientes redondos rolando no chão, expelindo fumaça espessa para dentro do quarto.

Em segundos, o ar fica denso e sufocante.

"Eles estão nos detonando", rosna Rafail. "Todos vocês, façam o que eu mando. Mexam-se!"

Ele agarra meu braço e alcança o compartimento escondido na parede, puxando máscaras e nos entregando. "Coloquem-nas e sigam-me. Temos que evacuar. O resto está seguro em seus quartos."

Tusso, tentando inspirar ar puro antes de colocar a máscara. Os olhos de Rafail se estreitam enquanto ele examina rapidamente o comprimido que o avô lhe deu, cada músculo do seu corpo tão tenso quanto a corda de um arco, pronto para estalar.

É difícil respirar nessa coisa, mas tenho que manter a calma.

“Fique abaixado e por perto”, diz Rafail com uma tosse forte.

Puxo a máscara dele e gesticulo freneticamente para que *ele* coloque a sua. Ele acena com a cabeça e faz sinal para que todos o sigam enquanto coloca a sua.

Uma explosão faz as paredes ao nosso redor tremerem, seguida pelo som inconfundível de tiros.

Estamos ficando sem tempo.

Pisco, com os olhos ardendo por causa da fumaça, quando Rafail abre um painel escondido no chão. *Lá está.* Um alçapão.

Rodion lidera o caminho. Semyon pega a mão de Yana, eu pego a de Zoya e Rafail fica de sentinela atrás.

Embora Rafail não consiga falar, seus gestos são inconfundíveis enquanto ele aponta o dedo na direção à nossa frente. Ele me empurra para dentro antes de deslizar para trás. Rastejamos rapidamente. A porta leva a um túnel largo o suficiente para Rafail. A fumaça nos segue, mas fica mais leve e menos densa à medida que avançamos.

Saímos por uma passagem estreita atrás da casa, com uma escada íngreme de tijolos à nossa frente. Ali, o ar é limpo e frio, um alívio bem-vindo.

Tiramos as máscaras, ofegantes por ar fresco. A voz de Rafail é firme, inabalável, uma tábua de salvação em meio ao caos. "Quando chegarmos ao topo daquelas escadas, não dá para prever o que vamos encontrar." Ele faz uma pausa, seus olhos escuros encontrando os nossos. "Mas vamos enfrentar isso juntos. *Todos* nós."

Meu coração bate descontroladamente. Viro-me para Rafail. "E se não houver saída..."

Seus olhos encontram os meus. "Vamos fazer uma."

Nós dois sustentamos o olhar um do outro.

Não estamos falando apenas de uma rota de fuga.

Se não há saída… nós faremos uma.

O barulho dos pneus nos avisa que não ficaremos sozinhos por muito tempo.

Soloto está aqui.

Ele sabe onde fica o esconderijo.

Lembro-me agora com vívida clareza por que vim a Moscou. Por que Mikhail me enviou. Rejeitei-o e protestei, mas, meu Deus, ele estava certo — Soloto é implacável e veio. Atrás de nós, a fumaça está ficando mais densa.

"Temos que ir", diz Rodion, destemido e corajoso. "Andem!" Engulo o medo que me sobe pela garganta. Agora não é hora de dúvidas ou questionamentos. Agora é hora de sobreviver. Estou pronto para lutar.

Ele sobe os degraus de dois em dois. Rafail abre a boca como se fosse protestar, depois a fecha e balança a cabeça. Está na hora. Hora de Rodion ganhar suas esporas.

"Vá", diz Rafail, com a voz rouca. "Siga-o."

Subimos rapidamente em fila indiana, Semyon na frente. Um por um, emergimos em uma rua escura e deserta. Não faço ideia de onde estamos.

O som dos pneus se aproximando fica cada vez mais próximo. Ficamos ombro a ombro, prontos para o que der e vier, quando a noite *explode.*

Meu Deus. Figuras vestidas de preto se movem com precisão mortal. "Protejam-se!", Rafail insiste. "Atrás dos carros."

Eu me movo o mais rápido que posso.

Mas estamos cercados. São facilmente uns vinte, armados e prontos. Eles atiram, os tiros ecoando nos carros. Nós os seguramos. Consigo acertar um bem atrás dos olhos, e Semyon é um verdadeiro caçador de cerejas, pegando um de cada vez.

Eles continuam vindo.

"Malditos coletes à prova de balas", rosna Rodion. "Continue, Zoya?"

É então que noto as granadas de mão de Zoya. Ela joga uma para Rodion, que puxa um alfinete, recua e o arremessa o mais longe que pode à nossa frente. A explosão é ensurdecedora. Corpos caem no chão em uma torrente de fumaça.

E eles ainda vêm.

Meu coração aperta. Não conseguimos. Não temos mão de obra suficiente para

ajudar.

"Foda-se", diz Rafail. "Vou criar uma distração. *Corra.* "

Ele fica parado, sua arma disparando fogo enquanto aperta o gatilho em rápida sucessão.

Mas não. Eu não vou deixá-lo. *Não posso.* Nem agora, nem nunca.

O som de um carro pesado se aproximando soa novamente. Oh, Deus. Oh, não. Não podemos sobreviver a outro ataque — *não sobreviveremos.* Se trouxerem mais pessoas...

Um enorme veículo blindado freia bruscamente, as portas se abrindo. Meu coração se aperta, o instinto me aflora antes mesmo de vê-los, a esperança lutando contra o medo que me invade o peito.

Eles estão aqui.



OceanofPDF.com

Capítulo 28

POLINA

Meus irmãos.

Cada um deles, maior que a vida, furioso, formidável, com armas em punho. O alívio inunda minhas veias enquanto o amor e a lealdade me abalam profundamente.

Meus irmãos vieram me buscar.

Eu os conheço.

Meu Deus, eu os conheço. Todos eles. Este é Mikhail, o mais velho, com sua pele dourada e cabelos castanho-claros, seus olhos pequenos focos de fúria incandescente enquanto aponta sua arma.

Aleksandr, alto e musculoso, com uma expressão de fúria absoluta no rosto. Lev, meu irmão mais novo, com a arma apontada para a frente enquanto puxa o gatilho implacavelmente, cuspindo fogo e devastação. Ollie, com seus olhos verdes vívidos, plácidos como um campo de grama, totalmente à vontade enquanto tira uma faca da bota com eficiência implacável, ajoelha-se e corta o pescoço de um homem caído.

Nikko, nosso feroz protetor, com o maxilar cerrado e a arma preparada.

E Viktor. *Enorme.* Um tanque humano. Alguns dos homens de Soloto tentam fugir ao vê-lo, mas Ollie e Lev não escapam. Lev atira, e Ollie os mata. Meus irmãos os enjaularam.

Com um grito de fúria, Semyon ataca, rasgando as fileiras inimigas, com o rosto em uma máscara de fúria gélida. Rodion, sempre o curinga, segue atrás, com duas pistolas em punho. Seu sorriso maníaco me arrepia enquanto ele abate os inimigos em seu caminho, aparentemente se deleitando com o caos e o derramamento de sangue. Ele é selvagem e imprevisível, mas mortalmente preciso.

Rafail, sempre calmo e imperturbável, elimina os retardatários com uma eficiência assustadora. Quando vejo um corpo ensanguentado se levantar e aponto a arma para ele, grito e puxo o gatilho. Acerto-o bem no meio dos olhos.

"Boa menina", murmura Rafail antes de puxar o gatilho novamente. Cada tiro é deliberado, limpo, sem margem para erro.

Fico sem fôlego enquanto observo meus irmãos — *meus irmãos* , meus protetores, junto com os Kopolovs — dizimando completamente os homens de Soloto.

"Gleb!", grita Rodion. "Não deixe ele escapar, porra!"

Semyon avança em direção à multidão sem hesitar enquanto Zoya, a pequena Zoya, firma os pés e o protege, com a arma em punho. Ela grita antes de cada tiro, mas acerta com precisão mortal.

"Gleb", rosna Semyon, levantando-se e avançando com um brilho mortal nos olhos. "Você não vai fugir de novo. Dê mais um passo e eu arrebento seus joelhos."

Gleb, o completo idiota, decide blefar. Eu grito quando Semyon puxa o gatilho, e a rótula esquerda de Gleb explode. Com um grito de dor, ele cai. Yana, atlética como uma bailarina, voa pelo ar e o alcança primeiro. Ela se ajoelha ao lado dele, com uma lâmina pressionada contra seu pescoço, e agarra seus cabelos.

"Seu filho da puta. Eu te odiei desde a primeira vez que você tentou me chantagear quando eu era criança."

A expressão de choque no rosto de Rafail me diz que isso é novidade para ele. Se Gleb não estava morto antes, agora é um homem morto andando.

Semyon dá um passo à frente, com a voz baixa e perigosa. "Onde está Soloto?"

O escudo humano dos meus irmãos os cerca, ameaçador e inflexível.

Eles estão em uma missão para dizimar Soloto, e então... e então o que?

Nikko tem uma arma apontada para Rafail.

Abro a boca para protestar, mas percebo que precisamos dessa informação do Gleb. Engasgo com um soluço.

"E-eu não sei", gagueja Gleb. "Por favor!"

Viktor se eleva sobre todos, projetando uma sombra sobre o corpo caído de Gleb nas mãos de Yana.

"Você está com ele", Viktor rosna para Semyon, com a arma levantada.

"Não!", grito. "Não atire neles! Por favor, não!"

Viktor se vira para mim, com os olhos arregalados. "Polina?"

Algo dentro de mim se rompe quando ouço meu irmão chamar meu nome. Solto um soluço, desesperada e apavorada. "Sou eu", fungo. "Por favor, Viktor. Não os machuque."

Rafail dá um passo à frente, colocando-se deliberadamente na linha de fogo. Ele

está calmo, determinado e destemido. "Essa é minha esposa. Abaixe a arma . "

Por maior que seja, ele não chega nem perto do tamanho de Viktor, e ainda assim o enfrenta sem medo e desarmado.

"Rafail!", grito. "É meu irmão! Viktor, não atire!"

A surpresa brilha nos olhos de Rafail. Mikhail pragueja baixinho atrás de mim.

“A *esposa dele* ?”

Viktor faz um gesto de cabeça para Semyon. "Interrogue-o", rosna. "Ou eu interrogo."

Gleb se encolhe e choraminga. "Não sei onde ele está", soluça. "Ele se foi, mas eu posso descobrir onde ele está, eu posso!"

Rafail dá um passo à frente, com as mãos erguidas em um gesto de rendição aos meus irmãos. Viktor lhe dá um aceno sutil, com os olhos semicerrados. "Vai." Meu coração dispara. É uma bênção temporária.

O olhar de Rafail se aguça, sua presença se torna mais sombria enquanto ele concentra todo o peso de sua autoridade em Gleb. A mudança no ar é palpável — predatória. Letal. Gleb se encolhe, tremendo sob a força do olhar implacável de Rafail, e é naquele momento que eu compreendo completamente. O homem que eu pensava conhecer... aquele *por quem me apaixonei*, vinha se contendo o tempo todo. A suavidade que vi, a contenção, eram apenas evidências de seu autocontrole.

Porque agora, diante de mim? Este é o verdadeiro Rafail. Um homem cujos olhos ardem com promessas de violência. Meu coração gagueja enquanto... A realidade me atinge: este homem não vai parar por nada. Não há limites, nem limites que ele não cruze pelas pessoas que ama.

Sua voz é baixa e calma, enquanto um poder bruto irradia dele. "Encontraremos Soloto", diz ele com intenção mortal. "O homem de Popov nos levou direto até ele. Agora, a verdade vinda de você."

Estremeço quando ele diz com uma calma mortal: "Você quebrou a confiança. Você manipulou nossa família." Ele cospe no chão. "Você *traiu* a todos nós."

Cada sílaba é uma ameaça e uma promessa de que ele não tem intenção de parar até saber de tudo. Se eu já tive um pingo de dúvida antes, agora não tenho mais — estou perdidamente apaixonada por um homem que não medirá esforços para proteger o que é dele.

"A-a verdade?" Gleb gagueja, olhando para Rafail com os olhos arregalados de terror.

"A verdade!", berra Rafail. Todos assistimos em silêncio estoico. "Conte-nos. Conte-nos na frente dos irmãos dela. Conte-nos como Anissa veio parar aqui,

como você manipulou todos nós."

Yana aperta seus cabelos com mais força.

Eu fico olhando, meu coração batendo forte, dividida entre a violência diante de mim e o medo do que ele vai dizer, envolta em um alívio inegável de que finalmente, *finalmente* , Conseguirei dissipar um pouco da neblina.

Zoya aperta minha mão. Rafail caminha na minha frente, encarando meus irmãos de frente.

À medida que meus irmãos se aproximam, a voz de Rafail corta o silêncio. "Quero respostas. Ele é *meu.* "

Merda. O Gleb vai se arrepender do dia em que nasceu. Eu tremo.

"Trabalhei com Soloto", confessa Gleb, com o rosto tomado pelo terror. Entre os Kopolov e meus irmãos, ele enfrenta um pelotão de fuzilamento das profundezas do inferno.

“Quando vi a foto de Anissa, ela me trouxe uma lembrança.”

Yana o sacode. "Você acessou os arquivos antes do Rafail planejar se casar."

"Sim", ele admite. "Ela parecia tão familiar que era estranho. Então, investiguei e descobri que ela era quase idêntica a Polina Romanova."

Mikhail e Rafail trocam olhares. "Somos todos adotados", diz Mikhail, com o maxilar tenso. "Precisamos trazer minha mãe para essa conversa."

Nikko abaixa a arma apontada para Rafail. Solto o ar com um suspiro. Zoya aperta minha mão delicadamente, e o nó na minha garganta se desfaz. Lágrimas quentes e grossas rolam silenciosamente pelo meu rosto.

Rafail acena com a cabeça antes de voltar a atenção para Gleb. "Continue."

Minha mente, no entanto, está confusa.

Ela parecia quase idêntica a Polina Romanova.

Todos nós fomos adotados.

Isso significa que...? Anissa... em algum lugar por aí, eu tenho *uma irmã* ?

“Quando soube que Polina viria para Moscou, eu soube.”

"Você", rosna Rafail. "Você foi o responsável pela partida da Anissa, não foi?"

Gleb o encara, o branco dos seus olhos brilhando na noite escura. Seu silêncio o condena.

"Era a sua chance de trazer o fogo do inferno do cartel para os Romanov *e* os Kopolov", conclui Semyon, balançando a cabeça. "Seu filho da *puta* ."

"Semyon", Rafail diz tão baixo que você mal consegue ouvi-lo. Um aviso para ele se controlar. Semyon aperta os lábios, fervendo.

Gleb não responde.

O olhar de Rafail endurece, seu maxilar tenso enquanto ele se vira para Mikhail. "Temos obrigações familiares, mas não se engane — isso ainda não acabou." Seu olhar se desloca de Mikhail para Gleb, seus olhos brilhando de um jeito que eu conheço muito bem. "Gleb enfrentará um castigo rápido. E acredite, será tão implacável quanto ele merece."

O olhar de Rafail escurece quando ele se vira para mim, sua expressão fria e intensa. Ilegível.

O que isso significa para nós?

Nós nunca fomos casados.

Ele mentiu para mim.

Ele me tomou como sua e não tinha esse direito.

Desviando o olhar para Mikhail, sua voz é baixa e controlada. "Você e eu falaremos sobre Polina." Seus olhos se fixam nos meus novamente, mas desta vez ardem de dor e frustração, mas também de um fogo mal contido. "Eu sei que não tenho direito sobre ela", diz ele, com a voz tensa. "Mas isso não significa que eu esteja disposto a deixá-la ir sem lutar."

OceanofPDF.com

Capítulo 29

RAFAIL

NUNCA, enquanto eu viver, esquecerei o olhar de traição no rosto da minha esposa.

Não.

Não minha esposa.

A verdade me atinge com tanta força quanto no dia em que descobri que meus pais morreram. Ela nunca foi minha.

Eu me apaixonei por uma mulher sobre a qual não tenho direito.

Os irmãos Romanov ainda podem me matar, e eu meio que me pergunto se eu não daria as boas-vindas à morte, mas eu disse o que queria dizer: eu lutarei. Eu lutarei por ela.

Recebo uma ligação de Popov. Olho para Mikhail, e ele me dá permissão com um aceno severo. Não me submeto a ninguém, mas, neste momento, parece certo dar a ele permissão para tomar suas próprias decisões. Que diabos, se um deles tivesse sequestrado uma das minhas irmãs, eu sei exatamente o que faria.

"Sim."

“Temos os associados de Soloto na mira.”

Conto a ele o mais rápido que posso antes que um dos irmãos de Anissa — não, os irmãos de Polina — interrompa. "Popov. Nikko Romanov aqui. Nos conhecemos há seis meses. Seu tio conhece minha esposa."

Não tenho ideia de qual seja a conexão, mas o fato de Popov e os Romanov não serem rivais será útil.

Polina me encara enquanto trocamos palavras, fazemos planos e Popov promete nos atualizar conforme eles se aproximam dos homens de Soloto. Os homens de Popov invadem a rua e nos cercam. São homens jovens e robustos que ele recrutou das Forças Armadas, uma tática pela qual é bem conhecido. Em poucas palavras, apresento-os aos Romanov. Não precisamos de mais derramamento de sangue.

"Precisamos garantir que o resto da minha família esteja seguro", digo a Mikhail e Popov. Explico rapidamente a situação.

"Vá", ele diz com um aceno de cabeça. "Polina vem com a gente."

Polina fica de queixo caído, e ela encara, meio dividida entre a lealdade à sua família e a minha, quando a pequena Zoya fala, sua voz tímida e clara como o dia. "Só se eu for com ela."

“Zoya—”

Ela levanta a mão para mim. "Não, Rafail. Eu vou com ela." Olhos azuis brilhantes encontram os meus. "Eu preciso."

Um dos homens Popov me encara com franca admiração. Zoya percebe e fica tão vermelha quanto uma maçã. Estreito os olhos para ele, e ele desvia o olhar.

Meu Deus. Ela não é mais uma criança. Quando isso aconteceu? Quero pegá-la nos braços e apertá-la forte, minha corajosa irmãzinha. Quero sacudi-la e dar-lhe uma bronca severa por se colocar em perigo.

“Concordo”, diz Polina, erguendo o queixo.

Cristo.

"E eu", diz Yana, forçando-se a se levantar. Ela balança a cabeça. "Não sei se algum de vocês percebeu, mas há uma grave escassez de mulheres nessas famílias." Com um som de desgosto, ela revira os olhos. "E precisamos nos manter unidos."

Popov tem a coragem de rir ao telefone. "Vá. Tire sua família daí."

“Falaremos sobre reparações e o que lhe devo.”

Popov pigarreia. "Ah, vamos."

O irmão de Polina, Nikko, sorri enquanto um carro para no meio-fio.

"Isto é nosso, senhor", explica um dos homens de Popov. "Por aqui, por favor."

"Semyon, Rodion, venham comigo para evacuar os outros." Viro-me para Mikhail Romanov. "Sua mãe está aqui em Moscou?"

"Sim. Vou levá-la para sua casa."

“Você sabe onde fica?”

Os lábios de Mikhail esboçam um sorriso. "Kopolov, nas últimas vinte e quatro horas, você se tornou meu conhecido mais íntimo."

Jesus. Claro. Eu não esperaria nada menos.

A evacuação é tranquila. Irma reclama e geme e, felizmente, não sabe da traição do filho e da brutalidade O castigo que o aguarda. Levo Matvei para um canto. Sinto muito pelo homem. "Sinto muito", digo a ele. "Mas você sabe o que tem que acontecer."

Os olhos de Matvei brilham nos meus. "Minha lealdade é com você. A traição dele fere mais fundo que a morte. Tudo o que peço é que não seja eu quem execute."

Concordo com a cabeça. "Mantenha sua mãe sob controle, e eu lhe concederei isso."

Conto brevemente ao avô. Quando termino, ele coloca a mão pesada no meu ombro. "Você se saiu bem, filho. Continue em frente. Você sabe o que precisa acontecer." Sua voz não vacila. "Você sabe o que quer. Ligue para o Vadka e traga-o."

Meu avô sabe que, enquanto eu carregava o peso da responsabilidade sobre meus ombros, meu melhor amigo era meu porto seguro. Engulo em seco e concordo. Estou pronta para que tudo isso acabe.

Mando uma mensagem para Vadka.

Preciso de você em casa. Vou te contar tudo antes de você chegar.

Sua resposta vem rapidamente

Até breve, irmão.

Quando minha família foi evacuada, todos estavam voltando para casa. Entro no carro que Popov fornece, com Semyon e Rodion comigo.

Rodion fica furioso e furioso o caminho todo. Eu deixo. É quase catártico.

"De todas as malditas maneiras de nos trair. Jesus, Rafail, peço a Deus que você me deixe dar uma guinada."

Recosto-me na cadeira e solto um suspiro. "É. Todos nós vamos."

"Há quanto tempo ele trabalha com Soloto? Temos alguma ideia?"

Balanço a cabeça. "Não sei."

Eu deveria estar mais preocupada com a traição. Deveria estar planejando a execução de Gleb e como farei dele um exemplo para todos os outros homens da Kopolov Bratva que juraram lealdade à minha família. Mas tudo em que consigo pensar é... Polina. Ela não é tecnicamente minha, e eu sei disso. Mas me apaixonei profunda e perdidamente por ela, e falei sério. Lutarei contra os Romanov se for preciso. Lutarei contra eles até a morte.

Não se trata mais apenas de controle. Minha necessidade por ela transcende isso.

"Eu menti para ela", conto a Semyon, balançando a cabeça. "Eu a fiz acreditar que éramos casados."

"E foi a única mentira que você contou a ela." Ele me encara, com os olhos duros. "Você fez o que achou certo. Você acreditou que ela era outra pessoa,

alguém que traiu sua família e ameaçou nossa segurança. Você acreditou que ela pertencia a você, para todos os efeitos, Rafail."

Concordo com a cabeça e solto um suspiro. Eu fiz isso, eu sei, mas será que ela vai encarar dessa forma?

"Eu teria feito o mesmo", diz Rodion. "Você sabe que sim. Tomá-la como minha. Ensiná-la quem é o homem da casa. Amarrá-la na minha cama e..."

" *Suficiente.* "

Os olhos de Rodion dançam enquanto ele se cala. Ele ainda fala sério.

Ótimo. Eu o criei corretamente.

"Qual é o seu plano?", pergunta Semyon enquanto chegamos em casa.

Solto um suspiro e endireito os ombros. "Diga a verdade. Seja o mais transparente possível. Lute para trabalhar com os Romanov para que possamos forjar uma parceria que beneficie a ambos." Abaixo a voz. "Mas eu quis dizer o que disse sobre não deixá-la ir sem lutar."

Semyon se endireita. "Com certeza."

Rodion dá um tapinha no coldre. "Lutaremos com você."

Um carro para enquanto nós paramos, e em pouco tempo, uma mulher majestosa, porém mais velha, com cabelos grisalhos presos em um coque, vestindo jeans justos e um suéter rosa-claro, sai do carro.

É a mulher que vi na primeira vez que vi Polina.

Estendo a mão para ela. "Rafail Kopolov. Bem-vinda à minha casa, Sra. Romanova."

Ela pega minha mão e a aperta com firmeza. "Ekaterina Romanova." Ela suspira, e seus olhos se enchem de tristeza. "Acho que devo uma explicação a todos vocês."

OceanofPDF.com

Capítulo 30

POLINA

A pequena Zoya faz o possível para aliviar a tensão no ambiente. "Posso trazer chá e refrescos?", pergunta ela a Rafail, que, a contragosto, a permite com um aceno de cabeça. Ela está em casa, na cozinha, e quer desempenhar o papel de anfitriã.

Ele tem muito trabalho pela frente, e eu sei disso. Também temos conflitos não resolvidos com os quais precisamos lidar. Mesmo assim, não sei o que fazer primeiro. Olho ao redor da sala, meio perplexa, enquanto Rafail dá ordens e faz ligações enquanto os carros dos meus irmãos param no meio-fio.

"Vai ficar tudo bem." Olho e vejo o avô sentado em uma das cadeiras estofadas, a mão nodosa agarrando a ponta da bengala. "Fique forte."

Concordo e levanto a cabeça. Eu vou.

Quando meus irmãos entram na sala, porém, eu me movo sem pensar. Corro até eles. Pela primeira vez, me sinto como uma garotinha novamente... seguros, amados e protegidos. Estes são meus irmãos, minha carne e meu sangue.

Como vou escolher entre a família que me criou e aquela que aprendi a amar aqui?

Os braços de Mikhail se abrem quando me lanço em seu abraço de urso. Meu irmão mais velho, meu protetor. Sempre fomos próximos, mesmo quando brigávamos como cão e gato na infância. Agora, em seus braços, sinto como se uma parte de mim que estava faltando tivesse retornado.

"Meu Deus, a gente estava com tanto medo", ele diz no meu ouvido. "Me senti tão culpado por ter deixado você vir aqui e depois saber que você tinha ido embora. Polina, nem sei como é bom ver que você está bem." Ele me segura na frente dele. "Você vai nos contar a verdade sobre como ele te tratou?"

Concordo com a cabeça. "Sou sim. Meu Deus, senti tanta falta de vocês."

Estou chorando copiosamente quando Lev me abraça. Ollie entra para se juntar a nós e, em segundos, estou chorando muito, e todos tentamos falar ao mesmo tempo. Viktor consegue praticamente abraçar todos nós, mas é um reencontro de choro, bagunçado e com fungadas. Estamos todos falando ao mesmo tempo.

"Eu não conseguia me lembrar de você", fungo, enxugando os olhos. "Eu não

sabia quem eu era, e me disseram que eu me lembraria de você, mas..."

— Não consegui te encontrar. Procurei por toda parte. Vasculhei a Rússia até...

“—fora de nós.”

"Tem *certeza de* que está bem?" É Mikhail, que afastou os outros de mim e agora me segura à distância, com os olhos fixos nos meus. Falando em voz baixa, ele se aproxima. "Não temos muito tempo, Polina. Ele te machucou?"

Ele me machucou?

Como respondo a essa pergunta?

Ele me amarrou na cama e mentiu para mim, dizendo que eu era sua esposa e que tinha feito votos?

Sim.

Ele me dominou, me forçou a obedecer e fez o que podia para me punir quando eu resistia?

Ele fez.

Engulo em seco.

Ele demonstrou que me amava? Provou ser autêntico, real e tão devotado que queimaria o mundo por mim?

Ele fez.

Então, dou um sorriso irônico para Mikhail. "Me machucar? Não foi nada que eu não pudesse lidar." E quando Mikhail estreita os olhos para mim, apresento o argumento que ele não consegue refutar. "Ele não fez nada que você não teria feito, Mikhail. Nada que *nenhum* de vocês não teria feito."

Mikhail, meu irmão guerreiro, feroz e protetor, que amarrou a própria esposa a si como forma de punição por invadir a Bratva da Enseada. Aleksandr, perdidamente apaixonado e pai dos filhos da própria esposa, prometeu-lhe uma união sem amor, um casamento arranjado. Eu poderia continuar porque cada um deles poderia contar uma história semelhante de uma união improvável, lealdade familiar e amor apesar das adversidades.

Minha mãe entra na sala. Ela me encara por alguns segundos, como se não acreditasse no que via, antes de correr até mim. o calor familiar do seu abraço faz algo profundo dentro de mim se desfazer.

Mãe.

Eu me encaixo aqui. Eu pertenço a este lugar. É tão familiar para mim quanto minhas próprias mãos sendo seguradas por ela.

Mãe.

"Sinto muito", ela sussurra no meu ouvido. "Tenho parte da culpa por tudo isso, e espero que você encontre em seu coração a força para me perdoar."

Enxugo os olhos. "Acho que há muito perdão que terá de ser concedido."

Mas como ela pode ser culpada?

A tensão na sala é palpável, mas estamos mais perto da verdade do que nunca.

"Sentem-se, todos, por favor", diz Zoya suavemente com sua voz infantil ao entrar na sala carregando uma grande bandeja de chá e xícaras. "Acho mais fácil ter uma conversa agradável quando estamos sentados."

Eu a amo tanto. Rafail pega a bandeja, apesar dos protestos dela, e a coloca na mesa de centro. "Semyon. Traga a vodca para aqueles que precisam de algo mais forte que chá."

"Você é sábia, Zoya", diz o avô, com os olhos brilhando para ela. "Você tem mais a agradecer do que aos seus pais por isso."

Ela fica tão fofa quando fica vermelha.

Yana se senta ereta, sem tirar os olhos de Rafail. "Onde está Gleb?"

“Em espera.”

Yana assente e volta sua atenção diretamente para Ekaterina. "Como eu disse aos outros, há escassez de mulheres nessas duas famílias, então precisamos nos unir. Permitam-me fazer algumas apresentações."

Mal a ouço. Meu olhar está fixo em Rafail, que anda de um lado para o outro atrás do sofá, apesar do pedido de Zoya. Sua amiga Vadka se juntou a nós.

"Antes de começarmos", começa minha mãe. Ela coloca a xícara de chá sobre um pires, com as mãos trêmulas. "Receio que parte disso... seja minha culpa." Com os olhos brilhando de lágrimas, ela se vira para mim. "Eu... eu queria uma filha, Polina. Tanto."

Olho para ela, perplexo. Eu sabia que era adotado, mas nunca soube dos termos da adoção.

Implorei ao seu pai por uma filha e, depois de anos de espera, ele finalmente concedeu meu desejo. Ele estava relutante, sabe? Filhas têm um significado diferente em nosso mundo. Filhos trazem força, alianças, poder. É por isso que temos seis deles. Todos adotados, mas todos unidos pela lealdade. Então, um dia, ele me trouxe você. Ela sorri, mas seus olhos refletem uma tristeza de muito tempo atrás.

Minha garganta está apertada e meu nariz formiga, mas escuto com a maior calma possível.

"Só dez anos depois eu soube que você tinha uma irmã. Que vocês foram separados na infância. Outra família adotou Anissa e a acolheu como sua. Foi uma adoção fechada, e eles deixaram claro que não queriam que ninguém os contatasse novamente." Ela balança a cabeça. "Mas eu sabia que seu pai era poderoso e estava acima de tudo isso. Eu sabia que ele poderia ter descoberto o que precisava."

Fico olhando, tentando processar o que ela está me dizendo. Não tive tempo para refletir profundamente sobre isso desde que Gleb mencionou alguém que se parecia comigo, e agora minha própria mãe está admitindo isso.

Eu tenho uma irmã.

Uma irmã que deveria se casar com o homem por quem estou apaixonada.

Uma irmã que se parece comigo e provavelmente está viva, se fugiu dele há pouco tempo. Quem é ela? Ela se lembra de mim? Não me lembro dela, mas meu coração dói ao pensar que existe alguém por aí com quem sou parente e que nunca conheci.

Jesus, vou precisar de terapia depois de toda essa merda.

Zoya me olha nos olhos e engole em seco antes de me lançar um sorriso hesitante. Esta doce menina perdeu os pais, foi criada quase até a idade adulta pelo irmão e sabe que sua família vive no fio da navalha. E, mesmo assim, ela não se esqueceu de como sorrir.

Ela é inspiradora.

Todos nós ouvimos em silêncio, absortos. Até Mikhail parece chocado. Ele não sabia.

Ela pigarreia. "Então eu nunca te contei, Polina. Eu temia que você quisesse encontrá-la, e temia a ira da família dela se você fizesse isso." Suspirando, ela continua. "Deixei o medo guiar minhas decisões, e por isso, sinto muito e peço seu perdão."

Meu Deus. Que outros segredos ela está escondendo?

Com um suspiro, ela continua. “E nossa família estava enfraquecida. Com a divisão que nos separou após a morte do seu pai, Mikhail tinha a missão de nos fortalecer. Fizemos escolhas estratégicas. Eu Nunca imaginei que te trazer para Moscou te colocaria em perigo. Eu estava tentando fazer exatamente o oposto.

Rafail observa em silêncio absoluto, o olhar fixo em minha mãe. Sinto o abismo entre nós tão dolorosamente quanto senti a dor nos ossos depois do acidente. Fecho os olhos e me lembro de que superei isso naquela época. Posso superar isso agora.

Zoya me entrega uma xícara de chá quente e revigorante. Aceno em agradecimento, sem confiar na minha voz, e tomo um gole.

Ajuda.

"E quando te trouxe aqui, pensei que poderia te manter em segurança. Tenho amigos em Moscou", explica ela a Rafail. "E eu temia o ataque de Soloto."

Ele assentiu e ouviu em silêncio estoico.

"E então... quando soube que você tinha ido embora", diz ela com a voz trêmula, à beira do colapso. "Testemunhas disseram que você foi atropelado por um carro. Eu temi o pior. Nós pensamos..." Ela leva a mão à boca.

"Achávamos que um dos nossos inimigos tinha te matado", diz Mikhail com um suspiro profundo. Fecho os olhos, sentindo o peso do medo e da preocupação deles. "Mas não tínhamos provas. Nenhum corpo. Nenhuma testemunha que os tenha visto te enterrar."

Não consigo imaginar a dor que todos eles passaram, sem saber, com medo...

"Mas mantivemos a esperança", continua minha mãe. "Esperávamos que você tivesse sido apenas... levada." Seus olhos se fecham quando percebo que ela passou o último mês lutando contra seus maiores medos: ou eu tinha sido morta, ou tinha sido roubada e usada.

Rafail balança a cabeça. "Eu não fazia ideia." Sua voz falha. "Desculpe."

Zoya assente, com os olhos arregalados e temerosos. "Posso te garantir que ele está te dizendo a verdade. Ele *não* sabia; ele realmente achou que Polina era Anissa."

"A mulher que nos traiu", esclarece Rodion com fria decisão. "Ela o abandonou no altar depois de ser prometida a ele. Quando encontramos An— *Polina* , realmente pensamos que ela fosse outra pessoa."

"Gleb queria que pensássemos isso", diz Semyon, balançando a cabeça. "E quando descobrimos que ela tinha amnésia, pensamos..."

"Não", interrompe Rafail. "Quando *descobri* que ela tinha amnésia. Não vou deixar ninguém mais assumir a responsabilidade pelas minhas decisões." Ele se vira para mim. "Quando te vi naquele dia, e você fugiu de mim, pensei que estivesse fugindo de um homem que conhecia. Eu não fazia ideia de que era um estranho para você." Ele xinga baixinho, balançando a cabeça.

Minha voz soa baixa, mas ecoa com confiança por toda a sala. "Quando acordei e estava presa, você pensou que eu tentaria escapar... de novo." Encaro Mikhail. "Sei que isso é verdade porque ele me contou trechos da história de Anissa. Que meu pai me entregou a ele em pagamento de uma dívida. Que eu fugi dele. Anissa *fugiu* dele. E eu também."

Olho para Rafail. À medida que o véu da mentira cai, quanto mais discutimos o que aconteceu, mais vulneráveis nós dois nos tornamos.

"Me perdoe, Polina", diz Rafail, com a voz rouca. "Lá fora do esconderijo, eu disse que não deixaria você ir sem lutar." Seu olhar se fixa no meu. "Mas eu não vou machucar sua família. Não posso fazer isso. Sou eu, lutando." Ele se levanta, todo músculos definidos e poder de macho alfa, refreado, mas pulsando com vida e promessa. Ele se vira. Para Mikhail. "Eu amo sua irmã. Eu a amo de todo o coração. Embora eu tenha mentido para ela e assumido a responsabilidade pela minha parte nisso... quando a chamei de minha esposa... eu falei sério. Eu a tratei como trataria minha esposa. Eu a acolhi nesta família com a promessa de amá-la e protegê-la, e prometi que faria isso até o dia da minha morte. Não vou parar de lutar por ela." Ele sustenta meu olhar. "Eu te amo, Polina."

Meu coração bate tão rápido que quase sinto que vou desmaiar.

Ele me ama.

E, de alguma forma, eu já sabia, mas ouvi-lo confirmar o que eu já sabia foi a garantia de que eu precisava. Enxuguei os olhos novamente.

Ele me ama.

Mikhail o encara, sem piscar. Rafail continua. "Eu daria a ela tudo o que quisesse. Até a liberdade, se fosse o que ela pedisse. E tudo o que eu peço de você, Polina", diz ele, voltando a me encarar. "É o seu perdão."

Yana funga e enxuga os olhos. Ela não olha para mim. Zoya senta-se ao lado dela, consolando-a. Meu coração se parte ao ver as pessoas que mais amo no mundo, desoladas e desoladas.

Eu queria poder usar uma varinha mágica e consertar tudo, mas temos que lutar para superar isso. Podemos matar os dragões que nos cercam, mas ainda temos que cuidar dos feridos... como eu.

Mikhail pigarreia. "Obrigado a ambos por dizerem a verdade. Foi preciso coragem." Ele suspira. "Parece que todos nós fomos enganados de uma forma ou de outra, e é revigorante ver a verdade vir à tona."

Tomo outro gole de chá para não perder a cabeça.

Perdão.

Posso perdoá-lo? *Como* ?

Talvez eu tenha pensado que era impossível um dia, que eu nunca seria capaz de olhar para ele sem ver mentiras. Mas agora percebo que o amor é muito mais complicado e imperfeito.

Ele me ama, não há dúvida, mas ele... ele me amou pensando que eu era outra pessoa. Ele me amou, acreditando que estávamos destinados a nos casar. Ele me amou porque era leal à família e determinado a me fazer pagar por isso.

"Posso falar?" Nem sei a quem estou perguntando, mas Rafail e Mikhail

concordam.

Penso, refletindo sobre as palavras antes de dizê-las, ponderando sobre o que precisa ser dito. Meus pensamentos giram como uma tempestade, e é difícil controlá-los. Finalmente decido mergulhar de cabeça e falar o que sinto.

O tempo que passei aqui foi desafiador para mim, e não porque não fui bem recebido pela família Kopolov. Quero deixar claro que o código aqui é o mais parecido possível com o da nossa família.

Mikhail acena com a cabeça. Todos me esperam.

Mas também estou ciente das pequenas Zoya e Yana, que me veem como a irmã mais velha que nunca tiveram. De Rodion e Semyon, dois homens que se tornaram como irmãos para mim em tão pouco tempo. Minha mãe, que pensou que me havia perdido e se sacrificou tanto — que implorou por uma filha e sempre me tratou como um presente que lhe fora concedido. Meus irmãos, que pensaram que eu tinha ido embora, que vasculharam a cidade à minha procura e estavam prontos para fazer tudo e qualquer coisa para me manter segura.

Mas acima de tudo... Rafail. O homem que eu pensava ser meu marido.

O homem que aprendi a amar.

Estou ciente de que Rafail está me observando, o calor do seu olhar queimando em mim.

"O que vai acontecer, Rafail? Mikhail? Se as nossas duas famílias se casarem? Seria errado presumir que seria uma situação mutuamente benéfica?"

Mikhail balança a cabeça. "De jeito nenhum."

Rafail concorda silenciosamente. É então que noto lágrimas brilhando em seus olhos, algo que eu nunca imaginei que veria.

Olho ao redor da sala, vendo tantas pessoas que mais amo reunidas em um só espaço. Embora algumas das minhas memórias ainda estejam nebulosas, elas estão voltando rapidamente agora. Meus irmãos são casados. Amo as esposas deles, todas elas. Tenho sobrinhos, sobrinhas e amigos que esqueci, mas agora sei quem são.

Olho para *essas* pessoas. Meu círculo mais próximo. Meus irmãos, que fariam qualquer coisa por mim. Minha mãe, que escondeu a verdade para me proteger, e Rafail, que mentiu para mim, mas me amou apesar de tudo. É muita coisa para digerir. Mas se tem uma coisa que aprendi, é que o amor é confuso, complicado e lindo. Que é preciso coragem para amar alguém e ainda coragem para deixar que essa pessoa te ame de volta. Que o amor vem de maneiras inesperadas e, às vezes, quando você menos espera.

"Não vou mentir para mim mesma nem para você", digo a Rafail. "Nenhum de vocês. Você me machucou. Você tirou a minha liberdade. Você mentiu para mim

e me fez acreditar em algo que não era verdade." Minha voz falha. "Mas também sei que é verdade que você me ama. E que eu... eu te amo."

A dor cintila em seus olhos. Ele tem medo de me perder; eu sei disso. Perder as pessoas que ama é um dos seus maiores medos. "Polina, não vou inventar desculpas pelo que fiz. Mas vou passar o resto da minha vida te compensando." Seu olhar permanece fixo em mim. "Diga-me o que você quer, custe o que custar... mesmo que seja a sua liberdade." Sua voz falha. "Mesmo que isso signifique nunca mais te ver."

Mikhail nos observa, com um olhar severo. "Pedir que ela perdoe e esqueça, depois de tudo o que ela passou, é pedir muito." Olho para meus irmãos, sério e irritado, e não sou o único a notar a tensão na sala. Semyon e Rodion estão de prontidão, e Vadka está de prontidão.

"Não estamos brigando aqui", diz Zoya com seu jeito tranquilo. "Se vocês tiverem que brigar, por favor, vão lá para fora."

Balanço a cabeça. "Isso não será necessário." Fixo o olhar em Mikhail e Rafail. "Será que vai ser, rapazes?"

Rafail balança a cabeça. Mikhail faz o mesmo, relutante.

Unir minha família e a dele seria a coisa certa a fazer.

O perdão traria paz.

O mesmo aconteceria com o casamento.

Respiro fundo, me recompondo. "Eu escolho te perdoar, Rafail. É a coisa certa a fazer." Continuo, com a voz trêmula. "Porque eu te conheço. E eu também te amo", digo suavemente. "Eu vi quem você é por baixo de todas essas camadas. Por baixo da sua armadura." Pego minha xícara e tomo outro gole de chá, rezando silenciosamente por coragem e clareza.

Eu vi o homem por trás da máscara. Sei o quão vulnerável e medroso ele está por trás daquele véu de frieza.

"Embora eu nunca te chamasse de... *mole* ", continuo. Rodion bufa, mas se interrompe com uma carranca previsível de Rafail. "Há raros momentos em que vejo você amar, e você ama profundamente. Tudo o que você fez foi por um bom motivo. Eu vi você disposto a se sacrificar, a mudar e, mesmo aqui hoje, a ser manso o suficiente para admitir erros e pedir perdão. E por isso, e muito mais, eu te amo."

Viro-me para Mikhail. "Então, peço que me deem a única coisa que nunca tive e implorei a vocês *e a* Rafail."

"Sim?" Rafail diz roucamente.

Solto um suspiro. "Uma escolha."

Um relógio tiquetaqueia em uma parede distante. Ao longe, um cachorro uiva, e o vento bate nas janelas enquanto eles esperam por mim.

"Claro", diz Mikhail. "É o mínimo que podemos fazer depois de tudo que você passou."

Rafail acena com a cabeça. "Concordo."

"Ótimo", digo, com o coração batendo acelerado de nervosismo e excitação. Estou tremendo. "Eu quero ficar. Eu... eu pertenço aqui agora. Mas quero morar aqui sabendo que minha família é bem-vinda e que eu sou bem-vinda em casa."

"Depois de tudo o que você passou", diz Mikhail, com a expressão séria. "Você o está escolhendo? Tem certeza?" Embora sua voz seja baixa e controlada, ainda consigo ver a tempestade se formando em seus olhos.

"Sim, Mikhail", respondo, com a voz firme. "Porque eu o amo. E porque é uma escolha *minha* ."

Ele lança um último olhar demorado para Rafail antes de finalmente concordar. "Eu vi como você a defendeu quando fomos atacados. Eu "Observei como você a protegeu." Ele concorda. "A escolha é sua, mas é meu trabalho garantir que você seja bem cuidada. E você acredita que ele tem a capacidade de fazer isso?"

Concordo com a cabeça, com a garganta apertada.

Ele faz.

Quero nossas famílias unidas. Juntos, provaremos ser uma entidade mais poderosa que nem Soloto e todos os seus homens conseguiram destruir. Sei que isso está nos colocando como um alvo. Sei que teremos que estar preparados para as consequências.

Rafail acena com a cabeça. "Concordo."

Sorrio para ele. Meu coração está mais leve do que antes de eu chegar aqui.

Expiro o ar, o peso da minha decisão finalmente saindo do meu peito. Minha família e a de Rafail me observam com uma mistura de alívio e esperança cautelosa. Finalmente, a tensão começa a se dissipar em algo... mais leve.

Novo.

Zoya bate palmas, os olhos brilhando de entusiasmo. "Então está combinado! Vamos nos casar!" Sua alegria contagiante se espalha, e pela primeira vez em um tempo que parece longo... eu sorrio.

"Já que estamos todos de acordo, então", digo, virando-me para minha mãe. "Acho que está na hora de planejar um *casamento.* "



OceanofPDF.com

Capítulo 31

POLINA

Rafail finalmente traz a vodca. O chá estava excelente, mas é hora de algo bem mais forte.

Tomamos doses e tentamos aliviar a tensão no ambiente, mas foi um dia muito, muito longo. Nossa, foi um mês muito, muito longo. Meus olhos estão pesados e meu corpo, exausto.

Ainda assim, sento-me com minha mãe e meus irmãos, uma parte da minha alma se deleitando no bálsamo do nosso reencontro, até que Rafail finalmente se levanta. "Você precisa descansar", diz ele, seus olhos encontrando os meus do outro lado da sala.

Engulo em seco e, de repente, estou muito, muito acordado.

"Todos nós temos", diz Mikhail, levantando-se. "A ironia é que não estamos muito longe daqui."

Ele aperta a mão de Rafail, e algo acontece entre eles no contato brusco de palma com palma, enquanto seus olhos se fixam.

"Venha almoçar." Rafail o convida para entrar, o que soa mais como um convite do que uma ordem, o que me diz que ele está definitivamente se esforçando. "Meus homens terão mais informações pela manhã."

"Assim como os meus", diz Mikhail, acenando com a cabeça. "Temos conexões na Colômbia e saberemos mais sobre o paradeiro de Soloto." Acho que todos nós, até Zoya, Rodion e o Vovô, sabemos o quão tênue é o poder que esses dois têm sobre a paz.

Mas sou eu quem está ciente da minha posição no cerne de tudo. Sou o elo que impede as duas famílias de uma briga generalizada.

Então, vou até eles e coloco cada uma das mãos no ombro de um deles. "Muito bem, senhor", digo com um sorriso. "Você está jogando bem. Vamos manter assim, certo?"

Sei que minha família adoraria se eu voltasse com eles. Se eu os deixasse cuidar de mim e pudéssemos colocar tudo em dia.

Mas agora eu pertenço a este lugar. É mais do que um senso de dever ou obrigação... este é o meu lar. Este é o meu mundo agora, tanto quanto é o dele.

Mikhail me dá um sorriso relutante e, enquanto ele abre a boca para falar, eu continuo.

"Vejo você amanhã." Olho para Rafail. "E Rafail e eu temos muito o que conversar."

Preciso de um encerramento, e ele também. Chegamos ao fim de uma longa batalha, a poeira ainda subindo no ar, nossos feridos ainda sem tratamento. Temos muito o que cuidar.

Mikhail olha para a mamãe. Ela sorri tristemente e acena com a cabeça, mas a ruga entre suas sobrancelhas se suavizou. Viro-me para ela e aperto sua mão. "Amanhã", lembro-a gentilmente.

Depois que minha família vai embora, Rafail se vira para mim. "O resto de vocês, durmam um pouco. Zoya, você pode preparar o almoço para nós?"

"Com certeza", ela diz, com os olhos brilhando. "Preciso fazer compras."

"Faça uma lista, e eu garanto que você a tenha." Ele estende a mão para mim, quase timidamente, como se temesse que, se fosse rápido demais, eu evaporasse. Nossos dedos se encontram. É como se estivéssemos em casa. Eu me aproximo dele enquanto ele repassa o que precisa que Rodion e Semyon façam. "Estou orgulhoso de você", ele conclui. "Eu estava orgulhoso de ter você ao meu lado."

Sorrio para os dois. "Eu também. Obrigada."

E então, finalmente... estamos sozinhos. Todos se foram, e somos só nós dois. Olho fixamente para o homem que pensei ser meu marido, e que em breve será.

"Venha aqui." Meu coração dispara.

E então me sinto aconchegada em seus braços. Ele me abraça com tanta força que eu fico sem fôlego antes de se curvar, me pegar e me erguer no ar.

Nossos rostos pairam a centímetros um do outro. Ele segura meu rosto com uma das mãos enquanto me segura com a outra. Me puxando para si, o primeiro roçar de seus lábios nos meus faz o calor pulsar em minhas veias e minha respiração ofegante. Posso sentir quando seu controle se rompe, e ele despeja cada gota de raiva e frustração, necessidade e desejo, medo e carência naquele beijo. Estou tão perdida em sua órbita. que mal sei distinguir o alto do baixo, ou a noite do dia. Estou completamente perdida no poder do perdão silencioso.

O peso das nossas decisões e a promessa do amanhã estão contidos naquele beijo que me tira o fôlego. Sinto o gosto do sal das minhas lágrimas misturado ao seu desespero por união. A tensão no meu corpo começa a se esvair aos poucos, até que me sinto mole e flexível ao seu aperto firme.

Seus dedos no meu queixo me marcam, seus lábios macios e firmes. Coloco minha mão sobre a dele e o beijo de volta.

Estamos sem fôlego, ofegantes e destruídos quando partimos, ofegantes.

"Eu te amo", ele diz num sussurro trêmulo. "E me desculpe. Juro por Deus, vou passar o resto da minha vida te compensando, se você ficar."

Deslizo a mão pela lateral do seu rosto, acariciando a barba áspera e sustentando seu olhar. O homem que eu um dia considerei invencível tem um lado vulnerável. "Eu te amo", sussurro. "E eu já te perdoei. Mas você é mais do que bem-vindo para passar o resto da sua vida me compensando." Pisco para ele.

Seus olhos dançam para mim, seus lábios se curvam e ele me joga por cima do ombro como se eu fosse um saco de batatas. Eu grito quando sua palma bate carinhosamente na minha bunda.

Mesmo comigo pendurada em seu ombro como um troféu, ele sobe os degraus de dois em dois. A porta do nosso quarto bate, e o som de fechaduras sendo finalmente arrombadas.

O ar está carregado de tensão mal resolvida, o peso da verdade, confissões e revelações abalando nosso mundo, mas não tanto a ponto de não sermos mais *nós mesmos.* Ele está desesperado para ganhar perdão, enquanto eu... Desesperada para encontrar um lugar firme novamente. Tenho minha família de volta. Eu sei quem eu sou.

Agora preciso saber quem *somos.*

Ele me joga na cama, o ar ao nosso redor carregado de uma necessidade crua e desesperada. Nós dois passamos por momentos difíceis, e nossas batalhas mal acabaram. Deito na cama enquanto ele se ergue sobre mim, seus olhos como trovões. Calor emana dele em ondas. "Vou te mostrar o quanto você significa para mim", diz ele em um sussurro rouco.

Engulo em seco. "Você já fez isso."

Ele se ajoelha ao meu lado, apoiando-se na cama com a palma da mão. Seu olhar me percorre como se tivesse acabado de me encontrar, ou temesse que eu desaparecesse. "Eu te machuquei", ele sussurra. "Não importa que eu tenha pensado que você fosse outra pessoa. Nada disso importa agora. Eu ouvi o que você disse e sinto o peso do que fiz."

Engulo em seco e lambo os lábios. Minha voz é suave, mas confiante, quando respondo: “O amor é complicado. Nossas famílias já provaram isso, não é? Mas eu te amo mesmo assim, e por tudo o que você é. Eu soube desde a primeira vez que abri meus olhos no seu mundo que você não era um homem qualquer. Você é feroz, perigoso e cheio de falhas. Mas você me ama, ama sua família, é firme, e é por isso que... eu te amo. Quando você ama alguém, você o perdoa.”

Vejo o momento em que sua contenção se rompe. Seus olhos ardem como chamas enquanto ele enfia os dedos no meu cabelo, fechando-o em punhos enquanto me puxa para mais perto. Nossos lábios se chocam desesperadamente,

seu corpo pressionado contra o meu, me prendendo sob ele. Seu beijo é urgente e exigente, e suspiro de alívio com a familiaridade. Um poço profundo de desejo está envolto naquele beijo, uma necessidade de encontrar unidade e vulnerabilidade crua.

Sua língua lambe a minha, enviando fogo pelas minhas veias. Meus quadris se erguem para encontrá-lo.

Ele rosna contra meus lábios, com a voz rouca e rouca. "Vou colocar meu bebê em você. Quero que você seja minha de todas as maneiras possíveis."

Entrego-me a ele por completo, sem reservas, sem arrependimentos. "Sim", sussurro, sustentando seu olhar. "Faça-me sua. Quero ouvir você dizer meu nome."

Sem tirar os olhos do meu, ele sussurra as palavras que eu tanto queria ouvir: "Eu te amo, Polina."

Nossas mãos estão frenéticas e desesperadas enquanto arrancamos minhas roupas e as dele, tecidos jogados no chão, até que finalmente nossos corpos nus se pressionam. Suspiro com o toque de sua palma quente e áspera em meu corpo. Meus olhos se fecham enquanto ele abaixa a boca até meu pescoço e traça uma trilha de beijos da minha clavícula até meus seios. Ele demora, controlando a urgência, enquanto segura cada seio antes de arrastar meu mamilo entre os dentes e sugá-lo.

Meus quadris ondulam, e um calor úmido se acumula entre minhas pernas. Minha boca se abre em um suspiro enquanto ele segura meu corpo entre as mãos e continua a torturar e venerar meus mamilos. Suspiro contra ele ao sentir sua ereção quente e dura pressionada contra minha pele nua.

Ele tem cheiro de montanhas cobertas de neve e um campo gramado, terra e limpeza. Saboreio a visão de seu corpo forte e musculoso e de sua pele bronzeada. Seu peso me pressiona, e sinto como se tivesse sido engolida por inteiro. Cada gemido que ele provoca é recebido com seu próprio rosnado de desejo enquanto nos movemos juntos, dois amantes que passaram por um inferno e voltaram e nunca se deixarão ir.

Seus lábios encontram os meus enquanto ele abre minhas pernas com um joelho, seu olhar faminto em meu corpo me fazendo sentir desejada. Eu o quero tanto dentro de mim que mal consigo respirar.

Adoro o peso dele sobre mim, suas mãos grandes explorando minha pele nua com um toque marcante. Ele beija primeiro um seio, depois outro, antes de abrir minhas pernas. Com uma fome desmedida, ele respira fundo como se estivesse absorvendo meu cheiro. Com um gemido de prazer, ele lambe a parte interna da minha coxa. Minha boceta espasma, e ele nem chegou lá ainda.

Estou sem fôlego, com a boca seca, enquanto ele prende meus braços ao lado do corpo e rosna algo ininteligível, uma ordem para mantê-los ali. Seus dedos se

cravam em minhas coxas, me abrindo tanto que é indecente, seu olhar perverso em mim enquanto ele sopra ar quente no meu clitóris latejante.

"Shh", ele sussurra. "Nem uma palavra, meu pequeno cisne. Eu pedi seu perdão. Você me concedeu. Agora deixe-me te provar. Eu *preciso* de você."

Ele lambe minhas coxas escorregadias com um gemido gutural. Eu gemo alto, desesperada pelo calor úmido de sua boca, enquanto ele desliza dedos grossos e quentes em meu ânus e pressiona fundo, sua segunda mão sob minha bunda, levando minha boceta à boca.

"Linda pra caralho", ele rosna. " *Tchau, Polina.* Vou te dar prazer até você gritar meu nome e esquecer como respirar. Quero que você me sinta em cada centímetro do seu corpo."

Sua língua percorre meu clitóris. Meus quadris se contraem. Minhas mãos vão agarrá-lo, mas me lembro do seu aviso e, meu Deus, não vou fazer a menor coisa que possa me render um castigo, não agora, quando estou às portas do paraíso.

Ele me lambe sem parar. Eu me contorço e gemo quando a primeira onda de prazer me domina. Um segundo tremor me abala até o âmago. mesmo que o prazer continue a crescer — chegando ao topo, subindo, escalando, até que uma felicidade total, ofuscante e irracional me consuma.

Eu grito, e ele solta minhas mãos para agarrar meus quadris e me segurar no chão. Eu tremo e me contorço, cerro as mãos em seus cabelos, meus joelhos roçam sua barba, e sua língua não para.

Não consigo respirar enquanto todos os músculos do meu corpo ficam tensos, presos em uma felicidade absoluta e devastadora.

Desabo na cama. Não consigo me mexer. Estou completamente paralisada sob ele, mas ainda tão faminta por ele dentro de mim, que sussurro um acalorado e desesperado: "Por favor, Rafail".

Seus olhos em mim estão selvagens de paixão enquanto ele se empurra para cima de mim, agarra a grossa extensão do seu pau com o punho e desliza a ponta até o meu âmago. Minha boca está aberta de antecipação, meu corpo tremendo enquanto suas mãos se fixam em meus quadris e me penetram. Minha cabeça bate no travesseiro enquanto o eco do êxtase me eletrifica.

"Meu Deus", meio que soluço, meio que imploro, enquanto ele me penetra sem parar, com força e exigência, o prazer ecoando pelo meu corpo como o bater de um tambor. Minha pele arde e minha respiração ofegante. Sinto seu membro endurecido dentro de mim, me preenchendo, se esticando, enviando espasmos de prazer a cada centímetro de mim.

Inclinando a boca em direção ao meu pescoço, ele me beija, com os olhos cheios de adulação, como se tivesse procurado algo a vida toda e... sou eu. Ele encontrou.

"Rafail", sussurro em seu ouvido enquanto ele empurra novamente.

Bebê.

Quero colocar meu bebê em você.

Eu farei você ser minha de todas as maneiras possíveis.

Ainda estou surfando na onda do prazer quando um segundo orgasmo ecoa o primeiro. Envolvo meus dedos em seu pescoço, nossos peitos suados pressionados um contra o outro. Estremeço e gemo, encontrando suas investidas enquanto ele me agarra em seus braços e goza com um rosnado baixo de prazer, tão másculo, tão cru e primitivo, que me envia direto para outra órbita. Grito sob ele enquanto ele se derrama dentro de mim, sua testa pressionada contra a minha.

"Eu te amo", ele diz num sussurro rouco enquanto o prazer me puxa para baixo.

"Eu te amo", sussurro de volta, enquanto meus olhos se fecham. Eu surfo nas ondas de prazer enquanto ele continua a estocar. Aprecio a sensação de sua semente quente dentro de mim e acolho o calor marcante de seu beijo na minha testa antes que ele caia ao meu lado.

Ainda estamos abraçados quando o primeiro sinal de sono me invade. Estou em êxtase. Nunca conheci um prazer tão perfeito e pleno, e agora não tenho mais nada para dar. Ele sai de dentro de mim, me vira e me aperta contra si. Estou um desastre, e ele também, mas não me importo. Sinto o calor da sua camiseta amassada entre as pernas. O peso do seu corpo atrás de mim e o peso do seu braço em volta de mim enquanto ele me aconchega contra o seu peito. Seu nariz no meu cabelo e sua boca no meu pescoço antes de eu cair em um sono profundo, feliz e reparador.

Quando acordo, procuro-o freneticamente. Já estou acostumada com ele acordado, fazendo exercícios, checando mensagens e atualizações no celular, observando o nascer do sol enquanto toma uma xícara de café. Mas hoje, ele está bem ao meu lado.

Sei que ele está acordado quando acaricia meu ombro, o calor de sua mão percorre todo o meu corpo e seus dedos ásperos se espalham pela minha barriga. Não sei como alguém pode se sentir completamente consumido por outra pessoa, mas ele já fez isso.

"Bom dia, linda", ele diz com aquele rosnado sonolento e sexy. "Você está bem?"

Viro-me para encará-lo, aconchegando a cabeça no espaço quente do seu pescoço. Aqui, sinto-me protegida... mas, pela primeira vez, percebo que é por isso que tenho lutado, é isso que eu sempre quis. *Pertencer.* Que alguém me escolhesse tanto quanto eu o escolhi.

E falo sério. As semanas de confusão, dor e incerteza, mesmo enquanto eu me apaixonava pelo meu futuro marido, valeram a pena, cada segundo, para que eu

pudesse desfrutar da felicidade do reencontro.

“Nunca estive melhor.”

Sua mão forte segura minha bunda enquanto eu me aninho. "Sinto cheiro de café."

"Mmm", murmuro com um suspiro sonolento. "Parece delicioso, mas... não quero ver ninguém agora."

"De jeito nenhum. Eu também não. Vou pegar um pouco para nós."

Suspiro. "Prefiro pular o café da manhã do que você ir embora agora."

O celular dele apita com uma mensagem. Sem me soltar, ele estende a mão e verifica.

"Caramba. A Zoya trouxe café da manhã e café para nós. Achei que a gente ia gostar de um tempo sozinho."

“Você precisa comprar um pônei para aquela garota.”

“Um pônei?”

"É. Ou tipo... sei lá. Um Camaro. Uma ilha particular? Alguma coisa. Ela merece por aguentar vocês todos esses dias." anos, depois fazendo a sua parte como uma chefe quando fomos atacados, e tudo mais.”

Ele beija minha bochecha. Eu o encaro.

“Você não tem ideia do quanto significa para mim que você os ame também.”

Penso nos meus irmãos e sorrio para ele. "Na verdade, acho que sim. Depois que você e o Mikhail superarem essas brigas, vocês podem até descobrir que se dão bem."

Ele dá um sorriso irônico. Nossa, eu adoro quando ele sorri. "Não temos escolha depois do casamento, então parece uma ótima ideia."

Tomamos um café da manhã simples, com muffins quentinhos e amanteigados e café forte e quente. Limpo a manteiga do seu queixo e ele mordisca uma migalha do meu lábio. Nos beijamos e, logo, estamos enrolados nos lençóis novamente.

"Temos que parar com isso", diz ele com um sorriso provocador. "Temos trabalho a fazer."

"Tudo bem", digo com um suspiro forçado. "Alguma notícia sobre Soloto?"

“Ele foi avistado voltando para a Colômbia.”

"Já vai tarde", digo balançando a cabeça, mas ele arqueia uma sobrancelha para mim.

"Você realmente não acha que o deixaríamos impune? Depois de tudo isso? Que diabos, Polina, mesmo que ele não tivesse feito o que fez, o fato de ele ter vindo atrás de você é suficiente para assinar a sentença de morte dele."

Engulo em seco.

Nós. Ele disse nós.

Ele se refere à sua família e aos meus irmãos.

E sim, estamos falando da morte indubitavelmente dolorosa e implacável de um homem, mas Soloto é um tirano que não vai parar por nada, eu raciocino. Se não o eliminarmos, ele só vai mirar em outro alvo vulnerável ou redobrar seus esforços para retaliar contra nós e a destruição que causamos aos seus homens.

Concordo com a cabeça. "É", respondo baixinho. "Eu sei disso." Recosto-me nos travesseiros, com a barriga e o coração cheios. "Você tem alguma preferência sobre cerimônias de casamento?"

Seus olhos brilham para mim. "Sim, muito mesmo."

"Oh?"

“Quero você na minha mira a cada segundo até fazermos nossos votos.”

“Ah, é só isso?”

"Não", ele diz com um rosnado possessivo que me faz rir. "Não é só isso."

"O que mais?"

Quero que você tenha tudo o que quiser. Sejam flores ou bolo, danças ou lembrancinhas, local ou músicas. Não importa para mim. O que importa é que você tenha o que *quer* .

"Por que isso?", pergunto provocativamente, passando o dedo pelo seu maxilar.

Rafail se inclina e beija minha bochecha antes de se afastar e deslizar a mão sob meu queixo. "Porque, meu amor. Eu quero que este seja um casamento que você nunca, *jamais* , esqueça."

OceanofPDF.com

EpíLogo



Epílogo:

POLINA

Bato o chão nervosamente enquanto o suave zumbido da música percorre o grande salão, mas mal o percebo.

Meu coração bate forte no peito, firme e seguro, enquanto entro no corredor. No fundo, Rafail aguarda, sua presença imponente, seu terno escuro lhe assentando perfeitamente, sua expressão calma, porém inabalável. Seus olhos, porém — aqueles olhos — estão fixos em mim, transmitindo um calor que ninguém mais vê.

Ele é tudo o que vejo por longos momentos. Não estou acostumada a vê-lo inquieto ou nervoso.

Ao meu lado, meu irmão Mikhail permanece firme como sempre, de braço dado com o meu. Sua força reconfortante me anima. "Você está pronta, Polina?", ele murmura, com a voz grave e grave.

Concordo com a cabeça, meus lábios se curvando num pequeno sorriso. "Sou eu."

Damos um passo à frente juntos. O salão fica em silêncio enquanto todos os olhares se voltam para nós, mas eu mal percebo. Meu foco está em Rafail.

Meu marido.

É estranho pensar que vamos oficializar isso agora.

Meus dedos apertam levemente o buquê de flores enquanto me aproximo cada vez mais, até que o mundo se reduz a ele. Mikhail coloca minha mão na de Rafail com um suspiro que não sei se ele pretende soltar, e sinto a firmeza familiar do toque de Rafail. Seus dedos se fecham em volta dos meus, quentes e

seguros.

"Você é linda", ele murmura, com a voz baixa, dirigida somente a mim.

"E você parece assustadora." Eu pisco, meu sorriso suave.

Seus lábios se contraem, quase um sorriso, mas a ternura em sua expressão é suficiente para fazer meu coração disparar.

O padre parece falar rápido, como se quisesse que isso fosse assinado, selado e entregue. Acho que isso nos identifica a todos.

Adoro fazer meus votos a ele. Adoro a sensação da minha mão na sua. Adoro o jeito como ele sustenta meu olhar, as palavras russas de promessa e "para sempre" escritas como tinta indelével no meu coração.

O peso dos votos que trocamos parece um fio inquebrável que nos une. Quando Rafail desliza o anel no meu dedo, seu polegar permanece na minha articulação, um gesto fugaz e íntimo que me acalma.

Quando chega a minha vez, pego a mão dele, meus dedos tremendo levemente enquanto deslizo a faixa no lugar. "Você é minha agora", ele sussurra, com a voz grave e possessiva.

Olho em seus olhos e sorrio. "E você é *meu* ."

Duas pessoas podem jogar *este* jogo.

O beijo que ele me dá está longe de ser cerimonial, mas é intenso, cru e cheio de promessas que só nós entendemos.

A multidão aplaude, mas mal os ouço. Tenho vaga consciência das mesas cheias de comida e dos garçons com garrafas de champanhe e vodca.

"Polina!", a voz animada de Zoya corta a multidão enquanto ela corre em minha direção, quase derrubando um garçom de tanto entusiasmo. Ela me abraça, seu corpo pequeno vibrando de alegria. "Você parece uma rainha! A noiva mais linda de todas!"

Eu rio, abraçando-a com força. "E você é minha estrelinha." Me afastando, eu a repreendo de brincadeira. "Seu irmão te deu permissão para beber champanhe?"

Ela leva um dedo aos lábios quando Rodion aparece ao seu lado, com seu sorriso irônico e constante. Ele ergue um copo. "Estamos comemorando!"

Sorrio calorosamente para ele enquanto ele se aproxima e beija minha bochecha. "Parabéns, Polina. Você oficialmente domou a fera."

Faço uma careta. "Por *enquanto*. Não vamos nos precipitar", respondo, olhando para Rafail do outro lado da sala. Ele está imerso em uma conversa com Semyon e Matvei, sua presença ainda magnética, mesmo à distância. "Ele pode te ouvir."

Rodion sorri, inclinando o copo em minha direção. "Se alguém consegue mantê-lo na linha, é você."

"Farei o meu melhor, mas não prometo nada." Falo sério.

À medida que a noite avança, as luzes ficam mais quentes e a música muda para um tom mais lento. Estou parada perto da beira da pista de dança quando Rafail me encontra. Ele estende a mão, com os olhos fixos nos meus.

“Dance comigo.”

Meus irmãos assistem à margem, vigilantes, mas reservados. Fico feliz em vê-los aqui, conversando pacificamente com Rafail.

Mas então a multidão se dissipa enquanto caminhamos para o centro da sala. Adoro a sensação quente da mão dele na minha cintura. Nos movemos juntos.

Graças *a Deus* que aquele gesso idiota sumiu. Mesmo assim, estou um pouco cambaleante, e é bom me apoiar nele.

"Você é bom nisso", murmuro, inclinando a cabeça para cima para encontrar seu olhar.

"Eu tenho prática", ele responde, seus lábios se curvando em um leve sorriso.

Sua mão aperta levemente minha cintura, me puxando para mais perto enquanto nos viramos. "Você sempre foi teimosa", diz ele, em tom provocador.

"Você sempre foi impossível", eu retruco, deixando escapar uma risada suave.

“E, no entanto, aqui estamos.”

"Sim", sussurro, com o peito apertado de emoção. "Aqui estamos."

Quando a dança termina, ele não me solta. Em vez disso, me puxa ainda mais para perto, com a testa pressionada contra a minha. A plateia aplaude e vibra, mas suas próximas palavras são só para mim.

“Você é tudo para mim, Polina.”

Minha respiração fica presa, e pressiono minha mão em seu peito, tranquilizando até a mim mesma com a batida constante de seu coração.

“Eu te amo, Rafail.”

E pela primeira vez… sinto a certeza da eternidade.

"Sabe", digo baixinho, meus dedos entrelaçados aos dele. Engulo em seco, sem saber exatamente como dizer o que preciso dizer a ele.

"O que é isso?" Seus olhos escuros me encaram. Não sei se algum dia vou me acostumar com a intensidade dele.

"Talvez... daqui a nove meses, mais ou menos..." Deixei minha voz sumir. Não consigo falar direito. Estou toda engasgada, sem saber como continuar.

"Nove meses *o quê*, Polina?" Suas mãos emolduram meu rosto, seu olhar grudado no meu.

Não confio em mim mesma para falar acima de um sussurro. "Talvez... possamos unir as duas famílias pelo sangue."

“Você quer dizer…?”

Eu rio, mesmo com lágrimas não derramadas, enquanto aceno. Ele levanta o copo como se estivesse comemorando, depois o abaixa e me puxa para perto do peito.

"É o nosso segredinho, por enquanto. Vamos guardar algo que é só nosso, por enquanto."

Meu coração se enche de alegria. "Adorei . Sim, por favor."

Ele beija minha bochecha. *“ Za novyye nachinaniya i schastlivyye kontsy”*, ele sussurra.

Retribuo o beijo e sorrio. "A novos começos e finais felizes."

O FIM



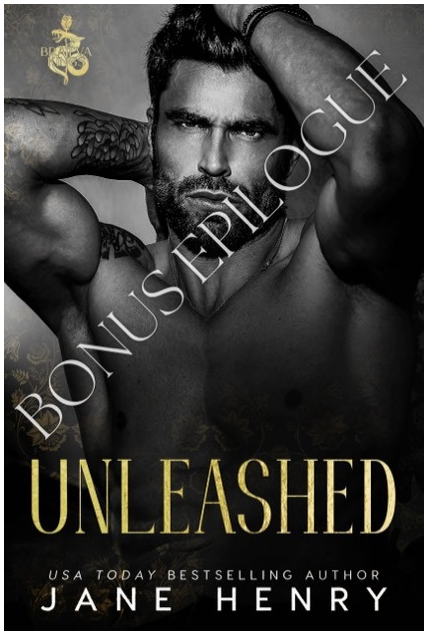
OceanofPDF.com

EpíLogo Bônus



OceanofPDF.com

QUER SABER MAIS SOBRE A HISTÓRIA DE RAFAIL E POLINA? CLIQUE NA IMAGEM ABAIXO PARA RECEBER UM EPÍLOGO BÔNUS GRATUITO DE UNLEASHED: UM ROMANCE DARK ENEMIES TO LOVERS BRATVA !



OceanofPDF.com

VIsuaLIzação

INDOMADO: UM ROMANCE BRATVA DE CASAMENTO FORÇADO E SOMBRIO



CAPÍTULO UM

RODION

O ritmo grave da música dançante bate firme, como o coração pulsante do submundo de Hollywood. Luzes de neon cortam a pista de dança, lançando sombras irregulares sobre as formas dançantes das mulheres. Eu as observo preguiçosamente. Amo mulheres, de todos os formatos e tamanhos. Não me importa a cor da pele ou do cabelo, se são baixas ou altas, curvilíneas ou esbeltas, se têm óculos, sardas ou seja lá o que for. Mulheres são um presente de Deus para o homem, e que saudade de ter uma na minha cama. Faz tempo demais.

Tentei ser bom. Responsável. *Maduro.*

Deus .

Bebo meu copo da vodca do bar — uma porcaria barata e local que não chega nem perto do que bebemos em casa — e olho para minhas mãos.

Porra. Por um segundo, juro que vejo manchas de sangue do trabalho que fiz mais cedo. Mas não, são só as luzes me incomodando. Lavei as mãos no banheiro da cobertura tantas vezes, sob água fervente, que elas estão meio queimadas.

Não que isso importe. Rafail, meu irmão mais velho e o pakhan da nossa família, governa com punho de ferro e espera que todo trabalho seja concluído com perfeição e com um laço. Eu? Gosto dos lembretes do que sou capaz. Talvez isso me torne um sociopata. Gosto de pensar que isso me mantém humano.

Uma gargalhada me chama a atenção. Olho para uma mesa cheia de mulheres rindo. Aproximo-me do balcão, escondendo-me nas sombras para poder observar sem ser notada. Seis delas, vestidas com tops decotados e saias curtas, sentam-se a uma mesa abarrotada de copos vazios. Uma delas — uma jovem morena com cabelos brilhantes na altura da cintura — enfia o celular embaixo do nariz de outra mulher. A segunda está usando algo nos ombros.

Eu aperto os olhos.

Noiva, diz a inscrição dourada. Ah. Uma despedida de solteira.

Que fofo.

Meu Deus, estou entediado pra caramba e preciso transar, mas o Rafail me daria uma surra se eu não seguisse o plano. Eu sei porque ele já fez isso antes e não me mandou aqui para ficar de bobeira.

Eu errei feio, e ele me mandou aqui para ficar quieto enquanto ele cuida das consequências. Acontece que eu poderia usar minhas habilidades enquanto estivesse aqui para o bem da minha família. Não posso perder o foco agora.

Meu telefone vibra com uma mensagem.

Rafail
Atenção. O Semyon foi enganado... em vez de sinos de casamento, parece que ele vai fazer o papel de equipe de limpeza e dar umas lições.

Merda. Faz um ano que Rafail se casou com sua esposa, Polina, o que significava que era hora de mais um de nós se casar. Tínhamos que nos casar. Assumindo a posição de liderança após a morte do meu pai, Rafail não perdeu tempo em se estabelecer como o mais velho casado, porque no mundo da Bratva russa, um homem casado tem mais coragem. Um homem como eu — selvagem e livre, indomável pelo amor de uma mulher — era livre, mas imprevisível, e exercia muito menos poder.

Não temos tempo para encontros casuais e não temos o luxo de nos divertir. Arranjamos casamentos para acabar com as bobagens, nos casamos, temos filhos e o resto é história.

Semyon estava pronto para se casar enquanto a tinta da certidão de casamento de Rafail e Polina ainda estava fresca. Ele não tinha tempo nem paciência para menos.

o que *houve* com a nossa sorte? A primeira tentativa de casamento do Rafail foi um fracasso épico, e agora o Semyon...

Rafail
Então, talvez... se por acaso você encontrar uma esposa em Hollywood, faça acontecer. Pelo menos por enquanto. A gala dos Romanov é daqui a um mês, e precisamos de uma demonstração de força quando formos.

Claro que sim. O Rafail não "brinca". As núpcias malucas do Semyon nos deixaram com poucas opções, e uma delas dependia de *mim.*

Deus.

Reviro os olhos e levanto a mão, prestes a pedir outra bebida, mas a barman se adianta, deslizando um copo na minha palma estendida. "Aqui", diz ela, sorrindo. "Isso é melhor do que a vodca daqui. Me faz um favor? Você parece um cara decente."

Ela mal sabe. Mesmo assim, abro-lhe o sorriso que derrete calcinhas e pisco. Seu pescoço fica vermelho de calor, mas ela rapidamente controla a expressão, inclinando a cabeça em direção à extremidade do balcão.

Tomo um gole de bourbon envelhecido em barril — forte, potente, agora estamos chegando a algum lugar — e sigo seu gesto.

"Eu não deveria intervir a menos que os clientes ultrapassem os limites", diz ela, em voz baixa. "Mas aquele babaca está encurralando aquela mulher sozinha, mesmo que ela esteja claramente tentando evitá-lo. Eu não gosto disso. Talvez você pudesse... sei lá, simplesmente beber sua bebida por ali *?* Você não precisa fazer nada. É só sentar, beber, e eu trago outra." Ela pisca para mim. "Facilita meu trabalho, né?"

Não está nos meus planos bancar o guarda-costas silencioso de um estranho, mas mesmo assim saio do bar, com uma bebida na mão, e sigo pela fileira.

O bar vibra com um baixo e grave. O ar cheira a colônia cara, tequila e sexo barato. Balanço a cabeça. Odeio a Califórnia pra caramba. Muitas regras, muitas pessoas falsas que acham que o dinheiro as torna intocáveis.

Mas esta noite não é sobre mim — nunca é. Estou aqui pela Bratva, pela minha família. Pelo filho recém-nascido do Rafail, tão pequeno que ainda nem consegue levantar a cabeça. Pelos meus pais, que foram enterrados muito jovens, com a vida ainda pela frente.

Estou aqui porque Rafail exigiu, porque a honra da família exigiu. O alvo era um merdinha arrogante que pensava que poderia enganar a máfia russa e sair impune. E Vim aqui para lembrá-lo de quão longe a lealdade vai quando está envolta em arame farpado.

Sei imediatamente de quem o barman está falando. Examino o empresário de terno amassado. Ele usa um daqueles penteados penteados para esconder a entrada de cabelo e uma corrente de ouro no pescoço. Olho para a mão dele, onde a marca no dedo indica uma aliança de casamento recentemente removida.

Suspiro. Tão previsível.

Ele se inclina sobre a mesa e empurra uma bebida para a mulher que está dois bancos à sua direita. "Comprei para você, linda."

“Não, obrigado.”

Olho rapidamente para a mulher em questão, mas é difícil saber quem ela é ou por que está ali. Apesar do clima quente da Califórnia, ela usa um casaco comprido e um chapéu puxado até as sobrancelhas e sobre as orelhas. Cabelos castanho-claros aparecem por baixo do chapéu, e olhos verdes brilhantes brilham por trás dos óculos.

Olho fixamente para o meu alvo, sentado a duas mesas de distância, acariciando embriagadamente uma loira, mas meu olhar se detém na mulher disfarçada. Por que ela está disfarçada? O que ela está escondendo?

"Comprei para você", diz o babaca gordinho, empurrando-o para ela novamente. Ah, pelo amor de Deus... o Rafail pegaria um avião só para me dar um soco se soubesse que estou me metendo, mas não consigo evitar.

Este é o trabalho para o qual fui contratado, em troca da minha bebida grátis, e não há nada que eu goste mais do que ajudar uma donzela em perigo. *E* isso também me rendeu mais transas do que consigo contar.

Minha voz sai baixa quando encontro seus olhos e empurro a bebida de volta. "Ela disse que não. Beba você mesmo. Melhor ainda, por que você não a deixa em paz e não volta mais?"

Olhos redondos se estreitam em mim enquanto ele se endireita em toda a sua altura. *Aww.* Ele acha que consegue se safar. Quase sinto pena do pobre coitado.

Sou facilmente uma cabeça mais alto que ele, com uma ferramenta especial no meu kit que ele provavelmente não tem: não *me* importo se derramar o sangue de outro homem esta noite.

"Quem diabos te pediu para se envolver?", pergunta o babaca do empresário. "Eu paguei uma bebida para ela. Ela queria uma."

"Eu *não* !" Parece que há fogo na pequena bibliotecária. Viro-me para olhá-la e por pouco não sou atingida por um soco de frio por aquele babaca. Giro, agarro seu pulso bem a tempo e balanço a cabeça com um pequeno *estalo.*

"Você realmente não devia ter feito isso", digo num sussurro, torcendo a mão dele até a dor dançar em seus olhos e ele ranger os dentes. "Eu prometo. Você vai se arrepender. Por que não damos uma voltinha?"

Ainda segurando seu pulso, eu o arrasto em minha direção e discretamente o empurro na minha frente como se fôssemos dar um passeio juntos.

"Me-me desculpe", ele começa, mas eu balanço a cabeça.

"Tarde demais para desculpas, meu amigo", digo, ficando irritado ao ver os olhos da bela bibliotecária em mim. "Você desrespeitou aquela mulher."

Eu sigo algumas regras, mas *nunca desrespeitar uma mulher* é uma delas.

Enquanto nos dirigimos para a saída, nos aproximamos da mesa de solteiras risonhas. Dou uma olhada rápida na tela. Que porra é *essa?* Tento dar outra olhada, mas meu amigo predador tenta usar minha distração a seu favor e se desvencilhar da minha mão.

Não.

Envolvo minhas mãos em volta da nuca dele e o ajudo a se concentrar em fazer o que eu digo. O letreiro de neon " *Exit"* pisca no centro da porta, acima de um corredor escuro.

"É isso que você vai fazer", digo a ele enquanto nos aproximamos da porta. "Você vai dar o fora daqui e fingir que esta noite nunca aconteceu. Vai fingir que nunca conversamos, que você nunca tentou se impor a uma mulher que disse não e que não pretendia tirar vantagem dela quando estivesse sozinho com ela."

Sangue pulsa em minhas veias, lava derretida repleta de destruição.

“Você não pode —”

"Tenho uma faca no bolso e uma arma no coldre às costas. Posso e vou, garanto." Seguro-o na mão direita para poder discretamente fazer o sinal da Bratva, uma tatuagem universal que todo homem da nossa família faz aos dezesseis anos.

Vejo seus olhos se arregalarem ao me reconhecer como eu sou. Chuto a porta. "Vai embora, seu babaca", murmuro enquanto o empurro para fora e fecho a porta atrás dele.

O barman chama minha atenção e faz um sinal de positivo. Eu retribuo o sinal, quando percebo que a mulher no balcão não está mais lá.

Eu me pergunto por que ela estava aqui. Eu me pergunto por que ela veio sozinha.

Meu telefone vibra com outra mensagem, e quase xingo Rafail por seu péssimo timing, quando vejo que é do meu primo.

Sorrio, já aliviada. O timing dele é impecável.

Toco na tela enquanto me sento no bar e bebo meu bourbon muito melhor.

Mateus
Cara, você viu essa merda online?

Revirei os olhos.

Estou nadando em sacos de cocô na Califórnia. Meu cérebro está frito. Talvez eu precise encontrar uma daquelas barras de oxigênio que eles têm ou algo assim. Resumindo, eu tenho a mínima ideia do que você está falando.

Mateus

Todas essas garotas online estão babando por homens da máfia.

Bom, isso me chama a atenção. O gelo bate nos meus dentes e eu empurro o copo de volta para o balcão.

do que diabos você está falando?

Mateus
Vi uma notícia online. Algo sobre garotas de programa e mafiosos.

Estou perdendo a paciência.

que porra é essa?

Mateus
Redes sociais, seu idiota. Aparentemente, elas estão babando por homens perigosos e tatuados que fazem coisas sujas com elas e as casam.

Balanço a cabeça. Ele está me zoando?

Não tenho tempo para essa merda. Suspiro e coloco um cubo de gelo na boca. Preciso de comida de verdade, que não seja líquida e tenha 90% de álcool. Meu olhar recai sobre a mesa de mulheres seminuas e risonhas, mas, desta vez, observo com mais atenção.

Estão assistindo a um vídeo com um homem mascarado segurando um machado. Ele o balança com força, cortando lenha no auge do inverno. Sem camisa. Idiota de merda. Quem *faz* isso? Veste um casaco, porra. Meus mamilos doem só de pensar. É claro que esses americanos idiotas não têm ideia de como é o inverno russo, ou não estariam romantizando congelar as bolas cortando lenha ao ar livre, seminus.

Meu telefone vibra novamente, e penso em jogá-lo no vaso sanitário mais próximo, quando aparece um vídeo de Matvei.

Ele não enviou apenas para mim, mas para meus irmãos também.

Clico no triângulo. Uma garota — não, uma mulher — falando sobre suas fantasias com mafiosos sombrios e possessivos. Deveria ter sido absurdo, risível. Mas havia algo no jeito como ela disse isso, seu tom impregnado de uma vulnerabilidade provocante. Como se ela quisesse se deixar levar, mas não confiasse em si mesma o suficiente para deixar isso acontecer.

E ela está... chorando. Sei que é encenação, sei que é só para encenação, mas algo em mim se rompe ao ver uma mulher chorando. Meus punhos se fecham.

Quem eu preciso punir?

A legenda diz:

Quem mais sonha em ser sequestrado e "torturado" por um mafioso mascarado,

bilionário e gato? Estou perguntando por um amigo.

Meus lábios se curvaram em um sorriso irônico. Não é tarefa difícil, moça. Embora... quer dizer... eu cumpro todos esses requisitos em um dia ruim...

Só preciso de uma máscara. É bem fácil.

Mateus
Essa merda se tornou viral

Semyon
Isso é uma piada de mau gosto?

Rafail
Que porra é essa?

Mateus
Vocês precisam prestar atenção. Existem ARMADILHAS DA SEDE DA MÁFIA. Eles nos querem. Tipo, nos querem de verdade.

Rafail, você não está mantendo-o ocupado o suficiente.

Mas só por diversão, clico no link. Preciso baixar um aplicativo só para ver a porcaria da coisa, e imediatamente abaixar o volume do meu celular quando uma música dançante idiota começa a tocar no volume máximo no vídeo.

E eu observo. Uma loira linda, de grandes olhos azuis e cílios grossos, lambe os lábios enquanto o lado direito da tela mostra um homem mascarado, tatuado e com os músculos mais tristes que já vi.

Reviro os olhos. Ele é magricelo pra caralho comparado aos *meus* irmãos, e ela realmente achou que aqueles peitorais eram de verdade? Não. Dá para ver daqui que ele usou um filtro igual um viadinho.

Quase fecho a porta e pego outra bebida quando ela começa a se abanar com o celular — não, não era um celular, é grande demais para um celular. Olho mais de perto. É um leitor de e-books?

É quando noto a parede de livros atrás dela, como uma espécie de santuário de livraria, mas não é uma estante qualquer. A combinação de cores é como um arco-íris, com luzes rosa cintilantes entrelaçadas com folhagens que dão um ar festivo.

"É tudo o que eu quero, meninas", diz ela, enxugando uma lágrima grossa do rosto. "Trabalho sessenta horas por semana em um emprego ingrato, e quando chego em casa? Quero *esse cara* me esperando." Ela abaixa a voz. "É pedir demais?"

Huh.

Eu rolo.

E eu rolo.

E eu rolo.

Sinto meus lábios se curvarem em um sorriso irônico, do tipo que normalmente faz meus inimigos repensarem suas decisões.

Eles querem… *nós* ?

Não fizeram. Não, não querem *mesmo* . Nenhuma mulher quer minha mão calejada e ensanguentada no cabelo dela — ou, mais precisamente, enrolado em volta do seu pescoço, prendendo-a na minha cabeceira, ou—talvez...hmm... Este bourbon é uma boa bebida.

Talvez eles queiram o que *pensam que* somos, assim como esta mesa de mulheres risonhas acha que quer um bilionário.

Eles sabem o que isso realmente significa?

Bato o dedo no queixo. Ainda tenho um trabalho a fazer antes de voltar para casa, mas janeiro em Moscou é frio pra caramba, e, para ser sincero, talvez eu não queira me mudar para Hollywood permanentemente, mas 21 graus Celsius parece uma temperatura amena. E é bom não ter que aguentar o olhar constantemente perspicaz do meu irmão mais velho.

Não consigo evitar de rir quando alguns vídeos mostram *três* homens, cordas nas mãos, máscaras escondendo seus defeitos ou rostos de bebê ou sei lá o quê, com um rosnado baixo de voz masculina. " *Estamos indo atrás de você. E quando te encontrarmos, cuidado..."*

É tudo tão *falso.*

Obviamente, um homem de verdade não *compartilha porra nenhuma.* Essa é a coisa mais idiota que eu já fiz.

Minha mão paira sobre o *x* no topo da página, pronta para fechá-la, quando... eu a vejo .

Cabelo ruivo flamejante preso em um rabo de cavalo grosso, um brilho travesso nos olhos verde-jade. Por que esses olhos parecem... familiares?

Não.

Ela não se parece com uma influenciadora típica: nada de filtros pesados, nada de brilho plástico, nem um microfonezinho estranho perto dos lábios brilhantes.

Ela parece... *real* . Forte. E mesmo usando uma blusa branca simples e uma calça jeans, essa garota os preenche . Ela Tem o corpo de um ginasta, firme e poderoso. Fico olhando, completamente hipnotizado.

“Meninas”, ela diz, balançando a cabeça e olhando para a tela.

Garotas? Ela não tinha a mínima noção da atração magnética que uma mulher como ela exercia sobre um homem como eu? Fico instantânea e irracionalmente cheio de raiva de qualquer outro homem que a veja. Ela é diferente de qualquer pessoa que eu já tenha visto.

"Pare o que está fazendo *agora mesmo* e leia este livro." Ela segura um livro preto e dourado com letras em relevo, as bordas pintadas de dourado, enquanto o folheia. "Você nunca ouviu falar dele antes. Ninguém ouviu. É diferente de tudo que eu já li. E este livro...", ela balança a cabeça e morde o lábio.

Morde o lábio.

Meu Deus, uma mulher mordendo o lábio me dá vontade de fazer coisas muito, *muito loucas* com ela.

Ela abaixa a voz para um sussurro. Prendo a respiração, hipnotizado pela voz dela, pelo jeito que ela fala, até pelos dedos, pelo jeito que seguram o livro. Imagino como seria ter aquelas mãos espalmadas sobre o meu corpo ou presas em uma mão enquanto eu agarrava seus lindos cabelos com a outra. Eu a foderia com força contra aquela estante até ela gritar por misericórdia, até que ela soubesse a diferença entre ficção e realidade e nunca mais se apaixonasse por um maldito namorado literário quando ela *me pertencesse*.

"Isso parece inofensivo, não é? Um pobre professor de férias nos pântanos selvagens da Escócia. Um pai solteiro, de luto pela perda da esposa enquanto navega pelo mundo sozinho...", sua voz diminui. "Só que *esse* cara está na máfia, e ele não vai parar por *nada..."*, sua voz ficou ainda mais grave. " *Nada* que a reivindique."

Ela balança a cabeça. Prendo a respiração. Ela toca as bordas douradas e meu pau ganha *vida.*

"Quando eu te digo que não há *nada* que esse homem não faça com ela...", ela balança a cabeça, como se estivesse completamente tomada pela emoção. "Ele a persegue na floresta... a sequestra no porta-malas do carro... a fode com os olhos vendados em um armazém abandonado, enquanto a suspende de..."

Ela cobre a boca como se tivesse falado demais.

"Você terá que acreditar em mim."

Minha boca está seca. Essa mulher não tem *a mínima* noção do que está fazendo.

"Cuidado com o que deseja", murmuro baixinho, antes de virar o resto do meu bourbon.

O barman me serve outra sem que eu peça. Boa menina. Levanto o copo em silêncio, reconhecendo-a, antes de meu olhar se voltar para o meu alvo, o motivo de eu estar ali. Ainda ocupada com a loira, ainda alheia.

Tudo o que tenho que fazer hoje à noite é investigá-lo, confirmar que ele está traindo a esposa, chantageá-lo e extorquir dez vezes mais do que ele nos deve.

Fácil.

Expiro e encaro o celular como se estivesse me recompensando por um trabalho bem feito. Com a boca seca, clico no botão *de seguir* no topo da página e verifico as mensagens que zumbem no meu bolso como um enxame de abelhas furiosas.

Rafail
Eu não sei que bobagem estúpida você está gastando seu tempo assistindo, mas se você não fizer o que eu te mando, eu vou te mostrar exatamente onde vou enfiar seu maldito telefone, seu merdinha.

Rafail é impaciente mesmo em dias bons. O pai de um recém-nascido privado de sono, Rafail, é um animal.

Bom, ele pode ficar bravo comigo o quanto quiser. A verdade é que *ele* está feliz no casamento enquanto Semyon cuida das feridas e planeja a opção B e... O que eu estava pensando agora?

Não. Eu não estava pensando em nada.

Guardo o celular no bolso. Não posso me dar ao luxo de distrações, muito menos aquelas envoltas em fantasias irrealistas e encenadas da internet. Este é o meu trabalho, meu dever, e...

Meu telefone vibra.

Com um grunhido de irritação, puxei-o de volta. Meu coração dispara.

É uma notificação. Eu sigo exatamente uma pessoa online, e lá está ela, e... meu Deus. Ela está de pijama.

Engulo em seco.

Ela está na *cama* , uma cama com uma cabeceira resistente e um edredom grosso, enquanto ela morde o lábio de brincadeira enquanto segura um livro de bolso intitulado *O Bebê da Bratva* .

Contenho outro bufo. *O Bebê da Bratva* ? Sério? Ela é tão fofa... e sem noção. Se ao menos ela soubesse o quão distante A vida real vem das histórias dela. Príncipes da Bratva que resgatam donzelas inocentes não existem no mundo real — apenas lobos e suas presas.

Ainda assim, meus dedos pairam sobre a tela. Uma ideia idiota me vem à mente, uma que provavelmente me daria um soco. Claro, isso a torna uma ideia muito boa, do meu ponto de vista.

E se eu... eu terminar minha bebida e olhar ao redor. Iluminação fraca. É perfeito.

Abro minha câmera, posiciono o telefone para capturar o brilho da minha arma no coldre sob o paletó e aperto o botão de gravar.

O vídeo é rápido — apenas o suficiente para mostrar a arma e um flash das minhas tatuagens no pescoço, barba por fazer e um sorriso irônico. Acrescento uma legenda: "Cuidado com o que você deseja, garotinha."

É imprudente. Perigoso. Burro pra caramba. E absolutamente excitante pra caralho.

Ao clicar em "Postar" e guardar o celular, não consigo conter a risada que ecoa no meu peito. Autodepreciativa, amarga, mas divertida ao mesmo tempo. Ela gosta da Bratva? Deixe-me descobrir o blefe dela.

“Provavelmente vou me arrepender disso”, murmuro.

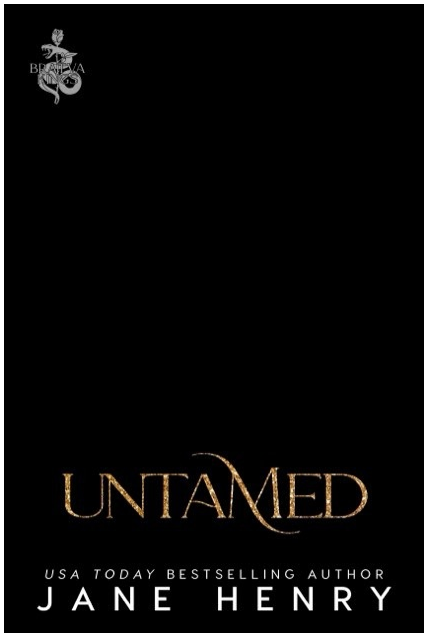
Não me distraio. Não quando há sangue em jogo. Mas, enquanto me esgueiro pela multidão, voltando para o hotel, minha mão roça o aço frio da faca presa ao meu quadril, e me pego pensando.

Qual seria o gosto de uma mulher: inocência ou fogo?

E o que ela faria se realmente conhecesse o homem dos seus sonhos na vida real?

Meu celular vibra na minha perna... Tiro-o do bolso, esperando outra mensagem mordaz de Rafail. Meu coração dispara de choque e excitação — é uma resposta... dela.

QUER SABER O QUE ACONTECE A SEGUIR? FAÇA A PRÉ-ENCOMENDA SEU CÓPIA DE "UNTAMED: A DARK FORCED MARRIAGE BRATVA ROMANCE" CLICANDO NA IMAGEM ABAIXO. DISPONÍVEL A PARTIR DE 24 DE JANEIRO!



OceanofPDF.com



Jane HENRY

Romance for "good girls" who love bad boys

Movida a chocolate amargo e café ainda mais amargo, Jane Henry, autora de best-sellers do USA Today, escreve o que ama ler: romances imperdíveis e cheios de personalidade, com machos alfa dominantes e heroínas poderosas que os colocam de joelhos. Ela acredita no poder do amor e do romance desde que Bela venceu a fera e finalmente decidiu escrever suas próprias histórias de amor.

Boletim informativo de Jane
Site da Jane

OceanofPDF.com